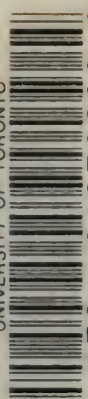


UNIVERSITY OF TORONTO



3 1761 01659869 0

LUIZ DE CAMÕES

Os

Lusiadas

**O MUNDO DO LIVRO**

L. da Trindade, 11 - 13

Telef. 2 9951 - LISBOA

N.º 20485



Digitized by the Internet Archive  
in 2011 with funding from  
University of Toronto

<http://www.archive.org/details/oslusiad00cam>



PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

---

REIMPRESSÕES

I

# OS LUSIADAS

DE

LUÍS DE CAMÕES

REIMPRESSÃO «FAC-SIMILADA» DA VERDADEIRA 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO DOS LUSIADAS, DE 1572

Precedida duma introdução  
e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras  
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



LISBOA

TIP. DA BIBLIOTECA NACIONAL

1921



Alberto de Andrade

Set. 1924

of. de Rafael

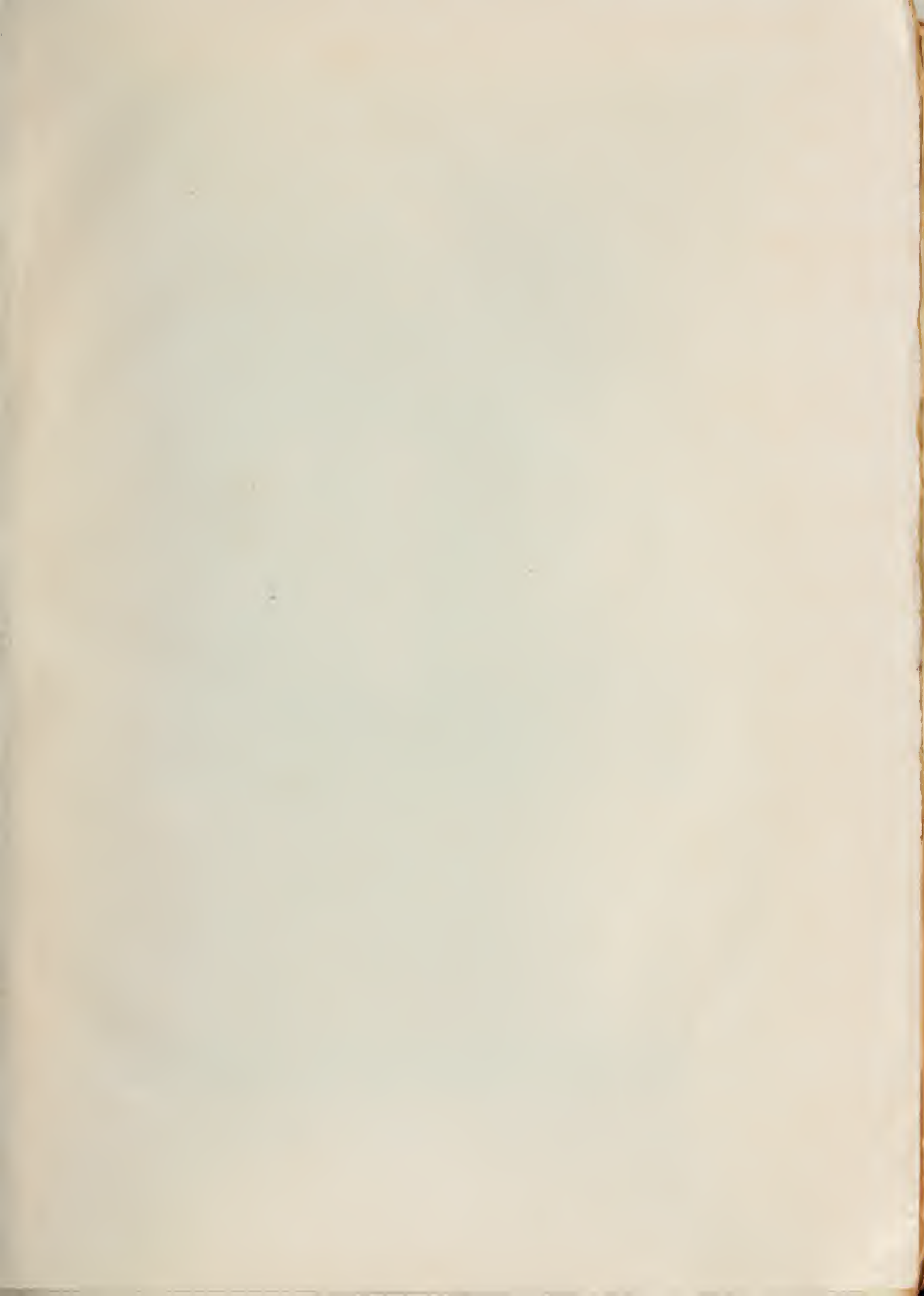
# OS LUSIADAS

DE

LUÍS DE CAMÕES









©. ©. MVSIS. ET POSTERITATI . S.  
LVDOVICO DE CAMOËS, Equiti Lusitano, Poeta celeberrimo,  
Musarum delictus Gratiarum Munno Humanarum Litera-  
rum Encyclopædico, Nec non armatae Paladis egregio secta-  
tori. In quo felicissimum Ingenium et aduersa Fortuna,  
Decertarunt: CASPAR SEVERINVS de Faria veram Effigiem enea  
Tabula incisam vt qui orbem Sam Tama occupauit, presentia  
decorret. D. D. Q.

Paulus Saep.

PUBLICAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL

REIMPRESSÕES

I

# OS LUSIADAS

DE

<sup>CAMOENS</sup>  
LUÍS DE (CAMÕES)

REIMPRESSÃO «FAC-SIMILADA» DA VERDADEIRA 1.<sup>a</sup> EDIÇÃO DOS LUSIADAS, DE 1572

Precedida duma introdução  
e seguida dum aparato crítico do Professor da Faculdade de Letras  
DR. JOSÉ MARIA RODRIGUES



LISBOA

TIP. DA BIBLIOTECA NACIONAL

1921

774

L Por  
C 185 ku Ro

669878

1212.57

*A Biblioteca Nacional, desejando realizar plenamente os seus fins, introduziu no plano dos seus novos trabalhos uma série de publicações, que envolvem a reprodução fac-simile ou tipográfica de obras raras e valiosas, a impressão de manuscritos, a Biblioteca do Bibliotecário e Varia.*

*Propositadamente iniciamos a série com esta edição fac-simile e crítica dos Lusíadas. Entendemos que era dever primeiro oferecer aos estudiosos, à semelhança do que se tem feito com os cimélios das literaturas estrangeiras, a restituição tanto quanto possível exacta do texto primitivo da mais representativa obra nacional.*

*Dos cuidados tão fadigosos dessa edição, que exigiam um saber vastíssimo e a mais alta probidade científica, encarregou-se, a nosso pedido, a pessoa que melhor a podia realizar. Ao sábio Prof. Doutor José Maria Rodrigues, a quem agradecemos a sua colaboração na obra da Biblioteca Nacional, cabe, pois, a honra de ter erguido — não duvidamos afirmá-lo, o melhor dos monumentos à memória do nosso epónimo.*

JAIME CORTESÃO

*Director da Biblioteca Nacional*



# INTRODUÇÃO

## § I

### A EDIÇÃO «PRINCEPS» DOS LUSÍADAS

Das duas edições da nossa epopeia nacional, datadas de 1572, qual foi publicada primeiro: a que na portada apresenta o pelicano com a cabeça voltada para a esquerda do espectador e começa o v. 7 de 1, 1, pelas palavras *E entre* (edição *Ee*), ou a outra, em que a cabeça daquela ave nos fica para a direita, e a primeira palavra do citado v. é a preposição *Entre* (edição *E*)?

O confronto do texto, da ortografia e do material tipográfico das duas edições não deixa dúvidas a respeito da prioridade de *Ee* (1).

A) Em quanto ao texto: a) encontram-se em *E* discordâncias de *Ee*, que não podem provir do manuscrito do Poeta, nem se explicam como erros de imprensa. Assim, logo na f. 1, 1, 7 (2), no original por que se fez a composição com certeza se lia o que está em *Ee* — *E entre* —, pois a supressão da copulativa, feita por *E*, desliga uma da outra as duas primeiras est. do poema, que formam um só período grammatical, e altera-lhes completamente o sentido (V. o *Ap. crit.*). E foi decerto o ponto final por que termina a oitava que levou o editor de *E*

---

(1) É absolutamente insustentável a opinião de Silva Túlio, segundo a qual *Ee* e *E* não seriam duas edições distintas, mas uma só, em que se foram fazendo correções durante a tiragem (*Archivo pittoresco*, t. iv, p. 173 e segg.). O facto das correções deu-se, como veremos, com *Ee*, o que não destroi, é claro, a unidade desta edição; mas para *E* houve uma nova composição tipográfica, desde a primeira até a última estância. Não ha página nenhuma do poema que disto nos não ofereça provas cabais, pois só de longe em longe é que aparece alguma oitava em que se não encontrem divergências na ortografia, no tipo, etc.

(2) I. é: na folha 1.<sup>a</sup> desta ed., est. 1.<sup>a</sup>, v. 7.

a mudar o texto de *Ee* e a substituir por dois pontos o ponto final do 6.<sup>o</sup> v. (1). Na f. 5, 1, 4, em *Ee* lê-se — *De Luso* — e em *E* — *Do Luso*. Ora o contexto mostra que o P. escreveu o que nos é transmitido por *Ee*. *De Luso* é complemento de *gente* (cf. ff. 7 v., 1, 4; 11, 3, 1; 21 v., 3, 6; 36, 2, 6; 46 v., 1, 7; 53 v., 3, 8; 100 v., 3, 7; 113 v., 1, 1); mas como o v. 3 da f. 5, 1, termina em *Ee* por uma vírgula, o editor de *E*, iludido também aqui sobre a função do sinal gráfico, supôs que *Luso* devia ser um continuado de *gente* e daí a substituição do *De* por *Do*, passando assim *Luso* de substantivo a adjectivo, como nas ff. 27, 1, 8; 163 v., 2, 2; 168, 1, 8. Por vezes a divergência tem ou parece ter a sua origem na ignorância do editor de *E*, em assuntos de mitologia. É assim que a *Phebe* da f. 99 v., 1, 6, que o compositor de *Ee* leu no ms. do P., é transformada por *E* em *Phebo*, ficando errado o conceito que se queria exprimir. Do mesmo modo o epíteto *Larissea* (f. 160 v., 2, 1) passa em *E* a ser um nome próprio, pela eliminação do artigo, e o nome de *Prometeu*, que o P. escreveu assim e assim se lê em *Ee* (ff. 79, 2, 5, e 98, 3, 4), aparece estropiado em *E*, com a mudança para *o* do *e* da 2.<sup>a</sup> sílaba, como que para evitar confusões com o perfeito do verbo *prometer*. E é possível que tenha a mesma causa a desastrada substituição de *filho de Maia* (f. 28, 3, 2) por *filho de Maria* (cf. f. 45 v., 1, 3). Cf. também f. 100 v., 1, 6, *Circes* (*Ee*) (2) e *Circos* (*E*); f. 102 v., 3, 6, *Eoo* (*Ee*) e *Eolo* (*E*) (cf. 102, 3, 5); f. 110, 2, 2, *Doutra Scylla* (*Ee*), *Doutro S.* (*E*); f. 110 v., 2, 6, *Oriente* (*Ee*), *Oriente* (*E*); f. 155, 2, 2, *Philomela* (*Ee*), *Philomena* (*E*). É curiosa a emenda da f. 28, 1, 5, motivada pelo desconhecimento do género da palavra *Chersoneso*. Supondo-a masculina, por causa da desinência, o editor de *E*, mudou o epíteto *Aurea* (cf. f. 181, 3, 5-7) para *Aureo*, mas deixou ficar o feminino *rica*: *a rica Aureo Chersoneso*. Sobre outra emenda que parece

(1) A respeito da pontuação dos *L*. véja-se o § iv desta *Introdução*.

(2) *Circes*, em vez de *Circe*, leu o P., por ex., no *Can. Geral* de G. de Resende (iv, 2) A vírgula que em *E*, f. 94, 2, 3, se segue indevidamente à palavra *Magas*, epíteto do plural *Circes*, talvez se encontrasse em alguns exemplares de *Ee*, pois aparece também nas traduções castelhanas de Caldera e de Tapia, feitas por *Ee*. A não ser que os dois tradutores e o editor de *E* tivessem todos a mesma lembrança de emendar o que estava bem. Cf. no *Ap. crit.* a n. a v., 88, 3.



ter ficado em meio, vid. o *Ap. crit.* a 1 38,5. A respeito de *labastro* cf. o *Ap. crit.* a III 142,4.

b) Não raro, as discordâncias entre *E* e *Ee* não podem explicar-se senão pelo desejo de introduzir variantes em *E*, para a diferenciar de *Ee*. E já *a priori* se pode calcular qual o mérito da maior parte dessas variantes. Exemplifiquemos: f. 19, 1, 7, *infidas gentes (Ee)*, *fungidas gentes (E)* (1); f. 53 v., 1, 8, *todos (Ee)*, *tudo (E)*; f. 59 v., 2, 8, *amostrais (Ee)*, *mostrais (E)* (2); f. 66, 1, 3, *fero Huno (Ee)*, *forte H. (E)* (3); f. 138 v., 3, 3, *niquicia (Ee)*, *iniquicia (E)*; f. 175, 3, 8, *A Lebre, & os Cães (Ee)*, *A Lebre, os Cães (E)*. Entram ainda neste grupo, f. 11 v., 2, 1, *Responde (Ee)*, *Respondeu (E)*; f. 31, 3, 2, *Da gente (Ee)*, *De g. (E)*; f. 46 v., 2, 6, *do sangue (Ee)*, *de s. (E)*; f. 56 v., 1, 5, *o arrogante (Ee)*, *e ar. (E)*; *ibid.*, 3, 5, *o Ceo (Ee)*, *ao C. (E)*; f. 57 v., 1, 8, *por Jesu (Ee)*, *de J. (E)* (4); f. 132 v., 3, 8, *e Goadiana (Ee)*, *e o G. (E)*; f. 167, 3, 2, *com que Albuquerque (Ee)*, *c. q. o Alb. (E)*; f. 172 v., 1, 2, *Co restante (Ee)*, *Com rest. (E)*; f. 176 v., 3, 6, *que a parte Africa (Ee)*, *q. parte A. (E)*. E também, a não ser que se trate de erros de imprensa, f. 43 v., 2, 5, *batalha (Ee)*, *trabalho (E)*; f. 46 v., 2, 8, *Tornado (Ee)*, *Tornando (E)* (5); f. 68, 3, 6, *sopesando a lança (Ee)*, *sopeando a l. (E)*; f. 106, 1, 6, *animados (Ee)*, *animados (E)*; f. 133 v., 2, 2, *perjurio (Ee)*, *perjuro (E)* (6). Apontarei ainda uma

(1) Além da superioridade do epíteto *infidas*, a prova de que era este o que se lia no ms. do P. encontra-se na repetição do mesmo conceito por meio do adj. *perfido* (f. 20, 3, 5; 21 v., 2, 5; 24, 3, 4; 29, 3, 8). E o *fungidas* não custou muito a encontrar ao editor de *E*. Cf. f. 20, 3, 7.

(2) Apesar do verso ficar errado, houve mais de um editor que repetiu o *mostrais*, a começar por *P*.

(3) Falando de Átila, diz M. A. Sabélico, uma das fontes do P.: «Erat Hunni superbia *feraque* crudelitas omnibus terris nota.» *Emeades*, VIII, 1.

(4) Com o *de* fica a frase equívoca, visto que *Despois de* pôde ser uma locução prepositiva.

(5) Só lendo *Tornando* como *Tornando-o* é que esta palavra poderia fazer sentido. Deve ser erro de imprensa o *Tornarmos*, em vez de *Tornamos*, a f. 81, 1, 6. Apesar disso *P*. adoptou-o.

(6) São muito poucas as alterações feitas por *E* que, embora não melhorem o texto, o não prejudicam. Cf. f. 13 v., 1, 4, *do seu jugo (Ee)*, *de s. j. (E)*; f. 14 v., 3, 3, *todo o dano (Ee)*, *todo dano (E)*; f. 35 v., 2, 2, *resoando (Ee)*, *resonando (E)*; f. 94, 1,

alteração feita por *E* no texto de *Ee*, para a qual não encontro explicação aceitável. É a troca do futuro *Tornarão* de *Ee*, na f. 5 v., 3, 8, pelo pretérito *Começaram*, que o contexto repele, mas que apesar disso reaparece em outras edições, á frente das quais está *P*.

c) Quis o *P*. deixar exemplificadas nos *L*. várias particularidades de fonética, que aqui e além encontrava nas obras dos nossos poetas e prosadores. Estas particularidades são em geral conservadas por *E* (1), mas uma vez ou outra desaparecem, fornecendo assim outros tantos argumentos para demonstrar a prioridade de *Ee*. É típico o *mão* por *mao*, na f. 91,3,2. O *P*. achou aquela forma em mais de uma obra (v. no *Ap. crit.* a n. a v 71,2) e quis deixá-la registada; mas o editor de *E*, julgando naturalmente tratar-se de um erro de imprensa, fez desaparecer o til. É óbvio que, se *E* fosse a edição *princeps*, *Ee* não transformaria por sua conta o *mao* em *mão*. Por outro lado, o *P*. deixou de escrever uma vez a palavra *mãy* (*mã*i) com *a* nasal (*mais*, f. 66 3,3), por ser grafia usada no *C. G.*, III, 369, etc., e no *Palm.* (t. 1, p. 17; etc.). O editor de *E*, supondo haver erro, emendou para *mãis*, como logo adiante está escrito (f. 66 v., 2, 7). O caso de fonética sintática da f. 52, 1, 2 (*do rios* = *dos rios*), em que o *do* foi mudado por *E* em *dos*, ministra-nos um argumento igual ao que fica formulado a propósito do *mão* e de *mai*. A respeito de *alvoraçado* cf. o *Ap. crit.* a II 2,5. E de *caminos*, *ibid.* a v 79,3.

d) Ha entre *Ee* e *E* um certo número de discordâncias que só se explicam como emendas feitas de *Ee* para *E*, e não vice-versa. Tal é o plural *das cintas* (f. 8 v., 3, 5), que o *P*. podia ter escrito (cf. *Ap. crit.*), mas que em *E* foi substituído pelo singular. Compreende-se bem como o editor de *E* fizesse a emenda no texto de *Ee*, mas não é

---

5, *toda Ausonia* (*Ee*), t. a A. (*E*); f. 137 v., 1, 3, *gentes* (*Ee*), *gente* (*E*). Do passivo de *E* deve descontar-se o *Capitam* da f. 133, 3, 3, pois Tapia leu também esta palavra no texto de *Ee*, por que fez a sua tradução. Quer dizer: o compositor de *Ee* confundiu o *Cipião* do ms. do *P*. com a abreviatura de *Capitão* e só durante a tiragem é que se deu pelo erro e se emendou. No activo de *E* ha apenas a contar o *Mouros* da f. 186 v., 2, 4 (cf. o *Ap. crit.*), não falando na correcção de alguns erros de imprensa de *Ee*, largamente compensada pelos muitos que introduziu. Cf. o *Ap. crit.*, *passim*.

(1) Cf., por ex., *do sopros*, por *dos sopros* (f. 39, 3, 4); *Guardase*, por *Guardarse* (f. 127 v., 1, 2); *Mostra lhe* por *Mostrar lhe* (f. 149, 1, 6).

crível que o editor de *Ee* sentisse o desejo de passar para o plural o singular de *E*. O mesmo se deve dizer do plural *Os (Ee)* da f. 23, 1, 7, singular *O* de *E*, e do singular *vella (Ee)*, mudado por *E* para o plural (f. 79, 1, 2). É o que também se dá, por ex., com a forma *trédoros*, da f. 144, 3, 2, que em *E* se lê *tredores*, e com o *Paresce* da f. 73, 1, 1, em *E* escrito sem o *s*: *Parece*.

B) Em matéria de ortografia são inúmeras as alterações feitas por *E*, com o intuito de corrigir *Ee*, e que por isso mostram ter esta edição precedido aquela.

a) Em *Ee* aparecem às vezes os apelidos escritos com inicial minúscula: *Vasco da gama*, (f. 8, 3, 1); *Egas moniz* (f. 44, 1, 7); *Nuno aluerez* (f. 64, 3, 2); etc. Era a grafia que o P. encontrava em Castanheda, em D. Galvão, na *Crón. do Condestabre*, etc. Era assim também, diga-se de passagem, que o primeiro daqueles assinava o seu nome (1). Ora conhecido o critério adoptado pelo P., que o levou a deixar exemplificadas nos *L.* muitas particularidades de construção gramatical e de métrica, e a dar acolhida a opiniões divergentes sobre o mesmo assunto (cf. no *Ap. crít.*, a n. a VIII 3, 1), não é de estranhar, antes o devemos supor *a priori*, que, a par do uso da maiúscula inicial nos apelidos (cf., por ex., ff. 109 v., 3, 1; 133, 3, 4; 131, 3, 5; etc.), ele os escrevesse também com minúscula. O editor de *E* emendou *Gama* e *Moniz*, mas com a inconseqüência de que deixou tantos exemplos (2), no terceiro caso limitou-se a mudar *alvarez* em *alvarez* (3) e noutros reproduziu pura e simplesmente *Ee* (f. 92, 3, 2; etc.).

b) Foi do mesmo modo com o manifesto intuito de melhorar a grafia de *Ee* que em *E* se mudou para maiúscula a inicial minúscula de várias palavras. Cf. *Padre* (f. 7, 3, 1, e 7 v., 3, 1); *Spirito* (f. 20 v., 3, 2); etc. Outras

(1) V. em Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, o fac-simile inserto entre as pág. 50 e 51.

(2) Basta notar o que acontece com a desinência *ão*, predominante em *Ee*. Em geral, *E* substitui-a por *am*, mas ha muitos casos em que subsiste o *ão* de *Ee*, às vezes ao pé do *am*, proveniente da mudança. Cf., por ex., ff. 65 v., 2, e 92. O mesmo se dá com o *çe* e *çi* de *Ee*.

(3) Na *Crón. do Condestabre* (Lisboa, 1526), a par de *Nuno alvarez*, lê-se a cada passo *Nunaluarez* e *Nunalurez*, o que explica o *aluerez* do P.

vezes, e pelo mesmo motivo, são as maiúsculas de *Ee* substituídas em *E* por minúsculas. Assim, *climas e ceos* (f. 5 v., 3, 3), *celeste* (f. 18, 1, 4); *ciudades* (f. 26 v., 2, 1); *estrelas* (f. 45 v., 1, 2); *ilhas* (f. 80, 2, 3); *sanguesuga* (f. 83, 1, 1); etc.

c) É freqüente aparecerem em *Ee* sem letra dobrada palavras que etimologicamente a deverião ter. Ora *E* introduz por vezes a letra omitida. Ex.: *excellente* (f. 2 v., 2, 7); *differentes* (f. 37, 1, 1); *Joanne* (f. 3, 2, 7); *succede* (f. 53, 2, 1); etc. (1). Outras vezes *E* elimina a letra dobrada de *Ee*, que não tem justificação etimológica. Ex. *Africa* (f. 1, 2, 4, e *passim*) (2); *polo* (f. 45 v., 1, 2); *molesto* (f. 33, 3, 7); etc. É por um motivo análogo que o *i* de *Ee* é substituído por um *y* em *Ulysses* (f. 26 v., 1, 1), em *Ulysseos* (f. 47 v., 2, 8) e *Ulyssea* (f. 50, 3, 8).

d) Na acentuação são inúmeras as modificações introduzidas por *E*, em geral para melhor (3), mas, segundo o costume, sem seqüência, nem coerência. Alguns exemplos apenas. F. 1, 1, 7 e 8: *edificarão* e *sublimarão* (*Ee*), *edificáram* e *sublimáram* (*E*); 2, 1, 5: *Vos o novo* (*Ee*), *Vos ò n.* (*E*); f. 3 v., 2, 1: *Em vos* (*Ee*), *Em vòs* (*E*); etc. Sobretudo os acentos circumflexos, muito freqüentes e por vezes descabidos em *Ee*, são substituídos ou eliminados a cada passo por *E*. Alguns ex.: f. 11 v., 1, 2, *tê* (*Ee*), *fê* (*E*); f. 21, 3, 4, *sincêro* (*Ee*), *sincêro* (*E*); f. 48, 1, 8, *dêrão* (*Ee*), *dêram* (*E*); f. 67. 2, 3, *pês* (*Ee*), *pês* (*E*); f. 68, 3, 2, *sêtas* (*Ee*), *setas* (*E*).

e) Muitas são também as alterações, quasi sempre para melhor, feitas por *E* na pontuação de *Ee* (4). Alguns exemplos apenas, sem sair

(1) E' escusado observar que estas mesmas palavras aparecem em outros passos de *Ee* com as letras pedidas pela etimologia. Cf. ff. 130, 1, 4; 12 v., 2, 5; 62, 2, 6; etc.

(2) A grafia *Affrica* provém dos mss. latinos da idade média (Cf. o *Thesaurus l. l.*, v. *Africa*) e é corrente no *C. G.*, 111, 259; etc.

(3) Mas não faltam casos como o de *Tânôr* (f. 163, 1, 2), emendado por *E* para *Tànor*, apesar da rima; o de *Aromâta* (f. 170 v., 3, 1), erradamente acentuado em *Ee* (o próprio verso pede o acento na antepenúltima) e em *E* (*Aromatâ*, para acertar o verso); o de *almádias* (f. 16, 3, 1, e 33 v., 2, 2), em que *E* suprimiu o segundo acento (*almádias*); etc.

(4) Sobre esta matéria veja-se o § iv da *Introd.*

do canto I. Ponto final, em *E*, no fim das est. 10 (2 v., 2); 27 (5 v., 1); 29 (*ibid.*, 3); 32 (f. 6, 3); 34 (f. 6 v., 2); 72 (f. 15, aliás 13, 1); 96 (f. 17, 1). Mudança da vírgula para o fim do verso na f. 1 v., 2, 3. Vírgula no fim da f. 2 v., 3, 1. Dois pontos no fim das ff. 3, 2, 6, e 3, 3, 6. Mudança da vírgula para o fim do v. na f. 4, 3, 2 e 6 (1).

C) A prova material de que a ed. *E* foi publicada depois de *Ee* resulta da combinação destes dois factos: 1.<sup>o</sup>) o tipo empregado em *E*, no seu conjunto, é o mesmo que serviu para *Ee*; 2.<sup>o</sup>) esse tipo está muito mais gasto em *E*. O exame dos respectivos exemplares não deixa dúvidas a respeito destes dois pontos (2). Em *E* (poema e privilégio, pois é diferente o tipo da informação de Fr. B. Ferreira), apenas foram substituídas a capital ornamentada *E* do privilégio, a capital *I*, também ornamentada, dos cantos II e VII, e as iniciais do 1.<sup>o</sup> verso de quasi todas as oitavas, em que se recorreu a letras do tipo redondo (3), naturalmente por já não oferecerem a necessária resistência as do tipo itálico (4). E apa-

(1) Como curiosidade direi que o fragmento de vírgula, que na f. 79 v., 1, 6, mal se descortina depois da palavra *desfraldando* constitue um argumento em favor da prioridade de *Ee*. Esta vírgula, mais visível em alguns dos exemplares de *Ee*, falta de todo em *Ee* 11. E falta também em *E*, apesar da absoluta similitude, em quanto ao resto, das duas est. em *Ee* e *E*. Quer dizer: *E* foi composto por um exemplar de *Ee*, em que a vírgula faltava ou não era facil de reconhecer como tal. Caso análogo se dá com os dois pontos depois de *naos* na f. 166, 2, 7, que o contexto faz supor e de que ainda restam claros vestígios em *Ee* 11. (No *T* ha um vago resto do ponto inferior).

(2) Estas conclusões, a que eu tinha chegado, foram confirmadas por dois peritos da Imprensa Nacional, os srs. J. A. Dias Coelho, chefe da revisão, e J. Vitorino Ribeiro, revisor.

(3) Cf. *Ee*, fl. 45, 3, 2; 51, 2, 2 e 4; 52, 1, 8; etc.

(4) Foi igualmente substituída a velha portada, que servira pela primeira vez na edição de 1548 da *Regra e Statutos da Ordem de Santiago*. Mutilada, a partir de 1554, encontrava-se já em 1570 (*Repertorio dos tempos*) em poder de António Gonçalves. Para a edição *E* foi aberta nova portada, copiando-se a que tinha servido para *Ee*; o gravador, porém, não inverteu o desenho, ficando por isso a nova às avessas da antiga. Esta última ainda aparece em 1586 na *Regra do glorioso patriarca S. Bento*, publicada por A. Ribeiro. V. sobre o assunto desta nota os *Estudos Camoneanos* do sr. Gomes de Brito, na *Revista Lusitana*, t. xx (1917). A portada do exemplar da ed. *E* da Biblioteca Nacional é apócrifa. Mostra-o claramente a marca do papel, o desenho e a letra dos dizeres *Impressos* etc., que é gravada.

rece além disso em *E* uma combinação do *sp*, que se não encontra em *Ee*. Afora isto, o tipo é o mesmo, até na variedade de algumas letras, como os *AA*, os *CC*, os *aa* e os *oo*. Em quanto ao estado de conservação do tipo, não ha página nenhuma de *E*, confrontada com a de *Ee*, que não forneça claros indícios de que foi o desta que serviu para aquela, e não vice-versa.

D) A conclusão a que nos leva o que fica dito sob as letras *A*), *B*), e *C*) é ainda confirmada pelo seguinte facto: Entre as variantes que se encontram nos exemplares de *Ee*, ha esta no c. II, e. 39, v. 6 (f. 25 v., 1, 6) — *Sem quanto merecesse* (exemplar da Academia das Sciências de Lisboa), em vez de *Sem que to merecesse*, como se lê em todos os outros que examinei e como deve ser. Eis a reprodução da est. daquele exemplar.

#### OS LVSIADAS DE L. DE CA.

*Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,  
 Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
 Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
 Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
 Mas pois que contra my te vejo yroso,  
 Sem quanto merecesse, nem te errasse.  
 Faça-se como Baco determina,  
 Assentarey em fim que fuy mofina.*

Ora o *quanto*, em vez de *que to*, só pode explicar-se pela abreviatura *q̃ to* do ms., que o compositor leu como se fosse *q̃to* (*quanto*), saindo uma ou mais folhas com esta palavra, até se dar pelo engano. Quer dizer: o exemplar da Academia, que pertence á edição *Ee*, foi composto

por um manuscrito, pelo manuscrito do P., e não por um exemplar impresso, por *E* (1).

A hipótese de que a ed. *Ee* foi publicada depois de *E*, dentro do mesmo ano, com o fim de corrigir os numerosos defeitos desta, cai pela base, se repararmos nos muitos e por vezes graves erros, comuns às duas edições. Mencionarei os seguintes: *diuidoso*, por *duidoso* (f. 5 v., 1,2); *Os segredos*, por *Ó s.* (f. 12 v., 3, 5); *enefanda*, por *e n.* (f. 20, 3, 5); *findo*, por *fundo* (f. 31, 3, 6); *manda*, por *mandas* (f. 38 v. 1, 7); *algum*, por *alguns* (f. 48, 1, 7); *não retagoarda*, por *na r.* (f. 66, 2, 5); *valer*, por *valor*, em rima (f. 75 v., 2, 6); *o Mynias*, por *os M.* (*ibid.*, 3, 5); *Guido*, por *Gnido* (f. 80, 3, 8); *por nos*, em vez de *por naos* (f. 92, 3, 3); *repousou*, em vez de *repouso* (f. 93 v., 2, 5); *a vez* por *a voz* (f. 95, 1, 8); *emperio*, por *emporio* (ff. 105 v. 3, 8, e 181, 2, 6); *quem* por *que* (f. 137 v., 1, 1); *a rustico*, por *o r.* (f. 154 v., 2,2); *o flor*, por *a f.* (*ibid.* 5); *Vam* por *Tam* (f. 155, 1, 4); *durão*, por *dura* (f. 156, 2,3); *corroras*, por *correras* (f. 158, 1,4); *a leua*, por *o l.* (f. 159, 2,1); *O trabalhos*, por *Os t.* (*ibid.*, 3,4); *Reis Bipur*, em vez de *R. de B.* (f. 163, 1,2); *pradrupedante*, por *quadrupedante* (f. 172 v., 2,4); *aste* por *este* (f. 176, 2,5); *Qut* por *Que* (f. 178 v., 2,8); *profundo* por *profundo* (f. 185, 2, 8).

É manifesto que a maior parte, pelo menos, destes erros não poderiam ter escapado em uma edição feita com o propósito de corrigir aquela em que eles se encontravam. *Ee* não foi feita com intuito de emendar os erros de *E*. Nesta é que se fazem ou pretendem fazer correções áquela, embora não fosse esse o fim da sua publicação.

---

(1) Não vem fora de propósito notar que as duas primeiras traduções castelhanas dos *Lusiadas*, a de B. Caldera e a de G. de Tapia, publicadas ambas em 1580, foram feitas por *Ee* e não por *E*. Bastam os seguintes confrontos. Em 1, 1, 7, Caldera, *y entre*; Tapia, *Que entre*; em 1, 24, 4, C., *de Luso*; T., *esta gente del Luso*; em 1, 27, 8, C., *de nuevo seguiran*; T., *Proseguiira... su derrota*; em 11, 1, C., *gentes infidas*; T., *las gentes perfidas*; em 111, 34, 3, C., *En batalla*; T., *en contienda*; em 1v, 24, 3, C., *el fiero Hunno*; T. omite o epíteto; em viii, 32, 3, C., *Portugues Cipion*, mas T., *Capitan* (cf. supra a última nota a A) b); em x, 97, 8, C., *Cuamquem... y Arquiro*; T., *Zuarque con Arquiro*; em x, 156, 4, C. e T., *muros*.

## § II

QUANDO, POR QUEM E COM QUE INTUITO  
FOI PUBLICADA A EDIÇÃO *E*?

Conexas com a questão que fica discutida, mas de somenos importância para a fixação do texto dos *L.*, são as que acabo de enunciar. *A priori*, a data de 1572 da portada de *E* pode ser verdadeira. Não é inacreditável que no mesmo ano fossem publicadas duas edições dos *L.* Foi o que aconteceu em 1609, em que Pedro Crasbeeck imprimiu para o livreiro Domingos Fernandes duas edições diferentes do poema (1). Podiam também as duas edições de 1572 não ter nenhuma indicação de prioridade, como acontece, por ex., com as duas de 1609, com as duas primeiras do *D. Quichote* (1.<sup>a</sup> p.), publicadas em Madrid no mesmo ano (1605), e com as duas que, da mesma obra e na mesma data, apareceram em Valência (2). Podia ainda *E* ter saído sem nova licença da Inquisição, pois também a edição dos *L.* de 1591 foi publicada com a licença que serviu para a de 1584 e nas duas de 1609 a licença é só uma. E esta ainda serviu para a de 1612.

Mas as dificuldades surgem com a divergência entre os dois textos. Como é que no mesmo ano, o mesmo tipógrafo, que parece ter sido também o editor, faria nova edição, introduzindo no texto da primeira alterações que não se achavam no ms. do *P.*, nem dêste podiam provir como emendas? Compreende-se bem que mais tarde, depois da morte

---

(1) Este reaparecia agora na integra, sob a égide de um deputado do Santo Officio, o ilustrado e patriota D. Rodrigo da Cunha. Ambas as edições reproduzem *Ee*, introduzindo apenas na f. 148, 2,6, a palavra *māy*, que vinha da tradução castelhana de Caldera, através da ed. de 1597, e fazendo num ponto ou noutro alguma ligeira modificação. Sobre as diferenças entre as duas ed., cf. Brito Aranha, *Dic. Bibl. Port.*, t. XIV, p. 46-47.

(2) V. o *Catálogo* de Salvá, v. *Cervantes*. Ainda no mesmo ano foram impressas duas em Lisboa, mas com licenças de data diversa e em tipografias diferentes. A 1.<sup>a</sup> e parece que a 2.<sup>a</sup> de Lisboa são anteriores á 2.<sup>a</sup> de Madrid. V. *Catálogo de la exposicion celebrada etc. Año 1905*.



do P. e da de A. Gonçalves (1), alguém adquirisse o tipo que serviu para a primeira edição dos *L.*, a fim de os publicar de novo, querendo fazer supor que era a segunda edição de 1572, introduzindo-lhe por isso certos caracteres diferenciais, bem patentes, e fazendo no texto, na ortografia, na pontuação, um certo numero de modificações, como que para sugerir a ideia de que essa edição fôra revista pelo P. e era, portanto, superior à primeira; mas não se compreende outra edição feita em 1572, nas condições de *E*. Não tendo havido revisão do P., pois esta não se pode admitir para *E'* (2), a nova edição, se realmente datasse de 1572, devia ser apenas uma reimpressão de *Ee*, com mais ou menos emendas ou melhoramentos de ordem tipográfica, mas conservando intacto o texto primitivo. Até ao editor convinha, se da sua parte houvesse quaisquer intuitos de fraude, que as duas edições se não distinguissem uma da outra. Acresce ainda que, se *E* tivesse saído dos prelos de A. Gonçalves em 1572, o papel em que está impressa esta ed. devia naturalmente apresentar as marcas de agua do que foi empregado em *Ee* e em outras publicações do mesmo impressor, o que se não verifica (3).

Mas se *E* não apareceu em 1572, haverá quaisquer indícios para se lhe poder fixar outra data? Tito de Noronha, no seu livro *A primeira edição dos Lusíadas* (Porto, 1880) e o Dr. G. Guimarães, no prefácio da edição de Coimbra (1919), supõem que *E* veio a lume depois da chamada edição dos *piscos* (*P*), i. é, depois de 1584, devendo porisso datar de 1585 (T. de N.), ou ser mesmo um pouco posterior (G. G.). E *E* seria uma edição clandestina, motivada pelas deturpações de *P*. Como a

---

(1) A última obra que saiu das oficinas dêste tem a data de 1576. V. Sousa Viterbo, *O movimento tipográfico em Portugal no seculo XVI*, no Instituto de 1921. p. 524 e seguintes.

(2) A respeito de *Ee*, veja-se o § III.

(3) Eis textualmente a informação que sobre o assunto me dá o Sr. Ataíde e Melo, distinto funcionário da B. Nacional: «Comparando as filigranas dos papéis usados por André Lobato e António Gonçalves e as da edição dos *Lusíadas* de 1572 que tem o bico do pelicano voltado para a direita, vê-se que estas se aproximam muito mais do papel empregado por André Lobato. Donde parece poder-se attribuir a este último a impressão da referida edição dos *Lusíadas*, e provavelmente entre 1580 e 1584».

Inquisição não deixaria reproduzir o texto primitivo, o único meio que se oferecia era fazer uma edição que imitasse o melhor possível a de 1572 (*Ee*), embora o desenho da portada, por esquecimento do gravador, ficasse às avessas.

Mas, para se ver que esta opinião é inadmissível, basta notar: 1.º) que entre *E* e *P* ha muitos pontos de contacto; 2.º) que, sendo *E* uma edição completa, não podia ter sido feita por *P*, edição mutilada, em que foram omitidas vinte e três estâncias e em muitas das outras se fizeram alterações mais ou menos profundas. Eis as lições comuns a *P* e a *E*, e em que estas edições se afastam de *Ee*: *Entre* (f. 1, 1, 7); *Do Luso* (f. 5, 1,4); *Começaram* (f. 5 v., 3,8); *Da cinta* (f. 8 v., 3,5); *Respondeo* (f. 11 v., 2, 1); *todo dano* (f. 14 v., 3, 3); *resonando* (f. 35 v., 2, 2); *larido* (f. 46, 1, 5); *mostrais* (f. 59 v., 2, 8); *Tornarmos* (f. 81, 1, 6); *a miude* (f. 103, 2, 1); *nonas* (por *nouas*) (f. 122, 3, 5).

Basta isto para mostrar que *P* supõe *E*, pois não se podem tais lições explicar por meras coincidências, nem é crível que o editor de *E*, tendo diante de si (e não podia deixar de o ter) o exemplar completo de *Ee*, o abandonasse de tempos a tempos, para ir buscar a *P*, edição mutilada e alterada, variantes ou inadmissíveis ou desnecessárias. Foi portanto *P* que adoptou lições de *E*, e não vice-versa (1). Por consequência, esta última edição é anterior ao aparecimento de *P*.

Restam os anos que decorrem desde que cessa a actividade de A. Gonçalves (1576) até 1584. E destes temos ainda por certo de deduzir os que vão de 1576 até 1582, data em que terminavam os dez anos do privilégio concedido ao poeta pelo alvará de 24 de setembro de 1571. Não é

---

(1) Mas não quer isto dizer que *P* seguisse sempre *E*, pois a partir do c. 11 começa a notar-se a influência de *Ee*. É assim que na f. 19, 1, 7, traz *infidas*, como esta, e não *fingidas*, como *E*; f. 23, 1, 7, *Os*; f. 31, 3, 2, *Da*; f. 43 v., 2, 5, *batalha*; f. 53 v., 1, 8, *todos*; f. 57 v., 1, 8, *por J.*; 143, 3, 2, *pera a t.*; f. 149, 2, 1, *todo os*. Foi talvez a pouco feliz substituição de *infidas* por *fingidas*, em 11, 1, 7, que pôs de sobre-aviso o editor de *P* relativamente aos méritos de *E*, que, como segunda edição, datada de 1572, deveria ser superior a *Ee*, e seria a princípio tomada como base exclusiva para o texto de *P*. Alguns anos depois, M. Correia fazia o seu comentário (ed. de 1613) por *Ee*, mas num ponto ou noutro dava a preferência a *E*, às vezes com bem pouca felicidade. Tal é o *mostrais* da f. 59 v., 2, 8, que deixa o verso errado. O *perjuro* da f. 133 v., 2, 2, encontra-se também no *C. G.*, 111, 253.

natural que neste prazo se fizesse uma edição clandestina, com as particularidades de *E*, que os interessados provariam com a maior facilidade ser diferente de *Ee*. E se a edição fosse feita por quem estava ao abrigo do privilégio, não havia motivo nenhum para lhe pôrem uma data falsa. Resta portanto o tempo que decorre de 1582 a 1584. Ora nesta época estabeleceu-se em Lisboa o impressor espanhol Andres Lobato (1), em cuja tipografia o moço da capela do Paço, Afonso Lopes, imprimiu, em 1586, a 2.<sup>a</sup> ed. das obras de Gil Vicente, e, em 1587, os autos de António Prestes, dois de Camões (*Enfatriões e Filodemo*) e outros (2). Não seriam êles os autores de *E*? As emendas feitas nesta edição não ultrapassam, antes supõem, o critério de um moço de capela, metido a editor de obras como as que ficam citadas, mais ou menos intendido em questões de pontos e de vírgulas, de acentos, de letras simples ou dobradas, e arrojado até o ponto de mexer nos próprios textos de Camões, de A. Prestes, etc. É o que se diz neste título: *Primeira parte dos Autos e Comedias portuguezas, feitas por Antonio Prestes & por Luis de Camões, etc... Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Affonso Lopez, moço da Capella de Sua Magestade, & á sua custa. Impressas com licença & priuilegio Real. Por Andrés Lobato.*

Motiva esta conjectura o facto de que a portada de *E* aparece tambem na 2.<sup>a</sup> ed. das obras de Gil Vicente, completa, no princípio dos livros 2.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup>, e fragmentada, em várias páginas da obra, como ornato.

Desta maneira, *E* seria uma fraude comercial. Com o tipo que serviu para *Ee*, comprado aos herdeiros de A. Gonçalves, simular-se hia uma segunda edição de 1572, fazendo, pela antiga, uma nova portada, que propositadamente ficasse às aveßsas, para não haver dúvidas de que se tratava de outra edição, mudando muitas vezes, e com o mesmo fim, a desinência *ão* em *am*, e o *çe* em *ce*, melhorando, mas sem um

---

(1) A primeira obra por êle impressa em Lisboa, de que há notícia, appareceu em 1584. V. Sousa Viterbo, *O movimento*, etc., no vol. citado do *Instituto*, p. 336 e segg. A última conhecida foi publicada em 1587.

(2) Sobre este A. Lopes veja-se *Vida e Obras de Gil Vicente*, do sr. Braamcamp Freire, p. 292.

plano seguido, a pontuação, os acentos, a ortografia, emendando alguns erros de imprensa (mas deixando escapar outros e introduzindo muitos de novo) e — o que é mais e peor — tocando no texto, para fazer supor que se tratava de uma edição revista e melhorada pelo próprio autor.

### § III

## A EDIÇÃO *Ee* E O MANUSCRITO DOS LUSÍADAS

O texto da nossa epopeia nacional devemos buscá-lo em *Ee*. Mas reproduzirá esta edição integralmente o ms. do P.?

Apesar do que se tem dito e redito (1), nenhuma alteração foram nele feitas pela Inquisição. É bem explicito o parecer de Fr. B. Ferreira, que declara não ter encontrado no livro submetido ao seu exame «cousa algũa escandalosa, nem contraria â fe e bõs costumes», intendendo porisso que é «digno de se imprimir» e ponderando que «o autor mostra nelle muito engenho e muita erudição nas sciências humanas». E é o próprio revedor que se encarrega de remover a dificuldade que poderia provir do emprego de mitologia. É que «o autor; como poeta, não pretende mais que ornar o estilo poetico» e porisso não

---

(1) Eis o que escreve, por ex., G. de Amorim: «Fr. Bartholomeu Ferreira, licenciando a primeira vez os *L.*, só Deus sabe com que violações atrozes, é o mesmo frade que... licenceia a deturpadissima edição dos jesuitas, em 1584.» *Os Lusíadas* etc., t. 1, p. 51. Felizmente em 1572 ainda não dominava o critério rigorista que já se revela no *Catálogo* de 1582 (Lisboa, Antonio Ribeiro), em que se acha incluída a *Eufrosina*, a *Menina e Moça*, as obras de Jorge de Montemor, etc., etc., e se proíbe «o prólogo das obras de Gil Vicente, até que se proveja na emenda dos seus autos». O *Catálogo*, assinado por Fr. Bartolomeu Ferreira, sugere a conjectura de que os *Lusíadas* estavam reservados *in petto* para uma ampla monda, na primeira oportunidade, que aliás não tardou. E se o *Catálogo* se não refere já a eles, como o faz ás obras de Gil Vicente, também anteriormente aprovadas, é isso talvez devido á circunstância de ser a mesma a pessoa que o subscreve e a que tinha emitido o elogioso parecer de 1572. Não impediu este, porém, as secas palavras, que equivalem a uma retratação, do parecer que precede a ed. de 1584: «o qual luro, asi emmendado como agora vay, não tem cousa contra a fee e bõs costumes».

ha «inconveniente em ir a fabula dos Deoses na obra, conhecendo-a por tal.»

Se Fr. B. Ferreira, na sua qualidade de revedor, tivesse feito quaesquer emendas ou julgasse que estas se deviam fazer, have-lo hia expressamente declarado no seu parecer, segundo a praxe corrente em tais casos (1).

Mas se o douto dominico, como revedor, nada emendou no ms. dos *L.*, não teria tido, como particular, qualquer intervenção no texto do poema?

É convicção minha que a teve, em mais de um passo.

É conhecido o epigrama que Andrade Caminha lhe dirigiu, «com os seus versos para os examinar»:

Para poderem ser de ti aprouados  
 Meus versos, e de todos bem ouvidos,  
 Devem primeiro ser de ti emendados  
 Com mão d'amigo, e com cuidado lidos.  
 Serão com tua lima confiados,  
 Com tua aprouação bem recebidos;  
 Daquella ficarão cultos e puros;  
 Com esta poderão correr seguros (2).

São também conhecidas as relações que ele mantinha com outros poetas, um dos quais, o Dr. Francisco Lopes, médico da rainha D. Catarina, diz a esta, na dedicatória dos *Versos en loor de la Virgen*: «Mostrellos al muy Reverendo Padre Fr. Bartholomé Ferrera, nó a fin de los imprimir, sino para poderlos leer y comunicar, y el sobredicho Padre me los emendar» (3).

Ora é possível que o P., ainda que não fosse senão por mera for-

(1) V., por ex., o parecer relativo ao *Sucesso do segundo cerco de Diu.* que é também de Fr. B. Ferreira e tem a data de 16 de fevereiro de 1572. Nele se diz: «alem dalgũas clausulas que emendamos, vão aqui alguns vocabulos» etc.

(2) B. Nacional, Ms. n.º 6383, f. 30 v. Epigrama já muitas vezes publicado.

(3) V. Sousa Viterbo, *Fr. Bartholomeu Ferreira* (Lisboa, 1891), p. 16.

malidade e para captar a benevolência do revedor, se lhe tivesse dirigido em termos parecidos aos que ficam citados.

É possível ainda que, embora isto se não tivesse dado, Fr. B. Ferreira, segundo o hábito em que estava, fosse emendando, aqui e além, uma ou outra palavra que lhe merecia reparo e em que julgava ter havido lapso por parte de Camões. O que tenho como certo é que na edição *Ee* ha vários lugares em que deve ter intervindo mão estranha e essa intervenção só assim a posso explicar (1).

Supõe isto que o P. não reviu as provas, aliás não deixaria passar as obsequiosas *emendas*. Mas esta mesma falta de revisão por parte dele é confirmada pela existência de certas erratas em *Ee*, que não teriam escapado á atenção de Camões, por menos cuidadoso ou menos experiente que ele fosse no assunto (2). O ms. aprovado passou por certo directamente da mesa do Santo Officio para a tipografia e o P. não foi por esta ouvido nem achado para nada. E para quê, se a obra impressa tinha de reproduzir fielmente o ms. aprovado, com o qual depois havia de ser conferida, e se a revisão entregue ao autor constituiria um verdadeiro perigo para o editor, por causa da tentação que aquele teria de fazer uma ou outra emenda no original, podendo inuti-

---

(1) V. no *Ap. critico* as notas a I 6, 7; 72, 7; III 11, 4; 65,5; 100, 5; 132, 3-6; IV 18, 7; 54, 1; VI 18, 8; 33, 5; 92, 6; VII 77, 1; VIII 3, 5; IX 21, 6. Cf. as nn. a IV 29, 5, e X 8, 7.

Também me parece ter sido lembrada ao P. por Fr. B. Ferreira a matéria das est. 82-84 do c. x (ff. 174, 3, e 174 v., 1-2), especialmente a dos quatro últimos vv. da est. 84, segundo os quais a Sagrada Escritura chama deuses não só aos anjos bons, mas também aos maos, aos demónios, que são os falsos deuses dos gentios. Ficava assim facilitado o parecer favorável do revedor, ficava, «salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gétios sam Demonios.» Com esta ressalva podia o P. chamar deuses a Júpiter, a Venus, etc. O que é sem dúvida um arrojio é a declaração que, a par disto, ele faz de que Júpiter e os outros deuses da mitologia representam no seu poema, aquele, *a santa providencia*, estes, os anjos, por intermédio de quem ela governa o mundo (est. 83-84). Mas ao menos podiam as consciências timoratas ficar tranquilas com o maravilhoso mitológico do poema.

(2) Refiro-me especialmente a versos ou rimas erradas. Cf. ff. 20, 2, 8; 35 v., 2, 5; 75 v., 2, 6; 93 v., 2, 5; 133 v., 1, 4; 137, 3, 8; 5; 1, 8; 143 v., 1, 5; 148, 2, 6; 163, 1, 2; 176 v., 3, 1.

lizar assim a edição? (1) Para o trabalho mecânico de pôr o que se fosse compondo em conformidade com o ms. aprovado, intendia-se que bastava e era até preferível a revisão técnica da tipografia ou do editor.

Discutindo o assunto, a propósito da edição *princeps* do *Don Quichote*, que «tiene las erratas por centenares», escreve o sr. Rodríguez Marín, na sua valiosíssima edição crítica da incomparável novela: «Pero ¿es que CERVANTES, como autor de la obra, no corrigió sus pruebas?» Esto se han preguntado muchos, juzgando de lo de antaño por lo de hoy... Lo que en esto pasaba es lo que ha dicho don Agustín G. de Amezúa:... «En cuanto un autor vendía el *privilegio* de su obra á un librero, desentendíase enteramente de todo lo que tocaba á la impresión, que era de exclusiva cuenta de aquél...» Así, pues, vendido el privilegio del *Quijote* al librero Francisco de Robles, el autor no vió prueba alguna, ni tenía para qué verla, á menos que espressamente se hubiera pactado esta condición, nada usual, al ceder el dicho privilegio... Sólo así puede explicarse que en todas las ediciones del *Quijote* hayan corrido durante ciento y más años muchas groseras erratas» (2).

---

(1) Segundo a regra 10.<sup>a</sup> das que precedem o catálogo dos livros prohibidos, mandado organizar pelo Concílio Tridentino, o ms. do livro aprovado para a impressão devia ficar em poder do examinador, autenticado e rubricado pelo próprio autor. (Estas regras acham-se traduzidas no *Rol dos livros que neste reino se prohibem*, Lisboa, 1564). Neste caso, devia ir para a imprensa uma cópia devidamente autenticada do ms., que ficava em poder da censura. Mas ha notícia de casos em que para a imprensa ia o próprio original. Assim, por ex., na aprovação do *Sucesso do segundo cerco de Diu*, publicado dois anos depois dos *L.*, lê-se: «Vista a informaçam... imprima-se;... & o proprio original tornará a este cõselho com hum livro dos impressos, para se ver se concordam.» Que aconteceria com os *L.*? Iria para a imprensa o próprio original, escrito pelo P., ou alguma cópia, feita por outra pessoa? Se foi cópia, poderia haver qualquer discordância em pontos secundários (ortografia, acentos, pontuação), mas no texto não deve ter havido alteração. Pelo menos, o P. teria ouvido ler a cópia. Mas ha nos *L.* tantas particularidades que o P. queria que apparecessem na obra impressa, que tudo me leva a crer que a composição foi feita por um autógrafo.

(2) *El ingenioso hidalgo* etc. — Edición crítica. Anotada por Francisco Rodríguez Marín, Madrid, 1916, t. 1, p. 5-6.

O que se deu com Cervantes foi o mesmo que uns tres decénios antes tinha acontecido a Camões. Nenhum dos dois geniais escritores reviu as provas dos livros que os immortalizaram.

Em todo o caso, houve um certo cuidado com a revisão de *Ee*. Os erros não são tantos como os de *E* e ainda durante a tiragem se foram fazendo emendas, como se vê pelo confronto dos exemplares existentes (1). É claro que daqui não pode de modo nenhum inferir-se que houvesse mais de uma edição de *Ee*.

#### § IV

### A PROPÓSITO DA GRAMÁTICA, DA MÉTRICA E DA ORTOGRAFIA DOS LUSÍADAS

A) «A gramática é freqüentes vezes ofendida nos *Lusíadas*, por mais que lhe queiramos acudir com o valhacouto das figuras e das nimio elásticas licenças poéticas» — sentenciou Castilho na *Conversação preambular*, que escreveu para o *D. Jayme*.

Felizmente a grave censura desvanece-se, comparando a linguagem da nossa epopea nacional com a dos melhores escritores do séc. xvi.

Vivendo em uma epoca de transição, em que o elemento psicológico, factor capital na vida da linguagem, começava a recuar perante a chamada disciplina gramatical, baseada nas categorias lógicas, o P., que conhecia como ninguem a indole, os segredos da sua língua, tomou a resolução de, ao mesmo tempo que escrevia o seu poema no português que ainda é o de hoje, ir deixando dispersos por ele certos esquemas de construção, quasi todos em pleno vigor no seu tempo, mas que estavam destinados a desaparecer e até muitos a serem tachados de erros de gramática. *Vae victis!*

É esta a origem da injusta censura feita ao P.

É claro que não resistem á férula nem á proverbial inurbanidade

(3) V. no *Ap. critt.* as notas a II 39, 6; III 71, 7; 73, 2; 107,8; IV 48,6; 71, 2; V 12, 5; 17, 7; 40, 5; IX 74, 1; X 64, 8; 83, 7; 86,6; 87, 1; 88, 6; 97,8.



do gramático (1) o *e* ilógico (ff. 124 *v.*, 3,5, e 137,2, 6), o *e* pospositivo (f. 170 *v.*, 2,4), o verbo na terceira pessoa do singular com o sujeito no plural (f. 48,2, 7-8), as orações principais de particípio imperfeito ou de part. perfeito (f. 23 *v.*, 1,5; f. 147,3), o particípio coordenado a um verbo finito (f. 172 *v.*, 3, 5-7), as mudanças de sujeito (f. 14 *v.*, 2,3), a passagem de orações subordinadas para orações principais (f. 32 *v.*, 2, 1-3), as intercalações, a transposição de versos (cf. no *Ap. crit.* a n. a III 66,3) (2), as construções dos tipos: *é tão bom coma ti* (f. 93, 3, 7) e *lê-se livros* (f. 36,2, 1-2); as cóntaminações (f. 93 *v.*, 3, 1); etc., etc.

Mas tudo isto viveu (3), tudo isto teve a sua origem na actividade consciente ou inconsciente da alma humana, tudo isto se encorporou na língua literária, onde teve foros de cidade durante muito tempo.

Ao editor e comentador do P. incumbe, portanto, não argüi-lo ou pretender emendá-lo, mas louvar-lhe o intuito e mostrar a proveniência histórica e as causas psíquicas dos modos de dizer hoje repudiados.

Com outro grupo de particularidades — as de fonética sintáctica e de pronúncia — se avieram mais facilmente os editores e comentadores, sem lançarem suspeitas sobre o P. Expungiram-nas, a título de erros de imprensa! Cf. ff. 39, 3,4 (cf. 181 *v.*, 3,3); 52, 1,2; 127 *v.*, 1,2; 149, 1,6; 174 *v.*, 1,5; 17 *v.*, 1,7; 54 *v.*, 2,2; 65, 3,4; 99 *v.*, 1,8; 108 *v.*, 1,7;

(1) A expressão *lê-se* em Severim de Faria, nos *Discursos varios*, p. 40, 1.<sup>a</sup> ed.

(2) Aos ex. de intercalações e transposições, cit. no *Ap. crit.*, acrescentem-se estes, que o P. leu no *C. G.*: «O pay velho q̄ trazia | a deosa may *confiança*, | o filho que o seguya, | me dauam q̄ nom faria | daquy nenhũa mudança» (111, 256). Dido expõe as razões que lhe *dauam confiança* de que Eneas se não iria embora. E na p. 301, no epitáfio de Tibulo: «Por que mais hy nom ouesse, | em elegias disesse, | quem amores desyguaes, | ou as batalhas campaes | dos rreys screuer podesse.» É claro que estes versos não fazem sentido, postos pela ordem em que estão. É preciso ler o 3.<sup>o</sup> entre o 1.<sup>o</sup> e o 2.<sup>o</sup> Outro ex. da p. 234: «Temo hũ Heitor, nõ sey qual, | que Pares diz que dezia | de quem ho poder he tal | com maõ de ferro mortal, | que crua guerra faria». Aqui, como se vê, os vv. devem ser construídos por esta ordem: 1.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup>, 4.<sup>o</sup> Menos complicado é este passo da p. 298: «Duas merçes me fareys, | hũa he que me gabeys, | e o que ey de perguntar, | a outra que menssyneys.»

(3) E em parte tende às vezes a sobreviver, mesmo no falar corrente das pessoas cultas.

111, 1,2, e 2,2; 114 v., 2,3; 140, 2,2; 144, 3,7; 155, 2,8; 66, 3,3; 91, 3,2; 132, 2,4; etc.

B) Referindo-se á métrica, prossegue o ilustre homem de letras ha pouco citado: «A versificação dos *Lusiadas* está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificar e rimar é hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assinar como sua uma unica estância inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estância phenix, que ao fim de quasi tres séculos está ainda tão lustrosa e juvenil» (1).

Com a métrica dá-se o mesmo que com a gramática. O P. tomou como ponto de partida a métrica — mas não os metros — do *Cancioneiro geral*, publicado em 1516 por G. de Resende; deixou exemplificados os processos e artificios de metrificação que nele encontrava e escreveu em admiráveis versos da medida nova um poema, que devia constituir a base da nossa educação nacional.

Que as deficiências — ou melhor, o que hoje julgamos deficiências — de certos versos são propositadas, é o que para mim não oferece dúvidas.

Logo na 1.<sup>a</sup> est. do poema, que custava a C. escrever

Passáram inda alem da Taprobana,

se *inda* nada difere de *ainda* emquanto á significação e se é de uso corrente no poema?

É que o P. quis deixar exemplificada, aqui e em outros versos, a

---

(1) As ideias de Castilho a respeito da gramática e da métrica de Camões são também as de Silva Tulio; mas este torna responsável, não o P., mas o copista do manuscrito que foi entregue ao impressor. «Que o exemplar manuscrito que serviu para sobre ele serem feitas as duas primeiras edições dos *Lusiadas*, não fôra o original do poeta, parece ser ponto fóra de toda a controvérsia. Pois como convir que Camões, tão conhecedor de tudo quanto no seu tempo se sabia, do que é boa prova a vastissima erudição derramada pelos seus escritos, fosse o copista do manuscrito de um poema, cuja primeira edição é torpissima pelos muitos erros de ortografia, até de sintaxe, de metro e de rima, que nela aparecem?» *Archivo pitoresco*, IV, 74-175.

contração em uma só sílaba dos sons *ão + a*, como por vezes se faz também no *C. G.* Cf. o *Ap. crít.* a I 1,4.

Na f. 21 v., 3,5, a palavra *treição* é trissílaba:

E nesta *treição* determinavão.

Ora o P. facilmente podia evitar isto, recorrendo a outra preposição. Tinha ainda ao seu dispor a forma *traição*, que na f. 136 v., 2,3, tem tres sílabas, o que não é de estranhar, por haver a palavra, na sua evolução, passado por esta fase. Mas lá estava o *C. G.* com um verso em que *treição* se conta por tres sílabas. Cf. o *Ap. crít.* a II 17,5.

Os hiatos, que tão frequentes e ás vezes para nós tão desagradáveis são no *C. G.*, podia Camões te-los em geral evitado com a maior facilidade.

Assim, por ex., na f. 148 v., 3,1:

Ja sobre os Idalios montes pende,

bastava substituíro *sobre os* por *sobollos*, que se encontra pouco adiante (f. 154 v., 2,6).

Mas hiatos como este não faltam no *C. G.* «Que o macho na jornada» (iv, 181). «Sam amigo d'amiguos» (*ibid.*, 246). «Teve parte, e quynhom» (v, 178). «A vida que ey de ter (*ibid.*, 154).

Na *Epistola de Dido a Eneas* (*C. G.*, III, 245 e seg.) diz aquella: «Por teu pay, as sagradas (1) | reliquias Diliaom | pollas setas» etc. (pág. 261).

No 1.º verso, do *y* de *pay* sae a conjunção *e*, que completa também o v., a que falta uma sílaba (2).

Do primeiro artificio se serviu o P. na f. 115, 1,5:

Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios.

(1) A ed. de Coimbra acrescenta um [&] depois de *pay*.

(2) Nos vv. seguintes desenvolve-se um *o* depois dos *ou*: «Pareçias ferdyzello | ... ou genro de Jam de mello | ou senhor de Caraçena». *C. G.* II, 175.

Do segundo, i. é, da sílaba que não se acha representada graficamente, temos exemplos no *vão* da f. 121 *v.*, 1,1, e no *Vendo* da f. 157, 1,3. Cf. no *Ap. crít.* as nn. a VII 50,1, e IX 74,1.

No *C. G.*, I, 221 e segg., leu o P. estes vv.: «Leuantanse as moedas | quanto mingã nossos fruytos | temporaes, | estas pratykas azedas | estes nossos males muyto | sam geraes». Como se vê pelo sentido, o *muyto* é um advérbio, que se liga a *geraes*; mas tem de rimar com *fruytos* e para isso se lhe junta o *s* de *sam*. Caso análogo temos nos *Lusíadas* f. 21, 2,3, em que o particípio *enganado*, para poder rimar com os outros dois particípios, tem de unir-se ao *os* por que começa o v. seguinte.

Neste passo: «Mas poys o letreyro | ponto nam herra, | contara primeyro | o estado da terra» (*C. G.*, I, 163), ao segundo v. falta uma sílaba, que é o *o* final do v. anterior (1). Também nos *L.*, f. 66 *v.*, 3,7, o *a* final de *rara* exerce a função de pronome, embora se não conte como sílaba, no princípio do v. seg. Faz, porém, de conjunção, e completa métricamente o verso que se lhe segue, o *se* que na f. 25 *v.*, 3,5-6, provém do *s* de *dentes*. Deste processo, no meio do verso, ha um exemplo no lugar do *C. G.*, cit. no *Ap: crít.*, a II 41,6. Da passagem do *s* para o v. seguinte temos um caso no *C. G.*, I, 232: «Ca muytos bayxos indinos | de nobreçydos lugares | perualecem, | & com rrycos trajos fynos, | cadeas douro, colares | engrandecem.» I. é: colares sengrandecem.

No *C. G.*, IV, 350, a propósito do outro, «q̃ no sserão del rrey se meteo em hũa chimine, & fez seus feytos nũ braseyro», conta-se que o reposteiro, acudindo ao odor, «ficou esmoreçydo | quando vyo comem sahya | causa cassy rrecendia». Aqui o *a* de *sahya* exerce dupla função, como o de *rara* no passo dos *L.* há pouco citado.

Nestes vv.: «Tam bẽ mãda q̃ nã goarde | as cousas que me defende, | que as nam fale nem brade», (*C. G.*, V, 84), o *e* final de *defende* serve de copulativa para o verso seguinte. E' o que se dá nos *L.*, f. 49 *v.*, 2, 3.

(1) E este fica ao mesmo tempo servindo de artigo. A ed. de Coimbra acrescenta o [o].

Em conclusão: se nos *L.* ha versos que ultrapassam ou não chegam á medida hoje fixada, o *P.* assim os escreveu intencionalmente. E intencionalmente rebuscou também no *C. G.* os artificios métricos que aí aparecem de longe em longe, para deles fazer uso (1).

Emquanto aos casos de rima incompleta, cf. no *Ap. crít.* as nn. a vii 77, x 88 e 128, e a iii 120 e iv 32. Sobre vv. da medida velha, cf. a n. a v 77,3.

C) Relativamente á ortografia (maneira de escrever as palavras, uso dos acentos e pontuação), cumpre observar o seguinte: a) Dado o critério do *P.*, podemos supor *a priori* que nos *L.* hade haver uma grande variedade no modo como estão escritas as palavras, e até, é claro, a mesma palavra, pois que neles se devem achar representadas as grafias em uso no seu tempo. E assim é, com efeito. Umas vezes a ortografia usada é a etimológica, mais ou menos extreme; outras a sónica, com as variedades a que ella se presta. Casos ha em que a mesma palavra está escrita, parte numa, parte noutra destas ortografias. E modos de escrever se encontram por vezes que não entram em nenhuma destas categorias, mas se explicam, ao menos em parte, pelo facto de apparecerem em obras de escritores autorizados. Acontece também que, se o mesmo nome próprio póde ser ou foi escrito por diferentes formas, estas quasi sempre se acham usadas nos *L.*

Alguns exemplos (2), começando pelos nomes próprios. *Affonso* (f. 43), *Afonso* (f. 3); *Alexandro* (f. 1 v.), *Alexandre* (f. 130); *Anrique* (f. 42), *Henrique* (f. 134), *Enrique* (f. 129 v.); *Cipião* (f. 133), *Scipião* (f. 95 v.); *Mafoma* (f. 37), *Mahoma* (f. 116), *Mafamede* (f. 56 v.) (*Maphamed*, a f. 131), *Mahamed* (f. 17 v.); *Baco* (f. 6), *Bacho* (f. 41 v.); *Phebo* (f. 1 v.), *Febo* (f. 10); *Proteo* (f. 4), *Protheo* (f. 102 v.) (3);

(1) Um artificio ficou excluido dos *L.* o que consiste em elidir a sílaba inicial de um verso (uma vogal, é claro) na sílaba final do v. anterior, para aquele ficar certo. «... Nam maueis descapar | sem vos bem nam escozer. | E pois quẽ (= *que em*) day qua q̃la (= *aquela*) palha | vos castigo» etc. (*C. G.*, iv, 252). O *E* do 3.º v., em que há uma sílaba a mais, considera-se como fazendo parte do v. precedente.

(2) Citarei só um caso de cada palavra, mas os *apax graphomena* que convenha registrar, serão indicadas pelo ponto de exclamação.

(3) O *h* não é etimológico. Cf. *Ptolomeu* (f. 87 v.) e *Ptholomeu* (f. 145), em que o *h* nada tem que fazer.

*Affrica* (f. 1), *Africa* (f. 55) (1); *Barbaría* (f. 80 v.), *Berberia* (f. 117); *Citia* (f. 115), *Cytas* (f. 39 v.), *Scitia* (f. 59); *Hesperia* (f. 71), *Hisperia* (f. 138), *Hispheria* (f. 37); *Lybia* (f. 59) (2).

As mesmas particularidades se notam nas outras espécies de palavras. Alguns exemplos apenas, dentre os inúmeros que se podiam apresentar: *Barões* (f. 1), *varões* (f. 102 v.) (3); *seita* (f. 10 v.), *ceita* (f. 113 v.) (4); *Occeano* (f. 4), *Oceano* (f. 99 v.) (5); *ciencia* (f. 82), *sciencia* (f. 95 v.); *cetno* (f. 171 v.), *ceptro* (f. 51) (6); *antam* e *antão* (f. 29 e 39 v.), *entam* e *então* (ff. 8 e 10 v.); *semear* (f. 67), *samear* (f. 114 v.); *agradecer* (f. 14 v.), *agardecere* (f. 96); *māy*, *mais* (!) (f. 66); *mao*, *mão* (!) (f. 91); *subito* (f. 82), *supita* (!) (f. 12 v.) (7); *ingles* (f. 102 v.), *ingres* (!) (f. 104); *perguntar*, *pregunta* (!) (f. 87 v.); *outro*, *otro* (!) (f. 92); *resposta* (!) (f. 88 v.), *reposta* (f. 9); etc., etc. (8).

Dá-se também nos *L.* o curioso facto da duplicação do *l* no meio da palavra, não pedida pela etimologia (9): *vellas* (de navio), a par de *velas* (ff. 4 e 8 v.); *elloquente* e *eloquente* (f. 118 v. e 40); etc. Destas e das outras particularidades ortográficas (os verbos *haver* e *ir* com e

(1) *Affrica* é corrente, por ex., no *C. G.* Cf. *Affricano* (f. 5 v.), *Affrico* (*ibid.*), *Africano* (f. 87 v.), *Africa*, adj. (f. 176 v.).

(2) A grafia etimológica é *Libya*. Cf. *Syrena* (f. 94 e 161 v.), em que o *y* não pertence à palavra.

(3) Registando os tres passos em que ocorre *varões* (vi 37, ix 91, x 7), E. D. observa que esta grafia «parece dever-se considerar como erro tipográfico» (t. 1, p. 329). O P., de conformidade com o seu plano, escreveu *varõs*, a par de *barões*, porque no *Palm.*, por ex., leu este passo: «Nas cousas da honra antre os excelentes varões, a opiniam della pode mais» etc. (t. 1, p. 345).

(4) «As ceitas dos Philosophos». *Ulysippo*, A. 1, sc. 6.<sup>a</sup>, p. 224, ed. de 1787.

(5) *Occeano* no *Mem.*, p. 283. No *Mem.* *Scila* por *Sila*. Cf. nos *L.* *Scinis* por *Sinis* (f. 44 v.).

(6) No *Palm.*, *ceptro* e *cetno* (t. 1, p. 24 e 322).

(7) *Supito* corrente no *Palm.* E também *agardecere*.

(8) É curioso que, sendo tão usada a grafia *Lixboa*, mesmo em obras literárias, por ex., no *C. G.*, o P. a não empregue nunca.

(9) Tinha sido muito usada a duplicação no fim: *Portugall*, *soll*, etc. No *C. G.* abundam os exemplos. *Velas* e *vellas* se encontra a cada passo no *C. G.*, ás vezes na mesma poesia. Cf. iv, 34-35.

sem *h*; o artigo com *h*; etc.) não faltam exemplos nos contemporâneos do poeta (1).

b) No *C. G.* e no *Palmeirim* não se faz ainda uso da acentuação. Não admira, portanto, que esta seja muito rudimentar nos *L.*, quer em quanto ao número das palavras acentuadas, quer com relação á maneira de usar dos acentos. Pelo que toca á freqüência destes, basta advertir que nas 106 estâncias do c. I ha só umas 37 palavras acentuadas; que no c. II a proporção é de 113 est. para 47 acentos; no III, de 143 para 75; no IV de 104 para 36; e assim por diante. Com respeito ao modo de empregar os acentos, apenas alguns exemplos. São típicas as grafias da palavra *fê*: *fe*, *fee*, *fê*, *fè* (v. *Ap. crit.*, p. 2). Na f. 2, 1, *vós ó* está escrito *vos ò* e *vos o*. Outras vezes este *ó* aparece com acento agudo ou com o circunflexo (f. 32 *v.*, 113 *v.*; etc.). O *dá* (do verbo *dar*) ou não tem acento (f. 129 *v.*), ou o tem, ora grave (f. 108), ora circunflexo (f. 119). Cf. *mòr* (f. 85 *v.*) e *môr* (f. 93 *v.*), *serâ* e *sera* (f. 110 *v.*), *yrà* e *yrás* (ff. 171 e 173 *v.*), *gales* e *galés* (f. 130 *v.*), *pee* e *pé* (ff. 7 e 116 *v.*); *pór* (f. 97) e *pôr* (f. 108); *prezâra* e *tomàra* (em rima, f. 44 *v.*); etc.

Em resumo: são raros os acentos, não ha coerência no seu emprego e o que predomina é o circunflexo, mesmo em vogais que decerto se liam abertas.

Mas, imperfeita e incompleta como é a acentuação dos *L.*, não ha razão para a não atribuirmos ao P., salvo num ou noutro caso. Assim, nas ff. 142 e 143 *v.* a palavra *almadias* tinha naturalmente dois acentos, como nas ff. 16 e 33 *v.*, e foi por certo na composição que se eliminou o mais necessário, ficando errados aqueles dois versos. Também não é crível que na f. 176 *v.* fosse Camões que acentuasse indevidamente na penúltima a palavra *Arómata*, para deixar o *v.* com o acento na 7.<sup>a</sup> sílaba. Observação análoga se pode fazer a respeito do *Jupíter* da f. 175 *v.*, que a métrica dispensa, a não ser que o P. propositadamente quisesse

---

(1) A grafia *trãformãdo* da f. 61 *v.*, a pouca distância de *transformado* (ibid.), se não é erro de imprensa, representa uma alteração da palavra, semelhante à que se deu com o *veo* (*velo*) da f. 50 e talvez com o *horrissimo* da f. 35.

fazer uso de uma das licenças que lhe eram reconhecidas pelos tratadistas (1).

c) A pontuação dos *L.* deixa, ao primeiro aspecto, a impressão da mais completa desordem. Mas esta impressão desaparece, ficando sem explicação plausível apenas alguns casos (talvez da responsabilidade do compositor ou do revisor), se atendermos a que no poema ha dois sistemas muito diversos de pontuação, que não raro brigam um com o outro.

Basea-se um deles nas relações lógicas das ideias: é a pontuação exclusiva da prosa, a pontuação lógica. Funda-se o outro na estrutura das oitavas: é a pontuação métrica.

Sob este segundo aspecto, cada oitava forma um todo, terminado por ponto final ou pontuação equivalente (2), embora haja ligação, às vezes bem estreita, com a oit. seguinte (3). Cada verso tem metricamente a sua independência; deve porisso, em rigor, terminar pelo menos por uma vírgula, como tantas vezes acontece nos *L.*, embora tenham de ficar separados conceitos que logicamente formam um todo. Mas, além disso, no 4.º e no 6.º verso a pontuação deve em teoria ser maior do que a indicada por uma simples vírgula. E para o efeito desta pontuação no 4.º verso, estão quasi todas as estâncias dos *L.* redigidas de maneira que o sentido a permite ou exige. Nos dois últimos versos não costuma haver essa independência de sentido, mas a pontuação maior no fim do 6.º justifica-se pela nova rima, que dá uma certa unidade aos versos 7.º e 8.º

A maior parte das anomalias que se observam na pontuação de *Ee* derivam da aplicação dos dois sistemas, tantas vezes em oposição

(1) Cf. *Ap. crit.*, p. 15. Chegou o desaforo a transformar *Cadmo*, não já em *Cádimo*, mas em *Cadino*. Fê-lo João de Menã, com cuja autoridade argumenta Encina, e repete-o o nosso *C. G.*: «& vy Çila por rrey Nino | & as fylhas de Cadino» (1, p. 365). Cf. v, 218, em que *Cadino* rima com *mofino*.

(2) Isto é, o ponto de interrogação e a exclamação. Esta só se encontra uma vez, no fim do canto iv. O ponto e vírgula não aparece em *Ee*.

(3) E' o sistema seguido também no *C. G.*, que na passagem de quadra para quadra, de quintilha para quintilha, etc., dentro da unidade maior (oitava, décima, etc.), separa por ponto final os elementos da frase mais intimamente ligados.



um com o outro, e da confusão que isto devia causar, quer ao compositor, quer ao revisor. Ha oitavas cujo ponto final falta ou foi substituído; é muitas vezes omitida a pontuação maior ou até a vírgula no fim do 4.º verso, em que o sentido a pede; aparecem no meio dos versos vírgulas deslocadas: etc. Ora não me parece que disto seja responsável o P.

## § V

## OS SUPOSTOS MANUSCRITOS DOS LUSÍADAS

a) Com o n.º 4:413 existe na Biblioteca Nacional um volumoso códice, que tem por título: «*Cancioneiro em que uão obras dos milhores poetas de meu tempo ainda não empresas e tresladadas de papeis da letra dos mesmos que as composerão comessado na india a 15 de janeiro de 1557. e acabado em lx.ª em 1589. per luis franco correa companheiro e muito amigo de luis de camoens.*» O sr. Pedro de Azevedo, a cuja reconhecida competência recorri, para me fazer o exame paleográfico deste ms., chegou ás seguintes conclusões: «O códice foi escrito todo pelo mesmo individuo, que empregava a letra cursiva do séc. xvi. As notas marginaes sôbre se as peças transcritas estão ou não publicadas são em grande parte do séc. xviii, algumas são anteriores, mas nenhuma é do séc. xvi ou de letra usada neste século. O frontispício é muito posterior ao códice e foi colado a este (1)... A marca de agua do papel em que foi escrito não se reproduz nas váriãs filigranas das folhas do códice.»

Estamos, portanto, em presença de um manuscrito, que, afôra a portada, data do séc. xvi. Ora de f. 203 a 215 v. acha-se transcrito o c. I dos *L.*, no fim do qual se lê a seguinte observação: «Não continuo porq̃ sahio a lus.» E a letra destas palavras, diz o sr. P. de Azevedo, «é da mesma mão do copista, se bem escrita com tinta mais desbotada.» Se fossem verdadeiros os dizeres do titulo do códice (2) e os da obser-

(1) Supõe o Sr. Azevedo que se trata de uma imitação do primitivo frontispício, «que provavelmente teve de ser substituído, por se encontrar lacerado».

(2) Não é preciso entrar aqui na apreciação das impossibilidades e improbabilidades que êles envolvem. Basta ocupar-me do que é relativo aos *L.*

vação citada, teríamos aqui um texto do canto I dos *L.*, anterior ao que foi impresso em 1572 e emanado directamente de um autógrafo do próprio poeta. E como são numerosas e por vezes grandes as divergências entre os dois, vê-se que importância teria o ms. para o estudo crítico do poema.

Mas *A* (assim designarei o texto do *Cancioneiro*) não passa, a começar pelo título *Elusiadas* (1), de uma audaciosa deturpação do texto impresso de *Ee*, feita com o fim de valorizar a colecção manuscrita. Querendo introduzir variantes — e variantes que, em regra e por sua natureza, devem ser inferiores á lição de *Ee*, pois foram substituídas por esta (2) —, o falsificador a cada passo ultrapassa a meta, atribuindo ao poeta cousas que ele nunca escreveria ou versos que contrariam os mais rudimentares preceitos da métrica.

Começemos por alguns exemplos destes versos. Tendo omitido as est. 29 e 30 (ff. 5 v., 3, e 6, 1), não tendo, portanto, falado ainda em Baco, *A* começa por este verso a est. 31:

Baco que dos fados ouvira que viria (fl. 206 v.).

Nada menos de doze sílabas, além do resto! Mas, para compensar, temos este com oito (f. 5, 2, 5):

Pois contra o Brigio (3) tam temido (fl. 206).

É claro que também não faltam versos de onze sílabas:

A natureza sem lei e sem Razão (f. 9 v., 3, 4).

Disse lhe que o premio largo levarão (f. 12 v., 2, 3).

---

(1) Por certo que nunca o P. se lembrou de tal título, pois já encontrou, por assim dizer, consagrada a palavra *Lusiadas*. Cf. a n. da p. 33. Ao nada escrupuloso coleccionador foi êle sugerido pelo epíteto *Elisio* de viii, 3, combinado com o verdadeiro título do poema.

(2) Uma vez ou outra, essas variantes são pretendidas emendas do texto. Assim, *vossa, que M.* (f. 1 v., 3, 6); *Da sinta* (f. 8 v., 3,5); *o Gama* (f. 15, 1, 3); etc.

(3) Este *Brigio*, como sinónimo de *Castelhano*, tem a sua origem no *Brigo* da f. 63, 3, 1.

E outros de nove:

Com fronte cornigera inclinada (f. 15 v., 2, 6).

Nada a gente forte se temia (f. 17, 2, 8).

Tudo isto motivado, como se vê pelo confronto com *Ee*, pelo desejo de introduzir variantes, e como se o P. pudesse ter alguma dificuldade em escrever logo certos estes versos.

Do mesmo modo são a cada passo maltratados o senso comum e a gramática. Alguns exemplos: *vereis comūs* (1) *façanhas... louvar os vossos* (f. 2 v., 3, 1-3); *comecese a sentir o peso grosso... de exercicios... d'Africa a terra*, etc. (f. 3 v., 1, 5-8) (2): *de pano de algodão... brancos e listrados* (f. 8 v., 3, 1-2); *do licor que Noe* etc. (isto é, de vinho) *enchem vasos de vinho* (f. 9, 2, 6); *aqui gente de Christo não havia | e a que avia a medo celebrava* (f. 18, 1, 3-4).

Alguns versos foram estropiados, mas depois voltaram por emenda à forma primitiva. E' o que acontece, por ex., na f. 2, 2, 1, em que se escreveu *ó tenro*, mas depois se riscou o *ó*. Também na f. 3 v., 3, 8, foi cortado *Real*, para se substituir pelo epíteto de *Ee* (*suprema*), e na f. 11, 1, 4, depois de escrito *navegando*, reparou-se no contrasenso e emendou-se: *habitando*, que é a lição de *Ee*.

Por vezes assiste-se ao trabalho empregado para corrigir a primitiva adulteração do texto, depois de se advertir que esta era disparatada. Dois exemplos. O v. 2 da f. 5, 2, foi assim alterado: *Com um poder singelo e não pequeno*. Depois notou-se que os dois epítetos brigavam um com o outro e riscou-se o *não*, escrevendo por cima *tão*, e poz-se em entrelinha outro *tão*, antes de *singelo*. Esqueceu, porém, o *Com um*, em vez do *Cum* de *Ee*, indicado pela métrica. O v. 2 da f. 8, 3, foi substituído por este: *o que a armada manda e obedece*. Depois em entrelinha

(1) A facilidade de mudar *com vãs* em *comūs* e as palavras do v. 2 fizeram que passasse despercebido o verbo do v. 3.º e assim ficaram as *façanhas a louvar*.

(2) Seria injuriar o P. supôr que êle escreveu uma cousa destas. Na est. seg., v. 2, também a palavra *exicio* foi mudada para *exercio* e depois, por emenda, para *exercicio*, resultando este verso: *Em quem ve seu exercicio afigurado*, no qual o conceito regula pela métrica.

acrescentou-se *toda* em seguida ao *que*. Mas quem é o sujeito de *obedece*? Para o arranjar, emendou-se *o que* para *a quem*. Mas quem é agora o sujeito de *manda*?

Bastam estas razões — e muitas outras se poderiam ainda aduzir — para nos convenceremos de que *A* não representa uma redacção do c. I, proveniente do P. e anterior á forma definitiva que se encontra em *Ee*, mas não passa de uma audaciosa e mal alinhavada falsificação de *Ee* (1).

Este processo completa-se, como é natural, com o da supressão de umas estâncias e a intercalação de outras. É assim que em *A* faltam as est. 29, 30 e 32 (ff. 5 v., 3, e 6, 1 e 3), e são substituídas por outras, em numero de tres, as est. 77-78 (ff. 13 v., 14). São as primeiras das chamadas *estâncias omitidas*, verdadeiras excrescências, que a cada passo revelam a sua origem (2).

b) Outro ms., que continha os seis primeiros cantos (3), encontrou-o Faria e Sousa em um livreiro de Madrid. Ficou, como é de supor, contentissimo com o achado, pois «apenas ay estancia en estos seis cantos, que no tenga alguna alteracion en lo que imprimiò: i en muchas dellas notablemente;... i en las estancias que mudò enteras, o quitò o añadiò... Oxalà alcançáramos los otros quatro cantos que faltan, para que vieramos tan gustosas alteraciones; si es que el P. los tenia compuestos a este tiempo» (4).

Mal sabia o erudito comentador que tinha diante de si uma fraudulenta lucubração, saída da mesma pena que adulterou o canto I do chamado *Cancioneiro de Luís Franco Correia*! O falsificador reviu aquelle canto, acrescentando novas alterações, modificando algumas das já feitas, e, com o mesmo critério, deturpou também os cinco cantos seguintes. Disto não deixa dúvida o confronto do *Cancioneiro* com as va-

(1) De *Ee*, e não de *E*, como se vê por I 1, 7 (*e entre*), e 24, 4 (*g. de Luso*).

(2) V. W. Storck, *Vida*, etc. p. 696.

(3) Eis a declaração que se lia no fim: «Estes seys cantos se furtarão a Luis de Camões da obra que tem começado sobre o descobrimento e conquista da India por os Portugueses», etc. V. a not. seg.

(4) *Vida del Poeta*, c. XVI, no *Comentário dos L.*, t. 1.

riantes que F. e Sousa encontrou no ms. comprado em Madrid (1), e que indicarei por *B*. Alguns exemplos: f. 1 v., 2, 1, *A* e *B*: *T. Musas*; *ibid.*, 3, *A* e *B*: *Pois sempre*; f. 2, 3, 1, *A* e *B*: *ó sagrado R.*; f. 2 v., 3, 1, *A* e *B*: *comūs* (2); f. 3, 3, 7, *A* e *B*: *A. invencível*; f. 4, 1, 2, *A* e *B*: *Muito mais do que os vossos o desejam*; f. 5, 2, 5, *A*: *contra o Brígio*; *B*: *c. o B. duro* (3); f. 5, 3, 7-8, *A* e *B*: *Por capitão geral o peregrino que achou*; f. 6, v., 1, 3, *A* e *B*: *Por quanta semelhança*. É escusado citar mais coincidências, para se ver que relações existem entre *A* e *B*. Também neste não faltam, é claro, as *est. omitidas* de *A*, embora com algumas variantes (4).

As alterações feitas nos cantos II a VI revelam o mesmo critério do forjador de *A*, mas em todo o caso já um pouco mais apurado, a julgar pelo que F. e Sousa transcreve. São dêle duas emendas aproveitáveis: *moradores* (f. 63 v., 3, 7) e *Julio e M.* (f. 67, 3, 8 (5)). Mas o P. não podia, por ex., ter escrito *filha de T.* (f. 21, 2, 8), nem *o Capitão do Rei* (f. 35 v., 3, 1-2), nem *Invenção do Sagrado N.* (f. 91 v., 3, 2).

c) Outro ms. que F. e Sousa adquiriu também em Madrid tinha por título *Lusiada de L. de C., agora novamente reduzida por Manuel Correa Montenegro* (6). Este Montenegro, português, mas corrector em Salamanca de livros que aí se imprimiam, como informa Barbosa Machado, foi-se aos *L.*, que já ha muito corriam impressos, e no dizer de F. e S., só deixou incolumes 132 *est.* «Todas las otras alterò, ò en pa-

(1) Como *A*, *B* tem por base o texto de *Ee*. Assim, por ex., em II, 1, lê *infi-das*. F. e Sousa, que considerava *E* como *princeps*, observa, ao dar notícia da suposta variante: «i empeorose» (em *E*). V. *Lecciones varias* no t. IV, 649 e segg.

(2) «Biê mudado» (por *E*), pondera ingenuamente F. e S.

(3) Isto revela que o falsificador ia fazendo progressos. Na *est.* 44, 2 (f. 8, 3, 2), *B* antepõe a *obedece* o pron. *lhe*: «Que toda a armada manda e lhe obedece». Mas é o caso de *quem torto nasce*... Outros pretensos melhoramentos: *ouçe* (f. 3, 1, 6): *va-lor* (f. 7, 3, 4). Cf. o *Ap. crit.*

(4) W. Storek acusa F. e Sousa de ser o inventor de *B* e não está longe de suspeitar dele com relação ao *Cancioneiro de L. F. C.* (Obr. cit., p. 18 e 61<sup>5</sup> e seg.). Mas neste capítulo está F. e S. inocente.

(5) Também tem pretensões a emenda *o venceram* da f. 64 v., 2, 4.

(6) Cit. *Vida del P.*, § 16. Cf. *Com.*, IV, 658.

labras, ò en versos, ò en la mitad, ò en todo»; emfim, «puselo de manera casi todo, que es lastima». E o que também é lastima é que F. e Sousa piamente acreditasse na autenticidade de não sei quantas estâncias, que o mesmo Montenegro queria fazer supôr que encontrou em um «original de los mas antiguos en que no falta nada de quanto el Poeta escrivio». E não contente com reproduzir essas estâncias, «que el (Poeta) reprovò al imprimir el Poema», F. e Sousa indica «las lecciones varias que en esta copia (o ms. de Montenegro) pueden ser del Poeta.» Entre essas figuram *prata* por *vidro* (I 49, 7); *Neptuno* por *Nocturno* (II 1, 6); etc.

d) Sôbre o triste caso do *manuscrito rarissimo* dos *L.*, que se dizia *emendado por Camões mesmo*, e cuja copia, *tambem rarissima*, Filinto Elisio possuía, por que *ainda não acertára com curioso comprador* (1), veja-se Brito Aranha, no *D. Bibl. Port.*, t. XIV, p. 140 e segg.

## § VI (2)

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrevendo os *L.* para immortalizar os feitos heroicos dos portugueses, Camões deixou patentes no seu poema os indícios da colaboração que nele tiveram muitos escritores nacionais.

Não seria difficil aos poetas do *C. G.*, a Fernão Lopes, a Rui de Pina, a Duarte Galvão, a Castanheda, a João de Barros, a Francisco de Moraes, a André de Resende, apontarem os versos, as estâncias, para

---

(1) Palavras do próprio Filinto no t. II das suas obras, p. 11-12 (ed. de Paris, 1817). A Biblioteca Nacional possui um exemplar dos *L.* (n.º 150 preto da *Camoneana*), que lhe foi enviado do Brasil, com as *variantes*, que Filinto Elísio, compelido pela falta de meios, se lembrou de attribuir a Camões, e com as anotações que o mesmo Filinto faz a alguns passos da suposta cópia.

(2) O § citado com este n.º no *Ap. crit.* está incorporado no § IV.

cujo conteúdo ou formas de expressão êles haviam fornecido os elementos (1).

Mas não é só isto. Nos *L.* não ha só a colaboração dos poetas, dos cronistas, dos historiadores, dos eruditos, dos mestres da lingua, que precederam o *P.* ou foram seus contemporâneos. Também aí se acham intencionalmente arquivadas muitas particularidades de fonética, de construção gramatical, de ortografia, de métrica, que neles ocorriam. Isto é: os *L.* são ao mesmo tempo um poema e um museu; são um monumento duplamente nacional, erigido pelo génio do poeta, para glorificar a pátria, com materiais buscados principalmente em obras portuguezas.

Todavia, em vez de serem religiosamente conservados como saíram da pena do *P.*, ainda os *L.* não estavam impressos e já havia quem os pretendesse *melhorar*. E o que tem acontecido, desde que foram publicados até hoje, não ha pessoa ilustrada que o ignore. Quási não há estância que tenha escapado a qualquer alteração.

É tempo de voltar ao texto primitivo e de o estudar como êle se encontra na primeira edição.

Lisboa, Agosto de 1921.

---

(1) Tendo falecido em Dezembro de 1573, Resende foi de todos estes o único que com certeza pôde ler e naturalmente leu os *L.* Como o velho humanista se não devia sentir justamente orgulhoso, com a immortalidade que estava reservada á palavra *Lusíadas*, que êle tinha formado, e que, com íntima satisfação, já nas notas ao *Vincentius*, publicado em 1545, reconhecia ter agradado a muitos, especialmente a Jorge Coelho!

EXEMPLARES DE *Ee*

A Biblioteca Nacional de Lisboa possui quatro, marcados na *Camoneana* com os n.ºs 2, 3 (foi êste o reproduzido), 4 e 11 (preto). O frontispício, licenças, privilégio (4 pág.) e as ff. 177 e segg. do texto de *Ee* 11 pertencem à ed. de 1597, sendo porisso colocado ao pé dos exemplares desta ed. Foi posto o n.º 1 ao exemplar de *E*.

Ha também um exemplar de *Ee* na Biblioteca da Academia das Ciências. Vai reproduzida uma est. deste ex. no § 1 da *Introd.*

Responderam à circular da Direcção da B. N. de Lisboa, informando que possuíam um exemplar de *Ee*, as seguintes entidades:

**Portugal, Lisboa:** Os Srs. Henrique da Gama Barros, D. Francisco de Almeida e Conde de Avilez. **Porto:** Ateneu Comercial (1). **Guimarães:** Sociedade Martins Sarmiento (2).

**Brasil, Rio de Janeiro:** Gabinete Português de Leitura (3).

**França, Paris:** Biblioteca Nacional (4).

**Inglaterra, Londres:** Museu Britânico (5). **Oxford:** A Bodleiana (6). Comunica também a Direcção do Museu Britânico que existem ali dois exemplares de *E*, num dos quais as 2 primeiras folhas são de *Ee*.

**Itália, Nápoles:** Biblioteca Nacional. Ex. que pertenceu à casa Farnese (7).

(1) Nele se lê: iv, 48,6: *Afrinano*; 71,2: *Por elle*; v 12,5: *Co grande*; ix 74,1: *Q. tão*; x 83,7: *quando f.*; 87,1: *O. estoutro*.

(2) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74,1); *O. estoutro* (x 87,1).

(3) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74,1); *O. estoutro* (x 87,1).

(4) *Co g.* (v 12,5); *Vendo m.* (v 17,7); *Q. tão* (ix 74,1); *quando f.* (x 83,7); *O. estoutro* (x 87,1).

(5) *Afrinano* (iv 48,6); *Parelle* (iv 71,2); *sojuçgado* (x 86,6); *Olha o outro* (x 87,1); *do Oriente* (x 88,6).

(6) *Afrinano* (iv 48,6); *Pare le* (iv 71,2); *sojuçgado* (x 86,6); *O. o outro* (x 87,1); *do Oriente* (x 88,6); *Arquiro, & Cuamquem* (x 97,8).

(7) *Parelle* (iv 71,2); *Q. tão* (ix 74, 1); *O. estoutro* (x 87,1); *Arquico, & Suamquem* (x 97,8).



## EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS

**B. F.**, Barreto Feio, ed. de Hamburgo, 1834.

**B. R.**, edição preparada para a *Biblioteca Romanica* (Strasburgo) pela Sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis.

**C. G.**, *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. Edições: princeps (1516), de Stuttgart (1846-1852) e Coimbra (1910-1917). Cito por esta.

**C. v. R.**, Dr. Carl von Reinhardstoettner, *Os Lusíadas... Unter Vergleichung der besten Texte, mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer kritischen Einleitung*. Strassburg. 1874.

**E. D.**, Epifânio Dias, *Os Lusíadas commentados*. Porto, 1910.

**Euf.**, *A Eufrosina* de J. F. de Vasconcelos. Edd. de 1561 e 1919.

**F. B.**, João Franco Barreto, edd. de 1631 e 1669.

**F. de C.**, Freire de Carvalho, *Os L... Nova edição feita debaixo das vistas da mais acurada critica em presença das duas edições primordiales e das posteriores de maior crédito e reputação*. Lisboa 1843.

**F. E.**, Filinto Elísio. Cf. *Introd.* § v, d).

**F. e S.**, Faria e Sousa, *Lusíadas... comentadas (!)*. Madrid, 1639.

**G. de A.**, Gomes de Amorim, *Os Lusíadas... Edição critica e anotada em todos os logares duvidosos, restituindo quanto possivel, o texto primitivo pela correcção de erros que nunca se tinham expungido*.

**G. F.**, Garcez Ferreira, *Lusíada (!) Poema... Illustrado com varias e breves notas e com hum precedente Aparato do que lhe pertence*. T. I. Napoles, 1731. T. II. Roma, 1732.

**G. P. L.**, *Os Lusíadas. Ed. consagrada etc. pelo Gabinete Portuguez de Leitura no Rio de Janeiro. Revisão do texto do Poema e observações philologicas por Adolpho Coelho*. Lisboa, 1880.

**J. da F.**, José da Fonseca, *Os L. Poema... restituído á sua primitiva linguagem, auctorisada com exemplos extrahidos de escriptores contemporaneos a Camões... Paris, 1846*.

**J. L.**, *Jóias literarias. Colecção da Imprensa da Universidade de Coimbra: Os Lusíadas... segundo o tecto da primeira edição de 1572 com as variantes da 2.<sup>a</sup> edição impressa por Manoel de Lya em 1584. Por A. J. Gonçalvez Guimarães*. Coimbra, 1819.

**M. C.**, Manoel Correia, *Os L. Comentados*. Lisboa, 1613.

**Mem.**, *Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda* por J. F. de Vasconcelos. Edd. de 1567 e 1867.

**M. de M.**, *Morgado de Mateus, Os L. Nova edição correcta*. Paris, 1817.

**P.**, a edição de 1584, conhecida pela ed. dos *piscos*, por causa da nota a III 65,2: «*Chama piscosa (a Cezimbra), porq̃ em certo tẽpo se ajunta ali grãde cãtidade de piscos, pera se passarẽ a Affrica.*»

**Palm.**, *Cronica de Palmeirim de Inglaterra* por Francisco de Moraes. Edd. de 1567 e 1786.

**T.**, texto de *Ee 3*, em cuja reprodução houve deficiência que deve ser notada.

**T. dos L.**, *O Texto dos Lusíadas segundo as ideias do sr. F. Gomes de Amorim*. Por J. L. de Vasconcelos. Porto, 1890.

**V. de J.**, Visconde de Jeromenha, *Obras de Luis de Camões*. Vol. VI. Lisboa, 1869.

**W. St.**, Wilhelm Storck, *Die Lusiaden*. Paderborn, 1883.



OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moões.

COM PRIVILEGIO  
REAL.

*Impressos em Lisboa, com licença da  
Junta da Inquisição, e do Ordina-  
rio. em casa de Antonio  
Góyaluez Impressor.*

1572.







V el Rey faço saber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oitava rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueles nas partes da India depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mádado del Rey dom Manoel meu visão que sancta gloria aja, & isto com priuilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diãte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem leuar aas ditas partes da India pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoës, & a outra metade pera quem os acular. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camoës tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirá outrosi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assinnada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiij. de Setembro, de M. D. LXXI. Iorge da Colta o fiz escrever.

**V**l por mandado da santa e geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia e Europa, e não achei nelle cousa alguma escandalosa, nem contraria à fe e bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarcer a difficuldade da nauegação e entrada dos Portugueses na India, usa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deosas Toda via como isto he Poesia e fingimento, e o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiuemos por inconueniente yr esta fabula dos Deoses na obra, conhecendoa por tal. e ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gētios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, e o Autor mostra nelle muito engenho e muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

Frey Bertholameu  
Ferreira.

# OS LUSIADAS

DE LVIS DE

CAMÕES.

## Canto primeiro.



S armas , & os ba-

rões assinalados,

Que da Occidental praya Lusita-  
tana,

Por mares nunca de antes na-

uegados,

Passaram , ainda alem da Taprobana,

Em perigos , & guerras esforçados,

Mais do que prometia a força humana.

E entre gente remota edificarão

Nouo Reino , que tanto sublimarão.

E tambem as memorias gloriosas

Daquelles Reis , que forão dilatando

A Fee, o Imperio , & as terras viciosas

De Affrica, & de Asia, andarão deuastando,

E aquelles que por obras valerosas

Se vão da ley da Morte libertando,

Cantando espatha-rey por toda parte,

Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A (essem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callese de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Tenhas em my hum nouo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde, celebrado  
Foy de my vosso rio alegremente,  
Daimo agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente,  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daimo hũa furia grande & sonora,  
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Daimo igoal canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos



## CANTO PRIMEIRO.

2.

E vos ò bem nascida segurança  
 Da Lusitana antiga liberdade,  
 E não menos certíssima esperança,  
 De aumento da pequena Christandade:  
 Vos o nouo temor da Maura lança,  
 Marauilha fatal da nossa idade:  
 Dada ao mundo por Deos q̄ todo o mande,  
 Pera do mundo a Deos dar parte grande.

Vos tenrro, & nouo ramo florecente,  
 De hũa aruore de Christo mais amada  
 Que nenhũa nascida no Occidente,  
 Cesarea, ou Christianíssima chamada:  
 Vedeo no vosso escudo, que presentz  
 Vos amostra a victoria ja passada.  
 Na qual vos deu por armas, & deixou  
 As que elle pera si na Cruz tomou.

Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
 O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
 Veo tambem no meio do Hemispherio,  
 E quando dece o deixa derradeiro.  
 Vos que esperamos jugo & vituperio,  
 Do torpe Ismaelita caualleiro:  
 Do Turco Oriental, & do Gentio,  
 Que inda bebe o licor do sancto Rio.

A 2

Inclimay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inclinaay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos di real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deuulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, ser conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Oui vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Oui, que não vereis com vã façanhas  
Fantasticas, fingidas, mentirozas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engra decer se desejosas,  
As verda leiras vossas sam tamanhas,  
Que excedem as sonhadas fabulosas:  
Que excedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

CANTO PRIMEIRO. 3.

Por estes vos darey hum Nuno fero,  
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal serviço,  
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
 A Citara parelles so cobico:  
 Pois polos doze pares daruos quero,  
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.  
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
 Que para si de Eneas toma a fama.

Pois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a segurança  
 Deixou, com a grande & prospera victoria.  
 Outro loane, inuidto cavalleiro,  
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

Nem deixarão meus verso esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
 Se fizerão por armas tam subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora.  
 Albuquerque terribil, castro forte,  
 E outros em quem poder não teue a morte.

A 3 Em

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto euestes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mourro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoco ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que afeiçãoada ao gesto bello, & tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,  
Dos dous auôs, as almas ca famosas,  
Húa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vos esperão, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

Mas.

CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,  
De regeades os pouos, que o desejão:  
Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
Pera que estes meus versos vossos sejam  
E vereis ir cortando o salso argento:  
Os vossos Argonautas, porque vejão,  
Que sam vislos de vos no mar yrado,  
E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,  
As inquietas ondas apartando,  
Os ventos brandamente respirauão,  
Das naos as vellas concauas inchando:  
Da branca escuma, os mares se mostrauão  
Cubertos, onde as proas vão cortando.  
As maritimas agoas consagradas,  
Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
Onde o gouerno está, da humana gente  
Se ajuntão em consilio glorioso,  
Sobre as cousas futuras do Oriente:  
Pisando o cristalino Ceo sermoso,  
Vem pela via Laetea, juntamente  
Conuocados da parte de Tonante,  
Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Deixão dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouverna o Ceo, a Terra, e o Mar y a lo:  
Ali se acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Austro tem, e as partes onde  
A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

Estava o Padre ali sublime e dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellas cristalino,  
Com gesto alto, severo, e soberano,  
Do rosto respirava hum ar diuino,  
Que diuino tornàra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, e ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro, e de perlas, mais abaixo estauão  
Os outros Deoses todos assentados,  
Como a Razão, e a Ordem concertauão:  
Precedem os antiquos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores se assentauão:  
Quando Iupiter alto assy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue e horrendo.  
Eternos

Eternos moradores do luzente  
 Estelifero polo & claro assento,  
 Se do grande valor da forte gente,  
 De Luso, não perdeis o pensamento,  
 Deueis de ter sabido claramente  
 Como he dos fados grandes certo intento  
 Que por ella se queção os humanos,  
 De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o vistes) concedido  
 Cum poder tam singelo & tam pequeno  
 Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
 Pois contra o Castelhana tam temido  
 Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
 Assi que sempre em fim com fama & gloria,  
 Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,  
 Que co a gente de Romulo alcançarão,  
 Quando com Variato, na inimiga  
 Guerra Romana tanto se affamarão.  
 Tambem deixo a memoria, que os obriga  
 A grande nome, quando alevantarão  
 Hum, por seu capitão, que peregrino  
 Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nunca vsadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais satreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue,  
Inclinão seu proposito, & perfia  
A ver os berços, onde nasce o dia

Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada,  
Ia parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E por que, como vijtes, tem passados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, de termino, agasalhados  
Nesta costa Affricana como amigos.  
Etendo guarnecida a lassa frota,  
Tornarão a seguir sua longa rata:  
Estas



CANTO PRIMEIRO. 6.

Estas palauras Iupiter dezia,  
Quando os Deoses por ordem respondendo,  
Na sentença hum do outro disuria,  
Razões diuersas dando & recebendo.  
O padre Baco, ali nam consentia  
No que Iupiter disse, conhecendo  
Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
Se la passar a Lusitana gente.

Ouvindo tinha aos Fados que viria  
Hũa gente fortissimo de Hespanha,  
Pelo mar alto, a qual sojeitaria  
Da India, tudo quanto Doris banha:  
E com nouas victorias venceria,  
A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.  
Altamente lhe doe perder a gloria,  
De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teve o Indo sojugado,  
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso,  
Por vencedor da India ser cantado,  
De quantos bebem a agoa de Parnaso.  
Teme agora que seja sepultado,  
Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
Dagoa do esquecimento, se la chegão  
Os fortes Portugueses, que nauegão,  
Sustentana

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sustentava contra elle *Venus bella*  
Afeiçoada aa gente *Lusitana*,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada sua *Romana*,  
Nos fortes corações, na grande estrela,  
Que mostrarão na terra *Tingitana*:  
E na lingua, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção cre que he a *Latina*.

Estas causas mouião *Cyterea*,  
E mais, porque das *Parcas* claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara *Dea*,  
Onde a gente beligera se estende.  
Assi que hum pela infamia que arrecea,  
E o outro polas honras que pretende,  
Debatem, e na perfia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual *Austrofero*, ou *Boreas* na espessura,  
De siluestre aruoredo abastecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impito e braueza desmedida.  
Brama toda montanha, o som murmura,  
Rompen-se as folhas ferue a serra erguida.  
Tal andava o tumulto leuantado,  
Entre os *Deoses* no *Olimpo* consagrado.

Mas

CANTO PRIMEIRO. 7.

Mas Marte que da Deosa sustentava,  
Entre todos as partes em porfia,  
Ou porque o amor antigo o obrigava,  
Ou porque a gente forte o merecia,  
De entre os Deoses em pee se levantava,  
Merencorio no gesto parecia:  
O forte escudo ao collo pendurado,  
Deitando pera trás medonho e irado.

A viseira do elmo de Diamante,  
Aleuando hum pouco, muy seguro,  
Por dar seu parecer se pos diante  
De Iupiter, armado, forte e duro:  
E dando hũa pancada penetrante,  
Co conto do bastão, no solio puro:  
O ceo tremeo, e Apolo de to uado,  
Hum pouco a luz perdeu, como infiado.

E disse assi, ò padre a cujo imperio,  
Tudo aquillo obedece, que criaste,  
Se esta gente que busca outro Emispherio,  
Cuja valia, e obras tanto amaste:  
Não queres que padeção vituperio,  
Como ha ja tanto tempo que ordenaste  
Não ouças mais, pois es juiz direito,  
Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tam privado:  
Mas esta tenção sua, agora posse,  
Porque em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará alhea enueja,  
O bem que outrem mereçe, e o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam torres por detras pois he fraqueza  
Desistir se da cousa começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, e aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, e onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apousentos.

Em

Em quanto isto se passa, na fermosa  
Casa Eterea do Olimpo omnipotente  
Cortaua o mar a gente belicosa:  
Ia la da banda do Austro, & do Oriente,  
Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
Queimava entam os Deoses, que Tifeô  
Co temor grande em pexes conuertêo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
Como quem o ceo tinha por amigo:  
Sereno o ar, & os tempos se mostrauão  
Sem nuuês, sem receio de perigo:  
O promontorio prasso ja passauão  
Na costa de Ethiopia, nome antiquo.  
Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
Nouas illhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da gama, o forte Capitão,  
Que a tamanhas empresas se offerece,  
De soberbo, & de altiuo coração,  
A quem fortuna sempre fauorece  
Pera se aqui deter, não ve razão,  
Que inhabitada a terra lhe parece:  
Por diante passar determinaua:  
Mas nam lhe soccedeo como cuy daua.

E eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Eis apparecem logo em companhia,  
Hũs pequenos bateis, que vem daquella  
Que mais chegada à terra parecia,  
Cortando o longo mar com larga vella:  
A gente se aluroça, & de alegria  
Nãõ sabe mais que olhar a causa della.  
Que gente sera esta, em si dezião,  
Que costumes, que ley, que Rei teriãõ?

As embarcações erãõ, na maneira  
Muy veloces, estreitas, & compridas,  
As vellas com que vem erãõ de esteira,  
Dũas folhas de Palma bem tecidas:  
A gente da cor era verdadeira,  
Que Phaeton, nas terras acendidas  
Ao mundo deu, de oujado, & nãõ prudente,  
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhãõ vestidos,  
De varias cores, brancos, & listrados,  
Hũs trazem derredor de si cingidos,  
Outros em modo ayroso sobraçados,  
Das cintas pera cima vem despidos:  
Por armas tem adagas, & tarçados.  
Con toucas na cabeça, & nauegando,  
Anafis sonorosos vãõ tocando.

CANTO PRIMEIRO.

2.

Cos panos, & cos braços açenauão,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,  
 Pera que junto aas Ilhas amainassem.  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 (como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas já subia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As mejas manda por em continente,  
 Do licor que Lieo prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
 Quem erão, de que terra, que buscavão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão?  
 Os fortes Lusitanos lhe tornauão,  
 As discretas repostas que conuinhão.  
 Os Portuguezes somos do Occidente,  
 Himos buscando a terras do Oriente.

B

Do

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temõs corrido, & nauegado  
Toda a parte do *Antartico*, & *Calisto*,  
Toda a costa *Affricana* rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:  
Dum Rei potente somos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quiſto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de *Acheronte*.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra *Oriental*, que o *Indo* rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que ſo dos feos *Focas* ſe nauega:  
Mas ja razão parece que ſaibamos,  
Se entre vos a verdade não ſe nega.  
Quem ſois, que terra he eſta que abitais?  
Ou ſe tendes da *India* algũs ſinais?

Somos, hum dos das *Ilhas* lhe tornou,  
Eſtrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, ſam aquelles que criott  
A *Natura* ſem Lei, & ſem Razão:  
Nos temos a Lei certa que inſinou,  
O claro deſcendente de *Abrahão*:  
Que agora tem do Mundo o ſenhorio,  
A mãy *Hebrea* teue, & o pay *Gentio*.  
Eſta



Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala.  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente.  
Tambem sera bemfeito que tenhais,  
Da terra algum refresco, & que o Regente  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente se apartou,  
Com mostras de deuida cortesia:  
Nisto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Christal, o claro dia:  
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
O largo Mundo, em quanto repoujasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer então consigo cuyda, & not a  
Na gente, & na maneira desusada.  
E como os que na errada Seita crêrão,  
Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lũa os claros rayos rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos repousauão,  
Polas couas escuras peregrinas.  
Porem da armada a gente vigiaua,  
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirar-se toda a armada,  
E de todos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia

CANTO PRIMEIRO. 11

Partia alegremente nauegando,  
A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
Com refresco da terra, em si cuidando,  
Que sam aquellas gentes inhumanas:  
Que os apousentos Caspios habitando,  
A conquistar as terras Asianas  
Vierão: & por ordem do destino,  
O Imperio tomarão a Costantina.

Recebe o Capitão alegremente,  
O Mouro, & toda sua companhia,  
Dalhe de ricas peças hum presente,  
Que so pera este effeito ja trazia:  
Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
Não usado licor que dá alegria.  
Tudo o Mouro contente bem recebe,  
E muito mais contente come, & bebe.

Està a gente maritima de Luso,  
Subida pela exarcia, de admirada,  
Notando o estrangeiro modo, & uso,  
E a lingoagem tam barbara & enleada.  
Tambem o Mouro astuto està confuso,  
Olhando a cor, o traje, & a forte armada.  
E perguntando tudo lhe dezia,  
Se por ventura a vinhão de Turquia.

B 3 E mais

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os livros de sua ley, preceito, ou fé,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se sam dos de Christo, como cre:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
Mostra das fortes armas de que vsauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

Responde o valeroso Capitão,  
Por hum que a lingua escura bem sabia:  
Darte ey Senhor illustre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da India tam famosa?

A ley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & injustifical:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por subir os mortais da terra ao ceo.  
Deste

Deſte Deos homem, alto, & infinito,  
Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
Que bem posso escusar trazer eſcripto  
Em papel, o que na alma andar deuia.  
Se as armas queres ver, como tês dito,  
Comprido eſſe deſejo te ſeria:  
Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
Que nunca as queiras ver como inimigo.

Iſto dizendo, manda os diligentes  
Ministros, amoſtrar as armaduras,  
Vem arneſes, & peitos reluzentes,  
Malhas finas, & laminas ſeguras,  
Eſcudos de pinturas diferentes,  
Pilouros, eſpingardas de aço puras,  
Arcos, & ſagittiferas aljauas,  
Partaſanas agudas, chucas brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
As panellas ſulfureas, tam danofas,  
Porem aos de Vulcano nam consente  
Que dem fogo aas bombar das temerofas:  
Porque o generoſo animo, & valente,  
Entre gentes tam poucas, & medroſas,  
Não moſtra quanto pode, & com razão,  
Que he fraqueza entre ouelhas ſer lião.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Poren disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mã de pensamento.  
Nas mostras, & no gesto o não mostrou.  
Mas com risonho, & ledo fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse a India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuãrão,  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Prometelhos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tão danado:  
Que a morte se podesse neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de Dauid nos ensinou,  
Os segredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tanto amigo?  
Partiose

Partiose niſto em fim co a companhia,  
 Das naos o falso Mouro despedido,  
 Com enganosa & grande cortesia,  
 Com gesto ledo a todos, & fingido:  
 Cortarão os bateis a curta via  
 Das agoas de Neptuno, & recebido  
 Na terra do obsequente ajuntamento,  
 Se foy o Mouro ao cognito apouſento:

Do claro aſſento Etereo, o grão Tebano,  
 Que da paternal coxa foy nascido  
 Olhando o ajuntamento Luſitano,  
 Ao Mouro ſer moleſto, & auorrecido:  
 No pensamento cuyda hum falso engano  
 Com que ſeja de todo deſtruydo.  
 E em quanto iſto ſo na alma imaginaua  
 Conſigo eſtas palauras praticaua.

Eſtã do fado ja determinado,  
 Que tamanhas victorias tam famoſas,  
 Ajaõ os Portugueſes alcançado,  
 Das Indianas gentes belicoſas.  
 E eu ſo filho do Padre ſublimado,  
 Com tantas qualidades generoſas:  
 Ey de ſofrer que o Fado fauoreça  
 Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?  
 la quiſerãõ

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ia quizeram os Deoses que tiuesse,  
O filho de Filipo nesta parte,  
Tanto poder, que tudo sometesse  
Debaixo do seu jugo, o fero Marte:  
Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
A tam poucos tamanho esforço, & arte  
Queu co gram Macedonio, & Romano,  
Demos lugar ao nome Lusitan.?

Não sera assy, porque antes que chegado  
Seja este Capitão, astutamente  
Lhe sera tanto engano fabricado,  
Que nunca veja as partes do Oriente:  
Eu decerey aa terra, & o indignado  
Peito, reuoluerey da Maura gente,  
Por que sempre por via yra direita,  
Quem do oportuno tempo se aproueita.

Isto dizendo yrado, & quasi insano,  
Sobre a terra Affricana descendeo,  
Onde veſlindo a forma & gesto humano,  
Pera o Prasso sabido se moueo.  
E por milhor tecer o astuto engano,  
No gesto natural se' conuerteo,  
Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
Velho, sabio, & co Xeque muy valido.  
Entrando



E entrando assy a falar lhe, a tempo & horas,  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que ora de nouo sam chegadas:  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veio, que roubadas,  
 Forão por estes homēs que passauão,  
 Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubos, com incendios violentos:  
 E trazem ja de longe engano vrdido,  
 Contra nos, & que todos seus intentos  
 Sam pera nos matarem, & roubarem,  
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
 De vir por agoa a terra muito cedo,  
 O Capitão dos seus accomponhado,  
 Que da tençam danada nasce o medo:  
 Tu deues de yr tambem cos teus armado  
 Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
 Por que saindo a gente descuydada,  
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se inda não ficarem deste geito,  
Destruydos, ou mortos totalmente,  
Eu tenho imaginada no conceito,  
Outra manha & ardil que te contente:  
Mandalhe dar Piloto, que de geito  
Seja astuto no engano, & tam prudente,  
Que os leue aonde sejam destruydos,  
Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
O Mouro nos tais casos, sabio & velho  
Os braços pelo collo lhe lançou,  
Agradecendo muito o tal conselho:  
E logo nesse instante concertou,  
Pera a guerra o beligero aparelho:  
Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
Em roxo sangue a agoa que buscasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano  
De quem fiar se possa hum feito grande,  
Diz lhe que acompanhando o Lusitano,  
Por tais costas, & mares co elle ande:  
Que se daqui escapar, que la diante  
Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o rayo Apolineo visitava,  
Os Montes Nabatheos acendido,  
Quando Gama cos seus determinava,  
De vir por agoa a terra apercebido:  
A gente nos bateis se concertava,  
Como se fosse o engano ja sabido:  
Mas pode sospeitar-se facilmente,  
Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
De antes pelo Piloto necessario:  
E foilhe respondido em som de guerra,  
Caso do que cuydava muy contrario:  
Por isto, & porque sabe quanto erra,  
Quem se cre de seu perfido aduersario,  
Apercebido vay como podia,  
Em tres bateis samente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
Por lhe defender a agoa desejada,  
Hum de escudo embarcado, & de azagaya,  
Outro de arco encuruado, & seta eruada:  
Esperão que a guerreira gente saya,  
Outros muytos ja postos em cillada.  
E porque o caso leue se lhe faça,  
Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando:  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andar lhe os cães os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguino, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondo se diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroce nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Terriba, fere, & mata & poem por terra.

Eis nos bateis o fogo se levanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coraçam dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
Ia foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso.

Não

Não se contenta a gente Portuguesa:  
 Mas seguindo a victoria estrue, & mata  
 A pouoação sem muro, & sem defesa,  
 Esbombardea, acende, & desbarata.  
 Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,  
 Que bem cuidou comprala mais barata:  
 Ia blasfema da guerra, & maldizia,  
 O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,  
 Sem força, de couarde, & de apressado,  
 A pedra, o pao, & o canto arremessando,  
 Dalhe armas o furor desatinado:  
 Ia a llha, & todo o mais, deseparando,  
 Aa terra firme foge amedrontado.  
 Passa, & corta do mar o estreito braço,  
 Que a llha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,  
 Hum corta o mar a nado diligente,  
 Quem se affoga nas ondas encurvadas,  
 Quem bebe o mar, & o deita juntamente:  
 Arrombão as meudas bombardadas  
 Os Pangaïos sotis da bruta gente.  
 Desta arte o Portugues em fim castiga,  
 A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Tornão victoriosos pera a armada,  
Co despojo da guerra, & rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa  
Ficava a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano,  
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a manutenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
Como em sinal das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado, & ventos tinha,  
Pera yr buscar o ludo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy d'elle alegremente agasa hado:  
E respondendo ao mensageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Desta

Deſta arte deſpedida a forte armada,  
As ondas de Anſitrite diuidia,  
Das filhas de Nerêo acompanhada,  
Fiel, alegre, & doce companhia.  
O Capitão, que não cahia em nada,  
Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:  
Delle muy largamente ſe informaua,  
Da India toda, & costas que paſſaua:

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
Que o maleuolo Baco lhe enſinara  
De morte, ou captiueiro novos danos,  
Antes que aa India chegue lhe prepara,  
Dando razão dos portos Indianos,  
Tambem tudo o que pede lhe declara.  
Que auendo por verdade o que dizia,  
De nada a forte gente ſe temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,  
Com que Synon os Phrigios enganou,  
Que perto eſtã hũa Ilha, cujo aſſento,  
Pouo antigo Chriſtão ſempre abitou:  
O Capitão que a tudo eſtaua a tento,  
Tanto co eſta nouas ſe alegrou,  
Que com didiuas grandes lhe rogaua,  
Que o leue aa terra onde eſta gente eſtaua.

Ho

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Christão lhe manda & pede,  
Que a ilha he possuida da malina  
Gente, que segue o torpe Mahamede:  
Aqui o engano & morte lhe imagina,  
Porque em poder & forças muito excede  
Aa Moçambique, esta Ilha que se chama  
Quíloa, muy conhecida pola fama.

Pera là se inclinava a leda frota:  
Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
Vendo como deixava a certa rota,  
Por yr buscar a morte não cuidada,  
Não consente que em terra tão remota  
Se perca a gente della tanto amada.  
E com ventos contrarios a desuia,  
Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Mouro nam podendo,  
Tal determinação levar auante,  
Outra maldade inica cometendo,  
Ainda em seu proposito constante,  
Lhe diz que pois as agoas discorrendo,  
Os leuãrão por força por diante,  
Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
Erão Christãos com Mouros juntamente.  
Tambem



Tambem nestas palauras lhe mentia,  
Como por regimento em fim leuaua,  
Que aqui gente de Christo não auia:  
Mas a que a Mahamede celebraua.  
O Capitão que em tudo o mouro cria,  
Virando as vellas, a Ilha demandaua:  
Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
Nam entra pela barra, & surge fora.

Estaua a Ilha aa terra tam chegada,  
Que hum estreito pequeno a diuidia,  
Hũa cidade nella situada,  
Que na frente do mar aparecia,  
De nobres edificios fabricada,  
Como por fora, ao longe descõbria,  
Regida por hum Rei de antiqua idade,  
Mombaça he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
Estranhamente ledo, por que espera  
De poder ver o pouo baptizado,  
Como o falso Piloto lhe dissera:  
Eis vem bateis ãa terra com recado  
Do Rei, que ja sabia a gente que era,  
Que Baro muito de antes o auisara,  
Na forma doutro Mouro que tomara.

( 2      O recado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os pensamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano descuberto.  
O grandes & grauíssimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade auorrecida:  
Onde pode acolherse hum fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida?  
Que não se arme, & se indigne o Ceo sereno.  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

## Canto Segundo.

**N**A neste tempo o  
 lucido Planeta,  
 Que as horas vay do dia distin-  
 guindo,  
 Chegaua aa desejada, e lenta Meta,  
 A luz Celeste aas gentes encobriendo:  
 E da casa maritima secreta,  
 Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrindo:  
 Quando as infidas gentes se chegarão  
 Aas naos, que pouco auia que ancorarão.

Dantre elles hum que traz encomendado,  
 O mortifero engano, assi dezia.  
 Capitaõ valeroso, que cortado  
 Tens de Neptuno o reyno, e salsa via,  
 O Rei que manda esta Ilha, aluoracado  
 Da vinda tua tem tanta alegria,  
 Que nam deseja mais que agasalharte,  
 Verte, e do necessario reformarte.

C 3 E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E porque está em estremo desejofo  
De te ver, como cousa nomeada,  
Te roga que de nada receoso,  
Entres a barra, tu com toda armada:  
E porque do caminho trabalhoso,  
Traras a gente debil, e cansada,  
Diz que na terra podes reformala,  
Que a natureza obriga a desejala,

E se buscando vas mercadoria,  
Que produze o aurifero Leuante,  
Canella, Craxo, ardente especiaria,  
Ou Droga salutifera, e prestante:  
Ou se queres luzente pedraria,  
O Rubi fino, o rigido Diamante:  
Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao mensageiro o Capitão responde,  
As palauras do Rei agradecendo,  
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
Não entra pera dentro obedecendo,  
Porem que como a luz mostrar por onde  
Va sem perigo, a frota não temendo,  
Comprira sem receio seu mandado,  
Que a mais por tal senhor está obrigado.

Perguntalhe

Perguntalhe despois, se estão na terra  
Christãos, como o Piloto lhe dizia,  
O mensageiro astuto que não erra,  
Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cria:  
Desta sorte do peito lhe de terra  
Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
Por onde o Capitão seguramente,  
Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
Porque podessem ser auenturados,  
Em casos desta sorte duuidosos:  
Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
Porque notem dos Meuros enganosos,  
A Cidade, & poder, & porque vejão,  
Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,  
Porque a boa vontade que mostrava,  
Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
A qual bem ao contrario em tudo estava.  
Ia a companhia perfi la, enefanda  
Das naos se despedia, & o mar cortava,  
Foram com gestos ledos, & fingidos,  
Os dous da frota em terra recebidos.

C 4 E despois

OS LUSIADAS DE L. DE CA

E despois que ao Rei apresentarão,  
Co recado os presentes que trazião,  
A Cidade correrão, e notarão  
Muito menos daquillo que querião,  
Que os Mouros cautelosos se guardarão  
De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
Que onde reina a malicia, està o receio  
Que a faz imaginar no peito alheio.

Mas aquelle que sempre a mocidade  
Tem no rosto perpetua, e foy nascido  
De duas mãis: que urdia a falsidade,  
Por ver o nauegante destruydo:  
Estava nũa casa da Cidade,  
Com rosto humano, e habito fingido  
Mostrando-se Christão, e fabricava  
Hum altar sumptuoso que adorava.

Ali tinha em retrato affigurada  
Do alto e Sancto Spirito a pintura,  
A candida Pombinha debuxada,  
Sobre a vnica Fenix virgem pura,  
A companhia sancta està pintada,  
Dos doze tam toruados na figura,  
Como os que, so das lingoas que cayrão,  
De fogo, varias lingoas referirão.  
Aqui

CANTO SEGUNDO. 81

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
Onde com este engano Baco estava  
Poem em terra os gíolhos, & os fenidos  
Naquelle Deos, que o mundo governava  
Os cheiros excellentes produzidos,  
Na Panchaia odorifera queimava  
O Thioneu, & assi por derradeiro  
O falso Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agasalhados,  
Com todo o bom, & honesto tratamento  
Os dous Christãos, nam vendo que enganado  
Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
Mas assi como os rayos espalhados  
Do Sol forão no mundo, & num momento,  
Apareceo no rubido Orizonte,  
Na moça de Titão a roxa frente.

Tornão da terra os Mouros co recado  
Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
Os dous que o Capitão tinha mandad  
A quem se o Rei mostrou sincêro amigo:  
E sendo o Portugues certificado,  
De não aver receio de perigo.  
E que gente de Christo em terra avia,  
Dentro no saljo rio entrar queria  
Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Dizem lbe os que mandou que em terra virão,  
Sacras aras, & sacerdote sãnto,  
Que ali se agasalharão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes não sentirão  
Senão contentamento, & gozto tanto:  
Que não podia certo auer sospeita,  
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita,

Co isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subião,  
Que leuemente hum animo se fia,  
De mostras que tão certas parecião:  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que trazião.  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
Armas, & munições, que como vissem  
Que no Rio os nauios ancorauão,  
Nelles ousadamente se subissem:  
E nesta treição determinauão,  
Que os de Luso de todo destruisssem:  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal que em Moçambique tinhão feito.

As



*As ancoras tenaces vão levando,  
Com a nautica grita costumada,  
Da proa as vellas sos ao vento dando,  
Inclinação pera a barra abalisada:  
Mas a linda Ericina, que guardando  
Andava sempre a gente aßmalada:  
Vendo a cilada grande, e tam secreta,  
Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.*

*Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
Com toda a mais cerulea companhia,  
Que porque no salgado Mar nasceo,  
Das agoas o poder lhe obedecia.  
E propondo lhe a causa a que decco,  
Com todos juntamente se partia:  
Pera estoruar que a armada não chegasse  
Aonde pera sempre se acabasse.*

*La na agoa erguendo vão com grande pressa,  
Com as argenteas caudas branca escuma,  
Cloto co peito corta, e atraueßa  
Com mais furor o Mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa,  
Por cima da agoa crespa, em força sumo:  
Abrem caminho as ondas encuruadas,  
De temor das Nereidas apressadas.*

*Nos*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,  
Vay a linda Dione furiosa,  
Não sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo, com carga tam fermosa:  
Ia chegãõ perto donde o vento teso,  
Enche as vellas da frota belicosa.  
Repartense, & rodeão nesse instante  
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em direito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão assopra o vento, a vella inchãdo.  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte não forçando.  
Outras em derredor leuandoa estauão,  
E da barra inimiga a desuiauão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
Leuando o peso grande acomodado,  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo Inverno congelado.  
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostrão vigor nunca esperado.  
Tais andauão as Nymphas estoruando  
Aa gente Portugueja o fim nefando.  
Torna

Torna pera detras a Nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hum bordo, & a outro atrauessando  
O Mestre astuto em vão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estava hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha se aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande estrondo, a Maura gente espanta,  
Como se vissem horrida batalha:  
Nam sabem a razão de furia tanta,  
Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,  
Cuydão que seus enganos sam sabidos,  
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançaão,  
A seus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantaão,  
Saltando nagoa a nado se acolhião:  
De hum bordo & doutro subito saltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.  
Que antes querem ao mar auenturarse,  
Que nas mãos inimigas entregar se.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

*Assi como em seluatica alagoa,  
As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
Se sentem por ventura vir pessoa,  
Estando fora da agoa incautamente,  
Daqui, & dali saltando, o charco soa,  
Por fogir do perigo que se sente,  
E acolhendo se ao couto que conhecem,  
Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.*

*Assi fogem os Mouros, & o Piloto,  
Que ao perigo grande as naos guiâra,  
Crendo que seu engano estava noto,  
Tambem foge saltando na agoa amara:  
Mas por nam darem no penedo immoto,  
Onde percão a vida doce, & cara:  
A ancora solta logo a capitaina,  
Qualquer das outras junto della amaina.*

*Vendo o Gama, atentado a estranheza  
Dos Mouros não cuidada, & juntamente,  
O Piloto fugir lhe com presteza,  
Enterde o que ordenava a bruta gente,  
E vendo sem contrastes, & sem braueza  
Dos ventos, ou das agoas sem corrente,  
Que a Nao passar auante não podia,  
Auendo o por milagre assi dizia.*

*O caso*

O caso grande, estranho, & não cuydado,  
O milagre clarissimo, & euidente,  
O descuberto engano inopinado,  
O perfida inimiga, & falsa gente,  
Quem poderà do mal aparelhado  
Liurar-se sem perigo sabiamente.  
Se la de cima a guarda soberana,  
Nãõ acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia,  
Destes portos, a pouca segurança,  
Bem claro temos visto na apparencia,  
Que era enganada a nossa confiança  
Mas pois saber humano, nem prudencia  
Enganos tam fingidos nam alcança:  
O tu guarda diuina, tem cuidado  
De quem sem ti nam pôde ser guardado.

E se te moue tanto a piedade,  
Desta misera gente peregrina,  
Que so por tua altissima bondade,  
Da gente a saluas, perfida & malina,  
Nalgum porto seguro de verdade:  
Conduzirnos ja agora determina,  
Tu nos amostra a terra que buscamos,  
Pois so por teu seruiço nauégamos.  
Ouuiolhe

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ouvio-lhe estas palauras piadosas,  
A fermosa Dione, e comouida,  
Dantre as Nymphas se vay, que saudosas  
Ficarão desta subita partida:  
La penetra as Estrellas luminosas,  
La na terceyra Esphera recebida  
Auante passa, e la no sexto Ceo  
Pera onde estaua o Padre se moveo.

E como hia afrontada do caminho  
Tão fermosa no gesto se mostraua,  
Queas Estrellas, e o Ceo, e o Ar vizinho,  
Et tudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho  
Hūs espiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foy sempre amada, e cari  
Se lhapresenta assi como ao Troyano,  
Na selua ldea ja se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão,  
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

Os crespos fios dourado se esparzião  
Pelo colo, que a neve escurecia,  
Andando as lacteas tetas lhe tremião,  
Com quem Amor brincava, e não se via.  
Da alua petrina flamas lhe saião,  
Onde o minino as almas acendia.  
Polas lisas colūnas lhe trepauão,  
Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
De quem vergonha he natural reparo,  
Porem nem tudo esconde, nem descobre  
O veio dos roxos lirios pouco auaro:  
Mas pera que o desejo acenda, e dobre,  
Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
La se sentem no Ceo, por toda a parte,  
Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

Emostrando no angelico semblante,  
Co riso hũa tristeza misturada,  
Como dama que foi do incauto amante,  
Em brincos amorosos mal tratada,  
Que se aqueixa, e se ri, num mesmo instante,  
E se torna entre alegre magoada.  
Destá arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,  
Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE I. DE CA.

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,  
Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
Mas pois que contra my te vejo yroso,  
Sem que to merecesse, nem te errasse.  
Façaje como Baco determina,  
Assentarey em fim que fuy mosina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidas vejo,  
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & nisto de mimosa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a fresca rosa.  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedosa:  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Lhe atalha o poderoso, & grão Tonante.  
E destas



E destas brandas mostras comouido,  
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre, qual do Ceo subido,  
 Torna sereno & claro o ar escuro.  
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
 Na face a beija, & abraça o colo puro.  
 De modo que dali, se so se achára,  
 Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
 Como minino da ama castigado,  
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,  
 Por lhe por em sossego o peito yrado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta.  
 Dos fados as entranhas reuoluendo,  
 Desta maneira em fim lhe està dizendo.

Fermosa filha minha não temais  
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberanos:  
 Que eu vos prometo filha que vejais  
 E/quecerense Gregos & Romanos.  
 Pelos illustres feitos que esta gente,  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

D 2 Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se o facundo *Vlisses* escapou,  
De ser na *Ogigia* Ilha, eterno escravo:  
E se *Antenor* os seios penetrou,  
*Iliricos*, & a fonte de *Timauro*.  
E se o piadoso *Eneas* nauegou,  
De *Scila*, & de *Caribdis* o Mar brauo.  
O vossos môres cousas atentando,  
Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

*Fortalezas*, *Cidades*, & altos muros,  
Por elles vereis filha edificados:  
Os *Turcos* belacissimos & duros,  
Delles sempre vereis desbaratados.  
Os *Reis da India* liures, & seguros,  
Vereis ao *Rei* potente sojugados.  
E por elles de tudo em fim senhores,  
Serão dadas na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,  
Por tantos medos o ludo vay buscando,  
Tremor delle *Neptuno* de medroso,  
Sem vento suas agoas encrespando.  
O caso nunca visto, & milagroso  
Que trema, & ferua o *Mar* em calma estado:  
O gente forte, & de altos pensamentos,  
Que tambem della hão medo os *Elementos*.  
Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,  
 Em que vão descansar da longa via,  
 As naos que nauegarem do Occidente.  
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,  
 O mortifero engano, obediente,  
 Lhe pagará tributos, conhecendo,  
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

E vereis o Mar roxo tam famoso,  
 Tornar selhe amarello de insiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & sojugado.  
 Ali vereis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas setas traspassado.  
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,  
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo.  
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,  
 Feitos de armas grandissimos fazendo.  
 Enuejoso vereis o grão Mauorte,  
 Do peito Lusitano, fero & horrendo.  
 Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virá despois a ser senhora,  
De todo o Oriente, & sublimada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali soberba altiua, & exalçada,  
Ao Gentio que os Idolos adora.  
Duro freo porá, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentarse,  
De Cananor, com pouca força & gente.  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa, & tam potente:  
E vereis em Cochim assinalarse,  
Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
Que Citara ja mais cantou victoria,  
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
Nas ciuís Aétias guerras animoso,  
O Capitão venceo Romano injusto,  
Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
Nilo, & do Baetra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & presa rica,  
Preso da Egipcia linda & não pudica.  
Como

Como vereis o mar feruendo aceso,  
 Cos incendios dos vossos pelejando,  
 Leuando o Idololatra, e o Mouro preso,  
 De nações differentes triumphando.  
 E sogeita a rica Aurea Chersonezo,  
 Ate o longico China nauegando.  
 E as llhas mais remotas do Oriente,  
 Serlhe a todo o Oceano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
 Amosstrarão esforço mais que humano,  
 Que nunca se vera tam forte peito,  
 Do Gangetico mar ao Geditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
 Que mostrou o agrauado Lusitano:  
 Posto que em todo o mundo, de affrontaões  
 Resucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado  
 Filho de Maia aa terra, por que tenha,  
 Hum pacifico porto, e sossegado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha:  
 E pera que em Mombaça, auenturado  
 O forte Capitão se não detenha,  
 Lhe mada mais, que em sonhos lhe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

la pelo ar o Cyleneo voava,  
Com as asas nos pês aa terra deçe,  
Sua vara fatal na mão leuava,  
Com que os olhos cansados adormece:  
Com esta, as tristes almas reuocaua,  
Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.  
Na cabeça o galêro costumado,  
E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
Do Lusitano, o preço grande, & raro,  
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
E faz a quem o tem, amado & caro.  
Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
Co rumor famosissimo, & perclaro.  
La Melinde em desejos arde todo,  
De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
Aonde as naos estauão temerosas,  
Pera que aa gente mande que se aparte,  
Da barra imiga, & terras sospeitosas:  
Porque muy pouco val esforço, & arte,  
Contra infernais vontades enganosas:  
Pouco val coração, astucia, & siso,  
Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,  
E as Estrellas no Ceo co a luz alheia,  
Tinão o largo Mundo alumiado,  
E so co sono a gente se recreia.  
O Capitão illustre , ja cansado,  
De vigiar a noite, que arreceia,  
Breue repouso antam aos oll os daua,  
A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe appareçe,  
Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
Da cilada que o Rei maluado teçe,  
Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,  
Serenos o tempo tês, & o Oceano,  
E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
Onde podes seguro agasalharee.

Não tens aqui se não aparelhado,  
O hospicio que o cru Diomedes daua,  
Fazendo ser manjar acostumado,  
De cauallos a gente que hospedaua:  
As aras de Busiris infamado,  
Onde os hospedes tristes imolaua.  
Teràs certas aqui, se muito esperas,  
Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaile

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Vaite ao longo da costa discorrendo,  
E outra terra acharás de mais verdade  
La quasi junto donde o Sol ardendo,  
Iguala o dia, e noite em quantidade:  
Ali tua frota alegre recebendo  
Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
Casalhado seguro te daria,  
E pera a India certa e sabia guia.

Isto Mercurio disse, e o sono leua  
Ao Capitão, que com muy grande espanto  
Acorda, e ve ferida a escura treua,  
De hũa subita luz, e rayo sancto:  
E vendo claro quanto lhe releua,  
Nã se deter na terra iniqua tanto.  
Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,  
Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,  
Que o Ceo nos fauorece, e Deos o manda,  
Que hum mensageiro vi do claro assento  
Que so em fauor de nossos passos anda:  
Aleuantase nisto o mouimento,  
Dos marinheiros, de hũa e de outra banda,  
Leuã gritando as ancoras acima,  
Mostrando a ruda força, que se estima.  
Neste



Neste tempo, que as ancoras leuauão,  
Na sombra escura os Mouros escondidos,  
Mansamente as amarras lhe cortauão,  
Por serem, dando aa costa, destruydos:  
Mas com vista de Lincez vigiauaõ,  
Os Portugueses sempre apercebidos.  
Elles como acordados os sentirão,  
Voando, e não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,  
Hião as vias humidas de argento,  
Assopralhe galerno o vento, e brando,  
Com suaue e seguro mouimento,  
Nos perigos passados vão falando,  
Que mal se perderão do pensamento,  
Os casos grandes, donde em tanto aperto  
A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
E noutra começaua, quando virão  
Ao longe dous nauios, brandamente  
Cos ventos nauegando, que respirão,  
Porque auião de ser da Maura gente,  
Pera elles arribando, as vellas virão.  
Hum de temor do mal que arreceaua,  
Por se salvar a gente aa costa daua.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não he o outro que fica tão manhoso:  
Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
Sem o rigor de Marte furioso,  
E sem a furia horrenda de Vulcano,  
Que como fosse debil & medroso,  
Da pouca gente o fraco peito humano:  
Não teue resistencia, & se a tiuêra,  
Mais d'ão resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejasse,  
Piloto pera a India que buscava,  
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
Mas não lhe soccedeo como cuidava,  
Que nenhum delles ha que lhe infiasse  
A que parte dos Ceos a India estava.  
Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
Melinde onde achârão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
Condiçam liberal, sincero peito,  
Magnificencia grande, & humanidade,  
Com partes de grandissimo respeito.  
O Capitão o assella por verdade,  
Porque ja lho dissera deste geito,  
O Cyleneo em sonhos, & partia,  
Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.  
Era

Era no tempo alegre quando entrava,  
 No roubador de Europa a luz Febea,  
 Quando hum, & o outro corno lhe aquentava  
 E Flora derramava o de Amalthea:  
 A memoria do dia renouava,  
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.  
 Em que aquelle, a quem tudo está fogueito,  
 O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota aaquella parte,  
 Onde o Reino Melinde ja se via,  
 De toldos adornada, & leda de arte  
 Que bem mostra estimar o Sancto dia:  
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,  
 A cor porpurea ao longe aparecia.  
 Soão os atambores & pandeiros,  
 E assi entraão ledos & guerreiros.

En he se toda a praya Melindana,  
 Da gente que vem ver a leda armada,  
 Gente mais verdadeira, & mais humana  
 Que to li a doutra terra atras deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana,  
 Pega no findo a ancora pesada.  
 Man lão fora hum dos Mouros q̄ tomãrão,  
 Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.  
 O Rei

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O Rei que ja sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, e pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece.  
Lhe manda rogar muyto que saisssem,  
Pera que de seus Reinos se seruisssem.

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palaura sinceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar e terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas ceuadas,  
Com as fructas que antam na terra auia,  
E a vontade aa dadina excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O mensageiro ledo, e seu recado,  
E logo manda ao Rei outro presente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramoso coral fino, e prezado.  
Que debaxo das agoas mole crece,  
E como he fora dellas se endurece.  
E manda

Manda mais hum na pratica elegante,  
Que co Rei nobre as pazes concertasse,  
E que de não sair naquelle instante,  
De suas naos em terra o desculpasse.  
Partido assi o embaixador prestante,  
Como na terra ao Rei se apresentasse:  
Com estillo que Palas lhe ensinava,  
Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
Foy da suma Iustica concedido,  
Refrear o soberbo pouo duro,  
Não menos d'elle amado, que temido,  
Como porto muy forte, & muy seguro,  
De todo o Oriente conhecido:  
Te vimos a buscar, pera que achemos  
Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando  
Pelas fracas cidades descuidadas,  
A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
Por roubarlhe as fazendas cubiçadas:  
Mas da soberba Europa nauegando,  
Himos buscando as terras apartadas  
Da India grande, & rica, por mandado  
De hum Rei que temos, alto, & sublimado.

Que

OS: LUSIADAS: DE L. DE CA:

Que geração tam dura abi de gente?  
Que barbaro costume, & vsança fea,  
Que não vedem os prtos, tam somente:  
Mas inda o hospicio da deserta area?  
Que ma tençam? que peito em nos se sente?  
Que de tam pouca gente se arretea.  
Que com laços armados tam fingidos,  
Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
Acharse mais verdade, ô Rei benigno,  
E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
A teu porto seguros nauegamos,  
Conduzidos do interprete diuino.  
Que pois a ti nos manda, està muy claro,  
Que es de peito sincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não saisse,  
O nosso Capitão esclarecido  
A verte, ou a servirte, porque visse  
Ou sospetasse em ti peito fingido:  
Mas saberas que o fez porque comprisse,  
O regimento em tudo obedecido,  
De seu Rei, que lhe manda que nam saia,  
Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.  
E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,  
Que os membros tem regidos da cabeça  
Não quereras, pois tẽs de Rei o officio,  
Que ninguem a seu Rei desobedeça:  
Mas as merces, & o grande beneficio,  
Que ora acha em ti, promete que conheça  
Em tudo aquillo que elle & os seus poderem,  
Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assi dizia, & todos juntamente,  
Hũs com outros em pratica fallando,  
Louuauão muito o estamago da gente,  
Que tantos Ceos & mares vai passando,  
E o Rei illustre, o peito obediente,  
Dos Portugueses, na alma imaginando.  
Tinha por valor grande, & muy subido,  
O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,  
Responde ao Embaixador, que tanto estima  
Toda a sospeita mà tiray do peito,  
Nenhum frio temor em vos se imprima:  
Que vosso preço, & obras sam de geito,  
Pera vos ter o mundo em muyta estima.  
E quem vos fez mollesto tratamento,  
Não pode ter sobido pensamento.

E De

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De não sair em terra toda a gente,  
Por observar a usada preminencia,  
Ainda que me pese estranhamente,  
Em muito tenho a muita obediencia.  
Mas se lho o regimento não consente,  
Nem eu consentirey que a excellencia,  
De peitos tão leais em si desfaça,  
So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crastina chegada,  
Ao mundo for, em minhas almadias,  
Eu irey visitar a forte armada,  
Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
E se vier do mar desbaratada,  
Do furioso vento, & longas vias:  
Aqui tera, de limpos pensamentos  
Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
O filho de Latona, & o mensageiro  
Coo embaixada alegre se partia  
Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
Enchem se os peitos todos de alegria,  
Por terem o remedio verdadeiro,  
Pera acharem a terra que buscavao,  
E assi ledos a noite festejavão.

Não



Não faltão ali os raios de arteficio,  
Os tremulos Cometas imitando,  
Fazem os Bombardeiros seu officio:  
O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
Nas bombas que de fogo estão queimando,  
Outros com vozes, com que o Ceo ferião,  
Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,  
Corayo volteando, com zomido,  
Anda em giros no ar a roda ardente,  
Estoura o po sulfureo escondido:  
A grita se aleuanta ao Ceo, da gente,  
O Mar se via em fogos acendido:  
E não menos a terra, & assi festeja  
Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
As gentes incitava a seu trabalho,  
E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
Ao sono longo punha certo atalho:  
Hião se as sombras lentas desfazendo,  
Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
Quando o Rei Milindano se embarcaua  
A ver a frota que no mar estava.

E 2 Vião se

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Vião se em derredor feruer as prayas  
Da gente, que a ver so concorre leda,  
Luzem da fina purpura as cabaias,  
Lustrão os panos da tecida seda:  
Em lugar de guerreiras azagaias,  
E do arco, que os cornos arremeda  
Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
Vinha de sedas de diuersas cores,  
Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
De nobres de seu Reino, & de senhores:  
Vem de ricos vestidos adornado,  
Segundo seus costumes, & primores.  
Na cabeça hũa fota guarnecida,  
De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
Da Tiria cor, entre elles estimada,  
Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
Onde a materia da obra he superada,  
Cum resplendor reluze Adamantino,  
Na cinta, a rica adagá bem laurada.  
Nas alparcas dos pês, em fim de tudo,  
Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 Nua alta & dourada astea enxerido,  
 Hum ministro aa solar quentura veda,  
 Que não offenda & queime o Rei subido:  
 Musica traz na proa, estranha & leda,  
 De aspero som, horriſſimo ao ouuido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,  
 Nos ſeus bateis da frota ſe partia,  
 A receber no mar o Melindano,  
 Com luſtroſa & honrada companhia:  
 Veſtido o Gama vem ao modo Hispano:  
 Mas Franceſa era a roupa que veſtia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmeſi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a viſta cega:  
 As calças ſoldadeſcas recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do meſmo delicadas,  
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
 Ao Italico modo a aurea eſpada,  
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

E 3 Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,  
Da tinta que da o Múrice excelente,  
A varia cor, que os olhos alegrava,  
E a maneira do traje diferente:  
Tal o fermoso esmalte se notava,  
Dos vestidos olhados juntamente:  
Qual aparece o arco rutilante,  
Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,  
Os animos alegres resoando  
Dos Mouros os bateis o Mar co. lhauão,  
Os toldos pelas agoas arrojando:  
As bombardas horriſſonas.bramando,  
Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
Ameudam se os brados acendidos,  
Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

Ja no batel entrou do Capitão  
O Rei, que nos seus braços o leuava,  
Elle coa cortesia, que a razão  
(Por ser Rei) requeria, lhe fallava.  
Cũas mostras de espanto, e admiração,  
O Mouro o gesto, e o modo lhe notava,  
Como quem em muy grande estima tinha,  
Gente que de tam longe à India vinha.  
E com

E com grandes palauras lhe offereçe,  
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe falleçe,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Diz lhe mais, que por fama bem conheçe  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
 Quando nella ganharão a coroa  
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que os de Luso merecerão:  
 E o mais que pela fama o Rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana.  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros não podemos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Tu so de todos quantos queima Apolo,  
Nos recebes em paz do Mar profundo  
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
Refugio achamos bom, fido, & jocundo:  
Em quanto apacentar o largo Polo,  
As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
Onde quer que eu viuer, com fama & gloria  
Viuirão teus lououres em memoria.

Não dizendo, os barcos vão remando,  
Pera a frota, que o Mouro ver deseja  
Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
Porque de todas tudo note, & veja:  
Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
A frota co as bombardas o festeja,  
E as trombetas canoras lhe tangião,  
Cos anafis os Mouros respondião.

Mas despois de ser tudo ja notado,  
Do generoso Mouro, que pasmaua,  
Ouuindo o instrumento inusitado,  
Que tamanho terror em si mostraua,  
Mandaua estar quieto, & ancorado,  
Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
Por fallar de vagar co forte Gama,  
Nas cousas de que tem noticia, & fama.  
Em

Em praticas o Mouro diferentes,  
 Se delectaua, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas & excellentes,  
 Co pouo áuidas, que a Masoma adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hyspheria vltima, onde mora:  
 Agora pelos pouos seus vezinhos,  
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,  
 Nos conta, lhe dezia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & região  
 Do Mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geração,  
 E o principio do Reino tam potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
 Longos, em que te traz o Mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Affrica ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os cauалlos que o carro marchetado,  
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.  
 E não

OS LUSIADAS DE L. DE CAI


E não menos co tempo se parece,  
O desejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama não conhce,  
As obras Portuguesas singulares:  
Não tanto desuiado resplandece,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,  
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão horrendo & escuro,  
Se ouue feitos no mundo tam possantes,  
Não menos he trabalho illustre, & duro,  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do sucil Tesifonio fabricado,  
Horostrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome' auentajado.  
Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.



 Canto Terceiro.


Gora tu Caliope

me ensina,

O que contou ao Rei, o illustre  
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Assi o claro inuentor da Medicina,  
De quem Orpheo pariste, o linda Dama:  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothôe  
Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,  
Como merece a gente Lusitana,  
Que veja & saiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana,  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banhar-me Apolo na agoa soberana.  
Senão direy, que tês algum receio,  
Que se escureça o teu querido Orpheio.

Promptos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauão todos escuitando,  
O que o sublime Gama contaria  
Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,  
Aleuantando o rosto, assi dizia:  
Mandas me, o Rei, que conte declarando,  
De minha gente a grão geanalosia:  
Não me manda contar estranha historia:  
Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço albeio,  
Cousa he que se costuma, & se deseja:  
Mas louuar os meus proprios, arreceio,  
Que louuor tão sospeito mal me esteja,  
E pera dizer tudo, temo & creio,  
Que qualquer longo tempo curto seja:  
Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
He não poder mentir no que disser,  
Porque de feitos tais, por mais que diga,  
Mais me ha de ficar inda por dizer:  
Mas porque nisto a ordem leue & siga,  
Segundo o que desejas de saber.  
Primeiro tratarey da larga terra,  
Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senhorea,  
 Meta Septentrional do Sol luzente,  
 E aquella, que por fria se arrecea  
 Tanto, como a do meyo por ardente,  
 Iaz a soberba Europa, a quem rodea,  
 Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
 Com suas faldas ondas o Oceano,  
 E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
 Com Asia se auizinha : mas o Rio  
 Que dos montes Rifeios vay correndo,  
 Na alagoa Meotis, curuo & frio  
 As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
 Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
 Onde agora de Troia triunfante,  
 Não vê mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
 Os montes Hyperboreos aparecem,  
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
 E co nome do sopros, se ennobrecem,  
 Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
 Os rayos que no mundo resplandecem.  
 Que a neué està contino pelos montes,  
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiuerão, sobre a humana antiguidade,  
Cos que tinham antão a Egipcia terra:  
Mas quem tão fora estava da verdade,  
(Ia que o juyzo humano tanto erra.)  
Pera que do mais certo se informára,  
Ao campo Damasceno o perguntára.*

*Agora nestas partes se nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,  
Escandinauia lha, que se arrca,  
Das victorias que Italia não lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
O congelado Inverno, se nauega.  
Hum braço do Sarmatico Occeoano,  
Pelo Brusio, Sueio, & frio Dano.*

*Entre este Mar, & o Tanais viue estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios  
Sujeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.  
Entre*

Entre o remoto Istro, & o claro estreito,  
Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
Estão os Traces de robusto peito,  
Do fero Marte, patria tam querida,  
Onde co Hemo, o Rodope sugeito  
Ao Otomano está, que sometida,  
Bizancio tem a seu seruiço indino,  
Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
A quem lava do Axio a agoa fria:  
E vos tambem, o terras excelentes,  
Nos costumes, engenhos, & ousadia,  
Que criastes os peitos eloquentes,  
E os juizos de alta fantasia:  
Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
Enão menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,  
Onde Antenor ja muros leuanteou,  
A soberba Veneza está no meio  
Das agoas, que tam baxa começou  
Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
De esforço, nações varias sogeitou,  
Braço forte, de gente sublimada,  
Não menos nos engenhos que na espada.

Em torno

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturais, por outra parte,  
Pelo meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illustre fez o patrio Marte:  
Mas despois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre està ja de antiga potestade,  
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verà, que nomeada,  
Cos Cesareos Triumfos foy no mundo,  
Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha sepultada  
Pyrene se aleuantão, que segundo  
Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, & de prata antão correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo senborio & gloria estranha,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderà, com força, ou manha,  
A fortuna inquieta porlhe nodar:  
Que lha não tire o e forço & ousadia,  
Dos belicofos peitos, que em si cria.

Com

Com Tingitania entesta, e ali parece  
Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
Onde o sabido estreito se ennobrece,  
Co extremo trabalho do Thebano:  
Com nações diferentes se engrandece,  
Cercadas com as ondas do Oceano.  
Todas de tal nobreza, e tal valor,  
Que qualquer dellas cuida que he melhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
Sujeitando Partênope inquieta,  
O Navarro, as Asturias, que reparo  
la forão, contra a gente Mahometa,  
Tem o Galego cauto, e o grande e raro  
Castelhano, a quem fez o seu Planeta,  
Restituidor de Espanha, e senhor della,  
Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
De Europa toda, o Reino Lusitano,  
Onde a Terra se acaba, e o Mar começa,  
E onde Febo repousa no Oceano:  
Este quis o Ceo justo, que floresa  
Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
Deitando o de si fora, e la na ardente  
Affrica estar quieto o nam consente.

E Esta he

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo.  
Esta foy Lusitania diriuada,  
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,  
Filhos forão parece, ou companheiros,  
E nella antam os Incolas primeiros.

DeSta o Pastor nasceo, que no seu nome  
Se ve, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreue:  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,  
Veo a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguinas, força & manha  
A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deste Rei a fama estranha,  
Do Herculano Calpe aá Caspia Serra,  
Muitos, pera na guerra esclarecerse,  
Vinhão a elle, & aa morte offerecerse.  
E com



E com hum amor intrinseco acendidos  
Da Fè, mais que das honras populares,  
Erão de varias terras conduzidos,  
Deixando a patria amada, & proprios lares  
Despois que em feitos altos & subidos.  
Se mostrarão nas armas singulares.  
Quis o famoso Affonso, que obras tais,  
Leuassem premio digno, & dões igoais.

Destes Anrique dizem que segundo,  
Filho de hum Rei de Vngria experimentado,  
Portugal ouue em sorte, que no Mundo  
Entam não era illustre, nem prezado:  
E pera mais sinal damor profundo,  
Quis o Rei Castelhana, que casado,  
Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,  
Da escrava Agar, victorias grandes teue,  
Ganhando muitas terras adjacentes,  
Fazendo o que a seu forte peito deue.  
Em premio destes feitos excellentes,  
Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,  
Hum filho, que illustrasse o nome vfano  
Do belicoso Reino Lusitano.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Já tinha vindo Anrique da conquista,  
Da cidade Hyerosolima sagrada,  
E do Jordão a area tinha vista,  
Que vio de Deos a carne em si lauada,  
Que não tendo Gotfredo a quem resistia,  
Depois de ter Iudea sojugada.  
Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
O forte & famoso Vngaro estremado,  
Forçado da fatal necessidade,  
O spirito deu, a quem lho tinha dado:  
Ficava o filho em terra mocidade,  
Em quem o pay deixava seu traslado:  
Que do Mundo os mais fortes igualava,  
Que de tal pay tal filho se esperava.

Mas o velho rumor, não sey se errado,  
Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
Conta que a mãy tomando todo o estado  
Do segundo Hymeneo, não se despreza:  
O filho orfão deixava deserdado,  
Dizendo que nas terras, a grandeza  
Do senhorio todo, so sua era,  
Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
 Se chamaua, do Auô tomando o nome,  
 Vendose em suas terras não ter parte,  
 Que a mãy com seu marido as mãda & come,  
 Feruendo lhe no peito o duro Marte,  
 Imagina consigo como as tome.  
 Reuoluidas as causas no conceito,  
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,  
 Co sangue proprio da intestina guerra,  
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,  
 A seu filho negaua o amor, & a terra,  
 Co elle posta em campo ja se via,  
 E não ve a soberba, o muito que erra.  
 Contra Deos, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sensual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,  
 Se em vossos propios filhos vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
 Olhay que inda Teresa peca mais:  
 Incontinencia ma, cubiça fea,  
 São as causas deste erro principais.  
 Scilla por hũa mata o velho pay,  
 Esta por ambas, contra o filho vay.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
Do padrao e da inica m̃ay leuaua,  
Ia lhe obedece a terra num momento,  
Que primeiro contra elle pelejaua.  
Porem vencido de Ira o entendimento,  
A m̃ay em ferros asperos ataua:  
Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhana,  
Pera vingar a injuria de Teresa,  
Contra o tam raro em gente Lusitano,  
A quem nenhum trabalho agraua, ou pesã:  
Em batalha cruel, o peito humano,  
Ajudado da Angelica defesa.  
Não so contra tal furia se sustenta:  
Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte  
Principe, em Guimarães está cercado,  
De infinito poder, que desta sorte,  
Foy refazerse o inimigo magoado:  
Mas com se offerecer aa dura morte,  
O fiel Egas amo, foy liurado.  
Que de outra arte podêra ser perdido,  
Segundo eslaua mal apercebido.

Mas

Mas o leal vassallo conhecendo,  
Que seu senhor não tinha resistencia,  
Se vay ao Castelhana, prometendo,  
Que elle faria darlhe obediencia.  
Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
Fiado na promessa, e consciencia  
De Egas moniz mas não consente o peito  
Do moço illustre, a outrem ser fogueito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
Em que o Rei Castelhana ja agoardaua,  
Que o Principe a seu mando sometido,  
Lhe desse a obediencia que esperaua.  
Vendo Egas, que ficaua fementido,  
O que delle Castella não cuydaua,  
Determina de dar a duce vida,  
A troco da palaura mal comprida.

E com seus filhos e molher se parte,  
A aleuamar co elles a fiança,  
Descalços, e despídos, de tal arte,  
Que mais moue a piedade que a vingança.  
Se pretendes Rei alto de vingarte,  
De minha temeraria confiança,  
Dizia, eis aqui venho offerecido,  
A te pagar co a vida o prometido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ves aqui trago as vidas innocentes,  
Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
Se a peitos generosos, & excellentes,  
Dos fracos satisfaz a fera morte.  
Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,  
Nellas sos exprimenta, toda sorte  
De tormentos, de mortes, pelo estillo  
De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,  
Que ja na vida a morte tem bebido,  
Poem no cepo a garganta: & ja entregado,  
Espera pelo golpe tam temido:  
Tal diante do Principe indinado,  
Egas estaua a tudo offerecido:  
Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,  
De vassillo, que a tanto se obrigaua,  
Que mais o Persa fez naquella empresa,  
On se rosto & narizes se cortaua,  
Do que ao grande Dario tanto pesa,  
Que mil vezes dizendo suspiraua.  
Que mais o seu Zopiro são prezâra,  
Que vinte Babilonias que tomâra

Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,  
 O Lusitano exercito diuoso,  
 Contra o Mouro que as terras habitaua,  
 Dalem do claro Tejo deleitoso:  
 Ia no campo de Ourique se assentaua,  
 O arraial soberbo, & belicoso:  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Posto que em forca, & gente tam pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,  
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,  
 Que tam pouco era o pouo baptizado,  
 Que pera hum so cem Mouros aueria.  
 Julga qualquer juyzo soffegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama,  
 Todos exprimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,  
 Imitando a fermosa & forte Dama,  
 De quem tanto os Troyanos se ajudârão,  
 E as que o Termodonte ja gostârão.

*A matutina*

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Amatucina luz serena, e fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando se a Affonso o animaua:  
Elle adorando quem lhe aparecia,  
Na Fê todo inflamado assi gritaua:  
Aos infieis Senhor, aos infieis,  
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por seu Rei natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos e vozes incitado,  
Pola montanha o rabido Moloso,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiró que forçoso,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do braço a força horrenda se quebranta.

Tal



Tal do Reino, o estomago acendido,  
 Por Deos & polo pouo juntamente,  
 O barbaro comete apercebido,  
 Co animoso exercito rompente:  
 Leuantão nisto os perros o alarido  
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,  
 As lanças & arcos tomão, tubas soão,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateada,  
 Foi nos aridos campos (asoprando  
 O sibilante Boreas) animada  
 Co vento, o seco mato vay queimando:  
 A pastoral companhia, que deitada,  
 Co doce sono est. uia, despertando,  
 Ao estridor do fogo que se atea,  
 Recolhe o fato, & foge pera a aldea.

Desta arte o Mouro atonito & toruado,  
 Toma sem tento as armas muy depressa,  
 Não foge: mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa:  
 O Portugues o encontra denodado,  
 Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
 Hús caem meios mortos, & outros vão  
 A ajuda conuocando do Alcorão.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,  
Pera se desfazer hũa alta serra,  
E os animais correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, & forçosos,  
Por toda a parte andava acesa a guerra:  
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono & sem sentido,  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do sangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano  
Recolhendo os trofeos & presa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram Rei no campo fica:  
Aqui pinta no branco escudo vſano,  
Que agora esta victoria certifica:  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em final destes cinco Reis vencidos.

E nestes

En estes cinco escudos pinta os trinta  
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
 Escreuendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem foy favorecido,  
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
 Porque assi fica o numero comprido:  
 Contando duas vezes o do meio,  
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada  
 Era esta grão victoria, o Rei subido  
 A tomar vay Leiria, que tomada  
 Fora muy pouco auia, do vencido:  
 Com esta a forte Arronches sojugada  
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro, cujo campo ameno,  
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 E nas serras da Lua conhecidas,  
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
 Sintra onde as Naiades escondidas  
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
 Onde Amor as enreda brandamente,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*E tu nobre Lisboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princeza,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acesa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedeceste aa força Portuguesa.  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.*

*La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o pouo Sarraceno,  
Muitos com tenção sancta erão partidos,  
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Affonso unidos:  
Cuja alta fama antão subia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.*

*Cinco vezes a Lúa se escondêra,  
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,  
Quando a Cidade entrada se rendêra,  
Ao duro cerco, que lhe estaua posto.  
Foy a batalha tam sanguina & fera,  
Quanto obrigaua o firme prosuposto:  
De vencedores asperos, & ousados,  
E de vencidos, ja desesperados.*

*- Desta*

CANTO TERCEIRO. <sup>6.</sup>

Deſta arte em fim tomada ſe rendeo,  
Aquelle que nos tempos ja paſſados  
Aa grande força nunca obedeceo,  
Dos frios pouos Sciticos ouſados:  
Cujõ poder a tanto ſe eſtendeo,  
Que o lbero o rio, & o Tejo amedrontados.  
E em fim co Betis tanto algum podêrão,  
Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura  
Auera que refiſta, ſe Lisboa  
Nãõ pode refiſtir aa força dura  
Da gente, cuja fama tanto voa.  
Ia lhe obedece toda a Eſtremadura,  
Obidos, Alanquer, por onde ſoa  
O tom das freſcas agoas, entre as pedras,  
Que murmurando laua, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras tranſtaganas,  
Affamadas co dom da flaua Ceres,  
Obedeceis aas forças mais que humanas,  
Entregando lhe os muros, & os poderes.  
E tu laurador Mouro, que te enganas,  
Se ſuſtentar a fertil terra queres.  
Que Eluas, & Moura, & Serpa conhecidas,  
E Alcaçare do ſal, eſtão rendidas.

Eis

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem sustentar de longo a terra, e a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento e cento  
Nos ares se alevantão nobremente.  
Obedeceo, por meio e ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancojo destruida,  
Affonso que não sabe solegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Não se lhe pode muito sustentar  
A Cidade: mas sendo ja rendida,  
Em toda a cousa viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,  
E a piscosa Cizimbra, e juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, e vio o a Serra della,  
Que a socorrella vinha deligente.  
Pela fralda da Serra descuydado,  
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
 Com quatro mil caualllos furiofos,  
 Innumer os piões , darmas & de ouro  
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro  
 Cos cuimes da vaca, arreceofos,  
 Sentindo gente o bruto, & cego amante  
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado,  
 Na gente da, que passa bem segura,  
 Fere, mata, derriba denodado,  
 Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,  
 Dum Panico terror todo asombrado,  
 So de seguillo o exercito procura.  
 Sendo estes que fizerão tanto aballo,  
 Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,  
 O grão Rei incansabil, ajuntando  
 Gentes de todo o Reino, cuja vsança  
 Era andar sempre terras conquistando,  
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer aas outras companhia.

G Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O castigo daquelle que o merece,  
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,  
Ou por segredos que homem não conhece,  
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,  
Dos perigos a que elle se offerece.  
Agora lhe não deixa ter defesa,  
Da maldição da mãy que estaua presa.

Que estando na cidade que cercâra,  
Cercado nella foy dos Lioneses,  
Porque a conquista della lhe tomâra,  
De Lião sendo, & não dos Portugueses.  
A pertinacia aqui lhe custa cara,  
Assi como acontece muyt as vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,  
De teus feitos illustres a ruyna,  
Nem ver que a justa Nemesis ordene,  
Ter teu sogro de ti victoria dina,  
Posto que o frio Fasis, ou Syene  
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:  
O Bootes gellado, & a linha ardente,  
Temessem o teu nome geralmente.

Posto



Posto que a rica Arabia, & que os ferozes  
 Eniocos, & Colcos, cuja fama  
 O Veo dourado estende: & os Capadozes,  
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,  
 E que o molles Sofenos, & os Atroces,  
 Silicios, com a Armenia, que derrama,  
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte  
 Está noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,  
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido  
 Ia vencedor te vissem, não te espante  
 Se o campo Emathio so te vio vencido,  
 Porque Affonso veras soberbo & ouante,  
 Tudo render, & ser despois rendido.  
 Assim o quis o conselho alto celeste,  
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,  
 Do diuino juyzo castigado,  
 Despois que em Santarem soberbamente,  
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
 E despois que do martyre Vicente,  
 O sanctissimo corpo venerado.  
 Do sacro promontorio conhecido,  
 Aa cidade Vlissea foy trazido.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque leuasse auante seu desejo,  
Ao forte filho manda o lasso velho,  
Que aas terras se passasse dalentejo,  
Com gente, e co beligero aparelho:  
Sancho, desforço e danimo sobejo,  
Auante passa, e faz correr vermelho,  
O rio que Seuilha vay regando,  
Co sangue mauro, barbaro e nefando.

E com esta victoria cobiçoso,  
Ia não descansa o moço ate que veja,  
Outro estrago como este, temeroso  
No barbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o Principe ditoso,  
Sem ver o fim daquillo que deseja.  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa  
O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
Ia vem do promontorio de Ampelusa,  
E do Tinge que assento foy de Anteo.  
O morador de Abila não se escusa,  
Que tambem com suas armas se moueo:  
Ao som da Mauritana e ronca tuba,  
Todo o Reino que foy do nobre Iuba.  
Entraua

Entraua com toda esta companhia,  
 O Miralmomini em Portugal  
 Treze Reis mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal.  
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
 Porem não lhe socede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,  
 Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,  
 Mina secreta, Ariete forçoso:  
 Porque o filho de Affonso, não perdendo  
 Nada do esforço, & acordo generoso,  
 Tudo prouê com animo & prudencia,  
 Que em toda a parte ha esforço & resistencia

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado  
 Os trabalhosos annos, ao sosiego,  
 Estando na Cidade, cujo prado  
 Enuerdecem as agoas do Mondego:  
 Sabendo como o filho está cercado,  
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
 Se parte diligente da Cidade,  
 Que não perde a presteza co a idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eco a famosa gente à guerra usada,  
Vay socorrer o filho, e assi ajuntados,  
A Portuguesa furia costumada,  
Em breue os Mouros tem desbaratados:  
A campina que toda està qualhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cauallos, jaezes, presa rica,  
De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio  
De Lusitania, postos em fugida,  
O Miralmomim so não fogio,  
Porque antes de fogir lhe fogue a vida,  
A quem lhe esta victoria permitio,  
Dão louvores e graças sem medida:  
Que em casos tão estranhos claramente,  
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,  
O velho Affonso, Principe subido,  
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,  
Da larga, e muita idade foi vencido,  
A palida doença lhe tocaua,  
Com fria mão o corpo enfraquecido:  
E pagarão seus annos deste geito,  
Aa triste Libitina seu direito.

Os altos

Os altos promontorios o chorarão,  
 E do rios as agoas saudosas,  
 Os semeados campos alagarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu Reino chamarão,  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficára  
 Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida ja se exprimentara,  
 Quando o Betis de sangue se tingia,  
 E o barbaro poder desbaratára,  
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.  
 E mais quando os que Beja em vão cercarão,  
 Os golpes de seu braço em si prouârão.

Despois que foy por Rei aleuantado,  
 Auendo poucos annos que reinava,  
 A cidade de Silues tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro laurava:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada, que passava.  
 De armas fortes e gente apercebida,  
 A recobrar ludea ja perdida.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Passauão a ajudar na sancta empresa,  
O roxo Federico, que moueo  
O poderoso exercito, em defesa  
Da cidade onde Christo padeceo,  
Quando Guido co a gente em sede acesa,  
Ao grande Saladino se rendeo:  
No lugar onde aos Mouros sobejauão,  
As agoas que os de guido desejauião.

Mas a fermosa armada, que viera  
Por contraſte de vento, aaquella parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera,  
Ia que em ſerviço vay, do ſancto Marte  
Aſi como a ſeu pay acontecèra,  
Quando tomou Lisboa, da meſma arte,  
Do Germano ajudado Silues toma,  
E o brauo morador deſtrue & doma.

E ſe tantos tropheos do Mahometa,  
Aleuando vay tambem do forte  
Liones, não consente eſtar quieta  
A terra vsada aos caſos de Mauorte:  
Ate que na ceruiz ſeu jugo meta  
Da ſoberba Tui, que a meſma forte,  
Vio ter a muitas villas ſuas vizinhas,  
Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas salteado  
Da temerosa morte, fica erdeiro,  
Hum filho seu de todos estimado,  
Que foy segundo Affonso, & Rei terceiro  
No tempo deste, aos Mauros foi tomado  
Alcáçere do sal por derradeiro:  
Porque dantes os Mouros o tomarão,  
Mas agora estruidos o pagarão.

Morto depois Affonso lhe succede  
Sancho segundo, manso & descuidado,  
Que tanto em seus descuidos se desmede,  
Que de outrem quẽ mandava era mandado,  
De governar o Reino que outro pede,  
Por causa dos priuados foi priuado,  
Porque como por elles se regia,  
Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam desonesto,  
Como Nero, que hum moço recebia  
Por molher, & depois horrendo incesto,  
Com a mãy Agripina cometia.  
Nem tam cruel aas gentes & molesto,  
Que a cidade queimasse onde viuia,  
Nem tam mao como foi Helio gabalo,  
Nem como o mole Rei Sardanapâlo.  
Nem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nem era o pouo seu tiranizado,  
Como Sicilia foy de seus tyranos,  
Nem tinha como Phalaris achado,  
Genero de tormentos inhumanos:  
Mas o Reino de altiuo, & costumado  
A senhores em tudo soberanos.  
A Rei não obedece, nem consente,  
Que não for mais que todos excellente.

Por esta causa o Reino governou,  
O Conde Bolonhes, despois alçado  
Por Rei, quando da vida se apartou,  
Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado  
Este que Affonso o brauo se chamou,  
Despois de ter o Reino segurado:  
Em dilatalo cuida, que em terreno  
Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
Em casamento dada, grande parte,  
Recupêra co braço, & deita fora  
O Mouro mal querido ja de Marte:  
Este de todo fez liure & senhora  
Lusitania, com força & bellica arte:  
E acabou de oprimir a nação forte,  
Na terra que aos de Luso coube em sorte.  
Eis



Eis despois vem Dinis, que bem parece,  
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,  
 Com quem a fama grande se escurece,  
 Da liberalidade Alexandrina.  
 Co este o Reino prospero florece,  
 (Alcançada ja a paz aurea diuina )  
 Em constituições, leis & costumes,  
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
 O valeroso officio de Minerua,  
 E de Helicon a Musas fez passar-se,  
 A pisar de Mondego a fertil erua:  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.  
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castellos muy seguros,  
 E quasi o Reino todo reformou,  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas despois que a dura Atropos cortou,  
 O fio de seus dias ja maduros:  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Affonso: mas forte & excelente:  
 Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,  
Co peito desprezou firme & sereno,  
Porque não he das forças Lusitanas,  
Temer poder maior, por mais pequeno  
Mas porem quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Esperico terreno,  
Entrarão pelas terras de Castilla,  
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
Veio ôs campos Ydaspicos enchendo,  
Nem Atila, que Italia toda espanta,  
Chamandose de Deos açoute horrendo.  
Gottica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co poder excessiuo de Granada,  
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rei sublime Castelhano,  
A força inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
La perdido hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a carissima consorte,  
Molher de quem a manda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entrauz

Entraua a fermosissima Maria,  
 Polos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados,  
 Os cabellos Angelicos trazia,  
 Pelos eburneos hombros espalhados:  
 Diante do Payledo, que a agasalha,  
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quantos pouos a terra produzio  
 De Africatoda gente fera & estranha,  
 O grão Rei de Marrocos conduzio  
 Pera vir possuir a nobre Espanha:  
 Poder tamanho junto não se vio,  
 Depois que o salso Mar a terra banha.  
 Trazem ferocidade, & furor tanto,  
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co pequeno poder, offerecido  
 Ao duro golpe esta, da Maura espada,  
 E se não for contigo socorrido,  
 Ver-me as delle & do Reino ser priuada,  
 Viuua & triste, & posta em vida escura,  
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.  
 Por tanto

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,  
O corrente Muluca se congella,  
Rompe toda a tardança, acude cedo,  
Aa miseranda gente de Castella.  
Se esse gesto que mostras claro & ledo,  
De pay o verdadeiro amor assella:  
Acude & corre pay, que se não corres,  
Pode ser que não aches quem focorres.

Não de outra sorte a timida Maria  
Fallando está, que a triste Venus, quando  
A Iupiter seu pay fauor pedia,  
Pera Eneas seu filho, nauegando,  
Que a tanta piedade o comouia,  
Que caido das mãos o rayo infando:  
Tudo o clemente Padre lhe concede,  
Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
Os Eborenses campos vão qualhados,  
Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
Vão rinchando os cavalloos jaezados:  
A canora trombeta embandeirada  
Os corações aa paz acostumados:  
Vay ás fulgentes armas incitando  
Polas concanidades retumbando.

Entre

Entre todos no meio se sublima,  
 Das insignias Reais acompanhado,  
 O valeroso Affonso, que por cima  
 De todos, leua o collo aleuantado,  
 E somente co gesto esforça & anima,  
 A qualquer coração amedrontado.  
 Assim entra nas terras de Castella,  
 Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dous Affonsos finalmente,  
 Nos campos de Tarifa, estão defronte  
 Da grande multidão da cega gente,  
 Pera quem sam pequenos campo & monte.  
 Não ha peito tão alto & tam potente,  
 Que de desconfiança não se afronte,  
 Em quanto não conheça, & claro veja,  
 Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos casi rindo,  
 Do poder dos Christãos fraco & pequeno,  
 As terras como suas repartindo,  
 Ante mão, entre o exercito Agareno:  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoso nome Sarraceno.  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Quo lo membrudo & barbaro Gigante,  
Do Rei Saul, com causa tam temido,  
Vendo o Pastor inerme estar diante,  
So de pedras & esforço apercebido,  
Com palauras soberbas o arrogante,  
Despreza o fraco moço mal vestido:  
Que rodeando a fundão desengana,  
Quanto mais pode a Fê que a força humana

Deſta arte o Mouro perfido despreza,  
O poder dos Chriſtãos, & não entende,  
Que eſtá ajudado da alta fortaleza,  
A quem o Inferno horrifico ſe rende.  
Co ella o Caſtelhano, & com deſtreza,  
De Marrocos o Rei comete & offende.  
O Portugues que tudo eſtima em nada,  
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,  
Por cima dos arneſes, brauo eſtrago,  
Chamão ( ſegundo as leis que ali ſeguião, )  
Hũs Maſamede, & os outros Sançliago,  
Os feridos com grita o Ceo ferião,  
Fazendo de ſeu ſangue bruto lago,  
Onde outros meios mortos ſe afogauão,  
Quando do ferro as vidas escapauão.

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:  
 De alcançar tal victoria tam barata,  
 Inda não bem contente o forte braço,  
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,  
 Que pelejando está co Mauritano.

Ia se hia o Sol ardente recolhendo,  
 Pera a casa de Thetis, & inclinado,  
 Pera o Ponente o vespero trazendo,  
 Estaua o claro dia memorado,  
 Quando o poder do Mauro grande & horêdo  
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
 Com tanta mortindade, que a memoria,  
 Nunca no mundo vio tam gram victoria.

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
 Dos que morrerão neste vencimento,  
 Quando as agoas co sangue do aduersario,  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nem o Peno asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tantos matou da illustre Roma,  
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

H E se

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se tu tantas almas fo podeste,  
Mandar ao Reino escuro de Cocito,  
Quando a lançta Cidade desfizeste  
Do pouo pertinaz no antigo rito:  
Permissam & vingança foy celeste,  
E não força de braço, o nobre Tito,  
Que assi dos Vates foy profetizado,  
E despois por I E S V certificado.

Passada esta tão prospera victoria,  
Tornado Affonso aa Lusitana terra,  
A se lograr da paz com tanta gloria,  
Quanta soube ganhar na dura guerra,  
O caso triste, & dino da memoria,  
Que do sepulchro os homẽs desenterra,  
Aconteceoda misera, & mezquinha  
Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puro Amor com força crua,  
Que os cora ões humano tanto obriga,  
Deste causa aa molesta morte sua,  
Como se fora perfida inimiga:  
Se dizem fero Anor que a sede tua,  
Nem com lagrimas cristes se mitiga:  
E por que queres aspero & tirano  
Tuas aras banhar em sangue humano.  
Estaugas



*Estavas linda Ines posta em sossego  
 De teus annos, colhendo doce fructo,  
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,  
 Que a fortuna não deixa durar muito,  
 Nos saudosos campos do Mondego,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
 Aos montes insinuando, & às eruinhas  
 O nome que no peito escripto tinhas.*

*Do teu Principe ali te respondião,  
 As lembranças que na alma lhe morauão,  
 Que sempre ante seus olhos te trazião,  
 Quando dos teus fermosos se apartauão  
 Denoite em doces sonhos, que mentião,  
 De dia em pensamentos que voauão.  
 E quanto em fim cuidava, & quanto via,  
 Eram tudo memorias de alegria.*

*De outras bellas senhoras, & Princesas,  
 Os desejados tâlamos engeita,  
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
 Quando hum gesto suaue te sogeita:  
 Vendo estas namoradas estranhezas,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do pouo, & a fantasia  
 Do filho, que casarse não queria.*

H 2 Tirar

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue sô da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo aceso:  
Que furor consentio, que a espada fina,  
Que pode sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse aleuantiada,  
Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ a os horrificos algozes,  
Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
Mas o pouo com falsas, & ferozes  
Razões, aa morte crua o persuade:  
Ella com tristes & piedosas vozes,  
Saidas sô da magoa, & saudade  
Do seu Principe, & filhos que deixaua,  
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,  
Com lagrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, por que as mãos lhe estaua atando,  
Hum dos duros ministros rigurosos.  
E despois nos mininos atentando,  
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,  
Cuja orfindade como mãy temia,  
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aves agrestes, que somente  
 Nas rapinas aerias tem o intento,  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tam piadoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrãrão,  
 E cos yrmãos que Roma edificãrão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito  
 ( Se de humano he, matar hũa donzella  
 Fraca & sem força, so por ter sujeito  
 O coração, a quem soube vencella.)  
 A estas criançinhas tem respeito,  
 Pois o não tês aa morte escura della,  
 Mouate a piedade sua & minha,  
 Pois te não moue a culpa que não tinha.

E se vencendo a Maura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo & ferro,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia,  
 A quem pera perdela não fez erro:  
 Mas se to assi merece esta innocencia,  
 Poem me em perpetuo & misero desterro,  
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas viua eternamente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Poem me onde se vſe toda a feridade,  
Entre Liões, & Tigres, & verey  
Se nelles achar posso a piedade  
Que entre peitos humanos não achey:  
Ali co amor intrinſeco & vontade,  
Naquelle por quem mouro, criarey  
Estas reliquias suas que aqui viſte,  
Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,  
Mouido das palauras que o magoão:  
Mas o pertinaz pouo, & ſeu destino  
(Que desta sorte o quis) lhe não perdoão,  
Arrancão das espadas de aço fino,  
Os que por bom tal feito ali apregoão,  
Contra hũa dama, ô peitos carniceiros  
Feros vos amoſtrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,  
Conſolação extrema da mãy velha,  
Porque a ſombra de Achilles a condena,  
Co ferro o duro Pirro ſe aparelha:  
Mas ella os olhos com que o ar ſerena,  
( Bem como paciente, & mansa ouelha )  
Na miſera mãy poſtos, que endoudeçe  
Ao duro ſacrificio ſe offereçe.

Tais

Tais contra Inês os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que sostinha  
 As obras com que amor matou de amores  
 Aquelle que depois a fez Rainha:  
 As espadas banhando, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarniçação, feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes  
 Teus rayos apartar aquelle dia,  
 Como da seua mesa de T ystes,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
 Vos, ô concauos vales que podestes,  
 A voz extrema ouuir da boca fria,  
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,  
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,  
 Antes do tempo foy, candida & bella,  
 Sendo das mãos laciuas mal tratada,  
 Da minina que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
 Tal està morta a palida donzella,  
 Secas do rosto as rosas, & perdida  
 A branca & viva cor, co a doce vida.

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura  
Longo tempo chorando memorarão,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarão:  
O nome lhe poserão, que inda dura,  
Dos amores de Ines que ali passarão.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores

Não correo muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos humicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
Que ambos inimigos das humanas vidas,  
O concerto fizeram duro & injusto,  
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicofo,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando aa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.  
Do justo

Do justo & duro Pedro nasce o brando  
 (Vede da natureza o desconcerto)  
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,  
 Que todo o Reino pos em muito aperto,  
 Que vindo o Castelhana deuaſtando  
 As terras sem defesa, esteue perto  
 De destruirſe o Reino totalmente,  
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,  
 De tirar Lianor a ſeu marido,  
 E casar ſe co ella de enleuado,  
 Num falso parecer mal entendido:  
 Ou foy que o coração ſogeito, & dado  
 Ao vicio vil, de quem ſe vio rendido,  
 Molle ſe fez, & fraco, & bem parece  
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão ſempre a pena  
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
 Os que forão roubar a bella Elena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio:  
 Pois por quem Dauid Sancto ſe condena?  
 Ou quem o Tribo illuſtre deſtruio  
 De Benjamim? bem claro nolo infina,  
 Por Sarra Faraô, Sychem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,  
Hum inconcesso amor desatinado,  
Bem no filho de Almena se parece,  
Quando em Omfale andava transformado,  
De Marco Antonio a fama se escureçe,  
Com ser tanto a Cleopatra afeicoado:  
Tu tambem Peno prospero o sentiste,  
Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,  
Dos laços que amor arma brandamente  
Entre as rosas & a neve humana pura,  
O ouro, & o alabastro transparente  
Quem de hũa peregrina fermosura  
De hum vulto de Medusa propriamente  
Que o coração conuerte que tem preso,  
Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
Hũa suaue & Angelica excelencia,  
Que em si estã sempre as almas trãformãdo  
Que tiuesse contra ella resistencia:  
Desculpado por certo estã Fernando,  
Per a quem tem de amor experiencia:  
Mas antes tendo liure a fantasia,  
Por muyto mais culpado o julgaria.

Fim.



## Canto Quarto.



## Es pois de procello

sa tempestade,  
Nocturna sombra, & sibilante  
vento,

Traz a manhaã serena claridade,  
Esperança de porto, & saluamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reino forte aconteceo,  
Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,  
Quem os danos & offensas va vingando,  
Naquelles que tãbem se aproueitãrão,  
Do descuido remisso de Fernando,  
Despois de pouco tempo o alcançãrão,  
Ioanne sempre illustre aleuantando  
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
( Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Ser isto ordenação dos ceos diuina,  
Por sinais muito claros se mostrou  
Quando em Euora a voz de hũa minina,  
Ante tempo falando o nomeou:  
E como cousa em fim que o Ceo destina,  
No berço o corpo, & a voz aleuantou,  
Portugal, Portugal, alçando a mão  
Disse, polo Rei nouo Dom loão.

Alteradas então do Reino as gentes,  
Co odio que occupado os peitos tinha,  
Absolutas cruezas, & euidentes  
Faz do pouo o furor por onde vinha,  
Matando vão amigos & parentes,  
Do adultero Conde, & da Rainha,  
Com quem sua incontinencia desonesto  
Mais ( depois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,  
Diante della a ferro frio morre,  
De outros muitos na morte acompanhado  
Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
Quem como Astianas precipitado  
(Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
Quem nu por ruas & em pedaços feito.  
Podese

Podése por em longo esquecimento,  
As cruezas mortais que Roma vio  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada  
Co Castelhana està, que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castella alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pay succede:  
Suas forças ajunta pera as guerras  
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,  
(Se foy) ja teue o nome diriuado  
Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
Ganharão do tirano & Mauro estado:  
Não estimão das armas o perigo,  
Os que cortando vão co duro arado  
Os campos Lioneses, cuja gente,  
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Os Vandalos, na antiga valentia  
Ainda confiados, se ajuntauão  
Da cabeça de toda Andaluzia,  
Que do Goadalquibir as agoas lauão,  
Anobre Ilha tambem se apercebia,  
Que antigamente os Tirios habitauão:  
Trazendo por insignias verdadeiras  
As Herculeas columnas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,  
Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
O Tejo em torno vay suaue & ledo,  
Que das serras de Conca vem manando:  
A vos outros tambem não tolhe o medo,  
O sordidos Galegos, duro bando,  
Que pera resistirdes, vos armastes,  
Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias,  
A gente Bizcainha, que careçe  
De polidas razões, & que as injurias  
Muito mal dos estranhos compadeçe:  
A terra de Guipuscua, & das Asturias  
Que com minas de ferro se ennobreçe,  
Arrou delle, os soberbos matadores,  
Pera ajudar na guerra a seus senhores.  
Ioane

Ioane, a quem do peito o esforço crece,  
 Como a Sansam Hebreo da guedelha,  
 Posto que tudo pouco lhe parece  
 Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
 E não porque conselho lhe fideçe,  
 Cos principaes senhores se aconselha:  
 Mas so por ver das gentes as sentenças,  
 Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,  
 Da opinião de todos, na vontade,  
 Em quem o esforço antigo se conuerte,  
 Em desusada & ma destealdade,  
 Podendo o temor mais, gelado, inerte  
 Que a propria & natural fidelidade,  
 Negão o Rei & a patria, & se conuem  
 Negarão ( como Pedro ) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,  
 No forte dom Nuno aluerex: mas antes  
 Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,  
 Reprouando as vontades inconstantes:  
 A aquellas duuidosas gentes disse,  
 Com palauras mais duras que elegantes,  
 A mão na espada irado, & não facundo,  
 Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.  
 Como

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Como da gente illustre Portuguesa,  
Ha de auer quem refusa o patrio Marte?  
Como, desta prouincia que princeja  
Foy das gentes na guerra em toda parte,  
Ha de sair quem negue ter defeja,  
Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte  
De Portugues, & por nenhum respeito  
O proprio Reino queira ver sogeito?

Como, não sois vos inda os descendentes  
Daquelles, que debaixo da bandeira,  
Do grande Enriquez, feros & valentes  
Vencestes esta gente tam guerreira?  
Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
Poseram em fugida, de maneira,  
Que sete illustres Condes lhe trouxerão  
Presos, afora a presa que tiuerão?

Com quem forão contino sopeados  
Estes, de quem o estais agora vos,  
Por Dinis & seu filho, sublimados  
Se não cos vossos fortes pais & auôs?  
Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
Torne vos vossas forças o Reinouo,  
Se he certo que co Rei se muda o pouo.  
Rei

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes  
 Igual ao Rei que agora alevantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E se com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,  
 ( E dizendo isto arranca mea espada )  
 Defenderey da força dura, & infesta  
 A terra nunca de outrem sojugada,  
 Em virtude do Rei, da patria mesta,  
 Da lealdade ja por vos negada,  
 Vencerey ( não so estes aduersarios : )  
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem como entre os mancebos recolhidos,  
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,  
 Ia pera se entregar quasi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 Cornelio moço os faz, que compelidos  
 Da sua espada jurem, que as Romanas  
 Armas, nam deixarão em quanto a vida  
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

1 Destarte

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Destarte a gente força, & esforça Nuno,  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo, & volteando arremessoës,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Viua o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão  
A guerra com que a patria se sostinha,  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinhã:  
Capacetes estofam, peitos prouão,  
Armise cada hum como conuinha.  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes:  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os muy possantes,  
Orientais exercitos, sem conto,  
Com que passaua Xerxes o Helesponto.

Dom



Doim Nuno Alueres digo, verdadeiro  
Açoute de soberbos Castelhanos,  
Como ja o fero Huno o foy primeiro  
Pera Franceses, pera Italianos,  
Outro tambem famoso caualleiro,  
Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
Apto pera mandalos, & regelos,  
Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,  
Antão vazquez de Almada he Capitão,  
Que despois foy de Abranches nobre Conde,  
Das gentes vay regendo a sestra mão,  
Logo não retagoarda não se esconde,  
Das quinas & castellos o pendão,  
Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,  
E de hum alegre medo quasi frias,  
Rezando as mais, irmãs, dama, & esposas  
Prometendo jesús, & romarias:  
Ia chegão as esquadras bellicosas,  
Defronte das inimigas companhias,  
Que com grita grandissima os recebem,  
E todas grande duuida concebem.

1 2 Recebem

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,  
Pifaros sibilantes, & atambores,  
Alferezes volteão as bandeiras,  
Que variadas sam de muitas cores:  
Era no seco tempo, que nas eiras  
Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu sinal a trombeta Castelhana,  
Horrendo, fero, ingente, & temeroso,  
Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,  
A tras tornou as ondas de medroso:  
Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,  
Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
E as mãis que o som terribil escuitârão,  
Aos peitos os filhinhos apertârão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,  
Que ao coração acode o sangue amigo,  
Que nos perigos grandes, o temor,  
He mayor muitas vezes que o perigo,  
E se o não he, pareceo, que o furor  
De offender, ou vencer o duro immigo,  
Faz não sentir, que he perda grande & rara  
Dos membros corporais da vida cara.  
Começase

Começase a trauar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hús leua a defenjam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grande Pereira em quem se encerra  
 Todo o valor, primeiro se assinala  
 Derriba, & encontra, & a terra é fim semea  
 Dos que a tanto desejão, sendo albea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaxo dos pês duros dos ardentes  
 Cauillos, treme a terra, os vales João:  
 Espedação se as lanças, & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão.  
 Recreçem os immigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,  
 (Caso feo & cruel:) mas não se espanta,  
 Que menos he querer matar o yrmão,  
 Quem contra o Rei & a patria se aleuanta:  
 Destes arrenegados muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta,  
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)  
 Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano  
Catilina, & vos outros dos antigos,  
Que contra vossas patrias, com profano  
Coração, vos fizestes inimigos:  
Se lá no reino escuro de Sumano  
Receberdes grauíssimos castigos  
Dizeilhe que tambem dos Portugueses  
Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,  
Tantos dos inimigos a elles vão:  
Esta ali Nuno, qual pellos outeiros  
De Ceita está o fortissimo lião  
Que cercado se ve dos caualleiros  
Que os campos vão correr de Tutuão,  
Perseguem no com as lanças, & elle iroso  
Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura  
Ferina, & a yra não lhe compadecem  
Que as costas dê, mas antes na espessura  
Das lanças se arremessa, que recrecem:  
Tal está o caualeiro que a verdura  
Tinge co sangue alheyo, ali perecem  
Algũs dos seus, que o animo valente  
Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio

Sentio loane a afronta que passaua  
 Nuno, que como sabio capitão,  
 Tudo corria, & via, & a todos daua  
 Com presença & palauras coração:  
 Qual parida Lioa fera & braua  
 Que os filhos que no ninho sôs estão  
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,  
 O pastor de Massilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos  
 Os montes sete lrmãos atroa & abala,  
 Tal loane com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:  
 O fortes companheiros, o subidos  
 Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,  
 Defendey vossas terras que a esperança  
 Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro  
 Que entre as lanças & setas, & os arneses  
 Dos inimigos corro, & vou primeiro  
 Pelejay verdadeiros Portugueses:  
 Isto disse o magnanimo guerreyro  
 E sopesando a lança quatro vezes,  
 Com força tira & deste vnico tiro  
 Muytos lançarão o vltimo sospiro,

14 Porque

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porque eis os seus acesos nouamente  
Dhãa nobre vergonha & honroso fogo  
Sobre qual mais com animo valente,  
Perigos vencerã, do Marcio jogo  
Porfião: tingeo ferro o fogo ardente  
Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
Assi recebem junto & dão feridas  
Como a quem ja não doe per der as vidas.

A muitos mandão ver o Estigio lago  
Em cujo corpo a morte, & o ferro entraua  
O Mestre morre ali de Sanctiago  
Que fortissimamente pelejava  
Morre tambem, fazendo grande estrago  
Outro Mestre cruel de Calatraua  
Os Pereiras tambem arrenegados  
Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
Onde o Trifauce Cão per petua fome  
Tem, das almas que passão deste mundo  
E porque mais aqui se amanse & dome  
A soberba do imigo furibundo,  
A sublime bandeira Castelhana  
Foy derribada os pês da Lusitana.

Aqui

Aqui a fera batalha se encruece  
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas  
 A multidão da gente que perece  
 Tem as flores da propria cor mudadas:  
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece  
 O furor, & sobejão as lançadas,  
 Ia de Castella o Rey desbaratado  
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor  
 Contento de lhe não deixar a vida  
 Seguẽ no os que ficarão, & o temor  
 Lhe da não pês, mas asas aa fugida:  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da desonra, & triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
 Do primeyro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheo, o miserando  
 Pouo aventura aas penas do profundo  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos de jditos.

Ho

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

O vencedor loanne esteue os dias  
Costumados no campo, em grande gloria  
Com offertas despois, & romarias  
As graças deu a quem lhe deu victoria:  
Mas Nuno que não quer por outras vias,  
Entre as gentes deixar de si memoria  
Se não por armas sempre soberanas  
Pera as terras se passa Trãstoganas.

Ajudao seu destino de maneira  
Que fez igoal o effeito ao pensamento,  
Porque a terra dos Vandalos fronteira  
Lhe concede o despojo & o vencimento  
Ia de Siuilha a Betica bandeira  
E de varios senhores nũ momento  
Se lhe derriba aos pês sem ter defesa  
Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente  
Erão os Castelhanos opprimidos  
Quando a paz desejada ja da gente.  
Derão os vencedores aos vencidos:  
Despois que quis o Padre omnipotente  
Dar os Reis inimigos por maridos  
Aas duas Illustrissimas Inglesas  
Gentis, fermosas, inclitas princezas.

Não



Não sofre o peito forte usado aa guerra  
Nãõ ter inimigo ja a quem faça dano,  
E a si nãõ tendo a quem vencer na terra  
Vay cometer as ondas do Oceano:  
Este he o primeiro Rey que se desterra  
Da patria, por fazer que o Afrinano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes aues pello argento  
Da furiosa Tetis inquieta,  
Abrindo as pandas asas vãõ ao vento  
Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
O monte Abila, & o nobre fundamento  
De Ceita toma, & o torpe Mahometa  
Deita fora, & segura toda Espanha  
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Nãõ consentio a morte tantos annos  
Que de Heroe tãõ ditoso se lograsse  
Portugal, mas os coros soberanos  
Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
Mas pera defensam dos Lusitanos  
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,  
E aumentasse a terra mais que dantes  
Inclita gêração, altos Infantes.

Nãõ

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não foy do Rey Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que assi vay alternando o tempo iroso  
O bem co mal, o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hum estado deleitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reino, & neste Rey  
Não vsou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
Que a tão altas empresas aspiraua  
Que por salvar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:  
Sô por amor da patria está passando  
A vida de senhora feyta escraua,  
Por não se dar por elle ha forte Ceita  
Mais o pubrico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não venceffe,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria não perdesse,  
Quis mais a liberdade ver perdida:  
Este porque se Espanha não temesse  
A captiueiro eterno se conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto  
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas

*Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,  
 Nome em armas ditoso , em nossa Hesperia,  
 Que a soberba do barbaro fronteiro,  
 Tornou em baxa & humilima miseria,  
 Fora por certo inuicto caualleiro,  
 Se não quisesa yr ver a terra Iberia:  
 Mas Affrica dira ser impossibil,  
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.*

*Este pode colher as maçãs de ouro,  
 Que somente o Terintio colher pode,  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 A ceruiz inda agora nam sacode:  
 Na frente a palma leua, & o verde louro,  
 Das victorias do barbaro, que acode  
 A defender Alcaçer forte villa,  
 Tangere populoso , & a dura Arzilli.*

*Porem ellas em fim por força entradas,  
 Os muros abaxarão de Diamante,  
 Aas Portuguesas forças costumadas,  
 A derribarem quanto achão diante,  
 Marauilhas em armas estremadas,  
 E de escriptura dinas elegante,  
 Fizerão caualleiros nesta empresa  
 Mais , affinando a fama Portuguesa.*  
*Porem*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Porem despois tocado de ambição,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragão,  
Sobre o potente Reino de Castella,  
Ajuntase a inimiga multidão,  
Das soberbas & varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occioso,  
O mancebo loanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambicioso,  
Que então lhe foy ajuda não pequena,  
Saiose em fim do trance perigoso,  
Com fronte não toruada, mas serena  
Desbaratado o pay sanguinolento:  
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,  
Gentil, forte, animoso cavalleiro,  
Nos contrarios fazendo imenso dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
De sta arte foy vencido Octauiano,  
E Antonio vencedor seu companheiro,  
Quando daquelles que Cesar matârão  
Nos Philipicos campos se vingârão.

Porem

Porem despois que a escura noite eterna,  
 Affonso apousetou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reino então gouerna,  
 Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passarão  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcârão,  
 Onde ja foy Partenope enterrada,  
 Napoles onde os fados se mostrârão,  
 Fazendoa a varias gentes subjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegão,  
 Vão se aas praias de Rodes arenosas,  
 E dali aas ribeiras altas chegão,  
 Que com morte de Magno sam famosas:  
 Vão a Mensis, & aas terras que se regão,  
 Das enchentes Niloticas vndosas,  
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,  
 Que de Christo la guarda o sancto rito.  
 Passam

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Passam tambem as ondas Eritreas,  
Que o pouo de Israel sem Nao passou,  
Ficão lhe a tras as serras Nabateas,  
Que o filho de Ismael co nome ornou:  
As costas odoriferas Sabeas,  
Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,  
Cercão, com toda a Arabia descuberta  
Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura  
Da confusa Babel, inda a memoria,  
Ali co Tigre o Eufrates se mestura,  
Que as fontes onde nascem tem por gloria:  
Dali vão em demanda da agoa pura,  
Que causa inda sera de larga historia  
Do Indo, pellas ondas do Occeano,  
Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas  
Da India, da Carmania, & Gedrosia,  
Vendo varios costumes, varias manhas  
Que cada Região produz e cria:  
Mas de vias tão asperas, tamanhas  
Tornarse facilmente não podia,  
La morrerão em fim, & la ficarão.  
Que aa desejada patria não tornârão.  
Parece

Parece que guardava o claro (eo  
A Manoel, & seus merecimentos,  
Esta empresa tão ardua, que o moueo  
A subidos & illustres mouimentos:  
(Manoel, que a loane socedeo  
No reino, & nos altiuos pensamentos)  
Logo como tomou do reino cargo  
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento  
Daquella obrigação, que lhe ficâra  
De seus antepassados, (cujos intento,  
Foy sempre acrecentar a terra chara)  
Não deixasse de ser hum so momento  
Conquistado: No tempo que a luz clara  
Foge, & as estrellas nitidas que saem  
A repouso conuidão, quando caem.

Estando ja deitado no aureo leito  
Onde ymaginações mais certas sam,  
Reuoluendo contino no conceito  
De seu officio, & sangue a obrigação,  
Os olhos lhe occupou o somno acceito  
Sem lhe desoccupar o coração,  
Porque tanto que lasso se adormece  
Morfeo en varias formas lhe aparece.

K      Aqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui se lhe apresenta que subia  
Tão alto que tocava aa prima Esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Despois que os olhos longos estendera,  
Vio de antiquos longinquos & altos montes  
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias  
Pello monte seluatico habitauão,  
Mil arvores syluestres & eruas varias  
O passo & o trato aas gentes atalhauão:  
Estas duras montanhas aduersarias  
De mais conuersação, por si mostrauão  
Que desque Adão peccou aos nossos annos  
Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião  
Por elle os largos passos inclinando,  
Dous homẽs, que muy velhos parecião  
De aspeito, inda que agreste, venerando:  
Das pontas dos cabellos lhe saião  
Gotas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrida  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.  
Dembo



Dambos de dous a fronte coroada  
Ramos não conhecidos & eruas tinha,  
Hum delles a presença traz cansada  
Como quem de mais longe ali caminha,  
E assi a agoa com impito alterada  
Parecia que doutra parte vinha,  
Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
Vay buscar os abraços de Arctusa.

Este que era o mais graue na pessoa  
Destarte pera o Rey de longe brada,  
O tu a cujos reinos & coroa  
Grande parte do mundo esta guardada,  
Nos outros, cuja fama tanto voa  
Cuja ceruiz bem nunca soy domada,  
Te auisamos que he tempo que ja mandes  
A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
Estoutro he o Indo Rey, que nesta serra  
Que vês, seu nacimiento tem primeiro:  
Custartemos com tudo dura guerra,  
Mas insistindo tu por derradeiro,  
Com não vistas victorias, sem receyo  
A quantas gentes vês poras o freyo.

K 2 Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não disse mais o rio illustre & sancto,  
Mas ambos desaparecem num momento,  
Acorda Emanuel cum nouo espanto  
E grande alteração de pensamento:  
Estendeo nisto Febo o claro manto  
Pello escuro Emisperio somnolento:  
Veyo a menham no ceo pintando as côres  
De pudibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho  
E propoẽ lhe as figuras da visam,  
As palauras lhe diz do sancto velho,  
Que a todos forão grande admiração:  
Determinão o nautico aparelho  
Pera que com sublime coração  
Vaa a gente que mandar cortando os mares  
A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
Se possesse o que o peito me pedia,  
Que sempre grandes cousas deste geito  
Presago o coração me prometia:  
Não sey porque razão, porque respeito,  
Ou porque bom sinal que em mi se via,  
Me poẽ o inclyto Rei nas mãos a chauce  
Deste cometimento grande, & graue.  
E com

E com rogo & palauras amorosas  
 Que he hũ mando nos Reis que a mais obrig  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho & com fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quando ao medo infame não se rende  
 Então, se menos dura, mais se estende.

Eu vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neue,  
 He tão pouco por vos que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

Imaginay tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras  
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
 Decer em fim aas sombras vans & escuras  
 Onde os campos de Dite a Estige laua,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o Rey, o espirito & carne he prôpta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agradece  
E com razões me louua esta vontade,  
Que a virtude louuada viue & crece,  
E o louuor altos casos persuade:  
A acompanhar-me logo se offerece  
Obrigado da amor & da amizade,  
Não menos cobicoso de honra & fama,  
O charo meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho  
De trabalhos muy grande soffredor,  
Ambos sam de valia & de conselho  
De experiencia em armas & furor:  
La de manceba gente me aparelho  
Em que crece o desejo do valer,  
Todos de grande esforço, & assi parece  
Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,  
Porque com mais amor se apercebessem,  
E com palauras altas animados  
Pera quantos trabalhos soccedessem:  
Assi forão o Mynias ajuntados  
Pera que o veo dourado combatessem,  
Na fatidica nao, que ou sou primeira  
Tentar o mar Euxinio, aventureira.

E ja

E ja no porto da inclita *Vlissea*  
Cum aluoroço nobre, & cum desejo,  
(Onde o licor mestura & branca area  
Co salgado *Neptuno* o doce *Tejo*;) *As naos prestes estão, & não refrea*  
*Temor nenhum o iuuenil despejo,*  
*Porque a gente maritima & a de Marte*  
*Estão pera seguirme a toda parte.*

*Pellas prayas vestidos os soldados*  
*De varias cores vem, & varias artes,*  
*E não menos de esforço aparelhados*  
*Pera buscar do mundo nouas partes:*  
*Nas fortes naos os ventos sosssegados*  
*Ondeão os aerios estandartes,*  
*Ellas prometem vendo os mares largos*  
*De ser no Olimpo estrellas como a de Argos.*

*Despois de aparelhados desta sorte*  
*De quanto tal viagem pede & manda,*  
*Aparelhamos a alma pera a morte*  
*Que sempre aos nautas ante os olhos anda:*  
*Pera o sumo poder que a *Etherea* corte*  
*Sostenta so coa vista veneranda,*  
*Imploramos fauor que nos guiasse*  
*E que nossos começos aspirasse.*

K 4 Parti-

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Partimonos assi do sancto templo  
Que nas Praes do mar está assentado,  
Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
Certifico te, o Rey, que se contemplo  
Como fuy destas prayas apartado,  
Cheyo dentro de duuida & receyo  
Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Agente da cidade aquelle dia  
(Hũs por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver samente) concorria  
Saudosos na vista & descontentes:  
E nos coa virtuosa companhia  
De mil religiosos diligentes,  
Em procissam solene a Deos orando  
Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso  
Por perdidos as gentes nos julgauão,  
As molheres cum choro piadoso,  
Os homẽs com suspiros que arrancauão:  
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrecentauão  
A desesperação, & frio medo  
De ja nos não tornar a ver tão cedo.

Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
 So pera refrigerio, & doce emparo  
 Desta cansada ja velhice minha,  
 Que em choro acabarâ, penoso & amaro:  
 Porque me deixas, misera & mezquinha?  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
 A fazer o funereo enterramento  
 Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado esposo  
 Sem quem não quis amor que viuer possa,  
 Porque is aventurar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vão contentamento  
 Quereis que com as vellas lexe o vento.

Nestas & outras palauras que dizião  
 De amor, & de piadosa humanidade,  
 Os velhos & os mininos os seguião  
 Em quem menos esforço poẽ a ydade:  
 Os montes de mais perto respondião  
 Quasi mouidos de alta piedade,  
 A branca areia as lagrimas banhaõ  
 Que em multidão co ellas se ygoalauão.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nos outros sem a vista aleuarmos  
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,  
Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
Do prepcito firme começado:  
Determiney de assi nos embarcarmos  
Sem o despedimento custumado,  
Que posto que he de amor vsança boa  
Aquem se aparta, on fica, mais magoa.

Mas hum velho daspeito venerando,  
Que ficaua nas prayas, entre a gente,  
Postos em nos os olhos, meneando  
Tres vezes a cabeça, descontente,  
A voz pesada hum pouco aleuando,  
Que nos no mar ouuimos claramente,  
Cum saber so dexperiencias feyto  
Tais palauras tirou do experto peito.

O gloria de mandar, o vã cubiça  
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,  
O fraudolento gosto, que se atiça  
Cũa aura popular, que honra se chama:  
Que castigo tamanho & que justiça  
fazes no peito vão que muito te ama,  
Que mortes, que perigos, que tormentas  
Que crueldades nelles esprimentas.

Dura



Dura inquietação dalma & da vida  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas, de reynos, & de imperios:  
 Chamante illustre, chamante subida,  
 Sendo dina de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nonies com quem se o pouo nescio engana.

Aque novos desastres determinas  
 De leuar estes reynos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe deslinas  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de reynos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometeras, que historias?  
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano  
 Cuyo peccado & desobediencia,  
 Não samente do reino soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda doutro estado mais que humano  
 Da quieta & da simpres innocencia,  
 Idade douro, tanto te priuou  
 Que na de ferro & darmas te deitou.

la

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ia que nesta gostosa vaidade  
Tanto enleuas a leue fantasia,  
Ia que aa bruta crueza & feridade  
Poseste nome esforço & valentia,  
Ia que prezas em tanta quantidade  
O desprezo da vida, que deuia  
De ser sempre estimada, pois que ja  
Temeo tanto perdella quem a dá.

Não tens junto com tigo o Ismaelita  
Com quem sempre teras guerras sobejas?  
Não segue elle do Arabio a ley maldita,  
Se tu polla de Christo so pellejas?  
Não tem cidades mil, terra infinita,  
Se terras & riqueza mais desejas?  
Não he elle por armas esforçado  
Se queres por victorias ser louuado?


Deixas criar aas portas o inimigo  
Por yres buscar outro de tão longe,  
Por quem se despouoe o reino antigo  
Se enfraqueça & se vaa deitando a longe;  
Buscas o incerto & incognito perigo  
Porque a fama te exalte & te lisonge,  
Chamando te senhor com larga copia  
Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.  
O maldito

O maldito o primeiro que no mundo  
Nas ondas vella pôs en jeco lenho,  
Dino da eterna pena do profundo  
Se he justa a justa ley que sigo & tenho:  
Nunca juyzo algum alto & profundo,  
Nem cythara sonora, ou viuo engenho,  
Te dê por isso fama, nem memoria,  
Mas contigo se acabe o nome & gloria.

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo  
O fogo que ajuntou ao peito humano,  
Fogo que o mundo em armas accendeo  
Em mortes, em desonras (grande engano)  
Quanto milhor nos fora Prometeo,  
E quanto pera o mundo menos dano,  
Que a tua estatua illustre não tiuera  
Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando  
O carro alto do pay, nem o ar vazio  
O grande Achitec̃tor co filho, dando  
Hum nome ao mar, & o outro, fama ao rio:  
Nenhum cometimento alto & nefando  
Por fogo, ferro agoa, calma & frio,  
Deixa intentado a humana geraçãõ:  
Miserã sorte, estranha Condiçãõ!

F I M.

 Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando estaua, quando a-  
brimos

As alas ao sereno & sossegado

Vento, & do porto amado nos partimos:

E como he ja no mar costume usado

A vella desfraldando, & ceo ferimos,

Dizendo Boa viagem, logo o vento

Nos troncos fez o usado mouimento.

Entruaa neste tempo o eterno lume,

No animal Nemejo truculento,

E o mundo que com tempo se consume

Na seista idade andaua enfermo & lento:

Nella ve, como tinha por costume

Curfos do Sol quatorze vezes cento,

Com mais noüenta & sete, em que corria

quando no mar a armada se estendia.

laa

Ia a vista pouco & pouco se desterra  
 Daquelles patrios montes que ficauão,  
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca Serra  
 De Sintra, & nella os olhos se alongauão:  
 Ficauanos tambem na amada terra  
 O coração, que as magoas lâ diyxauão,  
 E ja despois que toda se escondeo  
 Não vimos mais em fim que mar & ceo.

Assim fomos abrindo aquelles mares  
 Que geração algũa não abrio,  
 As nouas Ilhas vendo, & os novos ares,  
 Que o generoso Enrique descobrio:  
 De Mauritania os montes & lugares  
 Terra que Anteo num tempo possuyo,  
 Deyxando aa mão esquerda, que aa direita  
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira  
 Que do muito arvoredo assi se chama,  
 Das que nos pouoamos, a primeira,  
 Mais celebre por nome, que por fama:  
 Mas nem por ser do mundo a derradeira  
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,  
 Antes sendo esta sua se esquecera  
 De Cypro, Guido, Pafos, & Cylhêra.  
 Deixamos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa  
Onde seu gado os Azenegues pastão,  
Gente que as frescas agoas nunca gosta  
Nem as eruas do campo bem lhe abastão:  
A terra a nenhum fruto em fim desposta,  
On le as aues no ventre o ferro gastão,  
Padecendo de tudo extrema inopia  
Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega  
O Sol, que pera o Norte os carros guia,  
Onde jazem os pouos, a quem nega  
O filho de Climene a ccr do dia:  
Aqui gentes estranhas lava & rega  
Do negro Sanagá a corrente fria,  
Onde o Cabo Arsinario o nome perde  
Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas  
Que tiverão por nome Fortunadas,  
Entramos nauegando pollas filhas  
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas  
Terras por onde nouas maravilhas  
Andarão vendo jaa nossas armadas,  
Ali tomamos porto com bom vento  
Por tomarmos da terra mantimento.  
A aquella

*A aquella ilha aportamos, que tomou  
 O nome do guerreiro Sanctiago,  
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou  
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
 Daqui tanto que Boreas nos ventou  
 Tornamos a cortar o immenso lago,  
 Do salgado Oceano, & assi deixamos  
 A terra onde o refresco doce achamos.*

*Por aqui rodeando a larga parte  
 De Africa, que ficaua ao Oriente,  
 A prouincia lalfo, que reparte  
 Por diuersas naçoës a negra gente:  
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
 Logramos o metal rico & luzente,  
 Que do curuo Gambea as agoas bebe  
 As quaes o largo Atlantico recebe.*

*As Dorcadas passamos, pouoadas  
 Das Irmaãs, que outrotempo ali viuião,  
 Que de vista total sendo priuadas  
 Todas tres dhum so olho se seruião:  
 Tu so, tu cujas tranças entrespadas  
 Neptuno la nas agoas acendião,  
 Tornada ja de to las a mais fea  
 De biuoras encheşte a ardente area.*

L Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa  
No grandissimo golfaõ nos metemos,  
Deixando a serra asperrima Lyoa  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:  
O grande rio, onde batendo soa  
O mar nas prayas notas que ali temos,  
Ficou, co a llha illustre que tomou  
O nome dhum que o lado a Dcos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo  
Por nos ja conuertido â fee de Christo,  
Por onde o Zaire passa claro & longo  
Rio pelloz antigos nuca visto:  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido pollõ de Calisto,  
Tendo o termino ardente ja passado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

Ia descuberto tinhamos diante  
La no nouo Hemisperio noua estrella,  
Não vista de outra gente, que ignorante  
Algũs tempos esteue incerta della:  
Vimos a parte menos rutilante  
E por falta de stréllas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda se não sabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe.

Assi



Assim passando aquellas regioes  
 Por onde duas vezes passa Apolo,  
 Dous inuernos fazendo & dous veroes  
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
 Por calmas, por tormentas & oppressoes  
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
 Vimos as Vrsas a pesar de luno  
 Banbaremse nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas  
 Cousas do mar, que os homes não entendem,  
 Subitas trouoadas temerisas,  
 Relampados que o ar em fogo acendem:  
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,  
 Bramidos de trouoes que o mundo fendem,  
 Não menos he trabalho, que grande erro  
 Ainda que tiuesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros  
 Que tem por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sempre & verdadeiros  
 Julgando as cousas so polla apparencia:  
 E que os que tem juizos mais inteiros  
 Que so por puro engenho & por ciencia,  
 Vem do mundo, os segredos escondidos  
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Vi claramente visto o lume viuo  
Que a maritima gente tem por santo,  
Em tempo de tormenta & vento esquiuo  
De tempesta le escura & triste pranto:  
Não menos foy a todos excessiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuuēs do mar com largo cano  
Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo  
Que a vista me enganaua) levantar se,  
No ar hum vaporzinho & sutil fumo  
E do vento trazido, rodear se:  
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo  
Se via, tão delgado que enxergar se  
Dos olhos facilmente não podia,  
Da materia das nuuēs parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando  
E mais que hum largo masto se engrossaua,  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:  
Estauase co as ondas ondeando,  
Encima delle hũa nuuem se espessaua,  
Fazendose mayor mais carregada  
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual.

Qual roxa Sanguefuga se veria

Nos beiços da alimaria ( que imprudente,  
Bebendo a recolheo na fonte fria)

Fartar co sangue alheyo a sede ardente:

Chupando mais & mais se engrossa & cria,

Ali se enche & se alarga grandemente,

Tal a grande columna, enchendo aumenta

Assi, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou

O pê que tem no mar a si recolhe,

E pello ceo chouendo em fim voou

Porque coa agoa a jacente agoa molhe:

Aas ondas torna as ondas que tomou:

Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,

Vejaõ agora os sabios na escriptura

Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão

Tantas terras, por ver segredos dellas,

As maravilhas que eu passei, passarão

A tão diversos ventos dando as vellas:

Que grandes escripturas que deixarão

Que influicão de sinos & de estrellas,

Que estranhezas, que grandes qualidades,

E tudo sem mentir, puras verdades.

L 3 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE C. A.

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro  
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:  
Quando da Eterea gauea hum marinheiro  
Prompto coa vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuës se começã  
A descubrir os montes que enxergãmos,  
As ancoras pesadas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do Astrolabio  
Inuenção de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praya, por vermos em que parte estou,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos

Achamos ter de todo ja passado  
Do Semicapro pexe a grande meta,  
Estando entre elle & o circulo gelado  
Austral, parte do mundo mais secreta:  
Eis de meus companheiros rodeado  
Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
Que tomarão per força, em quanto apanha  
De mel os doces fauos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle  
Que não se vira nunca em tal estremo,  
Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
Seluagem mais que o bruto Polifemo:  
Começolhe a mostrar da rica pelle  
De Colcos o gentil metal supremo,  
A prata fina, a quente especiaria:  
A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlhe peças mais somenos  
Contas de Christalino transparente,  
Alguns soantes cascaueis pequenos,  
Hum barrete vermelho, cor contente:  
Vi logo por sinais & por acenos  
Que com isto se alegra grandemente,  
Mando o soltar com tudo, & assi caminha  
Pera a poucação, que perto tinha.

L 4 Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas logo ao outro dia seus parceiros  
Todos nús, & da cor da escura treua,  
Decendo pellos asperos outeiros  
As peças vem buscar que estoutro leua:  
Domesticos ja tanto & companheiros  
Se nos mostrão, que fazem que se atreua,  
Fernão Velloso a yr ver da terra o trato  
E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado  
E de arrogante cre que vay seguro,  
Mas, sendo hum grande espaço ja passado,  
Em que algum bom sinal saber procuro:  
Estando, a vista alçada, co cuidado  
No aventureyro, eis pello monte duro  
Aparece, & segundo ao mar caminha  
Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa  
Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
Hum Etiope ousado se arremessa  
A elle, porque não se lhe escapasse:  
Outro & outro lhe saem vesse em pressa  
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse,  
Acudo eu logo, & em quanto o remo aperto  
Se mostra hum bando negro descuberto.

Da

Da espessa nuuem jêtas & pedradas  
Chouem sobre nos outros sem medida,  
E não forão ao vento em vão deitadas  
Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
Mas nos como pessoas magoadas  
A reposta lhe demos tão recida,  
Que em mais que nos barretes se sospeita  
Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo ja Velloso em saluamento  
Logo nos recolhemos pera a armada,  
Vendo a malicia fea & rudo intento  
Da gente bestial, bruta & maluada:  
De quem nenhum melhor conhecimento  
Podemos ter da India desejada,  
Que estarmos inda muyto longe della  
E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro  
(Começando se todos a sorrir)  
Oula Velloso amigo, aquelle outeiro  
He melhor de decer que de subir:  
Si he, responde o onjado aventureiro  
Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
Daquelles caës, de pressa hum pouco vim  
Por me lembrar que estaveis ca sem mim.

Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Contou então que tanto que passarão  
Aquelle monte, os negros de quem fallo,  
Auante mais passar o não deixarão,  
Querendo, se não torna, ali matallo:  
E tornando se, logo se emboscarão  
Porque saindo nos pera tomallo;  
Nos podessem mandar ao reino escuro  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados  
Que dali nos partiramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Prosperamente os ventos assoprando:  
Quando hũa noite estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Hũa nuuem que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,  
Que pos nos corações hum grande medo,  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como se desse em vão nalgum rochedo:  
O potestade, disse, sublimada  
Que ameaço diuino, ou que segredo,  
Este clima, e este mar nos apresenta,  
Que môr cousa parece que tormenta?  
Não



Não acabaua, quando hũa figura  
Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
De disforme & grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida:  
Os olhos encouados, & a postura  
Medonha & maa, & a cor terrena & palida,  
Cheos de terra & crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso  
Certificarte, que este era o segundo  
De Rodes estranhissimo Colosso,  
Que hum dos sete milagres foy do mundo:  
Cum tom de voz nos falla horrendo & grosso  
Que pareceo sair do mar profundo,  
Arrepião se as carnes & o cabelo.  
A mi, & a todos, soo de ouuillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas  
No mundo cometerão grandes cousas,  
Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
E por trabalhos vãos nunca repousas:  
Pois os vedados terminos quebrantas  
E nauegar meus longos mares ousas,  
Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tenho  
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre, ou de immortal merecimento:  
Ouue os danos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu sobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar & polla terra  
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuidas  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos & tormentas desmedidas:  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insuffridas,  
Eu farey dimprouiso tal castigo  
Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano  
De quem me descobrio summa vingança,  
E não se acabará so niſto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereys cada anno  
Se he verdade o que meu juyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustre, que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serey eterna & noua sepoltura  
 Por juizos incognitos de Deos:  
 Aqui por à da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus danos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virâ de honrada fama  
 Liberal, caualeiro, enamorado,  
 E consigo trará a fermosa dama  
 Que Amor por gram merce lhe terâ dado:  
 Triste ventura, & negro fado os chama  
 Neste terreno meu, que duro & yrado,  
 Os deixarâ dhum crû naufragio viuos  
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
 Em tanto amor gèrados & nacidos,  
 Verão os Cafres asperos & auaros  
 Tirar aa linda dama seus vestidos:  
 Os cristalinos membros & perclaros  
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despídos,  
 Depois de ter pisada longa nente  
 Cos delicados pês a area ardente.

E verão

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Everão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na feruida & implacabil espessura:  
Ali despois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
Abraçados as almas soltaram  
Da fermosa & miserrima prisam.

Mais hia por diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo  
Corpo, certo me tem marauilhado.  
A boca & os olhos negros retorcendo,  
E dando hum espantoso & grande brado,  
Me respondeo, com voz pesada & amara  
Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, & quantos passarão fuy notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontorio,  
Que pera o Polo Antartico se estende  
A quem vossa ousadia tanto offende.

Fuy

Fuy dos filhos asperrimos da terra  
Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
Nã que possesse serra sobre serra  
Mas conquistando as ondas do Oceano,  
Fuy capitão domar, por onde andaua  
A armada de Neptuno, que eu buscaua.

Amores da alta esposa de Peleo  
Me fizeram tomar tamanha empresa,  
Todas as Deosas desprezey do ceo  
So por amar das agoas a Princesa:  
Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
Sayr nua na praya, & logo presa,  
A vontade senti, de tal maneira  
Que inda nã sinto cousa que mais queira.

Como fosse impossibil alcançalla  
Polla grandeza fea de meu gesto,  
Determiney por armas de tomalla  
E a Doris este caso manifesto:  
De medo a Deoja então por mi lhe falla:  
Mas ella cum fermoso riso honesto,  
Respondeo: Qual sera o amor bastante  
De Nympha que sustente o dhum Gigante.  
Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Com tudo por, liurrarmos o Occeano  
De tanta guerra, eu buscarey maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano.  
Tal resposta me torna a mensageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encherão me com grandes abundanças  
O peito de desejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo  
Hũa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis vnica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Deste corpo, & começo os olhos bellos  
Alhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amaua,  
Abraçado me achey cum duro monte  
De aspero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte  
Queu pollo rosto angelico apertaua,  
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo  
E junto dhum penedo outro penedo  
O nimpha

O Nympha a mais fermosa do Oceano  
 Ia que minha presença não te agrada,  
 Que te custaua ter me neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa & da desonra ali passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos  
 Vencidos & em miseria extrema postos,  
 E por mais segurar-se os Deoses vãos  
 Algũs a varios montes sottopostos:  
 E como contra o Ceo não valem mãos,  
 Eu que chorando andaua meus desgostos,  
 Comecey a sentir do fado imigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertese-me a carne em terra dura,  
 Em penedos os ossos se fizerão,  
 Estes membros que ves & esta figura  
 Por estas longas agoas se estenderão:  
 Em fim minha grandissima estatura  
 Neste remoto cabo conuerterão  
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas  
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

M Assim

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi contava & cum medonho choro  
Subito dante os olhos se apartou,  
Desfez se a nuvem negra, & cum sonoro  
Bramido, muito longe o mar soou:  
Eu, levantando as mãos ao sancto coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deos pedi que remouesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

Ia Phlegon, & Pyrois vinhão tirando  
Cos outros dous o carro radiante,  
Quando a terra alta se nos foy mostrando  
Em que foy conuertido o grão gigante:  
Ao longo desta costa, começando  
Ia de cortar as ondas do Leuante,  
Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
Onde segunda vez terra tomamos.

Agente que esta terra possuya  
Posto que todos Etiopes erão,  
Mais humana no trato parecia  
Que os outros, que tão mal nos receberão:  
Com bailos & com festas de alegria  
Pella praya arenosa a nos vierão,  
As molheres consigo & o manso gado  
Que apacentauão, gordo & bem criado.

As



*As molheres queimadas vem encima  
 Dos vagarosos bois, ali sentadas  
 Animais que elles tem em mais estima  
 Que todo o outro gado das manadas:  
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 So doce som das rusticas auenas  
 Imitando de Titiro as Camenas.*

*Estes como na vista prazenteiros  
 Fossem, humanamente nos tratarão,  
 Trazendonos galinhas & carneiros  
 A troco doutras peças que leuarão:  
 Mas como nunca em fim meus companheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançarão  
 Que desse algum sinal do que buscamos:  
 As vellas dando, as ancoras leuamos.*

*Ja aqui tinhamos dado hum gram rodeyo  
 Aa costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente meyo  
 Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo  
 Outra armada primeira, que buscava  
 O tormentorio Cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.*

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Daqui fomos cortando muitos dias  
Entre tormentas tristes e bonanças,  
No largo mar fazendo novas vias  
So conduzidos de arduas esperanças:  
Co mar hum tempo andamos em porfias  
Que como tudo nelle sam mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia  
Segundo pera tras nos obrigaua,  
Do mar, que cantro nos ali corria  
Que por nos a dô vento que assopraua:  
Injuriado Noto da porfia  
Em que co mar ( parece ) tanto estaua  
Os assopros esforç a iradamente  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis das partes do Oriente,  
Forão buscar hum Rey de pouco nado  
No qual Rey outros tres ha juntamente:  
Neste dia ouero porto foy tomado  
Por nos, da mesma ja contada gente,  
Num largo rio, ao qual o nome demos  
Do dia em que por elle nos metemos

Desta

Deſta gente refreſco algum tomamos,  
E do rio freſca agoa, mas com tudo  
Nenhum ſinal aqui da India achamos  
No pouo com nos outros caſi mudo:  
Ora vê Rey quamanha terra andamos  
Sem ſair nunca deſte pouo rudo,  
Sem vermos nunca noua, nem ſinal,  
Da deſejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
Andariamos todos, quam perdidos,  
De fomes, de tormentas quebrantados  
Por climas & por mares não ſabidos:  
E do esperar comprido tão canſados  
Quanto a deſeſperar ja compellidos,  
Por ceos não naturais, de qualidade  
Inimiga de noſſa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento  
Danoso & mão ao fraco corpo humano,  
E alem diſſo nenhum contentamento  
Que ſequer da eſperança foſſe engano:  
Cres tu que ſe eſte noſſo ajuntamento  
De ſoldados, não fora Luſitano,  
Que durara elle tanto obediente  
Por ventura a ſeu Rey & a ſeu regente?  
M 3 Cres

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Cres tu que ja não forão leuantados  
Contra seu capitão se os resistira,  
Fazendo se Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo estão prouados  
Pois que nenhum trabalho grande os tir a  
Daquella Portuguesa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

Deixan lo o porto em fim do doce rio  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum desuio  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio  
Nã nos apanhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz ali daquella banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme  
Encomendado ao sacro Nicolao,  
Pera onde o mar na costa brada & geme  
A proa inclina dhã & doutra nao.  
Quando indo o coração que espera & teme  
E que tanto fiou dhum. fraco pao,  
Do que esperava ja desesperado  
Foy dhã novidade aluorocado.

E foy

E foy, que estando ja da costa perto  
 Onde as prayas & valles bem se vião,  
 Num rio, que ali sae ao mar aberto  
 Bateis aa vela entrauão & sayão:  
 Alegria muy grande foy por certo  
 Achamos ja pessoas que sabião  
 Nauegar, porque entrellas esperamos  
 De achar nouas algũas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece  
 Que com gente milhor comunicauão,  
 Palaura algũa Arabia se conhece  
 Entre a lingoagem sua que falauão.  
 E com pano delgado que se tece  
 De algodão, as cabeças apertauãa,  
 Com otro que de tinta azul se tinge  
 Cadahum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,  
 E que Fernão martinz muy bem entende  
 Dizem, que por nos, que em grãdeza ygoal  
 As noffas, o seu mar se corta & fende.  
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão  
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & este  
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
 Gente assy como nos da cor do dia.

M 4 Muy

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Coa gente, & com as nouas muito mais.  
Pellos sinais que neste rio achamos  
O nome lhe ficou dos bons sinais:  
Hum padrão nesta terra aleuamos  
Que pera asinalar lugares tais  
Trazia alguns, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,  
Nojosa criação das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminos  
Longos do mar, vem sordidas & immundas:  
Dos os pedes que tinhamos vizinhos  
Com mostras apraziueis & jocundas,  
Ouuemos sempre o usado mantimento  
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande & immensa  
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura  
A alegria: mas logo a recompensa  
A Ramnusia com noua desuentura:  
Assi no ceo sereno se dispensa,  
Coesta condição pesada & dura  
Nacemos, o pesar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.  
E foy

E foy que de doença crua & feya  
A mais que eu nunca vi, de separarão  
Muitos a vida, & em terra estranha & alheia  
Os ossos pera sempre sepultarão:  
Quem auerá que sem o ver o creya  
Que tão disformemente ali lhe incharão,  
As gingiuas na boca, que crecia  
A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,  
Não tinhamos ali medico astuto,  
Sururgião sutil menos se achaua:  
Mas qualquer neste officio pouco instructo  
Pella carne ja podre assi cortaua,  
Como se fora morta, & bem conuinha  
Pois que morto ficava quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espeffura  
Deixamos pera sempre os companheiros,  
Que em tal caminho & em tanta desventura  
Forão sempre com nosco aventureiros:  
Quam facil he ao corpo a sepultura  
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,  
Estranhos, assimismo como aos nossos,  
Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi que deste porto nos partimos  
Com mayor esperança & mór tristeza,  
E pella costa abaixo o mar abrimos  
Buscando algum final de mais firmeza:  
Na dura Moçambique em fim surgimos,  
De cuja falsidade & mã vileza  
Ia seras sabedor, & dos enganos  
Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,  
Cuja brandura & doce tratamento,  
Darâ saude a hum viuo, & vida a hũ morto,  
Nos trouxe a piedade do alto assento:  
Aqui repousou, aqui doce conforto,  
Nova quietação do pensamento  
Nos deste, & vês aqui se atente ouuiste,  
Te contey tudo quanto me pediste.

Iulgas agora Rey se ouue no mundo  
Gentes que tais caminhos cometessem?  
Crês tu que tanto Eneas & o facundo  
Vlisses, pello mundo se estendessem?  
Ousou algum a ver do mar profundo  
Por mais versos que delle se escreuessem,  
Do que eu vi, a poder desforço & de arte,  
E do que inda ei de ver, a oitava parte?  
Esse



Esse que bebo tanto da agoa Aonia  
 Sobre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
 Atenas, Tos, Argo, & Salamina:  
 E soutro que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altisona & diuina  
 Ouindo, o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos  
 Desses seus Semideoses, & encareção,  
 Fingindo Magas Circes, Polifemos,  
 Syrenas que co canto os adormeção:  
 Dem lhe mais nauegar á vella & remos  
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem  
 Os companheiros em gostando o Loto,  
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem  
 Dos odres, & Calipfos namoradas,  
 Harpias, que o manjar lhe contaminem  
 Decer aas sombras nuas ja passadas:  
 Que por muito & por muito que se afin m  
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonhada,  
 A verdade que eu conto nua & pura  
 Vence toda grandiloca escriptura.

Da

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Da boca do sacundo capitão  
Pendendo estauão todos embibidos,  
Quando deu fim aa longa narração  
Dos altos feitos grandes & subidos:  
Louua o Rey o sublime coração  
Dos Reis em tantas guerras conhecidos,  
Da gente louua a antiga fortaleza,  
A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira  
O caso cada qual que mais notou,  
Nenhum delles da gente os olhos tira  
Que tão longos caminhos rodeou:  
Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
Por vir a descansar nos Thetios braços  
E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria  
Dos proprios feitos quando sam soados,  
Qualquer nobre trabalha que em memoria  
Vênça, ou ygoale os grandes ja passados:  
As enuejas da illustre & alhea historia  
Fazem mil vezes feitos sublimados,  
Quem valerosas obras exercita  
Louuor alheo muito o esperta & incita.  
Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
De Achilles, Alexandro na pelleja,  
Quanto de quem o canta, os numerosos  
Versos, isso so louua, isso deseja:  
Os tropheos de Melciades famosos  
Temistocles despertão so de enueja,  
E diz, que nada tanto o delectaua  
Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama  
Que essas nauegaçoës que o mundo canta,  
Nãõ merecem tamanha gloria & fama:  
Como a sua, que o ceo & a terra espanta:  
Si mas aquelle Heroe que estima & ama  
Com doës, merces, fauores, & honra tanta  
A lira Mantuana faz que soe  
Eneas, & a Romana gloria voe.

Dã a terra Lusitana Scipioes  
Cesares, Alexandros, & da Augustos,  
Mas nãõ lhe dã com tudo aquelles doës  
Cuja falta os faz duros & robustos  
Octauio, entre as mayores opressões  
Compunha versos doutos & venustos,  
Nãõ dirã Fulvia certo que he mentira  
Quando a deixaua Antonio por Glasira.  
Vay

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vay Cesar sojugando toda França  
E as armas não lhe impedem a sciencia,  
Mas nũa mão a pena, e noutra a lança  
Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
O que de Scipião se sabe e alcança  
He nas comedias grande experiencia,  
Lia Alexandro a Homero de maneira  
Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
Que não fosse tambem douto e sciente,  
Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
Se não da Portuguesa tão somente:  
Sem vergonha o não digo, que a rezão  
Dalgun não ser por versos excelente,  
He não se ver prezado o verso e rima,  
Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso e não por falta de Natura  
Não ha tambem Virgilio nem Homeros,  
Nem auerá se este costume dura  
Pios Eneas, nem Achilles feros:  
Mas o pior de tudo he que a vcntura  
Tão asperos os fez, e tão Austeros,  
Tão rudos, e de ingenho tão remisso  
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.  
Aas

Aas Musas agardeça o noſſo Gama  
 O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos ſeus na lira nome & fama  
 De toda a illuſtre & bellica fadiga:  
 Que elle, nem quem na eſtirpe ſeu ſe chama,  
 Caliope não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do Tejo, que deixaffem  
 As tellas douro fino, & que o cantaffem.

Porque o amor fraterno & puro goſto  
 De dar a todo o Luſitano feito  
 Seu louuor, he ſomente o proſuposto  
 Das Tagides gentis, & ſeu respeito:  
 Porem não deixe em fim de ter deſpoſto  
 Ninguem a grandes obras ſempre o peito,  
 Que por eſta, ou por outra qualquer via  
 Não perdera ſeu preço & ſua valia.

F I M.

Canto Seisto.



**N**A M sabia em que

*modo festejasse*

O Rey Pagão os fortes nauegan  
tes,

*Pera que as amizades alcançasse  
Do Rey Christão, das gentes tão possantes:  
Pejalhe que tão longe o apouentasse  
Das Europeas terras abundantes,  
Aventura, que namno fez vizinho  
Donde Hercules ao mar abriu o caminho.*

*Com jogos, danças, & outras alegrias  
A segundo a policia Melindana,  
Com vsadas & ledas pescarias  
Com que a Lageia Antonio alegre & engana:  
Este famoso Rey todos os dias  
Festeja a companhia Lusitana,  
Com banquetes, manjares de vsados  
Com frutas, aues, carnes, & pescados.*

*Mas*

Mas vendo o Capitão que se detinha  
Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
O conuida que parta & tome asinha,  
Os Pilotos da terra & mantimento,  
Nã se quer mais deter, que ainda tinha  
Muito pera cortar do salso argento,  
Ia do Pagão benigno se despede  
Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
Sempre com suas Frotas visitado,  
Que nenhum outro bem mayor deseje  
Que dar a tais baroës seu reino & estado:  
E que em quanto seu corpo o sprito reja  
Estarã de continuo aparelhado,  
A pôr a vida & reino totalmente  
Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia  
O Capitão, & logo as vellas dando,  
Pera as terras da Aurora se partia,  
Que tanto tempo ha ja que vay buscando:  
No Piloto que leua não auia  
Falsidade, mas antes vay mostrando  
A nauegação certa, & assi caminha  
Ia mais seguro do que dantes vinha.

N As

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

*As ondas nauegauão do Oriente  
La nos mares da India, & enxergauão  
Os talamos do Sol, que nace ardente,  
La quasi seus desejos se acabauão:  
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente  
As venturas, que então se aparelhauão  
Aa gente Lusitana dellas dina,  
Arde, morre, blasphema & de jatina.*

*Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode estoruar, que destinado  
Estã doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma,  
Entra no humido reino, & vai se aa corte  
Daquelle, a quem o mar cayo em sorte.*

*No mais interno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibundas,  
Quando aas iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde  
As agoas campo deixão aas cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.*

*Descobre*



Descobre o fundo nunca descoberto  
As areus ali de prata fina,  
Torres altas se vem no campo aberto  
Da transparente massa cristalina,  
Quanto se chegãõ mais os olhos perto,  
Tanto menos a vista determina  
Se he cristal o que vê, se diamante,  
Que assi se mostra claro & radiante.

As portas douro fino, & marchetadas  
Do rico aljofar que nas conchas nace,  
De esculptura fermosa estão lauradas,  
Na qual do irado Baco a vista paze:  
E vê primeiro em cores variadas  
Do velho Chaos a tão confusa face,  
Vem se os quatro elementos trasladados  
Em diuersos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,  
Que em nenhũa materia se sustinha,  
Daqui as cousas viuas sempre anima,  
Despois que Prometeo furtado o tinha:  
Logo a pos elle leue se sublima  
O inuisibil Ar, que mais asinha  
Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
Algum deixa no mundo estar vazio

N 2 Estaua

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Estava a terra em montes reueſtida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando paſto diuerſo & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma ali estava eſculpida  
Das agoas entre a terra deſparzidas,  
De peſcados criando varios modos,  
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida estava a guerra  
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,  
Eſta Tifeo debaixo da alta ſerra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes:  
Eſculpido ſe vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes.  
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na viſta deſtas couſas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auizado  
Da vinda ſua, o estava ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nymphas, que ſe eſtão marauilhando,  
De ver que cometendo tal caminho,  
Entre no reino dagoa o Rey do vinho.  
O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes  
 De Baco nos teus reinos receberes,  
 Porque também cos grandes & possantes  
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os Deoses do mar, antes  
 Que fale mais, se ouvir me o mais quiseres,  
 Verão da desventura grandes modos,  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Iulgando ja Neptuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,  
 Que o mar habitão dhũa & doutra banda,  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rey, & de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro & feyo  
 Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem  
 Da cabeça nos ombros, todos erão,  
 Hũs limos prenhes dagoa, & bem parecem  
 Que nunca brando pentem conhecerão:  
 Nas pontas pendurados não falecem  
 Os negros Misilhoês, que ali se gerão,  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Hũa muy grande casca de Lagosta.

N 3 O corpo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nu, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camaroës, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento,  
Ostras, & Camaroës do musco çujos,  
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocava,  
A voz grande canora foy ouuida  
Por todo o mar, que longe retumbava:  
Ia toda a companhia apercebida  
Dos Deoses, pera os paços caminhava  
Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos & das filhas que gerara,  
Vem Nereo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nymphas pouoara:  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem, mas ja sabia  
O que o padre Lyeo no mar queria.

Vinha

Vinha por outra parte a linda esposa  
De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
Graue, & leda no gesto, & tão fermosa  
Que se amansaua o mar de marauilha:  
Vestida bũa camisa preciosa  
Trazia de delgada beatilha,  
Que o corpo cristalino dexa ver-se,  
Que tanto bem não he pera esconder-se.

Anfitrite fermosa como as flores,  
Neste caso não quis que falecesse,  
O Delfim traz consigo, que aos amores  
Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
Cos olhos que de tudo sam senhores  
Qualquer parecera que o Sol venceesse,  
Ambas vem pella mão, ygoal partido  
Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
Fugindo, veyo a ter diuino estado,  
Consigno traz o filho, bello Infante,  
No numero dos Deoses relatado:  
Pella praya brincando vem diante  
Com as lindas corchubas, que o salgado  
Mar sempre cria, & aas vezes pella area  
No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E o Deos que foy num tempo corpo humano,  
E por virtude da erua poderosa  
Foy conuertido em peixe, & deste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio engano,  
Que Circes tinha usado coa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado  
Que a mais obriga amor mal empregado.

La finalmente todos assentados  
Na grande sala nobre & diuinal,  
As Deosas em riquissimos estrados,  
Os Deoses em cadeiras de cristal:  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento ygoal:  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nace, & Arabia em cheiro passa

Estando sossegado ja o tumulto  
Dos Deoses, & de seus recebimentos,  
Começa a descobrir do peito occulto,  
A causa o Tyoneo de seus tormentos:  
Hum pouco carregando se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Luso triste morte  
Co ferro a:heyo, sala desta sorte.

Princepe

Princepe que de juro senhoreas  
Dhum Polo, ao outro Polo o mar irado,  
Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
Que não passem o termo limitado:  
E tu padre Oceano, que rodeas  
O mundo vniuersal, & o tens cercado.  
E com justo decreto assi permites,  
Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis  
Injuria algũa em vosso reino grande,  
Que com castigo ygoal vos não vingueis,  
De quemquer que por elle corra, & ande:  
Que descuido foy este em que viueis?  
Quem pode ser que tanto vos abrande,  
Os peitos, con razão endurecidos  
Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia  
Forão ja cometer o Ceo supremo,  
Vistes aquella insana fantasia  
De tentarem o mar com vella & remo:  
Vistes, & ainda vemos cada dia,  
Soberbas & insolencias tais, que temo  
Que do mar & do Ceo em poucos anos,  
Venhão Deoses a ser, & nos humanos.  
Vedes

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Vedes agora a fraca geração  
Que dhum vassallo meu o nome toma,  
Com soberbo, & altiuo coração,  
A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
Vedes o vosso mar cortando vão,  
Mais do que fez a gente alta de Roma,  
Vedes o vosso reino deuassando  
Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
No vosso reino este caminho abrirão,  
Boreas injuriado, & o companheiro  
Aquilo, & os outros todos resistirão:  
Pois se do ajuntamento aventureiro  
Os ventos esta injuria assi sentirão,  
Vos a quem mais compete esta vingança,  
Que esperais, por que a pondes em tardança?

Enão consinto Deoses que cuideis  
Que por amor de vos do ceo deci,  
Nem da magoa da injuria que sofreis,  
Mas da que seme faz tambem a mi:  
Que aquellas grandes honras, que sabeis  
Que no mundo ganhey, quando venci  
As terras Indianas do Oriente,  
Todas vejo abatidas desta gente.

Que



Que o gran Senhor & fados que destinão,  
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
 Famas mores que nunca determinão  
 De dar a estes baroës no mar profundo:  
 Aqui vereis o Deoses como insinão  
 O mal tambem a Deoses: que a segundo  
 Se ve, ninguem ja tem menos valia  
 Que quem com mais razão valer deuia.

E por isso do Olimpo ja fugi,  
 Buscando algum remedio a meus pesares,  
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
 Se por dita acharey nos vossos mares:  
 Mais quis dizer, & não passou daqui,  
 Porque as lagrimas ja correndo a pares  
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

A Ira com que subito alterado  
 O coração dos Deoses foy num ponto,  
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
 Nem dilação, nem outro algum desconto:  
 Ao grande Eolo mandão ja recado  
 Da parte de Neptuno, que sem conto  
 Solte as furias dos ventos repugnantes,  
 Que não aja no mar mais nauegantes.

Bem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Bem quizera primeiro ali Proteo  
Dizer neste negocio o que sentia,  
E segundo o que a todos pareceo,  
Era algũa profunda prophecia:  
Porem tanto o tumulto se moueo  
Subito na diuina companhia,  
Que Thetis indinada lhe bradou,  
Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua  
Do carcere fechado os furiosos  
Ventos, que com palauras animaua,  
Contra os varoës audaces & animosos:  
Subito o ceo sereno se obumbrava,  
Que os ventos mais que nunca impetuosos  
Começão nouas forças a yr tomando,  
Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia  
No fundo aquoso, a leda lassa Frota  
Com vento sossegado proseguia  
Pello tranquilo mar, a longa rota:  
Era no tempo quando a luz do dia  
Do Eoo Emisperio estã remota,  
Os do quarto da prima se deitauão  
Pera o segundo os outros despertauão.  
Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos  
Bocijando a miudo se encostauão,  
Pellas antenas, todos mal cubertos,  
Contra os agudos ares que assoprauão:  
Os olhos contra seu querer abertos  
Mas estregando os membros estirauão,  
Remedios contra o sonno buscar querem,  
Historias contão, casos mil referem.

Com que melhor podemos, hum dizia,  
Este tempo passar, que he tão pesado,  
Se não com algum conto de alegria  
Com que nos deixe o sono carregado?  
Responde Lionardo, que trazia  
Pensamentos de firme namorado,  
Que contos paderemos ter melhores  
Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa  
Tratar branduras em tanta aspereza,  
Que o trabalho do m. ir, que tanto custa,  
Não soffre amores, nem delicadeza:  
Antes de guerra feruida & robusta  
A nossa historia seja, pois dureza  
Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
Que o trabalho por vir mo esta dizendo.  
Consente

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Consentem nisto todos, & encomendão  
A Veloso que conte isto que aproua,  
Contarei disse, sem que me reprehendão  
De contar cousa fabulosa, ou noua:  
E porque os que me ouuirem daqui aprendão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nascidos direy na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,  
Despois que fozsegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o molestaua:  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal sempre abunda, semeaua  
A fera Erinis dura & mâ cizania  
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
E nobres cortejaões, a caso hum dia  
Se leuantou discordia em ira acesa,  
Ou foy opinião, ou foy porfia:  
Os Cortejaões a quem tam pouco pesa  
Soltar palavras graues, de ousadia  
Dizem que prouarão, que honras & famas  
Em tais damas não ha, pera ser damas.  
E que

E que se ouuer alguém com lança & espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que elles em campo raso, ou estacada,  
Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
A femenil fraqueza pouco usada  
Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua  
De forças naturais conuenientes,  
Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes  
No reino os inimigos, não se atreuem  
Nem parentes, nem feruidos amantes  
A sustentar as damas, como deuem:  
Com lagrimas fermosas & bastantes  
A fazer que em socorro os Deoses leuem  
De todo o Ceo, por rostos de alabastro  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militar  
Cos Portugueses ja contra Castella,  
Onde as forças magnanimas prouara  
Dos companheiros, & benigna estrella:  
Não menos nesta terra esprimentara  
Namorados affeitos, quando nella  
A filha vio, que tanto o peito doma  
Do forte Rey, que por molher a toma.  
Esle

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este que socorrer lhe não queria,  
Por não causar discordias intestinas  
Lhe diz, quando o direito pretendia  
Do reino la das terras Iberinas,  
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
Tanto primor, & partes tão diuinas,  
Que elles sos poderião, se não erro  
Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,  
Por vos lhe mandarei embaixadores,  
Que por cartas discretas & polidas,  
De vosso agrauo os fação sabedores:  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Com palauras das fagos & damores,  
Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo  
Que ali terees socorro & forte esteyo.

Deſtarte as aconselha o Duque experto,  
E logo lhe nomea doze fortes,  
E porque cada dama hum tenha certo,  
Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
Que ellas so doze sam: & descuberto  
Qual a qual tem caido das consortes,  
Cadhũa escreue ao seu por varios modos,  
E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

La chega a Portugal o mensageiro,  
Toda a corte aluoroça a novidade,  
Quisera o Rey sublime ser primeiro,  
Mas não lho soffre a Regia Magestade:  
Qualquer dos cortesaõs aventureiro  
Deseja ser, com feruida vontade,  
E so fica por bemaumenturado,  
Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue  
Origem (como he fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leue  
Manda o que tem o leme do gouerno:  
Apercebem se os doze em tempo breue  
Darmas, & roupas de vso mais moderno,  
De elmos, cimeras, letras, & primores  
Caualos, & Concertos de mil cores.

La do seu Rey tomado tem licença  
Pera partir do Douro celebrado,  
Aqueles, que escolhidos por sentença  
Forão do Duque Ingles esperimentado:  
Não ha na companhia differença  
De caualeiro, de tto, ou e forçado:  
Mas hum so, que Magriço se dizia,  
Destarte fala aa forte companhia,

O Fortissimos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Fortíſſimos conſocios, eu deſejo  
A muito ja de andar terras eſtranhas,  
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,  
Varias gentes, & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as couſas ſam tamanhas)  
Quero ſe me deixais, ir ſo por terra,  
Porque eu ſerey conuoſco em Inglaterra.

E quando caſo for, que eu impedido  
Por quem das couſas he vltima linha,  
Não for com voſco ao prazo inſtituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que he diuido:  
Mas ſe a verdade o ſprito me adiuinha,  
Rios, montes, fortuna, ou ſua enueja,  
Não farãõ que eu com voſco la nãõ ſeja.

Aſſi diz & abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim ſe parte,  
Paſſa Liãõ, Caſtella vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
Nauarra, cos altiſſimos perigos  
Do Perineo, que Eſpanha & Galia parte:  
Viſtas em fim de França as couſas grandes,  
No grande emperio foy parar de Frandes.  
Ali



Ali chegado ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteue muitos dias,  
 Mas dos onze a illustrissima companhia  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados,  
 E das damas seruidos, & amimados.

Chegasse o prazo, & dia asinalado,  
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,  
 Que pello Rey ja tinhão segurado,  
 Armarse delmos, greuas, & de arneses:  
 Ia as damas tem por si fulgente & armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueses,  
 Vestem se ellas de cores & de sedas  
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado  
 Magrico, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por não ter quem nomeado  
 Seja seu caualeiro, nesta empresa:  
 Bem que os onze apregoão, que acabado  
 Sera o negocio assi na corte Inglesa,  
 Que as damas vencedoras se conheçãõ  
 Posto que dous & tres dos seus falleçãõ.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

La num sublime & pubrico theatro  
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cada qual coubera em sorte:  
Nã sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,  
De força, esforço, & d'animos mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os caualos escumando  
Os aureos freos, com feroz semblante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em cristal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase num & noutro bando  
Partido desigoal & dissonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rosto aonde auia  
A causa principal do reboliço,  
Eis entra hum caualeiro, que trazia  
Armas, caualo, ao bellico seruiço.  
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia  
Pera os onze, que este era o gram Magriço,  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.  
A dama

*A dama como ouuio, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, & fama,  
 Se alegra, & veste ali do animal de Hele,  
 Que a gente bruta mais que vertude ama:  
 Ia dão sinal, & o som da tuba impelle  
 Os belicosos animos, que inflama,  
 Picão desporas, largão redeas logo  
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.*

*Dos caualos o estrepito parece  
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,  
 O coração no peito, que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
 Qual do caualo voa, que não dece,  
 Qual co caualo em terra dando, geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.*

*Algum dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breue interualo,  
 Correndo algum cauallo vay sem dono,  
 E noutra parte o dono sem caualo:  
 Cae a soberba Inglesa de seu trono,  
 Que dous ou tres ja fera vão do valo,  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mais achão ja que arnes, escudo, & malha*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Gastar palauras em contar estremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
He desses gastadores, que sabemos  
Maos do tempo, com fabulas sonhadas:  
Basta por fim do caso, que entendemos  
Que com finezas altas & affamadas,  
Cos nossos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
Nos seus paços, com festas & alegria,  
Cozinheiros occupa, & caçadores  
Das damas a fermosa companhia,  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
Em quanto se detem em Inglaterra,  
Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
Desejoso de ver as cousas grandes,  
La se deixou ficar, onde hum seruiço  
Notauel aa condessa fez de Frandes:  
E como quem não era ja nouiço  
Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
Hum Frances mata em campo, que o destino  
La teue de Torcato & de Coruino.

Outro

Outro tambem dos doze em *Alemanha*  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Cum Germano enganoso, que com manha  
 Não diuida o quis pôr no estremo fio:  
 Contando assi *Veloso*, ja a companhia  
 Lhe pede, que não faça tal desuio  
 Do caso de *Magriço*, & vencimento  
 Nem deixe o de *Alemanha* em esquecimento.

Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros dhũa & doutra banda:  
 E porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaueas tomar manda,  
 Alerta, disse, estay, que o vento crece  
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,  
 Quando dá a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados  
 Amaina, disse, amaina a grande vella,  
 Não esperão os ventos indinados  
 Que amainassem, mas juntos dando nella,  
 Em pedaços a fazem, cum ruido  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

O 4 O ceo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Oceo fere com gritos nisto a gente,  
Cum subito temor, & desacordo,  
Que no romper da vela a Nao pendente  
Toma gram suma dagoa pello bordo,  
Alija, disse o mestre, rijamente,  
Alija tudo ao mar, não falte acordo,  
Vão outros dar a bomba não cessando,  
Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos  
A dar aa bomba, & tanto que chegarão,  
Os balanços, que os mares temerosos  
Derão aa Nao, num bordo os derribarão:  
Tres marinheiros duros, & forçosos,  
A menear o leme não bastarão,  
Talhas lhe punhão dhua & doutra parte  
Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão  
Mostrar mais força dimpeto cruel,  
Se pera derribar então vierão  
A fortissima torre de Babel:  
Nos altissimos mares, que crescerão,  
A pequena grandura dhum batel,  
Mostra a possante nao, que moue espanto  
Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao

Anno grande, em que vay Paulo da Gama,  
Quebrado leua o masto pello meyo,  
Quasi toda alagada: a gente chama  
Aquelle que a salvar o mundo veyo:  
Não menos gritos vãos ao ar derrama  
Toda a Nuo de Coelho, com receyo,  
Com quanto teue o mestre tanto tento  
Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora sobre as nuuens os subião  
As ondas de Neptuno furibundo,  
Agora a ver parece que decião  
As intimas entranhas do profundo:  
Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
Arruinar a machina do mundo,  
A noite negra & feya se alumia,  
Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto  
Junto da costa braua leuantarão,  
Lembrando se de seu passado pranto,  
Que as furiosas agoas lhe causarão:  
Os Delfins namorados entre tanto  
La nas couas maritimas entrarão,  
Fugindo aa tempestade, & ventos duros  
Que nem no fundo os deixa estar seguros  
Nunca

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Nunca tam viuos rayos fabricou  
Contra a fera soberba dos Gigantes,  
O gram ferreiro sordido, que obrou  
Do enteado as armas radiantes:  
Nem tanto o gram Tonante arremessou  
Relampados ao mundo fulminantes,  
No gram diluuiio, donde sos viuerão  
Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão  
As ondas que batião denodadas,  
Quantas arvores velhas arrancarão  
Do vento brauo as furias indinadas:  
As forçosas raizes não cuidarão  
Que nunca pera o ceo fossem viradas,  
Nem as fundas arêas que podessem  
Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto  
Do fim de seu desejo se perdia,  
Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
Ora com noua furia ao ceo subia,  
Confuso de temor, da vida incerto,  
Onde nenhum remedio lhe valia,  
Chama aquelle remedio sancto & forte  
Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina



Diuina guarda, angelica, celeste,  
Que os ceos, o mar & terra senhoreas,  
Tu que a todo Israel refugio deste  
Por metade das agoas Eritreas:  
Tu que liuraste Paulo & defendeste  
Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
E guardaste cos filhos o segundo  
Povoador do alagado & vacuo mundo.

Se tenho nouos medos perigosos  
Doutra Scylla & Caribdis ja passados,  
Outras Syrtes, & baxos arenosos,  
Outros Acroceraunios infamados,  
No fim de tantos casos trabalhosos,  
Por que somos de ti desemparedos,  
Se este nosso trabalho não te offende,  
Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão  
Entre as agudas lanças Affricanas  
Morrer, em quanto fortes soſtinerão  
A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
De quem feitos illustres se soberão,  
De quem ficão memorias soberanas,  
De quem se ganha a vida com perdella,  
Doce fazendo a morte as honras della.

Aſſi

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Assi dizendo os ventos que lutauão,  
Como touros indomitos bramando,  
Mais & mais a tormenta acrecentauão,  
Pella miuda enxarcia assuuiando:  
Relampados medonhos não cessauão,  
Feros trouões que vem representando  
Cair o ceo dos exos Jobre a terra,  
Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strela scintilaua  
Diante do Sol claro, no Orizonte  
Mensageira do dia, & visitaua  
A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
A deosa que nos ceos a governaua,  
De quem foge o ensifero Oriente,  
Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,  
Disse, mas não serâ, que auante leue  
Tão danada tenção, que descuberto  
Me sera sempre o mal a que se atue,  
Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
No caminho gastando espaço breue,  
Em quanto manda as nimphas amorosas  
Grinaldas nas cabeças por de rosas.  
Grinaldas

Grinaldas manda por de varias cores  
 Sobre cabellos louros a porfia,  
 Quem não dirá, que nace[m] roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amor infia:  
 Abrandar determinas por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,  
 Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, porque tanto que chegarão  
 A vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que dantes pellejarão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem.  
 Os pés e mãos, parece, que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 Que brandura he de amor mais certo arreyo,  
 E não conuem furor a firme amante:  
 Se ja não poês a tanta insania freyo,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amarte, mas temerte,  
 Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi mesmo a fermosa Galatea  
Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
Que dias ha que em vella se recrea,  
E bem crê que com elle tudo acaba,  
Nã sabe o brauo tanto bem se o crea,  
Que o coração no peito lhe nã cabe,  
De contente de ver que a dama o manda,  
Pouco cuida que faz se logo abranda.

Desta maneira as outras amansauão  
Subitamente os outros amadores,  
E logo aa linda Venus se entregauão,  
Amansadas as iras & os furores,  
Ella lhe prometeo vendo que amauão  
Sempiterno fauor em seus amores,  
Nas bellas mãos tomandolhe omenagem  
De lhe serem leais esta viagem.

La a menham clara daua nos outeiros,  
Por onde o Ganges murmurando soa,  
Quando da celsa gauea os marinheiros  
Enxergarãõ terra alta pella proa,  
La fora de tormenta, & dos primeiros  
Mares, o temor vãõ do peito voa,  
Disse alegre o Piloto Melindano,  
Terra he de Calecu, se nã me engano.  
Esta

Esta he por certo a terra que buscais  
Da verdadeira India, que aparece:  
E se do mundo mais não desejais,  
Vosso trabalho longo aqui fenece:  
Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
De ledó em ver que a terra se conhece,  
Os geolhos no chão, as mãos ao ceo  
A merce grande a Deos agradeceo.

As graças a Deos daua, e razão tinha  
Que não somente a terra lhe mostrava,  
Que com tanto temor buscando vinha  
Por quem tanto trabalho esperimentava,  
Mas via se liurado tão asinha  
Da morte, que no mar lhe aparelhava  
O vento duro, feruido, e medonho,  
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos  
Destes trabalhos graues e temores,  
Alcanção os que sam de fama amigos  
As honras immortais, e graos mayores:  
Não encostados sempre nos antigos  
Troncos nobres de seus antecessores,  
Não nos leitos dourados, entre os finos  
Animais de Moscouia Zebellinos.

Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não cos manjares novos & exquisitos,  
Não cos passeos molles & ouciosos,  
Não cos varios deleites & infinitos  
Que afeminão os peitos generosos:  
Não cos nunca vencidos apetitos  
Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,  
Que não soffre a nenhum que o passo mude  
Pera algũa obra heroica de virtude.


Mas com buscar co seu forçoso braço  
As honras, que elle chame proprias suas,  
Vigiando, & vestindo o forjado aço  
Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
Vencendo os torpes frios no regaço  
Do Sul, & regioes de abrigo nuas,  
Engulindo o corrupto mantimento  
Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,  
A parecer seguro ledó, inteiro,  
Pera o pilouro ardente, que affouia  
E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
Destarte o peito hum calo honroso cria  
Desprezador das honras, & dinheiro,  
Das honras, & dinheiro, que a ventura  
Forjou, & não vertude justa, & dura.  
Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,  
 Que experiencias fazem repousado,  
 E fica vendo, como de alto assento,  
 O baxo tracto humano embarcado,  
 Este onde tiuer força o regimento  
 Direito, & nam de affeitos occupado,  
 Subirà ( como deue) a illustre mando,  
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

## Canto Septimo.


**L**A se viã chegados  
 junto aa terra,  
 Que desejada ja de tantos fora,  
 Que entre as correntes Indicas se  
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
 Ora sus gente forte que na guerra  
 Quereis leuar a palma vencedora,  
 Ia sois chegados, ja tendes diante  
 A terra de riquezas abundante.

P Ados

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

A vos; ô geraçam de Luso digo,  
Que tam pequena parte sois no mundo:  
Nãõ digo inda no mundo, mas no amigo  
Curreal de quem gouerna o ceo rotundo:  
Vos, a quem nãõ somente algum perigo  
Estorua conquistar o pouo immundo:  
Mas nem cobica, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos ceos estã em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder vosso nãõ pesais,  
Vos que aa custa de vossas varias mortes  
A lei da vida eterna dilatais:  
Assi do ceo deitadas sam as sortes,  
Que vos por muito poucos que sejais,  
Muito façais na sancta Christandade:  
Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,  
Que por tam largos campos se apacenta,  
Do successor de Pedro rebelado,  
Nouo pastor, e noua ceita inuenta:  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se nam contenta,  
Nãõ contra o superbissimo Otomano:  
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo



Vedelo duro Ingles, que se nomea  
Rei da velha & sanctissima cidade,  
Que o torpe Ismaelita senhorea,  
(Quem vio honra tam longe da verdade)  
Entre as Boreais neues se recrea,  
Nova maneira faz de Christandade,  
Pera os de Christo tem a espada nua,  
Nam por tomar a terra que era sua.

Guardalhe por enquanto hum falso Rei,  
A cidade Hierosolima terrestre,  
Em quanto elle não guarda a sancta lei,  
Da cidade Hierosolima celeste:  
Pois de ti Gallo indigno que direy?  
Que o nome Christianissimo quiseste,  
Nam pera defendelo, nem guardalo,  
Mas pera ser contra elle, & derribalo.

Achas que tês direito em senhorios  
De Christãos, sendo o teu tam largo & tão,  
E nam contra o Cynifio & Nilo rios  
Inimigos do antigo nome sancto,  
Ali se ande prouar da espada os fios,  
Em quem quer reprovar da Igreja o canto,  
De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
Erdaſte, & as causas nam da justa guerra?

P 2      Poisq̃

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois que direy daquelles que em delicias,  
Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
Gastão as vidas, logrão as diuicias,  
Esquecidos de seu valor antigo:  
Nascem da tyrania inimicicias,  
Que o pouo forte tem de si inimigo,  
Contigo Italia fallo, ja sumersa  
Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura  
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
Que hūs aos outros se dão aa morte dura,  
Sendo todos de hum ventre produzidos?  
Nam vedes a diuina sepultura  
Possuida de cães, que sempre unidos  
Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,  
Do qual sam tão inteiros obseruantes,  
Ajuntarem o exercito inquieto,  
Contra os pouos, que sam de Christo amantes.  
Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
De samear cizantias repugnantes,  
Olhay se estais seguros de perigos,  
Que elles & vos, sois vossos inimigos.  
Se cobiça

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz yr conquistar terras alheas,  
 Nam vedes que Padoolo & Hermeros,  
 Ambos voluem auriferas areas,  
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,  
 Affrica esconde em si luzentes veas,  
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,  
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta.

Aquellas inuencões feras & nouas,  
 De instrumentos mortais da artelharía,  
 Ia deuem de fazer as duras prouas,  
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
 Fazei que torne la aas siluestres couas,  
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
 A Turca geração, que multiplica  
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
 Bradando vos estão, que o pouo bruto  
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
 Preceptos do alcorão (duro tributo)  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos gloriaay de peito forte, & astuto,  
 E não queirais louuores arrogantes,  
 De serdes contra os vossos muy possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas em tanto que cegos, & sedentos  
Andais de vosso sangue, o gente insana,  
Não faltarão Christãos atreuimentos,  
Nesta pequena casa Lusitana  
De Affrica tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera la chegâra.

E vejamos em tanto que acontece  
Aaquelles tam famosos nauegantes,  
Despois que a branda Venus enfraqueçe  
O furor vão dos ventos repugnantes:  
Despois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de suas persias tam constantes,  
Onde vê samear de Christo a ley,  
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegârão,  
Leues embarcações de pescadores  
Acharão, que o caminho lhe mostrârão  
De Calecu onde eram moradores:  
Pera la logo as proas se inclinarão,  
Porque esta era a cidade das milhores  
Do Malabar milhor, onde viuua  
O Rei que a terra toda possuua.

Alem

Alem do Indo jaz, e áquem do Gange,  
 Hum terreno muy grande, e assaz famoso  
 Que pela parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte o Emodio cauernoso.  
 Iugo de Reis diuersos o constrange  
 A varias leis: algũs o vicioso  
 Mahoma, algũs os Idolos adorão,  
 Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando  
 Tam larga terra, toda Asia discorre,  
 Que nomes tam diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gram corrente morre  
 No mar Indico, e cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersonejo.

Entre hum e o outro rio, em grande espaço  
 Say da larga terra hũa longa ponta  
 Quasi piramidal, que no regaço  
 Do mar com Ceilão insula confronta,  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta.  
 Que os vizinhos da terra moradores  
 Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Mas agora de nomes, & de vsança,  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os Delijs, os Patanes, que em possança  
De terra, & gente, sam mais abundantes,  
Decanis, Oriãs, que a esperança  
Tem de sua saluação nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala  
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicoso  
( Dizem que foy de Poro Rei potente)  
O Reino de Narsinga poderoso,  
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:  
Aqui se enxerga la do mar vndoso  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canará viue seguro.

Da terra os naturais lhe chamão Gate,  
Do pê do qual pequena quantidade  
Se estende hũa fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica, & bella,  
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada

Chegada a frota ao rico senhorio,  
 Hum Portugues mandado logo parte,  
 A fazer sabedor o Rei gentio  
 Da vinda sua a tam remota parte:  
 Entrando o mensageiro pelo Rio,  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
 A cor, o gesto estranho, o trajo nouo  
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na região da Berberia,  
 La onde fora Anteo obedecido:  
 Ou pela vezinhança ja teria  
 O Reino Lusitano conhecido,  
 Ou foy ja aßinalado de seu ferro,  
 Fortuna o trouxe a tam longo desterro.

Em vendo o mensageiro com jocundo  
 Rosto, como quem sabe a lingoa Hispana  
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo,  
 Tam longe da tua patria Lusitana?  
 Abrindo lhe responde o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Espantado ficou da gram viagem,  
O mouro que Monçaide se chamaua,  
Ouuiendo as opressões que na possajem  
Do mar, o Lusitano lhe contaua,  
Mas vendo em fim, que a força da mensajem  
So pera o Rei da terra releuaua,  
Lhe diz que estaua fora da cidade.  
Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse  
De sua estranha vinda, se queria  
Na sua pobre casa repousasse,  
E do manjar da terra comeria:  
E despois que se hum pouco recreasse,  
Coelle pera a armada tornaria,  
Que alegria não pode ser tamanha,  
Que achar gente vezinha em terra estranha.

O Portugues aceita de vontade  
O que o ledo Monçaide lhe offerece  
Como se longa fora ja a amizade,  
Coelle come e bebe, e lhe obedece.  
Ambos se tornão logo da cidade,  
Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
Sobem aa Capitainá, e toda a gente  
Monçaide recebeo benignamente.

O capitão



O Capitão o abraça em cabo ledo,  
Ouvindo clara a lingua de Castella,  
Lunto de si o assenta, & prompto & quedo  
Pela terra pergunta, & cousas della:  
Qual se ajuntava em Ro lope o aruoredo,  
So por ouvir o amante da donzella  
Euridice, tocando a lira de ouro,  
Tala gente se ajunta a ouvir o Mourro.

Elle começa, o gente que a natura  
Vizinha fez de meu paterno ninho,  
Que destino tam grande, ou que ventura  
Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
Nam he sem causa não occulta, & escura  
Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
Por mares nunca doutro lenho arados,  
A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
Algun seruiço seu por vos obrado:  
Por isso so vos guia, & vos defende  
Dos inimigos do mar, do vento yrado:  
Sabey que estais na India, onde se estende  
Diuerso pouo, rico & prosperado,  
De ouro luzente, & fina pedraria,  
Cheiro Juane, ardente especiaria.

Esta

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Idolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama.  
De diuersos Reis he, mas dum so fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
Saramâ Perimal foy derradeiro  
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro.

Porem como a esta terra entam viessem,  
De la do seyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico trouxesssem,  
No qual me instituirão meus parentes,  
Succedeo que pregando conuertesssem  
O Perimal, de sabios & elloquentes,  
Fazem lhe a ley toimar com feruor tanto,  
Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso  
Mercadoria que offereça rica,  
Pera yr nellas a ser religioso,  
Onde o propheta jaz, que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque não lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor  
 E os mais, a quem o mais serue & contenta  
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,  
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Pera este Calecu samente fica,  
 Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dà co titulo excellente  
 De Emperador, que sobre os outros mande,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,  
 E daqui fica o nome de potente  
 Camori, mais que todos digno, & grande  
 Ao moço & descendentes, donde vem  
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,  
 De fabulas composta se imagina:  
 Andão nius, & samente hum pano cobre  
 As partes, que a cubrir natura insina:  
 Dous modos ha de gente, porque a nobre  
 Naires chamados sam, & a menos digna  
 Poleâs tem por nome, a quem obriga  
 A ley não meſturar a caſta antiga.  
 Porque

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vsaram sempre hum mesmo officio,  
De outro nam podẽ receber consorte,  
Nem os filhos terem outro exercicio,  
Senão o de seus passados ate morte,  
Pera os Naires he certo grande viçio  
Destes serem tocados de tal sorte,  
Que quando algum se toca por ventura,  
Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Desta sorte o Iudaico pouo antigo  
Nam tocaua na gente de Samaria,  
Mais estranhezas inda das que digo  
Nesta terra vereis de vsança varia,  
Os Naires sos sam dados ao perigo  
Das armas, sos defendem da contraria  
Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

Bramenes sam os seus religiosos,  
Nome antigo, & de grande preminencia,  
Obseruão os preceitos tam famosos  
Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:  
Nam matão cousa viua, & temerosos  
Das carnes tem grandissima abstinencia,  
Somente nõ venereo'ajuntamento  
Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais

Gerais sam as molheres: mas samente  
Pera os da geração de seus maridos:  
Ditosa condiçam, ditosa gente,  
Que nam sam de ciumes offendidos.  
Estes & outros costumes variamente  
Sam pelos Malabares admitidos,  
A terra he grossa em trato, em tudo aquilo  
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assi contaua o Mouro: mas vagando  
Andaua a fama ja pela cidade,  
Da vinda desta gente estranha, quando  
O Rei saber mandaua da verdade,  
La vinham pelas ruas caminhando,  
Rodeados de todo sexo, & idade,  
Os principaes que o Rei buscar mandâra,  
O Capitão da armada que chegâra.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
Pera desembarcar, acompanhado  
Dos nobres Portugueses sem detença  
Parte de ricos panos adornado:  
Das cores a fermosa diferença  
A vista alegre ao pouo aluorocado,  
O remo compassado fere frio  
Agora o mar, depois o fresco rio.

Na

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estava,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama:  
La na terra nos braços o leuava,  
E num portatil leito hũa rica cama  
Lhe offereçe em que va, costume usado,  
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,  
Caminhão la pera onde o Rei o espera:  
Os outros Portugueſes vão ao uſo  
Que infantaria ſegne eſquadra fera:  
O pouo que concorre vay confuſo  
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera  
Perguntar: mas no tempo ja paſſado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando  
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,  
Monçaide entrelles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Aſſi pela cidade caminhando,  
Onde hũa rica fabrica ſe erguia  
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão,  
Pelas portas do qual juntos entrauão.

Ali

*Ali estão das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
 Varios de gestos, varios de pinturas,  
 A legundo o Demonio lhe fingia:  
 Vem se as abominaueis esculturas,  
 Qual a Chimêra em membros se varia,  
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados  
 Em forma humana estão marauilhados.*

*Hum na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia estava,  
 Outro num corpo rostos tinha unidos,  
 Bem como o antigo Iano se pintava:  
 Outro com muitos braços diuididos  
 A Briareo parece que imitava:  
 Outro fronte Canina tem de fora,  
 Qual Anubis Menfítico se adora.*

*Aqui feita do barbaro gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão sem cutro algum desvio,  
 Pera onde estava o Rei do pouo vão:  
 Engrossando se vai da gente o fio,  
 Cos que vem ver o estranho Capitão,  
 Estão pelos telhados & janellas  
 Velhos & moços, donas & donzellas.*

*Q la*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

La chegão perto, & não passos lentos,  
Dos jardins odoríferos fermosos,  
Que em si escondem os regios apouentos,  
Altos de torres não, mas sumptuosos,  
Edificação se os nobres seus assentos,  
Por entre os aruoredos deleitosos,  
Assi viuem os Reis daquella gente,  
No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza  
Se enxerga da Dedalea facultade,  
Em figuras mostrando por nobreza  
Da India a mais remota antiguidade:  
Affiguradas vão com tal viueza  
As historias daquella antiga idade,  
Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa  
A terra Oriental, que o Idaspe lava,  
Rege o hum capitam de fronte lisa,  
Que com frondentes Tirsos pelejava,  
Por elle edificada estaua Nisa  
Nas ribeiras do rio, que manaua,  
Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,  
Dirã por certo, que he seu filho aquelle  
Mais



Mais auante bebendo seca o rio,  
Mui grande multidão da Assiria gente,  
Sujeita a feminino senhorio,  
De hũa tam bella, como incontinente:  
Ali tem junto ao lado nunca frio,  
Esculpido o feroz ginete ardente,  
Com quem teria o filho competencia,  
Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
As bandeiras de Grecia gloriosas,  
Terceira Monarchia, & sojugauão,  
Ate as agoas Ganeticas vndosas:  
Dum capitão mancebo se guiauão  
De palmas rodeado valerosas,  
Que ja não de Filipo, mas sem falta  
De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,  
Dizia o Catual ao Capitão,  
Tempo cedo virà que outras victorias,  
Estas que agora olhais abaterão:  
Aqui se escreuerão nouas historias,  
Por gentes estrangeiras que virão  
Que os nossos sabios magos o alcançârão,  
Quando o tempo futuro especulârão.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

E dizlhe mais a magica sciencia,  
Que pera se euitar força tamanha,  
Não valerã dos homẽs resistencia,  
Que contra o Ceo não val da gente manha:  
Mas tambem diz que a bellica excellencia  
Nas armas, & na paz, da gente estranha  
Sera tal, que sera no mundo ouuido  
O vencedor, por gloria do vencido.

Assi fallando entrauãõ ja na sala,  
Onde aquelle potente Emperador  
Nãa camilha jaz, que nam se igoala  
De outra algũa no preço & no lauor:  
No recostado gesto se asinala  
Hum venerando & prospero senhor,  
Hum p.mo de ouro cinge, & na cabeça  
De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
Cos gíolhos no chãõ, de quando em quando  
Lhe daua a verde folha da erua ardente  
Que a seu costume estaua ruminando:  
Hum Bramene, pessoa preminente,  
Pera o Gama vem, com passo brando,  
Pera que ao grande Principe o apresente,  
Que dianse lhe acena que se assente.

Sentado

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prompto em vista  
 Estava o Samori no traço e geito  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, e do pouo todo  
 O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
 O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodã,  
 Ouuindo do rumor que la responde  
 O eco, como em ti da India toda  
 O principado está, e a magestade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:  
 E desda fria plaga de Gelandã,  
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo  
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E se queres com pactos, & alianças  
De paz, & de amizade sacra, & nua,  
Co mercio consentir das abundanças  
Das fazendas da terra sua, & tua,  
Porque creção as rendas, & abastanças,  
Por quem a gente mais trabalha & sua,  
De vossos Reinos, sera certamente  
De ti proveito, & delle gloria ingente.

E sendo assi que o nõ desta amizade,  
Entre vos firmemente permaneça,  
Estara prompto a toda aduersidade,  
Que por guerra a teu Reino se offereça:  
Com gente, armas, & naos de qualidade  
Que por yrmão te tenha, & te conheça,  
E da vontade em ti sobristo posta  
Me des a my certissima reposla.

Tal embaxada daua o Capitão,  
A quem o Rei gentio respondia,  
Que em ver embaxadores de nação  
Tam remota, gram gloria recebia:  
Mas neste caso a vltima tençam  
Com os de seu conselho tomaria,  
Informando se certo de quem era  
O Rei, & a gente, & terra que dissera.  
E que

E que em tanto podia do trabalho  
Passado yr repouzar, & em tempo breue  
Daria a seu despacho hum justo talho,  
Com que a seu Rei repostta alegre leue:  
La nisto punha a noite o vsado atalho  
Aas humanas canseiras, porque ceue  
De doce sono os membros trabalhados,  
Os olhos ocupando ao ocio dados.

Azafalhados foram juntamente,  
O Gama, & Portugueses no apousento  
Do nobre Regedor da Indica gente,  
Com festas & geral contentan ento:  
O Catual no cargo diligente  
De seu Rei, tinha ja por regimento  
Saber da gente estranha donde vinha  
Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do sermoso  
M. icebo Delio vio, que a l. z renoua,  
Manda chamar Munçaide, desejoso  
De poderse informar da gente noua:  
La lhe pergunta pron pto & curioso,  
Se tem noticia inteira, & certa proua,  
Dos estranhos quem sam que ouuido tinha  
Que he gente de sua patria muy vizinha.

Q 4 Que

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Que particularmente ali lhe deesse  
Informação muy larga, pois fazia  
Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse  
O que neste negocio se faria:  
Monçaide torna, posto que eu quisesse  
Dizerte disto mais nam saberia,  
Somente sey que he gente la de Hespanha  
Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
Foi sem fazer na carne detrimento  
Da mãy, tal que por baso está aprouado  
Do Deos, que tem do mundo o regimento:  
O que entre meus antigos he vulgado  
Delles, he que o valor sanguinolento  
Das armas, no seu braço resplandece,  
O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,  
Os deitarão dos campos abundosos  
Do rico Tejo, & fresca Goadiana,  
Com feitos memoraveis, & famosos:  
E não contentes inda, & na Affricana  
Parte, cortando os mares procelosos.  
Nos não querem deixar viuer seguros,  
Tomando nos cidades, & altos muros.  
Não

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,  
 Em quaesquer outras guerras que acôteção,  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou la dalgũs que do Pirene deçãõ.  
 Assim que nunca em fim com lanca estranha  
 Se tem, que por vencidos se conheçãõ,  
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello  
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E esta informação nam for inteira  
 Tanto quanto conuem, delles pretende  
 Informarte, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade enoja & offende:  
 Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira  
 Do fundido metal, que tudo rende,  
 E folgaras de veres a policia  
 Portuguesa na paz, & na milicia.

La com desejos o Idolatra ardia,  
 De ver isto, que o Mouro lhe contava,  
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria  
 Os lenhos em que o Gama nauegava.  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Naira geraçam, que o mar coalhava,  
 Aa Capitaina sobem forte & bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Purpureos sam os tellos, & as bandeiras  
Do rico fio sam, que o bicho gera,  
Nellas estam pintadas as guerreiras  
Obras, que o forte braço ja fizera:  
Batalhas tem campais aventureiras,  
Desafios crueis, pintura fera,  
Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
A tento nella os oll. os apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Gama  
Lhe pedia primeiro que se assente,  
E que aquelle deleite que tanto ama  
A ceita Epicurea, experimente:  
Dos espumantes vasos se derrama  
O licor, que Noe mostrâra aa gente:  
Mas comer o Gentio nam pretende,  
Que a ceita que seguia lho defende.

Atrombeta que em paz no pensamento,  
Imagem faz de guerra rompe os ares,  
Co fogo o diaboli. o instrumento,  
Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
Tudo o Gentio nota: mas o intento  
Mostrava sempre ternos singulares  
Feitos dos homês, que em retrato breue  
A muda poesia ali descreue.

Alçase



Alçase em pê, co elle os Gamis junto  
 Coelho de outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos preem no bellico trasunto  
 De hum velho branco, aspeito venerando,  
 Cuyo nome nam pode ser defuncto  
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
 No trajo a Grega vsança está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego  
 Eu que cometo insano, & temerario,  
 Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,  
 Por caminho tam arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que nauego  
 Por alto mar, com vento tam contrario,  
 Que se nam me ajudais, ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cantando  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 Nôuos trabalhos vendo, & nôuos danos:  
 Agora o mar, agora esprimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace que â morte se condena,  
 Nua mão sempre a espada, & noutra a pena:  
 Agora

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

*Agora com pobreza auorrecida,  
Por hospícios alheios degradado,  
Agora da esperança já adquirida,  
De nouo mais que nunca derribado:  
Agora aas costas escapando a vida,  
Que dum fio pendia tam delgado,  
Que não menos milagre foi saluar-se,  
Que pera o Rei Iudaico acrescentar-se.*

*E ainda Nymphas minhas não bastaua,  
Que tamanhas misérias me cercassem:  
Senão que aquelles que eu cantando andaua,  
Tal premio de meus versos me tornassem  
A troco dos descansos que esperaua,  
Das capellas de louro que me honrassem,  
Trabalhos nunca vsados me inuentarão,  
Com que em tam duro estado me deitirão.*

*Vede Nymphas que engenhos de senhores  
O vosso Tejo cria valerosos,  
Que assi sabem prezas com tais fauores  
A quem os faz cantando gloriosos:  
Que exemplos a futuros escriptores,  
Pera espertar engenhos curiosos,  
Pera porem as cousas em memoria,  
Que merecerem ter eterna gloria.*

*Pois*

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que so vosso fauor me não falleça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado  
 Onde feitos diuerfos engrandeça:  
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado  
 Que não no empregue em quem o não mereça  
 Nem por lisonja louue algum subido,  
 Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse  
 A quem ao bem comum, & do seu Rei  
 Anteposer seu proprio interesse:  
 Imigo da diuina & humana ley,  
 Nenhum ambicioso, que quisesse  
 Subir a grandes cargos, cantarey,  
 So por poder com torpes exercicios  
 Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que vse de seu poder bastante  
 Pera seruir a seu desejo feio,  
 E que por comprazer ao vulgo errante  
 Se muda em mais figuras que Proteio,  
 Nem Camenas tambem cuideis que cante  
 Quem com habito honesto & graue veio,  
 Por contentar o Rei no officio nouo,  
 A despir & roubar o pobre pouo.


Nem

O S L V S I A D A S D E L . D E C A .

Nem quem acha que he justo & que he dercito  
Guardase a ley do Rei seueramente,  
E não acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente.  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões aprende , & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace & escaffa,  
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturârão  
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,  
Tambem de suas obras merecida.  
Apolo, & as Musas que me acompanharão,  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento descansado,  
Por tornar ao trabalho mais folgado.

F I M .

 Canto O&auo.


A primeira figura

*se detinha*

O Catual, que vira estar pinta-  
da.

*Que por diuisa hum ramo na mão tinha,  
A barba branca, longa, & penteada:  
Quem era, & porque causa lhe conuinha  
A diuisa que tem na mão tomada,  
Paulo responde, cuja voz discreta  
O Mauritano sabio lhe interpreta.*

*Estas figuras todas que aparecem,  
Brauos em vista, & feros nos aspeitos,  
Mais brauos, & mais feros se conhecem  
Pela fama, nas obras, & nos feitos  
Antigos sam, mas inda resplandecem  
Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,  
Este que ves he Luso, donde a fama  
O nosso Reino Lusitania chama.*

Foi

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Foy filho & companheiro do Thebano,  
Que tam diuersas partes conquistou  
Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
Seguindo as armas que continuo vsou,  
Do Douro, Guadiana o campo vsano,  
La dito Elifio, tanto o contentou  
Que ali quis dar, aos ja cansados ossos  
Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuisa,  
Overde Tyrso foi de Baco vsado,  
O qual aa nossa idade amostra & auisa  
Que foi seu companheiro & filho amado:  
Ves outro, que do Tejo a terra pisa,  
Despois de ter tam longo mar arado,  
Onde muros perpetuos edefica,  
E templo a Palas, que em memoria fica

Vlisses he o que faz a sancta casa  
Aa Deosa, que lhe dá lingua facunda,  
Que se lá na Asia Trosia insigne abraça,  
Ca na Europa Lisboa ingente funda:  
Quem sera estoutro ca que o campo arrasa  
De mortos, com presença furibunda?  
Grandes batalhas tem desbaratada,  
Que as Aqueas nas bandeiras tem pintadas.

*Assi o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foi de gado,  
 Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança mais que no cajado:  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor inuencibil afamado,  
 Nam tem coelle não, nem ter puderão  
 O primor que com Pirro ja tiuerão.*

*Com força não: com manha vergonhosa,  
 A vida lhe tirarão que os espanta,  
 Que o grande aperto em gente, inda q̃ honrosa  
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
 Outro está aqui que contra a patria yrofa  
 Degradado com nosco se aleuanta,  
 Escolheo bem com quem se aleuantasse  
 Pera que eternamente se illustrasse.*

*Vês com nosco tambem vence as bandeiras  
 Dessas aues de lupiter validas,  
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberam ser vencidas:  
 Olha tam sotis artes & maneiras,  
 Pera adquerir os pouos tam fingidas  
 A fatidica Cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.*

R Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Olha estoutra bandeira & ve pintado,  
O gram progenitor dos Reis primeiros,  
Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:  
Despois de ter cos Mouros superado  
Galegos, & Leoneses caualleiros,  
Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,  
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
Pergunta o Malabar marauilhado,  
Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
Com tam pouca, tem roto & destrocado:  
Tantos muros asperrimos quebranta,  
Tantas batalhas da nunca cansado,  
Tantas coroas tem por tantas partes,  
A seus pês derribadas, & estandartes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
Que todo Portugal aos Mouros toma,  
Por quem no Estigio lago jura a fama,  
De mais não celebrar nenhum de Roma:  
Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,  
Com cujo braço o Mouro imigo doma,  
Pera quem de seu Reino abaxa os muros,  
Nada deixando ja pera os futuros.

Se



Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,  
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
 Contra tantos inimigos quantos erão,  
 Os que desbarataua este excellente,  
 Nam creas que seus nomes se estenderão  
 Com glorias imortais tam largamente:  
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,  
 Ve que os de seus vassallos sam notaveis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,  
 Dizendo lhe que o exercito espalhado,  
 Recolha, & torne ao campo defendido:  
 Torna o moço do velho acompanhado,  
 Que vencedor o torna de vencido,  
 E gas moniz se chama o forte velho  
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregarse,  
 A corda ao colo, nu de seda & pano,  
 Porque nam quis o moço sogeitar-se,  
 Como elle prometera ao Castelhana:  
 Fez com siso & promessas leuantarse  
 O cerco que ja estaua soberano,  
 Os filhos & molher obriga aa pena,  
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Nam fez o Consul tanto que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a passar por baxo foi forçado  
Do Samnitico jugo triumphante:  
Este pelo seu pouo injuriado,  
Assi se entrega so firme & constante,  
Estoutro assi, & os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,  
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,  
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada  
Illustre feito digno de Mauorte,  
Velo ca vay puntado nesta armada  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando lhe as galês, levando a gloria,  
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,  
E no mar resplandece juntamente,  
Co fogo que acendeo junto da serra  
De Abila, nas gales da Maura gente  
Olha como então justa & sancta guerra  
De acabar pelejando está contente:  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triunfando nos ceos com justa Palma.  
Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando sancta proua:  
 Olha Enrique famoso caualleiro,  
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,  
 Por elles mostra Deos milagre visto,  
 Germanos Jam os Martyrs de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,  
 Contra Arronches que toma, por vingança  
 De Leiria, que de antes foi tomada,  
 Por quem por Maphamede enresta a lança:  
 He Teotonio Prior: mas vê cercada  
 Sanctarem, & veras a segurança  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata,  
 E Hispalico pendão derriba em terra,  
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contraria derriba, & a sua exalta.

R 3 Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha aquelle que deçe pela lança,  
Com as duas cabeças dos vigias,  
Onde a çilada esconde, com que alcança  
A cidade por manhas & ousadias:  
Ella por armas toma a semelhança  
Do caualleiro, que as cabeças frias  
Na mão leuaua, feito nunca feito,  
Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhana, que agruado,  
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo  
Dos de Lara cos Mouros he deitado,  
De Portugal fazendo se inimigo?  
Abrantes villa toma acompanhado  
Dos duros insieis que traz consigo:  
Mas vê que hum Portugues com pouca gente  
O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,  
Que destes leuar pode a palma, & o louro:  
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
Que em lança de aço torna o Bago de ouro.  
Vello entre os duuidosos tam inteiro,  
Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
Olha o sinal no çeo que lhe aparece,  
Com que nos poucos seus o esforço creçe.  
Vês

Vês vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
Rotos, cos outros dous, & não de espaço,  
Rotos<sup>2</sup> mas antes mortos, marauilha  
Feita de Deos, que não de humano braço:  
Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,  
Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,  
Portugues de nação, como conquista  
A terra dos Algarues, & ja nella  
Nam acha que por armas lhe resista,  
Com manha, esforço, & com benigna estrella  
Villas, castellos toma a escalla vista:  
Ves Tauila tomada aos moradores,  
Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha  
Silues, que elle ganhou com força ingente,  
He dom Paio Correa, cuja manha  
E grande esforço faz enueja aa gente:  
Mas não passes os tres q̃ e Frãça & Espanha  
Se fazem conhecer perpetuamente,  
Em desafios, justas & torneos,  
Nellas deixando publicos trofeos.

R 4 Vello

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

*Vellos co nome vem de aventureiros,  
A Castella, onde o preço sos leuâão  
Dos jogos de Belona verdadeiros,  
Que com dano de algũs se exercitâão,  
Vê mortos os soberbos caualleiros,  
Que o principal dos tres desafiarão,  
Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
Que pode não temer a ley Letea.*

*Atenta num que a fama tanto estende,  
Que de nenhum passado se contenta,  
Que a patria que de hum fraco fio pende  
Sobre seus duros hombros a sustenta,  
Não no ves tinto de yra, que reprende  
A vil desconfiança inerte & lenta  
Do pouo, & faz que tome o doce freyo,  
De Rei seu natural, & nam de alheyo.*

*Olha por seu conselho & ousadia,  
De Deos guiada so, & de sancta Estrella  
So pode o que impossibil parecia,  
Vencer o pouo ingente de Castella:  
Ves por in lustria, esforço, & valentia  
Outro estrago & victoria clara & bella  
Na gente, assi feroz como infinita,  
Que entre o Tartejo, & Goadiana habita.  
Mas*

Mas não ves quasi ja desbaratado,  
 O poder Lusitano, pela ausencia  
 Do Capitão deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a summa & trina essencia:  
 Vello com pressa ja dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,  
 Que inda não era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria:  
 Assim Pompilio, ouuindo que a possança  
 Dos inimigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estaua dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue,  
 Ouuir quizeres como se nomea,  
 Portugues Cipião chamar se deue:  
 Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,  
 Ditola patria que tal filho teue:  
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodea  
 Este globo de Ceres & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal aluno.

Na

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Na mesma guerra vê que presas ganha,  
E sloutro Capitão de pouca gente,  
Comendadores vence, e o gado apanha,  
Que leuão roubado ousadamente:  
Ouitra vez vê que a lança em sangue banha  
Destes, so por liurar com amor ardente  
O preso amigo, preso por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga  
O perjurio que fez e vil engano,  
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,  
E faz vir a passar o vltimo dano:  
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga  
Co sangue de seus donos Castelhanos:  
Mas olha Rui Pireira que co rosto  
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezefete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos se defendem,  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar se estendem,  
Porem logo sentiram com seus danos,  
Que nam so se defendem, mas offendem,  
Digno feito de ser no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo e no moderno.  
Sabese



Sabese antigamente que trezentos  
La contra mil Romanos pelejarão,  
No tempo que os viris atreuimentos  
De Viriato tanto se illustrarão,  
E delles alcançando vencimentos  
Memoraueis, de erança nos deixarão,  
Que os muitos por ser poucos nam temamos  
O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,  
Progenie generosa de loane,  
Aquelle faz que fama illustre fique  
Delle em Germania, com que a morte engane.  
Este, que ella nos mares o pubrique,  
Por seu descobridor, & desengane  
De Ceita a Maura tumida vaidade,  
Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde dom Pedro que sustenta  
Dous cercos contra toda a Barbaria,  
Vês outro Conde està que representa  
Em terra Marte, em forças & ousadia,  
De poder defender se nam contenta  
Alaçere da ingente companhia:  
Mas do seu Rei defende a cara vida,  
Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros muitos verias que os pintores  
Aqui tambem por certo pintarião:  
Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,  
Honra, premio, fauor que as artes crião,  
Culpa dos viciosos Successores,  
Que degenerão certo, & se desuião  
Do lustre, & do valor dos seus passados,  
Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão  
Principio aa geraçam que delles pende,  
Pela virtude muyto antão fizerão,  
E por deixar a casa que descende,  
Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,  
Se alta fama & rumor delles se estende,  
Escuros deixão sempre seus menores,  
Com lhe deixar descansos corrutores.

Outros tambem ha grandes & abastados,  
Sem nenhum tronco illustre donde venhão,  
Culpa de Reis, que aas vezes a priuados  
Dão mais que a mil, q̄ esforço & saber tenhã  
Estes os seus nam querem ver pintados,  
Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,  
E como a seu contrario natural,  
Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que â com tudo descendentes  
 Do generoso tronco, & casa rica  
 Que com costumes altos & excellentes  
 Sustentão a nobreza que lhe fica:  
 E se ha luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valor não clarifica,  
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:  
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estâ declarando os grandes feitos,  
 O Gama que ali mostra a varia tinta,  
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos  
 Do singular artifice ali pinta:  
 Os olhos tinha promptos & direitos,  
 O Catual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,  
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duuidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia  
 Debaxo do Orizonte & luminosa  
 Leuava aos Antipodas o dia,  
 Quando o Gentio, & a gente generosa,  
 Dos Naires, da nao forte se partia  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Entre tanto os Aruspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrificios  
Anteuem sempre os casos duvidosos,  
Por sinais diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitauão a arte & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo , eterno catiueiro,  
Destruçam de gente, & de valia:  
Vaise espantado o atonito agoureiro  
Dizer ao Rei ( segundo o que entendia)  
Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das victimas que oulhará:

A isto mais se ajunta que hum deuoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,  
Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina Fe, que tudo excede,  
Em forma do Propheta falso & noto,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baco odioso em sonhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se nam dece.

E diz

E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,  
Do mal que se aparelha pelo imigo  
Que pelas agoas humidas caminha,  
Antes que esteis mais perto do perigo:  
Isto dizendo acorda o Mouro asinha,  
Espantado do sonho: mas consigo  
Cuida que não he mais que sonho usado  
Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
O gram legislador que a teus passados  
Tem mostrado o preceito a que obedeces  
Sem o qual foreis muitos baptizados?  
Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
Pois saberas que aquelles que chegados  
De nouo sam, seram muy grande dano  
Da lei que eu dei ao nescio pouo humano.

Em quanto he fraca a força desta gente,  
Ordena como em tudo se resista,  
Porque quando o Sol sae facilmente  
Se pode nelle por a aguda vista:  
Porem despois que sobe claro & ardente,  
Se agudeza dos olhos o conquista,  
Tam cega fica, quanto ficareis  
Se raizes criar lhe nam tolheis.

Isto dito

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Isto dito, elle & o sono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno  
Salta da cama, lume aos seruos pede  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
Mostrara rosto Angelico & sereno,  
Conuoca os principais da torpe ceita,  
Aos quais do que sonhou dâ conta estreita.

Diuersos pareceres & contrarios  
Ali se dão segundo o que entendião,  
Astutas traicões, enganos varios,  
Perfidias inuentauam & tecião:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruicam da gente pretendião,  
Por manhas mais sotis & ardis milhores,  
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
Concilião da terra os principais,  
E com razões notauéis & discretas  
Mostram ser perdicam dos naturais,  
Dizendo que sam gentes inquietas,  
Que os mares discorrendo Occidentais,  
Viuem so de piraticas rapinas,  
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.  
O quanto

O quanto deue o Rei que bem gouerna,  
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,  
 De consciencia, & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como estè posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos apartados  
 Negocios, ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa  
 Que se enleue num pobre & humilde manto,  
 Onde ambição a caso ande encuberta,  
 E quando hũ bom em tudo he justo & sancto  
 E em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poderã ter conta,  
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,  
 Que o Gentilico pouo governauão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama, que não pretende mais,  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que leuar a seu Rei hum final certo  
 Do mundo, que deixa descuberto.

S Nisto

OS LUSIADAS DE L. DE CÂ.

Nisto trabalha so, quem bem sabia  
Que despois que leuasse esta certeza,  
Armas, e naos, e gentes mandaria  
Manoel, que exercita a summa alteza,  
Com que a seu jugo e ley someteria  
Das terras, e do mar a redondeza,  
Que elle não era mais que hum diligente  
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gento determina,  
Porque com seu despacho se tornasse,  
Que ja sentia em tudo da malina  
Gente impedirse quanto desejasse:  
O Rei que da noticia falsa, e indina  
Nim era despantar se sespantasse,  
Que tam credulo era em seus agouros,  
E mais sen. lo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza está sugeito,  
Hum desejo immortal lhe acende, e atiça:  
Que bem vê que grandissimo proueito  
Fará, se com verdade, e com justiça  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.  
Sobre



Sobre isto nos conselhos que tomava,  
Achava muy contrarios pareceres,  
Que naquelles, com quem se aconselhava,  
Executa o dinheiro seus poderes:  
O grande Capitão chamar mandava,  
A quem chegado disse, se quiseses  
Confessarme a verdade limpa, & nua,  
Perdão alcanças da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
Que de teu Rei me deste, que he fingida:  
Porque nem tu tês Rei, nem patria amada,  
Mas vagabundo vas passando a vida:  
Que quem da Hisperia vltima alongada  
Rei, ou senhor de insania desmedida,  
Ha de vir cometer com naos, & frotas  
Tam incertas viagēs, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,  
O teu Rei tem a regia majestade,  
Que presentes me trazes valerosos,  
Sinais de tua incognita verdade:  
Com peças & dões altos sumptuosos  
Se lia dos Reis altos a amizade  
Que sinal nem penhor não he bastante,  
As palauras dum vago nauegante.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,  
Como ja foram homẽs dalta sorte,  
Em meu Reino sereis agasalhados,  
Que toda a terra he patria pera o forte:  
Ou se piratas sois ao mar vsados,  
Dizeimo sem temor de infamia, ou morte:  
Que por se sustentar em toda idade,  
Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha  
Suspeitas das insidias que ordenaua  
O Mahometico odio, donde vinha  
Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:  
Cũa alta confiança, que conuinha,  
Com que seguro credito alcançaua,  
Que Venus Acidalia lhe influia,  
Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
Humana cometeo na prisca idade,  
Nam causaram, que o vaso da niquicia,  
Açoute tão cruel da Christandade,  
Viera por perpetua inimicicia  
Na geraçam de Adão, co a falsidade  
O poderoso Rei da torpe feita,  
Nam conceberas tu tam mã sospeita.  
Mas

Mas porque nenhum grande bem se alcança  
 Sem grandes opressões, & em todo o feyto  
 Segue o temor os passos da esperança,  
 Que em suor viue sempre de seu peyto,  
 Me mostras tu tão pouca confiança  
 Desta minha verdade: sem respeito  
 Das razões em contrario que acharias  
 Senão cresses a quem não crer deuias.

Porque se eu de rapinas so viuesse  
 Vndiuago, ou da patria desterrado,  
 Como cres que tão longe me viesse,  
 Buscar assento incognito & apartado?  
 Porque esperanças, ou porque interesse,  
 Viria esprimentando o mar yrado,  
 Os Antarticos frios, & os ardores  
 Que sofrem do Carnevro os moradores?

Se com orandes presentes dalta estima  
 O credito me pedes do que digo,  
 Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima  
 Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
 Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
 Que eu torne à minha patria, & Reino amigo  
 Então verâs o dom soberbo & rico  
 Com que minha tornada certifico.

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da ultima Hisperia atime mande,  
O coraçam sublime, o regio peito,  
Nenhum caso possibil tem por grande.  
Bem parece que o nobre & gram conceito  
Do Lusitano espirito demande  
Maior credito, & fe de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente propuserão  
De vencer os trabalhos, & perigos,  
Que sempre às grandes cousas se opuserão  
E descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderão  
De saber que fim tinhão, & onde estauão  
As derradeiras praias que lauauão.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso Rei, que arou primeiro  
O mar, por yr deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Este por sua industria, & engenho raro,  
Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pode a parte, que faz clara  
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.  
Crecendo

Crescendo cos successos bons primeyros  
 No peyto as ousadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,  
 Que hũs succedendo aos outros profeguirão:  
 De Affrica os moradores derradeyros  
 Austrais, que nunca as sete flammias virão,  
 Forão vistos de nos, atras deyxando  
 Quantos estão os Tropiccos queymando.

Assim com firme peyto, & com tamanbo  
 Proposito vencemos a Fortuna,  
 Ate que nos no teu terreno estranho  
 Viemos pôr a vltima coluna:  
 Rompendo a força do liquido Estanho  
 Da tempestade horrifica, & importuna  
 Ati chegamos, de quem so queremos  
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria  
 Por tão incerto bem, tão fraco premio  
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,  
 Tão longo tão fingido, & vãõ proemio:  
 Mas antes descansar me deyxaria  
 No nunca descansado & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata inico  
 Dos trabalhos alheyos feyto rico.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Assi que ô Rey, se minha grão verdade  
Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
Ajuntame ao despacho breuidade,  
Não me impidas o gosto da tornada:  
E se inda te parece falsidade,  
Cuyda bem na razão que esta prouada,  
Que com claro juyzo pode ver-se,  
Que facil he a verdade de entender-se.

Atento estaua o Rey na segurança,  
Com que prouaua o Gama o que dezia,  
Concebe delle certa confiança,  
Credito firme, em quanto proferia,  
Pondera, das palauras ha abastança,  
Iulga na autoridade grão valia,  
Começa de julgar por enganados  
Os Catuais currutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,  
Que espera do contrato Lusitano,  
O faz obedecer, & ter respeyto,  
Co Capitão, & não co Mauro engano:  
Enfim ao Gama manda, que direyto  
Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano  
Possa a terra mandar qualquer fazenda,  
Que pela especiaria troque, & venda.  
Que

Que mande da fazenda enfim lhe manda,  
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
 Salgũa traz idonea la da banda  
 Donde a terra se acaba, & o mar começa.  
 Iá da Real presença veneranda  
 Se parte o Capitão, pera onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcação, que a sua esta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:  
 Mas o mao Regedor, que novos laços  
 Lhe machinava, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços:  
 Coelle parte ao caes, por que o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe insinar sua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarçãam bastante, em que partisse,  
 Ou que pera a luz crastina do dia  
 Futuro, sua partida diffirisse:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gentio consentisse  
 Na ma tençãam dos Mouros, torpe & fera,  
 O que delle ate li nam entendêra:

Era

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Era este Catual, hum dos que estauão  
Corrutos pela Maumetana gente,  
O principal por quem se governauão  
As cidades do Samorim potente.  
Delle somente os Mouros esperauão  
Efeyto a seus enganos torpemente,  
Elle, que no concerto vil conspira  
De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe require  
Que o mande por nas naos, e não lhe val,  
E que assi lho mandara, lhe refere,  
O nobre successor de Perimal:  
Porque razão lhe impede e lhe difere  
A fazenda trazer de Portugal,  
Pois aquillo que os Reis ja tem mandado  
Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corruto  
A tais palauras, antes reuoluendo  
Na fantasia algum sutil, e astuto  
Engano diabolico, e estupendo,  
Ou como banhar possa o ferro bruto  
No sangue auorrecido, estaua vendo,  
Ou como as naos em fogo lhe abraçasse,  
Porque nenhũa aa patria mais tornasse.  
Que



Que nenhum torne aa patria so pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos,  
Porque nam saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:  
Nã parte o Gama em fim, que lho defende  
O Regedor dos barbaros profanos,  
Nem sem licença sua yrse podia,  
Que as almãdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
Responde o Idolatra, que mandasse  
Chegar aa terra as naos, que longe estão,  
Porque melhor dali fosse, & tornasse:  
Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
Que la tam longe a frota se alargasse,  
Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama  
Enxerza bem, que as naos deseja perto  
O Catual, porque com ferro, & flama  
Lhas assalte, por odio descuberto:  
Em varios pensamentos se derrama:  
Fantasiando estã remedio certo,  
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,  
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Qual o reflexo lume do polido  
Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
Que do rayo solar sendo ferido,  
Vai ferir noutra parte luminoso,  
E sendo da ouciosa mão mouido  
Pela casa do moço curioso,  
Anda pelas paredes, & telhado,  
Tremulo, aqui & ali, & deffoſsegado.

Tal o vago juyzo flucluaua  
Do Gama preso, quando lhe lembrara  
Coelho, se por caso o esperava  
Na praia cos bateis, como ordenara:  
Logo secretamente lhe mandava,  
Que se tornasse aa frota, que deixâra,  
Nam fosse salteado dos enganos,  
Que esperava, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte  
Imitar os illustres, & igoalalos.  
Voar co pensamento a toda parte,  
Aduinhar pirigos, & euitallos:  
Com militar engenho, & sutil arte  
Entender os imigos, & enganalos,  
Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
O Capitão que diga, não cuidey.

*Insiste*

*Insiste o Malabar em telo preso,  
Senão manda chegar a terra a armada,  
Elle constante, e de yra nobre aceso,  
Os ameaços seus nam teme nada:  
Que antes quer sobre si tomar o peso,  
De quanto mal a vil malicia ousada  
Lhe andar armando, que por em ventura  
A frota de seu Rei, que tem segura.*

*Aquella noite esteue ali detido,  
E parte do outro dia, quando ordena  
De se tornar ao Rei, mas impedido  
Foi da guarda que tinha não pequena:  
Comete lhe o Gentio outro partido,  
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,  
Se sabe esta malicia, a qual a sinha  
Saberâ, se mais tempo ali o detinha.*

*Diz lhe que mande vir toda a fazenda  
Vendibil, que trazia, pera a terra,  
Pera que de vagar se troque, e venda,  
Que quem nam quer comercio, busca guerra:  
Posto que os maos prepositos entenda  
O Gama, que o danado peito encerra,  
Consente, porque sabe por verdade,  
Que compra co a fazenda a liberdade.*

*Concertãse*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Concertã se que o negro mande dar,  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os seus bateis não quer auenturar,  
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:  
Partem as almãdias a buscar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse  
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual:  
Coella fuam Alvaro & Diogo,  
Que a podessem vender pelo que val,  
Se mais que obrigação, que mando & rogo  
No peito vil o premio pode, & val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o Capitão mais tempo detiuesse:  
Elle vendo que ja lhe nam conuinha  
Tornar a terra, por que nam podesse  
Ser mais retido, sendo aos naos chegado  
Nellas estar se deixa descanjado.

Nas

Nas naos estar se deyxá vagaroso,  
Atê ver o que o tempo lhe descobre,  
Que nã se fia ja do cobiçoso  
Regedor corrompido, & pouco nobre.  
Veja agora o juyzo curioso  
Quanto no rico, assi como no pobre  
Pode o vil interesse & sede imiga  
Do dinheyro, que a tudo nos obriga.


A Polidoro mata o Rey Treicio,  
Sõ por ficar senhor do grão tesouro:  
Entra, pelo fortissimo edificio,  
Com a filha de Acriso a chuua douro:  
Pode tanto em Tarpeia auaro vicio,  
Que a troco do metal luzente, & louro,  
Entrega aos inimigos a alta torre,  
Do qual quasi afogada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,  
Faz tredoros, & falsos os amigos,  
Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
E entrega Capitães aos inimigos:  
Este corrompe virgins purezas,  
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,  
Este deprava as vezes às ciencias,  
Os juyzos cegando, & as consciencias.  
Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este interpreta mais que sutilmente  
Os textos este faz & desfaz leis:  
Este causa os perjuros entre a gente:  
E mil vezes tirânos torna os Reis.  
A te os que so a Deos omnipotente  
Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
Que corrompe este encantador, & illude:  
Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

 Canto Nono.



Iuerão longamen-

te na cidade

Sem vender se a fazenda os do-  
us feitores,

Que os infieis por manha, & falsidade  
Fazem, que nam lha comprem mercadores,  
Que todo seu proposito, & vontade  
Era, deter ali os descubridores  
Da India, tanto tempo que viessem  
De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

La no seio Eritreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que despois em Suez se conuerteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que se engrandeceo  
 Com a superstiçãam falsa, e profana,  
 Da relegioja agoa Maumetana.

Gidâ se chama o porto, aonde o trato  
 De todo o roxo mar mais florecia,  
 De que tinha proueito grande, e grato  
 O Soldão que esse Reino possuia:  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão,  
 Que como fossem grandes e possantes  
 Aquellas, que o commercio lhe tomauão,  
 Com flamas abrasassem crepitantes:  
 Neste socorro tanto confiauão,  
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,  
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

T Mas

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Mas o Governador dos ceos, & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dá conuenientes,  
Por onde vem a effeito o fim fadado,  
Influo piadosos accidentes  
De afeicam em Monçaide, que guardado  
Estaua pera dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o Paraiso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tençam lhe descobre torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão  
Visita, & com piedade considera  
O dano, sem razão, que se lhe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadano  
Que agora sam dos seus tam desejadas,  
Pera ser instrumento deste dano:  
Diz lhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horreros de Vulcano,  
E que pode ser dellas oprimido,  
Segundo estaua mal apercebido.

O Gama



O Gama que tambem considerava  
O tempo, que pera a partida o chama,  
E que despacho ja não esperava  
Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:  
Aos feitores, que em terra estão, mandava  
Que se tornem aas naos: & porque a fama  
Desta subita vinda os não impida,  
Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando  
Hum rumor nam soasse com verdade,  
Que forão presos os feitores, quando  
Foram sentidos virse da cidade:  
Esta fama as orelhas penetrando  
Do sabio capitão, com breuidade  
Faz represaria nūs, que aas naos vierão,  
A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores  
Ricos em Calecu, & conhecidos  
Da falta delles, logo entre os milhores  
Sentido foi, que estão no mar retidos:  
Mas ja nas naos os bōs trabalhadores,  
Voluem o cabrestante, & repartidos  
Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,  
Outros quebrão co peito duro a barra.

T 2      Outros

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros pendem da verga, & ja desatão  
A vella, que com grita se soltaua,  
Quando com maior grita ao Rei relatão  
A pressa, com que a armada se leuaua:  
As molheres & filhos, que se maião  
Daquelles que vão presos, onde estaua  
O Smorim, se aqueixão que perdidos  
Hús tem os pais, as outras os maridos.

Mand.i logo os feitores Lusitanos  
Com toda sua fazenda liuremente,  
A pesar dos inimigos Maumetanos,  
Porque lhe torne a sua presa gente:  
Desculpas manda o Rei de seus enganos,  
Recebe o Capitão de melhormente  
Os presos, que as desculpas, & tornando  
Algũs negros, se parte as vellas dando.

Parte se costa abaxo, porque entende  
Que em vão co Rei gentio trabalhaua,  
Em querer d'elle paz, a qual pretende  
Por firmar o commercio que trataua:  
Mas como aquella terra que se estende  
Pela Aurora, sabida ja deixaua,  
Com estas nouas torna aa patria cara,  
Certos sinais leuando do que achara.

Leua

Leua algũs Malabares, que tomou  
Per força, dos que o Samorim mandâra,  
Quando os presos feitores lhe tornou:  
Leua pimenta ardente que comprara:  
A seca flor de Banda não ficou,  
A Noz, & o negro crauo, que faz clara  
A noua ilha Maluco, coa canella,  
Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhê ouuera a deligencia  
De Monçaide fiel, que tambem leua,  
Que inspirado de Angelica influencia,  
Quer no liuro de Christo que se escreua,  
O ditoso Affricano, que a clemencia  
Diuina assi tirou de scura treua,  
E tam longe da patria achou maneira,  
Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente costa,  
As venturosas naos, leuando a proa  
Pera onde a natureza tinha posta  
A Meta Austrina da esperança boa,  
Leuando alegres nouas & reposta,  
Da parte Oriental pera Lisboa,  
Outra vez cometendo os duros medos  
Do mar incerto, temidos & ledos.

T 3 O prazer

OS LUSIADAS DE L. DE C.A.

O prazer de chegar aa patria cara,  
A seus penates caros & parentes,  
Pera contar a peregrina, & rara  
Nauegação, os varios ceos, & gentes,  
Vir a lograr o premio, que ganhara  
Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
Cada hum tem por gosto tam perfeito,  
Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada  
Era pera fauor dos Lusitanos  
Do Padre eterno, & por bom genio dada  
Que sempre os guia ja de longos annos.  
A gloria por trabalhos alcançada,  
Satisfação de bem sofridos danos,  
Lhe andaua ja ordenando, & pretendia  
Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido  
Na mente, o largo mar que nauegãrão,  
Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
Nas Amphioneas Thebas, se causarão,  
La trazia de longe no sentido,  
Pera premio de quanto mal passarão,  
Buscarlhe algum deleite, algum descanso  
No Reino de cristal liquido, & manso.  
Algum

Algum repouso em fim, com que podesse  
 Refucilar a lassa humanidade  
 Dos nauegantes seus, como interesse  
 Do trabalho, que incurta a breue idade:  
 Parecelhe razão que conta desse  
 A seu filho, por cuja potestade  
 Os Deoses faz decer ao vil terreno,  
 E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina  
 De terlhe aparelhada la no meio  
 Das agoas, algũa insula diuina,  
 Ornada desmaltado & verde arreio:  
 Que muitas tem no reino, que confina  
 Da primeira co terreno seio,  
 Afora as que possue soberanas,  
 Pera dentro das portas Herculanas.

Ali quer que as aquaticas donzellas,  
 Esperem os fortissimos barões,  
 Todas as que tem titolo de bellas,  
 Gloria dos olhos, dor dos corações,  
 Com danças, & coreas, porque nellas  
 Influirã secretas afeições,  
 Pera com mais vontade trabalharem  
 De contentar a quem se afeiçãoarem.

OS I.VSIADAS DE L. DE CA.

Tal manha buscou ja , pera que aquelle  
Que de Achises pario, bem recebido  
Fosse no campo que a bouina pelle  
Tomou de espaço, por sutil partido:  
Seu filho vai buscar, porque so nelle  
Tem todo seu poder, fero Cupido,  
Que assi como naquella empresa antiga  
A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida  
Vão da morte as exequias celebrando,  
E aquellas em que ja foi conuertida  
Peristera, as boninas apanhando:  
Em derredor da Deosa ja partida,  
No ar lasciuos beijos se vão dando,  
Ellá por onde passa o ar, & o vento  
Serenoz faz, com brando mouimento.

Ja sobre os Idalios montes pende,  
Onde o filho frecheiro estava então,  
Ajuntando outros muitos, que pretende  
Fazer hũa fa nosa expedição  
Contra o mundo reuelde, porque emende  
Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
Amendo cousas que nos forão dadas,  
Nam pera ser amadas, mas vsadas.

Via

Via Ateon na caça, tam austero,  
De cego na alegria bruta, insana,  
Que por seguir hum feo animal fero,  
Foge da gente, & bella forma humana:  
E por castigo quer doce, & seuro,  
Mostra lhe a fermosura de Diana,  
E guarde se nam seja inda comido  
Desses cães que agora ama, & consumido.

E vê do mundo todo os principais,  
Que nenhum no bem publico imagina,  
Vê nelles, que não tem amor a mais  
Que a si somente, & a quem Philaucia insina  
Vê que esses que frequentão os reais  
Paços, por verdadeira & saã doutrina  
Vendem adulação, que mal consente  
Mondarse o nouo trigo florecente.

Vê que aquelles que deuem aa pobreza  
Amor diuino, & ao pouo charidade,  
Amão somente mandos, & riqueza,  
Simulãdo justiça, & integridade:  
Da fea tyrania, & de aspereza  
Fazem direito, & vã seueridade:  
Leis em fauor do Rei se estabelecem,  
As em fauor do pouo so perecem.

Vê em

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Vê em fim que ninguém ama o que deue,  
Se não o que somente mal deseja,  
Não quer que tanto tempo se releue,  
O castigo que duro, & justo seja:  
Seus ministros ajunta, porque leue  
Exercitos conformes aa peleja,  
Que espera ter coa mal regida gente,  
Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
Estão em varias obras trabalhando,  
Hús amolando ferros passadores,  
Outros asteas de setas delgacando,  
Trabalhando cantando estão de amores,  
Varios casos em verso modulando,  
Melodia sonora, & concertada,  
Suave a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjauão,  
Pera as setas as pontas penetrantes,  
Por lenha, corações ardendo estauão,  
Viuas entranhas inda palpitantes:  
As agoas onde os ferros temperauão,  
Lagrimas sam de miserós amantes,  
A viua flama, o nunca morto lume,  
Desejo he so que queima, & não consume.  
Algũs



Algũs exercitando a mão andauão,  
Nos duros corações da plebe ruda,  
Crebros Jospiros pelo ar soauão,  
Dos que feridos vão, da seta aguda,  
Fermosas Nymphas sam, as que curauão  
As chagas recebidas, cuja ajuda  
Não somente dá vida aos mal feridos:  
Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas sam algũas, & outras feas,  
Segundo a qualidade for das chagas,  
Que o veneno espalhado pelas veas,  
Curão no aas vezes asperas triagas  
Algũs ficão ligados em cadeas,  
Por palauras sutis de sabias Magas,  
Isto acontece aas vezes quando as setas  
Acertão de levar eruas secretas.

Destes tiros assi desordenados,  
Que estes moços mal destros vão tirando,  
Nascem amores mil desconcertados,  
Entre o pouo ferido miserando,  
E tambem nos heroes de altos estados,  
Exemplos mil se vem de amor nefando,  
Qual o das moças, Bibli, & Cynirea  
Hum mancebo de Assiria, hum de Iudea.  
E vos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vos ô poderosos por pastoras  
Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
E por bayxos, & rudos vos senhoras  
Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
Hús esperando andais nocturnas horas,  
Outros subis telhados & paredes,  
Mas eu creyo que deste amor indino,  
He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,  
Punhão os brancos Cisnes mansamente,  
E Dione, que as rojas entre a neve  
No rosto traz, decia diligente:  
O frecheiro, que contra o ceo se atreue,  
A recebella vem, ledo, & contente,  
Vem todos os cupidos seruidores,  
Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,  
Nos braços tendo o filho, confiada  
Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
Toda minha potencia está fundada:  
Filho em quem minhas forças sempre estão,  
Tu que as armas Tiféas tês em nada,  
A Jocerrem me a tua potestade,  
Me traz especial necessidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas fa ligas,  
 Que eu ja de muito longe fauoreço,  
 Porque das Parcas sey minhas amigas,  
 Que me ande venerar & ter em preço,  
 E porque tanto imitão as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 Alhe dar tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso  
 Baco foram na India molestados,  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejam repousados,  
 Tomando aquelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Da mor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o nouo mundo,  
 Todas nua ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali com mil refrescos, & manjares,  
Com vinhos odoriferos, & rosas,  
Em cristalinos paços singulares,  
Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:  
Em fim com mil deleites não vulgares,  
Os esperem as Nymphas amorosas,  
Damor feridas, pera lhe entregarem  
Quanto dellas os olhos cobizarem.

Quero que aja no reino Neptunino  
Onde eu nasci, progenic forte & bella,  
E tome exemplo o mundo vil, malino,  
Que contra tua potencia se reuela,  
Por que entendão que muro Adamantino,  
Nem triste hypocresia val contra ella.  
Mal auerã na terra quem se guarde,  
Se teu fogo imortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho unico  
Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
Manda trazer o arco eburneo rico,  
Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
Com gesto ledo a Cipria, & impudico,  
Dentro no carro. o filho seu recebe,  
Ha redea larga aas aues, cujo canto  
Ha Phaetonte a morte chorou tanto.  
Mas

Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Húa famosa, e celebre terceyra,  
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,  
 Outras muytas ha tem por companheira:  
 A Deosa Gigantea temeraria,  
 Liçtante, mintirosa, e verdadeyra,  
 Que com cem olhos ve, e por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, e mandam a diante,  
 Que celebrando va com tuba clara,  
 Os louvores da gente nauegante,  
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante  
 Pelas fundas cauernas se espallara,  
 Fala verdade, a vida por verdade,  
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louvor grande, o rumor excellente  
 No coração dos Deoses, que indinados  
 Forão por Baco contra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco aseycoados:  
 O peyto feminil, que leuemente  
 Muda quaesquer propositos tomados,  
 Ia julga por mau zelo, e por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas  
Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
Dereitas pelas ondas inquietas,  
Algũas vão, & algũas fazem giros:  
Caem as Nymphas, lançam das secretas  
Entranhas ardentissimos sospiros,  
Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,  
Com força o moço indomito excessiua,  
Que Thetis quer ferir mais que nenhũa,  
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva:  
Ia não fica na aljava seta algũa,  
Nem nos equoreos campos Nimpha viua,  
E se feridas inda estão viuendo,  
Sera pera sentir que vão morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,  
Que vedes Venus traz a medicina,  
Mostrando as brancas vellas, & redondas,  
Que vem por cima da agoa Neptunina:  
Pera que tu reciproco respondas  
Ardente Amor aa flama feminina,  
He forçado que a pudicicia honesta  
Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ja todo o bello coro se aparelha  
Das Nereidas, & junto caminhaua  
Em coreas gentis, vsança velha,  
Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
Ali a fermosa Deosa lhe aconselha  
O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
Ellas que vão do doce amor vencidas,  
Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via  
Do mar ingente, pera a patria amada,  
Desejando prouerse de agoa fria,  
Pera a grande viagem prolongada:  
Quando juntas com subita alegria,  
Ouuerão vista da ilha namorada,  
Rompendo pelo ceo a mãe fermosa  
De Menonio, suaue & deleitosa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,  
Que Venus pelas ondas lha leuaua  
(Bem como o vento leua branca vella)  
Pera onde a forte armada se enxergaua,  
Que porque não passassem, sem que nella  
Tomassem perto, como desejava,  
Pera onde as naos nauegão a mouia  
A Accidalia, que tudo em fim podia.

V Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas firme a fez & imobil, como vio  
Que era dos Nautas vista, & demandada,  
Qual ficou Delos, tanto que pario  
Latona Phebo, & a Deosa aa caça vsada:  
Pera la logo a proa o mar abrio,  
Onde a costa fazia hũa enseada  
Curua, & quieta, cuja branca area  
Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
Erguidos com soberba graciosa,  
Que de gramineo esmalte se adornauão,  
Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
Claras fontes & limpidas manauão  
Do cume, que a verdura tem viçosa,  
Por entre pedras aluas se diriua,  
A sonorosa Lymphã fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende,  
Vinhão as claras agoas ajuntarse,  
Onde hũa mesa fazem, que se estende  
Tam bella, quanto pode imaginarse:  
Aruoredo gentil sobre ella pende,  
Como que prompto estã pera afeitarse,  
Vendose no cristal resplandecente,  
Que em si o estã pintando propriamente.

Mil



Mil arvores estão ao ceo subindo,  
Com pomos odoriferos & bellos,  
A Lorangeira tem no fruto lindo  
A cor, que tinha Daphne nos cabellos:  
Encostase no chão, que está caindo  
A Cidreira cos pesos amarellos,  
Os fermosos limoës ali cheirando  
Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros  
Tem com frondente coma emnobrecidos  
Alemos sam de Alcides, & os Loureiros  
Do louro Deos amados, & queridos.  
Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros  
De Cybele por outro amor vencidos,  
Estã apontando o agudo Cipariso  
Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dâ Pomona, ali natura  
Produze diferentes nos sabores,  
Sem ter necessidade de cultura,  
Que sem ella se dão muito milhores.  
As Cerejas por pureas na pintura,  
As Amoras, que o nome tem de amores,  
O pomo, que da patria Persia veio,  
Milhor tornado no terreno alheio.

V 2 Abre

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:  
Entre os braços do Ulmeiro está a jocunda  
Vide, cūs cachos roxos, & outros verdes:  
E vos se na vossa aruore fecunda  
Peras pyramidais viuer quiserdes,  
Entregaiuos ao dano, que cos bicos,  
Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
Com que se cobre a rustico terreno,  
Faz ser a de Achemenia menos dina:  
Mas o sombrio valle mais ameno:  
Ali a cabeça o flor Cyfisia inclina,  
Sobollo tanque lucido & sereno,  
Floreçe o filho & neto de Cyniras,  
Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras.

Pera julgar difficil cousa fora,  
No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,  
Se daua aas flores cor a bella Aurora,  
Ou se lha dam a ella as bellas flores:  
Pintando estaua ali Zefiro, & Flora  
As violas da cor dos amadores,  
O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,  
Qual reluze nas faces da donzella.

A can.

*A candida Cecem das Matutinas*

*Lagrims ruciada, & a Manjarona,  
Vense as letras nas flores Hyacintinas,  
Vam queridas do filho de Latona:  
Bem se enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia Cloris com Pomona:  
Pois se as aues no ar cantando voão,  
Alegres animais o chão pouoão.*

*A longo da agoa o niueo Cisne canta,  
Responde lhe do ramo Philomela,  
Da sombra de seus cornos nam se espanta  
Aeteon nagoa cristalina & bella:  
Aqui a fugace Lebre se leuanta  
Da espessa mata, ou temida Gazella,  
Alino bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ô leue passarinho.*

*Nesta frescura tal desembarcauão  
la das naos os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixauão  
Andar as bellas Deosas como incautas,  
Algũas doçes Cytaras tocauão,  
Algũas arpas, & sonoras frautas,  
Outras cos arcsos de ouro se fingião  
Seguir os animais, que nam seguião.*

*V 3 Asi*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Assi lho aconselhàra a mestra experta,  
Que andassem pelos campos espalhadas,  
Que vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeyro desejadas  
Algũas, que na forma descuberta  
Do bello corpo estauão confiadas,  
Posta a artificiosa fermosura,  
nuas lauar se deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
Punhão os pes de terra cubiçosos,  
Que não ha nenhum delles, que não saya  
De acharem caça agreste desejosos:  
Não cuydão que sem laço, ou redes caya  
Caça naquelles montes deleytosos  
Tão suaue, domestica, & benina,  
Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas  
Pera ferir os Ceruos se fiaão,  
Pelos sombrios matos, & florestas  
Determinadamente se lançauão:  
Outros nas sombras, que de as altas sestras  
Defendem a verdura, passeauão  
Ao longo da agoa, que suaue, & queda  
Por aluas pedras corre aa praya leda.  
Começão

*Começão de enxergar subitamente*

*Por entre verdes ramos varias cores,  
Cores de quem a vista julga, & sente,  
Que não erão das rosas, ou das flores,  
Mas da lam fina, & seda diferente  
Que mais incita a força dos amores,  
De que se vestem as humanas rosas,  
Fazendo se por arte mais fermosas.*

*Da Velofo espantado hum grande grito,  
Senhores caça estranha disse he esta,  
Se inda durão o Gentio antigo rito,  
A Deofas he sagrada esta floresta:  
Mais descobrimos do que humano esprito  
Desejou nunca, & bem se manifesta  
Que sam grandes as cousas, & excellentes  
Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.*

*Sigamos estas Deofas, & vejamos,  
Se fantasticas sam, se verdadeiras,  
Isto dito velloces mais que Gamos,  
Selançam a correr pelas ribeiras:  
Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,  
Mas mais industriosas que ligeiras,  
Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,  
Se deixão yr dos Galgos alcançando.*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
Acendese o desejo que se ceua  
Nas aluas carnes subito mostradas,  
Hũa de industria cae, & ja releua  
Com mostras mais masias, que indinadas,  
Que sobre ella empecendo tambem caia  
Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
Com as Deosas despidas, que se lauão,  
Ellas começam subito a gritar,  
Como que assalto tal nam esperauão,  
Hũas fingindo menos estimar  
A vergonha, que a força, se lançauão  
Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
O que aas mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,  
Aa vergonha da Deosa caçadora,  
Esconde o corpo nagoa, outra se apressa  
Por tomar os vestidos, que tem fora:  
Tal dos mançebos ha, que se arremessa  
Vestido assi & calçado (que co a mora  
Desse despir, ha medo que inda tarde)  
Amatar na agoa o fogo que nelle arde.  
Qual

Qual tão de caçador sagaz, & ardido,  
Usado a tomar na agoa a ave ferida,  
Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
Pera a Garcenha, ou Pata conbecida,  
Antes que soe o estouro, mal sofrido  
Salta nagoa, & da presa nam duuila,  
Nadando vay & latindo, assi o mancebo  
Remete ha que nam era yrmaã de Phebo.

Lionardo soldado bem desposto,  
Manhoso, caualleiro, & namorado,  
A quem amor não dera hum so desgosto,  
Mas sempre fora delle mal tratado:  
E tinha ja por firme prosuposto  
Ser com amores mal afortunado,  
Porem não que perdesse a esperança,  
De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria  
Apos Esfire, exemplo de belleza,  
Que mais caro que as outras dar queria,  
O que deu pera darse a natureza,  
Ia cansado correndo lhe dizia.  
O fermosura indigna de aspereza,  
Pois desta vida te concedo a palma,  
Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Todas de correr cansam, Ninpha pura,  
Rendendo se aa vontade do inimigo,  
Tu so de my so foges na espessura?  
Quem te disse que eu era o que te sigo?  
Se to tem dito ja aquella ventura,  
Que em toda a parte sempre anda comigo,  
O nam na creas, porque eu quando a cria,  
Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me causas: & se queres  
Fugirme, porque nam possa tocar-te,  
Minha ventura he tal, que inda que esperes  
Ella farâ que nam possa alcançarte:  
Espera, quero ver, se tu quiseres,  
Que sutil modo busca de escaparte,  
E notarâs no fim deste successo,  
Tra la spica & la man, qual muro he messo.

O não me fijas, assi nunca o breue  
Tempo suja de tua fermosura,  
Que so com refrear o passo leue,  
Vncerâs da fortuna a força dura:  
Que Emperador, que exercito se atreue.  
A quebrantar a furia da ventura,  
Que em quanto desejey me vai seguindo,  
O que tu so faras nam me fugindo?

Pois



Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & corroras mais leuemente.

Não te carrega essa alma tam me zquinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu nam sofrerês o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

Lhe mudarás a triste & dura estrella.

E se se lhe mudar, nam vas fugindo,

Que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se Amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere.

La nam fugia a bella Nimphe, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso, & alegria,

Cair se deixa aos pês do vencedor,

Que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,  
E que mimoso choro que soava,  
Que afagos tam suaues, que yra honesta  
Que em risinhos alegres se tornaua:  
O que mais passam na menhã, & na sesta  
Que Venus com prazeres inflamaua,  
Milhor he esprimentalo que julgalo,  
Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas  
Nimphas, cos seus amados nauegantes,  
Os ornão de capellas deleitosas,  
De louro, & de ouro, & flores abundantes:  
As mãos aluas lhe dauão como esposas  
Com palauras formais, & estipulantes,  
Se prometem eterna companhia  
Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha  
Todo o coro das Nimphas, & obedece,  
Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
O que no gesto bello se parece,  
Enchendo a terra, & o mar de marauilha,  
O Capitão illustre que o mereçe,  
Recebe ali com pompa honesta, & rêgia,  
Mostrando se senhora grande, & egregia.  
Que

Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando lhe a entender, que ali viera  
 Por alta influicam do imobil fado,  
 Pera lhe descobrir da vnida esphera,  
 Da terra immensa, & mar não nauegado  
 Os segredos, por alta prophecia,  
 O que esta sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão a leua, & guia  
 Pera o cume dum monte alto, & diuino,  
 No qual hũa rica fabrica se erguia  
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:  
 A maior parte aqui passam do dia  
 Em doçes jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assim a fermosa, & a forte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma, doçe, incognita alegria,  
 O trabalhos tam longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes, da ousadia  
 Forte & famosa, o mundo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grande, & nome alto & subido.

Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,  
Thetis & a Ilha angelica pintada,  
Outra cousa nam he, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha  
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as asas inclitas da fama,  
Por obras valerosas, que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto & fragoso:  
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte  
Por feitos imortais & soberanos,  
O mundo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão, sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana  
Todos forão de fraca carne humana.

Mas

## CANTO OCTAVO

Mas a fama, trombeta de obras tais,  
Lhe deu no mundo nomes tam estranhos  
De Deoses, Semideoses immortais  
Indigetes, Heroicos, & de Magnos  
Por isso, o vos que as famas estimais,  
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,  
Despertai ja do sono do ocio ignauo,  
Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
E na ambiçam tambem, que indignameme  
Tomais mil vezes, & no torpe & escuro  
Vicio da tirania infame, & urgente:  
Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
Verdadeiro valor nam dão aa gente,  
Milhor he merecellos, sem os ter  
Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
Que aos grandes não dem o dos pequenos  
Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
Fareis os Reinos grandes, & possantes  
E todos tereis mais, & nenhum menos  
Possuireis riquezas merecidas,  
Com as honras, que illustrão tanto as vidas.  
E fareis

E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
 Agora cos conselhos bem cuidados,  
 Agora co as espadas, que immortais  
 Vos farão, como os vossos ja passados:  
 Impossibilidades não façais,  
 Que quem quis sempre pode & numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

## Canto Decimo

& ultimo.



As ja o claro ama-

dor da Larissea

Adultera, inclinava os animais,

La pera o grande lago, que rodea

Temistitão, nos fins Occidentais:

O grande ardor do Sol Favonio enfrea,

Co sopro, que nos tanques naturais

Entre spa a agoa serena, & despertava

Os Lirios, & lazmins que a calma agrava.

Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes  
 Pella mão ja conformes & contentes,  
 Subião pera os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas, daltos manjares, excellentes,  
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cõdeiras ricas cristalinas,  
 Se essentão, dous & dous, amante & dama,  
 Noutras aa cabeceira douro finas,  
 Està coa bella Deosa o claro Gama:  
 Deygoarias suaves & diuinas  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão não so do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura dagoa fria.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mil praticas alegres se tocauão,  
Risos doces, sutis, & argutos ditos,  
Que entre hũ & outro mājtar se aleuantauão,  
Despertando os alegres apetitos:  
Musicos instrumentos não faltauão,  
Quais no profundo reyno, os nus espiritos  
Fizerão descansar da eterna pena,  
Cũa voz dhũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos  
Que pellos altos paços vão soando,  
Em consonancia ygoal, os instrumentos  
Suaves vem a hum tempo conformando:  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz hir docemente murmurando  
As agoas, & nas casas naturais  
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao ceo  
Altos varões, que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideas vio Protheo,  
Num globo vão, diafano, rotundo,  
Que Iupiter em dom lho concedeo  
Em sonhos, & despois no reino fundo  
Vaticinando o disse, & na memoria  
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.  
Materia



Materia he de Coturno, & não de Soco  
 A que a Nimpha aprende no immenso lago:  
 Qual Yopas não soube, ou Demodoco,  
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
 Aqui minha Caliope te inuoco  
 Neste trabalho extremo, porque em pago,  
 Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretendo,  
 O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio  
 Ha pouco que passar ate o Otono,  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual ja não me jaêto, nem me abono:  
 Os desgostos me vão leuando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me dê que cumpra, ô grão Rainha  
 Das Musas, cõ que quero aa nação minha.

Cantava a bella Deosa, que virião  
 Do Tejo, pello mar que o Gama abrira,  
 Armadas que as ribeiras vencerião,  
 Por onde o Oceano Indico suspira:  
 E que os Gentios Reis, que não darião  
 A ceruiz sua ao jugo, o ferro & yra  
 Prouarião do braço duro & forte,  
 Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

X 2 Cantava

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantava dhum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdocio a dignidade,  
Que so por não quebrar cos singulares  
Baroës, os nos que dera damizade,  
Sofrerã suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira & crueldade  
Ver destruir do Samorim potente:  
Que tais odios terã coa noua gente.

E canta como la se embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão, quando entraria,  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
Quando mais nagoa os troncos, que gemerem  
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado & curuo rio,  
Desbaratarã os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
Despanto o ardor immenso do Oriente  
Que verã tanto obrar tão pouca gente.  
Chamarã

Chamará o Samorim mais gente noua:

Virão Reis Bipur, & de Tâñôr,  
 Das serras de Narsinga, que alta proua  
 Estarão prometendo a seu senhor:  
 Fará que todo o Naire em fim se moua,  
 Que entre Calicû jaz, & Cananor,  
 Dambas as leis immigas, pera a guerra,  
 Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,

Por terra, & mar, o grão Pacheco ousado,  
 A grande multidão que yrâ matando,  
 A todo o Malabar terá admirado:  
 Cometerá outra vez não dilatando  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immotos

Ia não defenderá somente os passos,

Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:  
 Acejo de yra o Cão, não vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem rasas:  
 Fará que os seus de vida pouco escassos,  
 Cometão o Pacheco, que tem asas  
 Por dous passos num tempo, mas voando  
 Dhum noutro, tudo yrâ desbaratando.

X 3 Virâ

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virâ ali o Samorim, porque em pessoa  
Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,  
Mas hum tiro, que com zonido voa,  
De sangue o tingirá no andor sublime:  
Ia não verá remedio, ou manha boa,  
Nem força, que o Pacheco muito estime,  
Inuentura traiçoës, & vãos venenos,  
Mas sempre ( o ceo querendo ) fará menos.

Que tornarâ a vez septima, cantava,  
Pellejar co inuicto & forte Luso,  
A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,  
Mas com tudo este so o fará confuso:  
Trará pera a batalha horrenda, & brava,  
Machinas de madeiros fora de uso,  
Pera lhe abalroar as Carauellas,  
Que atel; vão lhe fora cometellas.

Pella agoa leuarâ serras de fogo  
Pera abrasar lhe quanta armada tenha,  
Mas a militar arte, & engenho, logo  
Farâ ser vãã a braueza com que venha:  
Nenhum claro barão no Martio jogo,  
Que nas asar da fama se sostenha,  
Chega a este, que a palma a todos toma,  
E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma.  
Porque

Porque tantas batalhas sustentadas  
Com muito pouco mais de cem soldados,  
Com tantas manhas, & artes inuentadas  
Tantos Cães não imbelles profligados:  
Ou parecerão fabulas sonhadas,  
Ou que os celestes Coros inuocados  
Decerão a ajudallo, & lhe darão  
Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios  
O grão poder de Dario estrue, & rende,  
Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
O passo de Termopilas defende,  
Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
Que com todo o poder Tusco contende  
Em defenza da ponte, ou Quinto Fabio  
Foy como este na guerra forte & sabio.

Mas neste passo a Nimpha o som canoro  
Abaxando, fez ronco, & entristecido,  
Cantando em baxa voz enuolta em choro  
O grande esforço mal agardecido:  
O Belisario, disse, que no coro  
Das Musas seras sempre engrandecido,  
Se em ti viste abatido o brauo Marte,  
Aqui tens com quem podes consolarte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Aqui tens companheiro assi nos feitos  
Como no galardão injusto & duro,  
Em ti & nelle veremos altos peitos,  
A baxo estado vir humilde, & escuro:  
Morrer nos hospitais em pobres leitos,  
Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,  
Isto fazem os Reis, cuja vontade  
Manda mais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
Núa apparencia branda que os contenta,  
Dão os premios de Aiace merecidos,  
Aa lingua vaã de Vl:sses fraudulenta:  
Mas vingome que os bens mal repartidos  
Por quem so doces sombras apresenta,  
Se não os dão a sabios caualeiros,  
Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado  
Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,  
Se não es pera darlhe honroso estado,  
He elle pera darte hum reino rico:  
Em quanto for o mundo rodeado  
Dos Apolineos rayos, eu te fico  
Que elle seja entre a gente illustre & claro  
E tu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantava, intitulado  
 Vem com nome real, & traz consigo  
 O filho, que no mar serâ illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo:  
 Ambos darão com braço forte, armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella Rey leal, & humano,  
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaça, que se arrea  
 De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Depois na costa da India, andando chea  
 De lenhos inimigos, & arteficios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos  
 O mancebo Lourenço fará estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,  
 Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Fará pedaços leme, masto, vela,  
 Depois lançando arpeos ousadamente  
 Na capitaina immiga: dentro nela  
 Saltando, a farâ so com lança & espada  
 De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas de Deos a escondida prouidencia,  
Que ella so sabe o bem de que se serue,  
O porâ onde esforço, nem prudencia  
Poderâ auer, que a vida lhe reserue:  
Em Chaul, onde em sangue & resistencia  
O mar todo com fogo & ferro serue,  
Lhe farão, que com vida se não saya  
As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
Que o grande esforço, so com força rende,  
Os ventos que faltarão, & os perigos  
Domar, que sobejarão, tudo o ofende:  
Aqui resurjão todos os antigos,  
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,  
Outro Sceua verão, que espedaçado  
Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda hũa coxa fora, que em pedaços  
Lhe leua hum cego tiro, que passara,  
Se serue inda dos animosos braços,  
E do grão coração, que lhe ficâra:  
Ate que outro pilouro quebra os laços,  
Com que co alma o corpo se liâra,  
Ella solta voou da prisam fora,  
Onde subito se acha vencedora.

Vayte



Vayte alma em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo que em pedaços se apresenta,  
 Quem o gerou vingança ja lhe ordena:  
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta,  
 Que vem ja dar a dura, & eterna pena,  
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,  
 A Cambaicos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,  
 Trazendo furia & magoa por antolhos,  
 Com que o paterno amor lhe está mouendo  
 Fogo no coração, agoa nos olhos:  
 A nobre yra lhe vinha prometendo,  
 Que o sangue fará dar pellos gíolhos  
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,  
 Podêlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro cioso, que se ensaya  
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
 No tronco dhum Carualho, ou alta Faya  
 E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
 Tal, antes que no seyo de Cambaya  
 Entre Francisco irado na opulenta  
 Cidade de Dabul, a espada afia,  
 Abaxandolhe a tumida onjadia.

E logo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E logo entrando fero na enseada  
De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
Farâ espalhar a fraca & grande armada,  
De Calecu, que remos tem por malhas:  
A de Melique Yaz acautelada,  
Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
Farâ yr ver o frio & fundo assento,  
Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
A furia esperará dos vingadores,  
Verâ braços & pernas yr nadando,  
Sem corpos, pello mar, de seus senhores,  
Rayos de fogo yrão representando,  
No cego ardor, os brauos domadores,  
Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,  
E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,  
Com que despois virâ ao patrio Tejo,  
Quasi lhe roubarâ a famosa gloria  
Hum successo que triste & negro vejo,  
O Cabo Tormentorio, que a memoria  
Cos ossos guardará: não terâ pejo  
De tirar deste mundo aquelle effrito,  
Que não tirarão toda a India, & Egito.  
Ali

Ali Cafres seluagens poderão,  
 O que destros inimigos não poderão,  
 E rudos paos tostados sos farão,  
 O que arcos e pelouros não fizerão,  
 Occultos os juizos de Deos sam,  
 As gentes vaãs que não nos entenderão,  
 Chamãolhe fado mau, fortuna escura,  
 Sendo so prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,  
 Dizia a Nympha, e a voz alevantaua,  
 La no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Braua:  
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
 Serâ seu nome, em todo o mar que laua  
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamão  
 De sam Lourêço, e em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, e das luzentes  
 Armas, com que Albuquerque yra amãsand  
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,  
 Que refusam o jugo honroso e brando.  
 Ali verão as setas estridentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que Deos peleja  
 Por quem estende a fe da madre Igreja.  
 Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar se estendem  
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
Ate que a força so de braço aprendem  
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate  
Obrigaçãõ de dar o reyno inico  
Das perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illustrissima de Goa:  
Despois, obedecendo ao duro ensejo  
A deixa, & occasiãõ espera boa,  
Com que a torne a tomar, que esforço & arte  
Vencerão a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna & vây rompendo  
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
Abrindo cõ a espada o espesso, & horrendo  
Esquadrão de Gentios, & de Mouros:  
Irão soldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que sempre celebrada & dina  
Sera da Egipcia sancta Caterina.

Nem

Nem tu menos fugir poderas deste,  
 Posto que rica, & posto que assentada  
 La no gremio da Aurora, onde naceste,  
 Opulenta Malaca nomeada:  
 As setas venenosas que fizeste,  
 Os Crises com que ja te vejo armada,  
 Malaios namorados, laos valentes  
 Todos faras ao Luso obedientes.

Mais estanças cantâra esta Syrena  
 Em louuor do illustrissimo Albuquerque,  
 Mas alembroulhe hũa yra que o condena,  
 Posto que a fama sua o mundo cerque:  
 O grande capitão, que o fado ordena  
 Que com trabalhos gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperezas  
 Doenças, frechas, & trouoës ardentes,  
 A lazão, & o lugar fazem cruezas  
 Nos soldados a todo obedientes:  
 Parece de seluaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos & insolentes,  
 Dar extremo suplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade & Amor desculpa.  
 Não

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não serâ a culpa abominoso incesto,  
Nem violento estupro em virgem pura,  
Nem menos adulterio desonesto,  
Mas cūz escraua vil lasciua & escura:  
Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
Ou de vsado a crueza fera & dura,  
Cos seus hũa ira insana não refrea,  
Poẽ na fama alua nota negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado  
Da sua Campaspe, & deulha alegremente,  
Nã sendo seu soldado esprimentado,  
Nem vendo-se num cerco duro & urgente:  
Sentio Ciró que andaua ja abrasado  
Araspas, de Pantea em fogo ardente,  
Que elle tomara em guarda, & prometia  
Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido  
Fora de amor, que em fim não tem defesa,  
Leuemente o perdoa, & foy seruido  
Delle num caso grande em recompensa.  
Per força de ludita foy marido  
O ferreo Balduuno, mas dispensa  
Carlos pay della, posto em cousas grandes,  
Que viua, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nimpha o longo canto,  
 De Soarez cantava, que as bandeiras  
 Faria tremolar, e por espanto,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca, e Gidâ, coas derradeiras  
 Prayas de Abassia: Barborâ se teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 Ia pello nome antigo tão famosa,  
 Quanto agora soberba, e soberana,  
 Pella Cortiça calida, cheirosa,  
 Della darâ tributo aa Lusitana  
 Bandeira, quando excelsa, e gloriosa  
 Vencendo se erguerâ na torre erguida,  
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas  
 Diuidindo, abrirâ nouo caminho,  
 Perati grande Imperio que te arreas  
 De Jeres de Candace, e Sabâ ninho:  
 Maçua com Cisternas de agoa cheas  
 Verâ, e o porto Arquico ali vizinho,  
 E fara descobrir remotas ilhas,  
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Virâ despois Meneses, cujo ferro  
Mais na Africa, que câ terâ prouado:  
Castigarâ de Ormuz Soberba o erro,  
Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
Tambem tu Gama, em pago do desterro  
Em que estâs, & serâs inda tornado,  
Cos titolos de Conde, & dhonras nobres,  
Virâs mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,  
De quem ninguem se exime dos humanos,  
Illustrado coa Regia dignidade,  
Te tirarâ do mundo & seus enganos:  
Outro Meneses logo, cuja ydade  
He mayor na prudencia, que nos anos,  
Gouernarâ, & farâ o ditoso Henrique,  
Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerâ somente os Malabares,  
Destruindo Panane, com Coalete,  
Cometendo as Bombardas, que nos ares  
Se vingão so do peito que as comete:  
Mas com virtudes certo singulares,  
Vence os inimigos dalma todos sete,  
De cubica triumpho, & incontinencia,  
Que em tal idade he suma de excellencia.

Mas.



Mas despois que as estrellas o chamarem,  
 Socederás ô forte Mazcarenhas,  
 E se injustos o mando te tomarem,  
 Prometote que fama eterna tenhas:  
 Pera teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, o fado quer que venhas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos  
 Terâ a Malaca muito tempo feitos,  
 Num so dia as injurias de mil anos  
 Vingarás, co valor de illustres peitos,  
 Trabalhos & perigos inhumanos,  
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,  
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambição,  
 Que claramente poem aberto o rosto  
 Contra Deos, & ludica, te farão  
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezão  
 Com forças & poder, em que eslâ posto,  
 Não vence, que a vitoria verdadeira,  
 He saber ter justiça nua, & inteira.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
Será no esforço illustre, & asnalado,  
Mostrando se no mar hum fero rayo,  
Que de inimigos mil verá qualhado:  
Em Bacanôr fará cruel ensayo  
No Malabar, pera que amedrontado  
Despois a ser vencido delle venha  
Cutiãle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
Que Chaul temerá de grande & ousada,  
Fará coa vista so perdida & rota,  
Por Heitor da Silueira, & destrocada:  
Por Heitor Portugues, de quem se nota,  
Que na Costa Cambaica sempre armada,  
Será aos Guzarates tanto dano,  
Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá  
Cunha, que longo tempo tem o leme,  
De Chale as torres altas erguerá,  
Em quanto Dio illustre delle treme,  
O forte Bacaïm se lhe dará,  
Não sem sangue porem, que nelle geme  
Melique, porque a força so de espada  
A tranqueira soberba ve tomada.

Tras

Tras este vem Noronha, cujo *Auspicio*  
 De Dio os Rumes feros *afugenta,*  
 Dio que o peito & bellico *exercicio*  
 De Antonio da silueira *bem sustenta:*  
 Fará em Noronha a morte o *usado officio,*  
 Quando hum teu ramo, ô Gama, *se esprimeta*  
 No gouerno do Imperio, cujo *zelo*  
 Com medo o roxo mar *fará amarelo,*

Das mãos do teu Esteuão *vem tomar*  
 As redeas hum, que ja sera *illustrado*  
 No Brasil, com vencer & *castigar*  
 O Pirata Frances ao mar *usado:*  
 Depois Capitão mor do Indico *mar,*  
 O muro de Dâmão soberbo & *armado,*  
 Escala, & primeiro entra a *porta aberta*  
 Que fogo & frechas mil terão *cuberta.*

Aeste o Rey Cambaico *soberbissimo.*  
 Fortaleza darà na rica *Dio,*  
 Porque contra o Mogor *poderosissimo*  
 Lhe ojuide a defender o *senhorio:*  
 Depois yrà com peito *esforçadissimo*  
 A tolher que não passe o *Rey Gentio*  
 De Calecu, que assi com *quantos veyo*  
 O fará retirar de Jangue *cheyo*

I 3 Destroirá

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Destroirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:  
E despois junto ao Cabo Comorim  
Hũa façanha faz esclarecida,  
A frota principal do Samorim,  
Que deſtroir o mundo não duuida,  
Vencerá co furor do ferro & fogo,  
Em ſi verá Beadâla o Marcio jogo.

Tendo aſſi limpa a India dos inimigos,  
Virá despois com cetro a governala,  
Sem que ache resistencia, nem perigos,  
Que todos tremem delle, & nenhum fala:  
So quis prouar os asperos caſtigos  
Baticalâ, que virá ja Beadala,  
De ſangue & corpos mortos ficou chea,  
E de fogo & trouões deſfeita & ſea.

Este ſera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illuſtre em toda parte,  
Quanto em conſelho ſabio & bem cuidado:  
Socederlhe ha ali Caſtro, que o eſtandarte  
Portuguez terá ſempre leuanteado,  
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido  
Que hum ergue Dio, outro o deſende erguido.  
Perſas

*Persas feroces, Abassis & Rumes*  
*Que trazido de Roma o nome tem,*  
*Varios de gestos, varios de costumes*  
*Que mil nações ao cerco feras vem*  
*Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes*  
*Porque hūs poucos a terra lhe detem,*  
*Em sangue Portugues juram descridos*  
*De banhar os bigodes retorcidos.*

*Basiliscos medonhos & Liões,*  
*Tra bucos feros, minas encubertas,*  
*Sustenta Mazcarenhas cos barões,*  
*Que tam ledos as mortes tem por certas:*  
*Ate que nas mayores oppressões*  
*Castro libertador, fazendo offertas*  
*Das vidas de seus filhos, quer que fiquem*  
*Com fama eterna, & a Deos se sacrificuem.*

*Fernando hum delles, ramo da alta pranta,*  
*Onde o violento fogo com ruido,*  
*Em pedaços os muros no ar leuanta,*  
*Serâ ali arrebatado, & ao ceo subido:*  
*Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,*  
*E tem o caminho humido impedido,*  
*Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,*  
*Os ventos, & despois os inimigos.*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta  
Co restante da gente Lusitana  
E com força & saber, que mais importa,  
Batalha dá felice & soberana:  
Hús paredes subindo escusam porta,  
Outros a abrem, na fera esquadra insana,  
Feitos farão tão dinos de memoria,  
Que não caibão em vêrso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta  
Vencedor forte & intrepido, ao possante  
Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta  
Da fera multidão pradrupedante:  
Não menos suas terras mal sustenta  
O Hydaltham do braço triumphante  
Que castigando vay Dâbul na costa  
Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Baroës por varias partes,  
Dinos todos de fama & marauilha,  
Fazendose na terra brauos Martes,  
Virão lograr os gostos desta Ilha:  
Varrendo triumphantes estandartes  
Pellas ondas, que corta a aguda quilha,  
E acharão estas Nymphas & estas mesas,  
Que glorias & hōras sam de arduas empresas  
Assi

Assim cantava a Nympha & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes dauão,  
 Com que festejão as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebrauão:  
 Por mais que da Fortuna andem as rodas  
 Nua consoza voz todas soauão,  
 Não vos hão de faltar, gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na harmonia & doce suauidade,  
 Virão os altos feitos, que descobre,  
 Thetis de graça ornada, & grauidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia  
 Suprema, de cos olhos corporais  
 Veres, o que não pode a vã ciencia  
 Dos errados & miseros mortais:  
 Sigueme firme, & forte, com prudencia  
 Por este monte espedro, tu cos mais.  
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Nao

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Não andão muito que no erguido cume  
Se acharão, onde hum campo se esmaltava,  
De Esmeraldas, Rubis, tais que presume  
A vista, que diuino chão pisava:  
Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
Claríssimo por elle penetraua,  
De modo que o seu centro esta euidente,  
Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,  
Mas enxergasse bem que está composto  
De varios orbes, que a diuina verga  
Compos, & hum centro a todos so tem posto:  
Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,  
Nunca sergue, ou se abaxa, & hū mesmo rosto  
Por toda a parte tem, & em toda a parte  
Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sostido,  
Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
Vendo o Gama este globo, comouido  
De espanto & de desejo ali ficou,  
Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido  
Em pequeno volumé aqui te dou,  
Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
Por onde vas, & yrás, & o que desejas.  
Ves



Ves aqui a grande machina do mundo,  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, & profundo,  
 Que he sem principio, & meta limitada,  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, & sua superficie tão limada,  
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguẽ o entende,  
 Que a tanto o engenho humano não se estẽde.

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que estã com luz tão clara radiando,  
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
 Empireo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estã de aquelle bem,  
 Tamanho, que elle so se entende & alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos  
 Divos estã, porque eu, Saturno & Iano,  
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos  
 Fingidos de mortal & cego engano:  
 So pera fazer versos deleitosos  
 Seruimos, & se mais o trato humano  
 Nos pode dar, he so que o nome nosso  
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.  
 E tambem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E tambem por que a Santa prouidencia,  
Que em Iupiter aqui se representa,  
Por espiritos mil, que tem prudencia,  
Gouerna o mundo todo, que sustenta:  
Insinalo a prophetica sciencia,  
Em muitos dos exemplos, que apresenta,  
Os que sam bõs, guiando fauorecem,  
Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
Agora deleitando, ora insinando,  
Darlhe nomes, que a antiga Poesia  
A seus Deoses ja dera, fabulando:  
Que os Anjos de celeste companhia  
Deoses o sacro verso estã chamando,  
Nem nega que esse nome preminente,  
Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas  
Causas obra no mundo, tudo manda:  
E tornando a contarte das profundas  
Obras da mão diuina veneranda,  
Debaxo deste circulo onde as mundas  
Almas diuinas gozãõ, que não anda,  
Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
Que não se enxerga, he o Mobile prime'ro.  
Com

Com este raptó, & grande mouimento,  
 Vão todos os que dentro tem no seyo,  
 Por obra deste, o Sol andando atento  
 O dia & noite faz, com curso alheyo:  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,  
 Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.

Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, & radiantes,  
 Que tambem nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintilantes:  
 Bem ves como se veste, & faz ornado  
 Co largo cinto douro, que estellantes  
 Animais doze traz afigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo.  
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pay, & o drago horrêdo:  
 Vê de Cassiopea a fermosura,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo que sospira,  
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.

Debaxo

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Debaxo deste grande firmamento,  
Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
Iupiter logo faz o mouimento,  
E Marte abaxo bellico inimigo,  
O claro olho do ceo no quarto assento,  
E Venus, que os amores traz consigo,  
Mercurio de eloquencia soberana,  
Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente  
Curso veras, nũs graue, & noutros leue:  
Ora fogem do centro longamente,  
Ora da terra estão caminho breue,  
Bem como quis o padre omnipotente  
Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neue,  
Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pousada dos humanos,  
Que não somente ousados se contentão  
De soffrerem da terra firme os danos  
Mas inda o mar instabil esprimentão,  
Verãas as varias partes, que os insanos  
Mares diuidem, onde se apousentão  
Varias nações, que mandão varios Reis,  
Varios costumes seus, & varias leis.

Ves

Ves Europa Christã mais alta & clara  
Que as outras em policia, & fortaleza:  
Ves Africa dos bens do mundo auara,  
Inculta, & toda chea de bruteza,  
Co Cabo que ate qui se vos negãra,  
Que assentou pera o Austro a natureza:  
Olha essa terra toda, que se habita  
Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Vê do Benomotapa o grande imperio,  
De seluatica gente, negra & nua:  
Onde Gonçalo morte & vituperio  
Padecerã, polla fe sancta sua:  
Nace por aste incognito Hemisperio  
O metãl, por que mais a gente sua,  
Ve que do lago, donde se derrama  
O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estã  
Sem portas, confiados em seus ninhos  
Na justiça real, & defensam,  
E na fidelidade dos vizinhos:  
Olha delles a bruta multidão  
Qual bando espesso & negro de Estorninhos,  
Combaterã em Sofala a fortaleza,  
Que defenderã Nhaya com destreza.  
Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo  
Nace, que não souberão os antigos,  
velo rega, gerando o Crocodilo,  
Os pouos Abasfis de Christo amigos,  
Olha como sem muros ( nouo estilo )  
Se defendem melhor dos inimigos,  
Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
Que ora dos naturais Nobâ se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu  
Nas armas contra os Turcos serâ claro,  
Ha de ser dom Christouão o nome seu,  
Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
Ve ca a Costa do mar, onde te deu  
Melinde hospicio galafoso & caro  
O Rapto rio neta, que o romance  
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromâta chamado,  
E agora Goard: fû dos moradores,  
Onde começa a toca do afamado  
Mar roxo, que do fundo toma as cores  
Este como limite . sta lançado  
Que diuide Asia de Africa, & as milhores  
Pouoações, que a parte Africa tem  
Maçuâ Jam, Arquico, & Suamquem.  
Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente  
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egipto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade  
 Asia começa aqui, que se apresenta  
 Em terras grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
 Co sepulchro de sancta Caterina,  
 Olha Toro, & Gidâ, que lhe falece  
 Agua das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reyno da seca Adem, que confina  
 Com a serra Darzira, pedra viua,  
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga, & bacia,  
 Donde vem os caualos pera a guerra  
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O Cabo, que co nome se apellida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha Dofar insigne, porque manda  
O mais cheiroso encenço pera as aras:  
Mas atenta ja ca destroutra banda  
De Roçalgate, & prayas sempre auaras,  
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda  
Pellas ribeiras, que inda serão claras  
Quando as gales do Turco, & fera armada  
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Asaboro, que chamado  
Agora he Moçandão dos nauegantes.  
Por aqui entra o lago, que he fechado  
De Arabia, & Persias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, & imitantes  
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada  
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos caualos,  
Que se injuria de vsar fundido cobre,  
E de não ter das armas sempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os interualos,  
Que da cidade Armuzza, que ali esteve  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui



*Aqui de dom Felipe de Meneses*

*Se mostrará a virtude em armas clara,  
Quando com muito poucos Portugueses  
Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
Virão prouar os golpes & reueses  
De dom Pedro de Sousa, que prouâra  
la seu braço em Ampaza, que deixada  
Terá por terra a força so de espada.*

*Mas deixemos o estreito, & o conhecido*

*Cabo de lasque dito ja Carpella,  
Com todo o seu terreno mal querido  
Da natura, & dos dões vsados della,  
Carmania teue ja por apelido:  
Mas ves o fermoso lndo, que daquella  
Altura nace junto aa qual tambem  
Doutra altura correndo o Gange vem.*

*Olha a terra de Vlcinde fertilissima,*

*E de laquete a intima enseada,  
Do mar a enchente subita grandissima,  
E a vazante que foge apressurada:  
A terra de cambaya ve riquissima,  
Onde do mar o seo faz entrada,  
Cidades outras mil, que vou passando,  
A vosontros aqui se estão guardando.*

*Z 2 Ves*

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ves corre a costa celebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
Ia chamado (ori, que T aprobana  
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:  
Por este mar a gente Lusitana  
Qua com armas virâ despois de ti,  
Terâ vitorias terras, & cidades  
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas:  
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis escriptas:  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas & benditas,  
Do corpo de Thome, barão sagrado,  
Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamaua  
Meliapor, fermosa, grande, & rica:  
Os Idolos antigos adoraua:  
Como inda agora faz a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo estaua:  
Quando a fe, que no mundo se pubrica,  
Thom e vinha prègando, & ja passàra  
Prouincias mil do mundo, que insinàra.  
Chegado

Chegado aqui pregando, & junto dando  
 A doentes saude, a mortos vida  
 A caso traz hum dia o mar vagando,  
 Hum lenho de grandeza desmedida:  
 Deseja o Rey, que andaua edificando,  
 Fazer delle madeira, & não duuida  
 Poder tiralo a terra compossantes  
 Forças dhomês, de engenhos de Aliphantes.

Era tão grande o peso do madeiro  
 Que so pera abalar se, nada abasta,  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Ata o cordão que traz por derradeiro  
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta  
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formada  
 Mandar a hum monte surdo, que se moua,  
 Que obedecerà logo aa voz sagrada,  
 Que assi lho insinou Christo, & elle o proua:  
 A gente ficon disto aluoroçada,  
 Os Bramenes o tem por cousa noua,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Sam estes sacerdotes dos Gentios,  
Em quem mais penetrado tinha enueja,  
Buscão maneiras mil, buscão de suios  
Com que Thome não se ouça, ou morto seja:  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,  
Que inimiga não ha tão dura, & fera,  
Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa  
De homicidio Thome, que era innocente  
Dâ falsas testemunhas, como se vsa  
Condenarã no a morte breuemente:  
O Santo que não vê melhor escusa,  
Que apellar pera o Padre omnipotente,  
Quer diante do Rey, & dos senhores,  
Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido  
Que resucite, & seja perguntado,  
Quem foy seu matador, & serâ crido  
Por testemunho o seu mais aprouado:  
Viram todos o moço viuo erguido  
Em nome de Iesu crucificado,  
Dâ graças a Thome, que lhe deu vida  
E descobre seu pay ser homicida.

Este

Este milagre fez tamanho espanto,  
 Que o Rey se banha logo na ago santa,  
 E muitos apos elle, hum beija o manto  
 Outro louuor do Deos de Thome canta:  
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,  
 Com seu veneno os morde enueja tanta,  
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,  
 Fingirão entre a gente hum arroido,  
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multidão das pedras, que voaua,  
 No Santo dêja a tudo offerecido,  
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,  
 Com crua lança o peito lhe atraueffa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,  
 Choroute toda a terra que pisaste,  
 Mais te chorão as almas, que vestindo  
 Seyão da sancta Fe, que lhe insinaste:  
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
 Te recebem na gloria que ganhaste,  
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

E vofoutros que os nomes vsurpais  
De mandados de Deos, como Thome,  
Dizey se sois mandados, como estais  
Sem yrdes a pregar a Sancta fe?  
Olhay que se sois Sal, & vos danais  
na patria, onde Propheta ninguem he,  
Com que se salgarão em nossos dias  
(Infiéis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,  
E tornemos aa costa debuxada,  
Ia com esta cidade tão famosa,  
Se faz curua a Gangetica enseada,  
Corre Narsinga rica, & poderosa,  
Corre Orixá de roupas abastada,  
No fundo da enseada o illustre rio  
Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores  
Morrem banhados, tendo por certeza,  
Que inda que sejam grandes peccadores,  
Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
Ve Chatigão cidade das milhores  
De Bengala prouincia, que se preza  
De abundante, mas olha que está posta  
Pera o Austro daqui virada a costa.  
Olha

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
 De Pegu, que ja mōstros pouoarão,  
 Mōstros filhos do seo ajuntamento  
 Dhũa melher & hum cão, que sos se acharão:  
 Aqui Joante Arame no instramento  
 Da geração costumão, o que vsarão  
 Por manha da Raynha, que inuentando  
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tão comprido,  
 Tenassarî, Quedâ, que he so cabeça  
 Das que Pimenta ali tem produzido:  
 Mais auante fareis que se conheça  
 Malaca, por Emperio ennobrecido,  
 Onde toda a prouincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersonejo foy dita, & das prestantes  
 Veas douro, que a terra produzio,  
 Aurea por epitheto lhe ajuntarão,  
 Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Mas na ponta da terra Cingapura  
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,  
Daqui tornando a Costa aa Cynosura  
Se encurua, & pera a Aurora se endereita:  
Ves Pam, Patane, reinos, & a longura  
De Syão que estes & outros mais sujeita  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terreno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auãs, Bramàs, por serras tão compridas:  
Ve nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos se chamão de seluages vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão com ferro ardente, vsança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas se interpreta,  
Tantas recebe doutro so no estio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta,  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle cre como indiscreta,  
Que pena & gloria tem despois de morte  
Os brutos animais de toda forte.

Este



Este receberá placido & brando,  
 No seu regaço os Cantos, que molhados  
 Vem do naufragio triste, & miserando,  
 Dos procelosos baxos escapados:  
 Das fomes, dos perigos grandes, quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle, cuja Lira sonora,  
 Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,  
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina está de escura fama,  
 E de Ainão ve a incognita enseada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & occupa o senhorio  
 Desdo Tropico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio & o outro se edifica,  
 Certissimo sinal, & conhecido,  
 Da potencia real, soberba, & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos pais aos filhos fica  
 Mas elegem aquelle que he famoso  
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

Inda

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Inda outra muita terra se te esconde,  
Ate que venha o tempo de mostrar se,  
Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
A natureza quis mais affamar-se:  
Esta mea escondida que responde  
De longe aa China donde vem buscar-se,  
He lapão, onde nace a prata fina,  
Que illustrada serà coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente  
As infinitas Ilhas espalhadas  
Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
Cume, que lança as flamas ondeadas:  
As aruores veràs do Crauo ardente,  
Co sangue Portugues inda compradas,  
Aqui ha as aureas aues, que não decem  
Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão  
Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
As aues variadas, que ali saltão,  
Da verde Noz tomando seu tributo:  
Olha tambem Borneo, onde não faltão  
Lagrimas, no licor qualhado, & enxuto,  
Das aruores, que Cànfora he chamado,  
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

*Ali tambem Timor, que o lenho manda  
 Sândalo salutifero, & cheiroso,  
 Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
 Esconde pera o Sul difficultoso:  
 Agente do Sertão, que as terras anda,  
 Hum rio diz que tem miraculoso,  
 Que por onde elle so sem outro vae,  
 Conuerte em pedra o pao que nelle cae:*

*Ve naquella que o tempo tornou Ilha,  
 Que tambem flamas tremulas vapôra,  
 A fonte que oleo mana, & a maravilha  
 Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
 Cheiroso mais que quanto estila a filha  
 De Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
 E ve que tendo quanto as outras tem,  
 Branda seda & fino ouro dà tambem.*

*Olha em Ceilão, que o monte se aleuanta  
 Tanto, que as nuuês passa, ou a vista engana,  
 Os naturaes o tem por cousa sancta,  
 Poll: pedra onde está a pègada humana:  
 Nas ilhas de Maldiua nace a pranta  
 No profundo das agoas soberana,  
 Cujò pomo contra o veneno urgente  
 He tido por Antidoto excelente.*

*Verás*

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Verás de fronte estar do roxo estreito  
Socotorâ co amaro Aloe famosa,  
Outras ilhas no mar também sogeito  
A vos, na costa de Affrica arenosa,  
Onde sae do cheiro mais perfeito  
A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
De Jam Lourenço ve a Ilha afamada,  
Que Madagascar he dalguũs chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
Que vosoutros agora ao mundo dais,  
Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
Que com tão forte peito nauegais:  
Mas he também razão, que no Ponente  
Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
Que de seu Rey mostrando se agrauado  
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua  
Vay de Calisto ao seu contrario polo,  
Que soberba a fará a luzente mina  
Do metal, que a cor tem do louro Apolo,  
Castella vossa amiga serà dina  
De lançarlhe o colar ao rudo colo,  
Varias prouincias tem de varias gentes  
Em ritos & costumes diferentes.

Mas

Mas ca onde mais se alarga, ali tereis  
Parte tambem co pao vermelho nota,  
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,  
Descobri-la ha a primeira vossa frota:  
Ao longo desta costa que tereis  
Irã buscando a parte mais remota  
O Magalhães, no feito com verdade  
Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,  
Que ao Antartico polo vay da linha,  
Dhũa estatua quasi Gigantea  
Homēs verã, da terra ali vizinha:  
E mais auante o estreito, que se arrea  
Co nome delle agora, o qual caminha  
Pera outro mar, & terra que fica onde-  
Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portuguejes, concedido  
Vos he saberdes os futuros feitos,  
Que pello mar, que ja deixais sabido,  
Virão fazer barões de fortes peitos:  
Agora, pois que tendes aprendido  
Trabalhos, que vos fação ser aceitos  
Aas eternas esposas, & fermosas,  
Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
E mar tranquilo pera a patria amada:  
Assi lhe disse, & logo mouimento  
Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
Leuão refresco, & nobre mantimento,  
Leuão a companhia desejada,  
Das Ninphas que ham de ter eternamente,  
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assi forão cortando o mar sereno,  
Com vento sempre manso, & nunca yrado,  
Ate que ouuerão vista do terreno  
Em que nacerão, sempre desejado:  
Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
E a sua patria, & Rey temido & amado,  
O premio & gloria dão, por que mandou  
E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho  
Destemperada, & a voz enrouquecida,  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda, & endurecida:  
O fauor com que mais se acende o engenho,  
Não no dá a patria não, que esta metida,  
No gosto da cubiça, & na rudeza  
Dhũa austera, apagada, & vil tristeza.  
E não

E não sey por que influxo de destino  
Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,  
Que os animos leuanta de contino,  
A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
Por isso vos ò Rey, que por diuino  
Conselho estais no regio solio posto,  
Olhay que sois (& vede as outras gentes)  
Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,  
Quaes rompentes liões, & brauos touros,  
Dando os corpos a fomes, & vigias,  
A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de Idolatras, & de Mouros,  
A perigos incognitos do mundo,  
A naufragios, a pexes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,  
De vos tam longe sempre obedientes,  
A quaesquer vossos asperos mandados,  
Sem dar resposta promptos & contentes,  
So com saber que sam de vos olhados,  
Demonios infernais, negros & ardentes,  
Cometerão conuusco, & não duuido  
Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos  
Com a presença, & leda humanidade,  
De rigurosas leis desaliuayos,  
Que assi se abre o caminho aa sanctidade:  
Os mais esprimentados leuantayos,  
Se com a esperiencia tem bondade,  
Pera vosso conselho, pois que sabem  
O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,  
Segundo tem das vidas o talento,  
Tenhão Religiosos exercicios  
De rogarem por vosso regimento,  
Com jejuns, disciplina, pellos vicios  
Comuns, toda ambição terão por vento,  
Que o bom Religioso verdadeiro,  
Gloria vãã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrepido & feruente,  
Estendem não somente a ley de cima,  
Mas inda vosso imperio preeminente:  
Pois aquelles que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem, hūs os viuos,  
(E o que he mais) os trabalhos excessiuos.  
Fazey



Fazey senhor que nunca os admirados  
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
 Possam dizer que sam pera mandados,  
 Mais que pera mandar os Portugueses:  
 Tomay conselho so desprimentados,  
 Que virão largos anos, largos meses,  
 Que posto que em cientos muito cabe,  
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante  
 Vereis como Anibal escarnecia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz trataua & lia:  
 A disciplina militar prestante  
 Não se aprende senhor na fantasia  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo  
 De vos não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louuor sae as vezes acabado,  
 Nem me falta na vida honesto estudo  
 Com longa esperiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.  
 Pera

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pera seruiruos braço aas armas feito,  
Pera cantaruos mente aas Musas dada,  
Sò me falece ser a vos accito,  
De quem virtude deue ser prezada:  
Se me isto o ceo concede, & o vosso peito  
Dina empresa tomar de ser cantada,  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação diuina.

Ou fazendo que mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos & Trudante,  
A minha ja estimada & leda musa,  
Fico, que em todo o mundo de vos cante,  
De sorte que Alexandro em vos se veja,  
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.

# APARATO CRÍTICO

(V. A EXPLICAÇÃO DAS ABREVIATURAS EM SEGUIDA À INTRODUÇÃO)

## Canto I

(Fl. 1, est. 1-5; f. 2, e. 6-11; f. 3, e. 12-17; f. 4, e. 18-23; f. 5, e. 24-29; f. 6, e. 30-35; f. 7, e. 36-41; f. 8, e. 42-47; f. 9, e. 48-53; f. 10, e. 54-59; f. 11, e. 60-65; f. 12, e. 66-71; f. 13, e. 72-77; f. 14, e. 78-83; f. 15, e. 84-89; f. 16, e. 90-95; f. 17, e. 96-101; f. 18, e. 102-106).

**E.** 1, vv. 5 e 7. Quatro grupos de edd., segundo o modo como estes vv. começam: *a) Em* (v. 5), *E entre* (v. 7); *b) Em* (v. 5), *Entre* (v. 7); *c) Que em* (v. 5), *Entre* (v. 7); *d) E em* (v. 5), *Entre* (v. 7). *Ee* pertence a *a)*; *E* a *b)*. Como as est. 1 e 2 constituem gramaticalmente um todo, da ausência da copulativa no v. 7 resulta que este v. e o 8 ficam desligados dos outros e só por um parêntesis descabido ou por um violento assíndeton se poderiam explicar (1). Para evitar isto, F. e S., que considerava *E* como a *princeps*, pôs o relativo *Que* no v. 5 (2). Por fim, B. F., reconhecendo a necessidade da ligação, mas não aceitando o relativo de F. e S., que já se acha no v. 2, e supondo, por outro lado, que tal ligação não podia estar no v. 7, mudou a partícula da que êle julgava ser 2.<sup>a</sup> ed., deste v. para o 5.<sup>o</sup> (3).

E esta mudança é necessária, diz-se, porque a 1.<sup>a</sup> est. se compõe de duas partes: *a)* vv. 1-4 (*viagens por mares*, etc.); *b)* vv. 5-8 (*guerras*, de que resultou o novo reino). Cf. E. D. Mas a divisão deve ser outra: *a)* vv. 1-6 (*viagens e guerras*); *b)* vv. 7-8 (resultado de umas e doutras). Em 1-4 especificam-se as *viagens*, mas não ficam esquecidas as *guerras*, como o mostra a hendiádis — *as armas e os barões* —, isto é, os barões aguerridos (4); por outro lado, em 5-6 mencionam-se expressamente as *guerras*, mas alude-se também aos *perigos* das viagens. E faz-se a repetição, que aliás habilmente se atenua por esta desproporção, para se acrescentar o novo con-

---

(1) Apesar disto. P. 1591. 1597 e bastantes edd. modernas seguem a lição de *E*.

(2) O mesmo fizeram um certo número de editores da 2.<sup>a</sup> metade do séc. xvii. do séc. xviii e ainda dos primeiros decênios do séc. xix. Mas a ligação está incompleta (seria preciso um *E quej* e deslocada).

(3) Adoptam esta modificação não poucas edd. modernas.

(4) Cf. outras hendiádis em iii 66, 3; vi 58, 7 (compare-se ii 94, 2) e viii 14, 2. O *arma virumque* da *Eneida*, que o P. tinha presente, é também geralmente explicado como uma hendiádis, que uns fazem equivaler a *arma viri* e outros a *virum armatum*. Nos L. só é possível a segunda equivalência.

ceito de que tais viagens e tais guerras excederam quanto se podia esperar das forças humanas.

Os vv. 1-6 formam assim um todo, estreitamente ligado, a que vem juntar-se os vv. 7-8. A copulativa deve, portanto, manter-se no lugar que ocupa em *Ee*. Cf. *Introd.*, § 1.

V. 4. M. C., J. da F., 1871: *Inda*. Embora C. empregue *inda* com muita frequência (I 8, 31, 81; II 48, 81; III 5, 32, 114; IV 16, 51, 55, 64, 71, 98; etc.) e *ainda* muito mais raras vezes e sempre como trissílabo (I 101; II 87; IV 9; V 16; etc.), não ha motivo para rejeitar aqui *ainda*. Cf., por ex., I 60, 8; II 90, 1; VII 38,4. No C. G. há oito versos em que o *ão* + *a* formam só uma sílaba. «Que me fez nam auer por mal» (IV, 379,15). Cf. Cornu na *Romania*, XI, p. 278. V. *Introd.*, § 6, e a n. a III 29,2.

V. 6. G. F., 1869 (Porto): *Permitia*. Sem dúvida: *prometia*, tão usado, no sentido que lhe dá aqui C., pelos melhores escritores do séc. XVI. Cf. *Palm*, II, p. 185; *Mem.*, p. 22, 34, 116, 117, etc.; Barros, *Déc.* II 10, 8; Cast., *Hist.* II, c. 2.

E. 2, v. 3. W. St. lembra: *A Fé e Imperio*. B. R.: *A fé e o i*. Dá-se assim mais relevo aos dois conceitos. A palavra *Fe* aparece escrita nos L. de quatro maneiras: *Fè* (III 24, 2), *Fee* (V 13, 2), *Fê* (I 63, 2; III 45, 6; III 111, 8) e *Fe*, sendo esta a grafia mais usual (IV 15, 6; VI 83, 4; VIII 47, 4; 69, 7; X 93, 4; 109, 6; 112, 1; 118, 4; 119, 4). Podemos pois supor que no ms. do P. se lia *A Fe e o Imperio*, juntando o compositor os dois *ee* e pondo-se a vírgula que esta junção exigia. C. v. R. lê: *A fé o Imperio*, pois supõe que o assunto do poema, indicado em I 1-2, deve ser assim distribuído: *a*) viagens por *mares* etc. e valor guerreiro dos port. (I, 1-6); *b*) como consequência disto, a fundação de *novo reino* etc. (I, 7-8); *c*) serviços prestados á propagação da fé (2, 1-4) e glória imortal que resultou de todos estes factos (2, 5-6). Sendo assim, a palavra *Imperio* em 2, 3, não pode estar no sentido próprio, pois isso seria voltar a *b*). Mas a divisão deve fazer-se doutra maneira: *a*) as viagens por *mares* etc. e as *guerras*, de que resultou o *novo reino* (I, 1-8); *b*) serviços prestados pelos reis de P. á propagação da fé e á dilatação do domínio temporal, do *império* (2, 1-4); *c*) glorificação dos heróis não incluídos em *a*) nem *b*). Isto é: o assunto do poema são todos os *lusíadas* que trabalharam para a formação e engrandecimento da pátria e para o aumento da cristandade. E o núcleo é constituído por *a*), a série de feitos que dão aos port. o direito a um capítulo na história da humanidade. Em volta de *a*) agrupam-se *b*) e *c*), sendo *b*) tratado especialmente nos c. III e IV e *c*) no VIII 1-43. E a unidade do poema mantém-se engenhosamente, fazendo de *b*) e *c*) episódios, que, como taes, tem cabimento em *a*). A palavra *império* em I 2, 3, está, portanto, tomada no sentido próprio, como em I 8, 1; X 151, 4, etc. V. 7. A ed. de 1644, seguida pela de 1670 e outras: *toda a p*: V. de J.: *tod'a*. E. D. acha provavel *todã*, estando o art. incluído no *a*. Mas o P. tinha ao seu dispor as duas formas e dambas usou. Cf. III 51, 6, e X 78, 7, com I 2, 7; IV 15, 4; 25, 7; 84, 8, etc.

O emprego do *todo* sem artigo é atestado pelo plural, em que não havia lugar á fusão. *Todas partes*, *ambas partes*, *todas nações*, *todas cautelas*, etc., lia o poeta a cada passo (*Palm.*, c. 2, 10, 27, 29, 30, 99, 160, etc.; J. de Barros, *Déc.* II, 3, 4; 5. 5); *Mem.*, c. 3, 9, etc.).

E. 4, v. 5. G. de A.: *alto*, *sublimado*, pois «*sublimado* está acima de *alto*.» Mas cf. II 80,8. *Alto* pode emparelhar com *subl.*, pois não se marcam os limites da altura. Cf.

I 10, 2; II 11, 2; III 69, 1; 73, 7, e a n. a II 101, 6. V. 6. F. E.: *e eloquente*. Mas o P. pede um estilo que seja grandiloco, sem deixar de ser fluente, sem ser retorcido. «Crisandor . . . tem um estilo aprazível e corrente, nam he de hūs retorcidos, amarrados a sentenças de Tulio. que compoem vocabulos de conserva.» *Eufri.*, p. 236. A conj. e tem força adversativa, como em I 72, 4; II, 8, 7; 36, 4; etc.

**E.** 5. v. 2. O êrro de imprensa *a vena* foi emendado em *P*, mas reapareceu nas edd. de 1597, 1609 e 1612. Foi necessário que M. C. explicasse a palavra. V. 4. G. de A.: *a cor ao rosto m.*, pois muda-se «a cor do *rosto*, não a do *gesto*.» *Gesto* = *rosto* é muito usado por C. Basta citar nos *L*: I 9, 2; 36, 6; 49, 3; 69, 5; 72, 4; II 8, 7; 34, 2; etc. Do latim *gestus* (de *gerere*): o que uma pessoa traz consigo, deante de si; daí, o seu aspecto, a sua aparência; daí, aquilo por que esta mais se manifesta, melhor se caracteriza: — os movimentos e o vulto, o rosto. Esta ultima acepção desenvolveu-se na península hispânica. «Vuestro gesto e apparencia» (*Amadis*, ed. de Rivadeneira, p. 12). «De corpo e geesto natureza lhe dera tam boa parte» etc. F. Lopes, (*Cr. de D. Fern.*, c. 51. Cf. cc. 55, 85, 95. V. 6. *P*, 1591: *que Marte*. M. C.: *a que Marte*. Ha quem opte pelo texto de *Ee* e *E.*, argumentando com I 3, 6, e II 50, 5-6. Cf. G. de A. Segundo E. D., se é certa a lição de *Ee*, *ajuda* = *glorifica*. Creio que é certa esta lição e que o P. quis dizer que os port., pelo seu valor e feitos militares, *ajudam* o deus da guerra na realização do seu ideal. Cf., por ex., VII 69, 5, a 71. As alterações propostas não se harmonizam com o contexto, pois o auxilio dado por M. (repare-se no *tanto*) muito diminuiria o merecimento daqueles que o P. quer engrandecer.

**E.** 6. v. 7. M. C.: *Dado*, por causa do *todo o*. G. F.: «Parece que a rima obrigou a dizer *mande*, devendo ser *manda*, referindo-se ao mundo; mas pode passar como deprecação». O mesmo repete G. de A. O P. quereria assim dizer: Deus, que manda todo o mundo, enviou D. Seb., *pera do mundo*, etc. Mas isto seria, por um lado, errar a gramática, e por outro, saber muito dos planos divinos. Resta a deprecação, indicada pelo modo do verbo. Mas que pede C.? Segundo as palavras do texto, pode ser: ou que D. Seb. mande todo o mundo, seja o rei de todo o orbe terráqueo, *pera* etc.; ou que Deus envie D. Seb. com o fim único de *do mundo* etc. Ora o primeiro pedido ultrapassaria o que o decoro e o senso comum exigiam do poeta. Que êle desejasse que o jovem monarca viesse a dominar sobre uma grande parte do mundo sujeito aos mouros e pagãos, está bem; e eram essas as esperanças de C. (cf. I 8, 15, 16; etc.) e de muita outra gente. Mas quem se lembraria de, na dedicatória ao próprio rei, manifestar o desejo de que êle viesse a *mandar todo o mundo*, a submeter, portanto, ao seu domínio a Espanha, a França, a Inglaterra, o Império, etc., etc.? Que queria C. que pensassem dêle, neste caso? Resta o pedido para que D. Seb. fôsse mandado por Deus com a missão especial (*todo*, i. é., *totalmente*) de *do mundo* etc.

É o que está em perfeita harmonia com outros passos da dedicatória (cf. est. 8, 15, 16). E a fórmula dos *L*. é a mesma que se encontra nas obras de outros poetas da epoca. «Manoel, . . . que muitos mande | Deos á terra como elle» (Caminha) (1).

(1) *Poesias*, ed. de 1791, p. 29.

«Principe João, filho de João terceiro, | . . . a que outro igual Deos mande» (Ferreira) (1). Ha, porém, uma dificuldade. Como é que o P., estando a dirigir-se ao rei na 2.ª pessoa do plural, passa de repente para a 3.ª do singular, voltando logo na est. seguinte à 2.ª do plural? Permita-se-me supôr que êle tinha escrito: *todo os mande*, empregando *os* por *vos*, como tantas vezes leu no *Palm.* Cf., na ed. de 1786, I, p. 8, 9, 103, 140, 151, 182, 193, 216, 239; 344, 420, 421, 465; II, 84, 158, 172, 275, 366, 470, 534; III, 118, 150, 155, 164, 181, 186, 201, 204, etc. Como se vê, houve em F. de Moraes o manifesto intuito de nacionalizar o castelhano *os (=vos)* e o P., se não estou em êrro, quis nêste lugar seguir-lhe o exemplo. Depois o *s* seria expungido do ms. por quem supôs que ali estava indevidamente (2), resultando desta *emenda* uma frase que, tal como está, se não presta a uma interpretação aceitável. Cf. *Introd.*, § 3.º

**E.** 9, v. 6. G. de A.: *Pondo*, porque o imperativo seria uma intimação. Mas cf. I 9, 1; 10, 5; II, 1.

**E.** 11, v. 5. G. de A.: *As v. vossas*. Mas *vossas = dos vossos*. Cf. Castanheda, no pról. do L. I a D. João III: «Sem vos bolir de vossas casas, (vós e el Rey vosso pay) descobristes e conquistastes per vossos capitães o que nenhũs Principes poderão per si descobrir nem conquistar.» E Barros: . . . «D. Manuel procurava áquelles Reys e povos, que nouamente descobria». etc. *Déc.* I, 4, 9. Cf. *L.* I 2, 1-4.

**E.** 12, v. 6. *Os onze*, diz F. e S. ter lido no ms. n.º 1 (A) e parecer-lhe melhor, para não serem treze. G. de A. concorda. Mas esta maneira de contar não era desconhecida a C. Dela encontrou um ex. em F. Lopes, *Cron. de D. João I*, 2.ª p., c. 108, no passo que lhe serviu de fonte para VIII 35: «Falemos no esforço de M. V. da Cunha, que com dezasete homens darmas», etc. Ora M. V. da Cunha era um dos dezasete. E não é preciso recorrer aos *Treze do Mem.*, c. 46 (3). Cf. também *Palm.*, II, p. 91: «O emperador e todos ouuirã aquellas palauras.»

**E.** 14, v. 3. J. da F.: *Fizeram, so*; G. de A.: *Sós*, para ligar este v. com o seg. Mas não é necessário alterar o texto, pois, para não falar das frases nominais, em que não ha verbo, são correntes as construções em que se subintende quer o verbo expresso em uma oração anterior, quer outro, sugerido por ele ou pelo sentido da frase. Cf. por ex., I 33, 5 e 7. «Fazendo aquelle dia muy gram neuoeiro e a manhã nom bem descoberta.» F. Lopes, l. c. na n. da est. 12.

**E.** 19. G. de A.: v. 2, *desinquieta*; v. 8, *pastadas*. Alterações desnecessárias. O

(1) *Poemas lusitanos*, ed. de 1829, t. 2.º p. 151.

(2) Quem dirigiu a ed. cit. do *Palm.* também não resistiu a antepôr um *v*, aliás sublinhado, para indicar que não está nas duas primeiras edd., a de 154. . . e a de 1567, a quasi todos os *os*, equivalentes a *vos*, que ia encontrando. Logo no 1.º passo cit. (I, p. 8) ha nada menos de quatro: «isto os lia de doer; me deixara ver os; poder os ver; trazer os a memoria». Diogo Bernardes também empregou *os* por *vos* no soneto *aos cabellos da barba que D. João de Castro* etc. «Como trofeo. . . | os devem venerar os que procedem | do tronco donde fostes cortados.» *Rimas varias*, ed. de 1596, f. 90. Cf. *Varias rimas*, ed. de 1594, f. 108.

(3) Provavelmente a fonte deste contava como Camões em I 12, 6, e J. F. de V. interpretou-a, contando como F. e S. e G. de A. E' possível até que o P. se servisse da mesma fonte e dela tirasse *os doze e seu Magriço*.

P. podia empregar *inquietas* como quadrisílabo. Cf. este v. do *C. G.*, 111, p. 83: «Vierem ou tentações».

**E.** 20, v. 3. M. C.: *Concilio*. E foi *concilium* que o P. leu no passo de Ovídio que tinha presente (*Met.*, 1, 163. Cf. *Eneida*, x, 1). Não é provável que C. deixasse o termo próprio (1), para recorrer ao duro latinismo *consilio* = *conselho* (Cf. iv 82, 3; vi 35,3). A substituição do c pelo s ou vice-versa é muito frequente no sec. xvi. No *C. G. deos damor* publica uma sentença, *junto todo seu consylio* (1, 121, 15).

V. 7. Foi M. C. o primeiro que mudou o *de* em *do*. Mas C. podia considerar o epíteto como nome próprio. Cf. *Lieo*, 1 49; vi 14 e 20. No passo imitado das *Met.* está *Tonans* empregado substantivamente (*magni tecta Tonantis*) e nos *Fastos* (ii, 69): *Tonans Capitolinus*. Na *Pharsalia* de Lucano, que o P. imita em 111 71-73, este epíteto é sempre usado como nome próprio (1 35, 196; ii 34; iii 320; v 96; vi 260; etc.).

**E.** 21, v. 2. G. de A.: *lhes*. No tempo de C. o *lhe* aparece muitas vezes como invariável. É uma das muitas aplicações da *lei do menor esforço*. O contexto não deixa dúvidas sobre o plural e por isso omite-se a letra que o caracterizaria. É um caso análogo ao do verbo na 3.<sup>a</sup> pessoa do singular com o sujeito no plural. Cf. a n. a 111 61, 8.

**E.** 22, v. 7. G. de A.: *Com uma c'roa*. O P. emprega por vezes *hũa* como monossílabo. Cf. 111, 141,8; v 20,6; vii 19,1; x 31,1; etc. E' do *C. G.*, 1, 304,3, este quebrado de 4 sílabas: «e a my huã vinha». Cf. a n. a 111 24,1.

**E.** 24, v. 4. *E* e *P*: *Do Luso*. Cf. *Introd.*, § 1.<sup>o</sup> V. ó. G. de A.: *grande e certo*, «pois não ha fados grandes nem pequenos». No tempo de C. o pospositivo *grande*, muito usado, nem sempre se contrapunha a *pequeno*. «Albanis... era seu amigo grande». *Palm.*, ii, p. 232. *Grandes* = *poderosos*.

**E.** 25, v. 2. M. C.: *Com*. Sem motivo.

**E.** 26, v. 3. *E*, *P*: 1591, 1609, 1612: *Variato*, que *P* comenta sob esta fórmula: *Viriato*: 1597, M. C., etc.

**E.** 27, v. 2. *P*: *duvidoso*. *E* = *Ee*. V. 7. G. de A.: *Inclina*, porque a referência é a *gente*, e não a *lusitanos*, como se vê por *atreue* (v. 4). E nesta conformidade, diz, deverião também mudar-se para o singular os verbos dos vv. 2, 4 e 6 da est. 26. Mas a palavra *gente* e outros colectivos aparecem muitas vezes, nos nossos melhores escritores do séc. xvi, com o verbo e com os continuados no plural. «O duque mandou toda aquella gente, que repartidos corressem a floresta». *Palm.*, 1, p. 15. Cf. *L.* 1 38, 5; 39, 3; iv, 88, 1-4; etc. O singular *atreue*, no meio de verbos no plural, explica-se pelo uso das orações do tipo *as aguas lava*. Cf. a n. a 111 61, 7-8.

**E.** 28, v. 4. G. de A.: *roxa estrada*. Sem motivo nenhum. O mar de que se trata é o das Indias e o P. exprime-se aqui segundo o primitivo conceito, que fazia começar o curso do sol no oriente ou, mais precisamente, na India, e *lhe dava* como termo o mar do ocidente, o Atlântico. Cf. 1 8, 2; 14, 2; 21, 8; ii 1; v 77, 5; vi 6, 2-3; etc. (Em outros passos o sol circunda a terra, arrastado pelo ceo, pelo primeiro mobil.

(1) «Concilium vox propria videtur de coetu deorum». *Thes. linguae latinae*, s. v.

Cf. II 68, 1; 72, 6; VIII 44; X 86; etc. Em VII 60, 1-4, dá-se a contaminação dos dois conceitos).

**E.** 29, v. 5. *E*: *determino*. V. 8. *E* e *P*: *começaram* (*começarão*)... *rota*. Cf. *Introd.*, § 1.º

**E.** 31, v. 2. *E* e *P*: *fortissima*. V. 7. G. de A.: *E* *altamente*. O assíndeton pode explicar-se pela pausa usual do 6 v. No *Palm.* é muito freqüente, parecendo até por vezes violenta a falta da copulativa. «Albayzar lhe teue é merce aquella determinação, fazendo acatamento á emperatriz e Gridonia, se foy ao emperador» (III, p. 5).

**E.** 32, v. 4: *de P.* conservou-se até a ed. de 1663, em que o *de* foi mudado em *do*. Sem razão. Os nomes de montes e rios usavam-se com ou sem artigo. Assim: de Pindo (III 2), de Abila (III 77), de Timavo (II 45), de Mondego (III 97). Mas também: do Tinge (III 77), do Mondego (III 80; 120, 135), do Tejo (VII 78). Cf. *C. G.*, de Pernaso (I, 333, 2), em Pernaso (II, 248, v. 1); de Meandro (III, 246, 2); Castanheda, I, p. 3: de monte Sinay; *Eufr.*, 75: Senhora de Monte; G. Vicente, *F. dos Alm.*: de Mondego; *Palm.*, I, p. 359: de Tejo; *Eufr.*, 8, 75, 113, 247: de Mondego. V. 8. M. C.: *Da agoa*. Ed. de 1626: *D'agoa*. E. D.: *De agoa*, por *vaso* não ter o art. definido. Mas esta regra não se observava sempre, ou antes, não existia no tempo de Camões. «Quando o tirou de poder do gigante». *Palm.*, I, p. 26. *Dagoa*, muitas vezes, — *da a*. «Empedia a vista dagoa... No meio dagoa... viu» etc. *Palm.*, I, p. 359.

**E.** 33, v. 8. J. da F.: *Que é l*. Mas o *a* faz aqui falta.

**E.** 34, v. 6. G. de A.: *E a outra*. F. E.: *E Venus*. Da construção obrigatória *debatem um com o outro* (e não: um com a outra) resulta o emprego do masc. *outro*, para designar Venus. E' um caso de atracção do genero.

**E.** 35, v. 5. M. C.: *toda a*. E' hoje a lição geralmente seguida. Mas não ha razão para contestar que, a par de *toda a armada* (I 59, 5), o poeta escrevesse também *toda armada* (II 3, 4), *toda montanha*, na significação de *a armada inteira*, etc. Cf. *Palm.*, II, p. 128: «é toda sala nenhũa outra cousa soaua». *Mem.*: *toda Christandade* (fl. 52 v.); *toda brevidade* (fl. 53); *todo tento* (fl. 61 v.) (1). V. 6. *T*: vírgula apagada depois de *folhas*.

**E.** 38, v. 4. G. de A., seguindo o 1.º ms. de F. e S.: *Cujo valor*. Cf. IV 82, 3 e 6 (2). V. 5. *E*: *queiras*. *P* = *Ee*. O *queiras* tem o aspecto de uma *emenda* que ficou incompleta, por ter esquecido de cortar o *Se* do v. 3. Cf. *Introd.*, § 1.º G. de A.: *padeça*, por causa de *gente*. Mas cf. a n. a 127.

**E.** 40, v. 3. M. C.: *para tras*. Mas cf. *por diante* (II 21, 8). F. Lopes, *Cr: de D. J.* I, 1.ª p., c. 16: «oolhamdo por de tras» (= para tras). *Euf.*: «melhor seria lan-

(1) Se podia dizer-se *toda a parte* e *toda p.* (cf. a n. a 12, 7), *toda Africa* (II 103, 1), *toda Asia* (VII 18, 2), a par de *toda a provincia* (IV 8, 1), era natural que também se empregasse ou omitisse o art. em *toda m.* = *a m. inteira*. No port. do séc. XVI não estava em vigor a regra do castelhano para *todo hombre e t. el h.* A forma que o art. tomou na nossa língua não o deixava empregar como meio seguro para estabelecer a distinção.

(2) *Valia* tem no *Palm.* a significação que aqui lhe dá o *P.* e *a* de preço no sentido material. «Começarã a batalha das espadas, perigosa e cruel, cada hũ queria mostrar seu preço e valia» (III, p. 170). «Derã joyas e peças de muita valia» (*Ibid.*, p. 288).



çar tudo por detras» (= não fazer caso disso), A. 1.º, sc. 1, p. 228, ed. de 1561. Cf. C. G., iv, 32, 12: «Corree agoas por detras.»

**E.** 42 v. 7-8. *F* e *P*: *Tifeô... converteo.*

**E.** 43, v. 3. G. de A.: *o tempo*. O plural deve ser uma reminiscência do *tempora nubila* dos conhecidos vv. de Ovídio: *Donec eris sospes* etc. (*Tristia*, 1, 9, 5-6).

**E.** 45, v. 3. E. D.: *a t.* Emenda desnecessária. Cf. 1 103, 1; 104, 5. Falando de Melinde, diz Castanheda: «He ho surgidouro das naos longe da terra» (l. 1. c. 10). Cf. a n. a VIII 92, 2.

**E.** 47, v. 3. G. de A.: *Que uns trazem*. O *Que* altera o sentido, pois *Hús* refere-se a *panos*, como se vê pela fonte. «Vestidos de panos dalgodão listrados e de muitas cores, hús cingidos até o giolho e outros sobraçados como capas.» Castanheda, 1, c. 5 (1). Ed. de 1663: *ao redor*. V. 4. Ed. de 1663: *em m. brioso*. V. 5. *E*: *Da cinta*. *P* = *E*. C. usou do plural *cintas*, pois embora cada um só tenha uma, em muitos ha muitas. É um caso de atracção do plural. «Perdidas as estribeiras, se apegauã aos collos dos seus (cavallos).» *Palm.*, II, p. 187. Cf. nos *L.* II 66, 5. V. 6. Ed. de 1651: *adargas*, lição seguida por B. F., C. v. R., etc. Sem razão, pois *adagas* é o que está na fonte do *P*. (Castanheda, 1, c. 5. Cf. c. 6., c. 10, e II, c. 59). V. 8. G. de A.: *véem t.* O *P*. leu o verbo em Cast.: «como que hião de festa» (l. c.). No latim, *ire* tem ás vezes a significação de *venire*, particularidade que o port. herdou. «Por amor de mi que vos vades comigo.» *Mem.*, p. 154 (ed. de 1867).

**E.** 50, v. 7-8. G. de A.: *somos; do O. Vimos*, porque não havia então port. que não fossem do Oc. Mas a determinação geográfica tornava-se necessária, pois *Portugueses* só pouco adeantava, para quem até supunha que estava a falar com turcos. *Somos os port., naturais de um pais que fica no Oc.* Assim sobresaie mais o contraste entre os pontos extremos e observa-se a simetria da construção. Na fonte leu o *P*.: «V. da Gama mandou responder... que eram Portugueses vassallos del Rey de Portugal; e quanto ao que buscauam... sua vinda áquelle porto era passagem para a India» etc. Barros, *Déc.* 1, 4, 3. A crítica de G. de A. recairia também sôbre J. de Barros.

**E.** 52, v. 4. G. de A.: *das feias focas*. Foi em Boscan (*Historia de Leandro e Hero*) que o *P*. encontrou esta palavra no gen. masc. «No me turbaran los Phocas.»

**E.** 53, v. 4. M. C.: *Natureza*, sem o art. Emenda inutil. Cf. IV 35,1; etc.

**E.** 55, v. 2. G. de A.: *e a t. a.* A omissão neste caso, quer do art., quer da prep. (1 51, 2), quer de ambos (1 75, 7), é corrente nos livros lidos por C. «Pode mal dissimular a dor e ciumes» (*Palm.*, III, p. 130). «Falando nisto e outras cousas (*Ibid.*, 1, p. 94). «Beroldo e Floramã se encontrarã cõ o principe Arjelao e rey de Bitinia» (*Ibid.*, III, p. 368). V. a n. a IV 11,5, e VI 81,5.

**E.** 56, v. 7. G. de A.: *por cargo*, para evitar o hiato. Mas não faltam versos como este, quer nos *L.*, quer nos melhores poetas contemporâneos de C. E no *C. G.* aparecem os hiatos a cada passo. «Nam que eu sospiro imdo» (1, 5) «Qua ouuyrnos

(1) E. dos melindanos diz: «Da ciuta pera cima ádão nuus, & pera baixo se cobrem cõ panos de seda e dalgodão muyto fino: & outros como capelhares sobraçados.» (c. IX).

se emelyne» (*ibid.*, 6) «Poys q̄ ambos nos vencestes». (*ibid.*, 7). «E mays se o dama daua» (p. 44); etc.

**E.** 59, v. 3. G. de A.: *roxa estrada*. Cf. a n. a 1 28, 4. V. 6. *E e P: toldos*. Os ex. que vi de *Ee* trazem um *l* de tipo diferente na entrelinha superior entre o *o* e o *d*.

**E.** 60, v. 8. Ed. de 1663, e outras: *tomar*, subordinado a *Vierão* do v. 7, para não fazer de *ão a* uma só sílaba. Cf. 1 1, 4.

**E.** 61, v. 2. G. de A.: *toda a sua*. É frequente a omissão do art. «Pois minha lança ficou saã» etc. *Palm.*, III, p. 77. Cf. VI 4, 5; 65,5; 77,3, etc.

**E.** 62, v. 2. Ed. de 1597: *enxarcia*. As duas formas estão entre si como *exame* e *enxame*. Cf. VI 84, 4. A palavra provém do grego bizantino *exartion*, através da Itália e da Catalunha. Cf. os dois *Glossários* de Ducange.

**E.** 64, v. 1. *E e P: Respondeo*.

**E.** 68, v. 2. *E: sulfuneas*.

**E.** 69, v. 5. G. de A.: *Nas fallas*. Mas C. escreveu o que se lê no texto de *Ee*. «Todas suas mostras e vestidos mostrauã» etc. *Palm.*, III, p. 249. «Ao qual (cabo) chamou C. Verde, por causa da mostra e parecer com que então se mostrou». Barros, *Déc.* I, 1, 9 (1).

**E.** 70, v. 3. M. C.: *que largo*. O art. justifica-se pelo v. 4. *E e P: leuarão*.

**E.** 71, v. 5. *E: Os. P: Oo*. Talvez no ms: *Ossegredos*, como o *asse* de 1 75, 5, ou antes: *O ssegredos*, grafia muito usada no C. G., especialmente quando precedida de vogal a palavra que começa por um *s*.

**E.** 72, v. 7. G. de A., aproveitando o 1.º ms. de F. e S.: *terra, do inimigo*. I. é: vindo do meio dos inimigos. E. D., interpretando o texto de *Ee*: «obsequente = cheio de acatamento; ajuntamento: os mouros que na praia aguardavam o xeque.» Mas o *obs. aj.* é a *companhia* das est. 61 e 72, é o séquito do xeque. «Chegou o çoltão (ã frota) acõpanhado de muyta gente» (Cast., I, 1, c. 6). O *recebido* do v. 6 deve provir de uma alteração feita no ms. do P., onde se leria: *despedido*. Cf. *Introd.*, § 3. E essa alteração seria motivada pelo *despedido* do v. 2. Mas sobre casos semelhantes cf. a n. a 1, 81, 1.

**E.** 75, v. 4. *E e P: de seu*. V. 5. G. de A.: *hade-se*. Mas a grafia e a colocação do pron. *se*, aqui usadas, são correntes entre os contemporâneos do P. V. 7. Ed. de 1612 e outras: *e co R*. Cf. as nn. a 1 55, 2, e 56, 7.

**E.** 80, v. 3. *E e P: acompanhado*. V. 6. *E: cilado*. V. 8. G. de A.: *Cairá*. O pl. explica-se pelos vv. 3 e 7. Cf. a n. a 1 27, 7.

**E.** 81, v. 1. M. C. e outros: *deste feito*, por causa do *geito* do v. 5. Mas ha mais rimas como esta nos *L*. Cf. IV 102; VI 56; VII 59; VIII 94. E, como se vê, a identidade dos sons pode coincidir com a identidade morfológica. Limitar-me hei a citar aqui dois exemplos (e não são os únicos) do grande artista do verso que era o Ariosto. No *Furioso*, 1 52, o subst. *mostra* rima com o verbo *mostra* e em VI 48, *d'altri* rima com

---

(1) Era uma particularidade estilística de que não faltam exemplos. Ainda do *Palm.*: «Essa satisfação me nã satisfaz» (III, p. 101). «Se a dita me disser pior» (*Ibid.*, p. 147).

*degli altri e com agli altri*, i. é: tres vezes a mesma palavra (1). V. 4. F. E.: *outra m. outro a*. G. de A.: *manha ou*. Cf. a n. a II 101, 6.

E. 82, vv. 1-2. G. de A.: *acabou: O moiro*. Mas o sujeito de *acabou* é o *mouro* do v. 2, o mouro sábio e velho, cuja forma B. tomou, e o de *lançou* é o xequê. E' a chamada *mudança de sujeito*, particularidade estilística muito usada no séc. XVI, quando o contexto não permitia dúvidas. Cf. I 95, 6, e VI 14, 5. Na fonte de II 9, 5-7, leu o P.: «Os Mouros, . . . posto que leuaram os homens, mostrando contentamento de o fazer, sempre foram trazidos per mão.» Barros, *Déc.* I, 4, 5. O sujeito de *for. traí*. não é *Os M.*, mas o subintendido *estes* (homens). Do mesmo modo em I 95, 6, o sujeito é o *piloto* do v. 5, subintendendo-se *este*, e em VI 14, 5 o suj. de *recebe* é um pron., referido a *Neptuno*.

E. 83, v. 3. E e P: *todo dano*. V. 6. Ed. de 1631: *cõ elle*. «Co estes ventos dagora.» C. G.: T. I, p. 138. E um quebrado de tres sílabas: «q̄ coeles.» T. III, p. 17. Cf. a n. a I 56,7. V. 8. M. C.: *donde*. No tempo de C. empregavam-se indistintamente os adv. *onde, donde, aonde*.

E. 84, v. 3. Ed. de 1663: *Quando o*. Lição hoje corrente, mas o poeta com certeza não escreveu o artigo, que incorporou no *o* de *Quando*. Cf. *Palm.*, I, p. 118: «Mandou mirrar o corpo de sua filha e meteo em hũa sepultura». «Tomando em meyo ho acometiam.» *Mem.*, p. 37. «Provo (*provo-o*) pela chanceleta.» C. G., I, 39, 3. V. as nn. a IV 28,5 e V 87,7. Cf. III 120,2.

E. 85, v. 2. G. de A.: *Antes*, pois *de antes* significa *antigamente* e aqui ha continuidade. Mas *de antes* no *Palm.*, por ex., indica ás vezes anterioridade próxima, como aqui. «Hũ sonho que a noite dâtes sonharã» (I, p. 11).

E. 86, vv. 3 e 4. G. de A.: *Uns... Outros*. Está o sing. pelo plural, seguindo-se este no v. 6. Cf. I 52, 1-2, e IX 72, 5 — 73, 1, em que o pl. é seguido do sing. Mais violento parece o singular de I 30, 3, e com tudo não faltam ex. semelhantes (2).

E. 87, v. 3. M. C.: *com a hastea*. Ed. de 1644: *com a hasta*. Ed. de 1669: *com a haste*. O P. empregou a forma derivada de *hastina*. Cf. a n. a I 56, 7, e 83,3.

E. 89, v. 1. E: *bateis fogo*; P = Ee. V. 2.º G. de A. e B. R.: *Da furiosa*. Mas cf. II 25, 1-2, e talvez II 13, 8. V. 6. G. de A.: *Que o t*. São orações coordenadas.

E. 91, v. 5. Ed. de 1669: *tudo o*. No no séc. XVI *tudo* e *todo* empregam-se indistintamente como formas neutras e adverbias. «Ordenando todo o mais». *Palm.*, I, p. 235. «Perdida de tudo esperança de poder» etc. *Id.*, II, p. 82.

E. 92, v. 1. E: *almâdias*. P: *almadias*. Ee, em II 88,2, *almâdias*, VIII 84,8, *almâdias* e VIII 93,5, *almâdias*.

E. 93, v. 8. J. da F. propõe *estribam*, G. de A.: *a estriba*. Não é preciso o plural e o verbo está empregado intransitivamente. Cf. *sustentar*, I 33, 1.

(1) O anotador Casella, chamando a atenção para o facto, acrescenta: «Anche Dante usa farlo, quando gli torna bene l'insistere sopra la stessa idea.» Assim no *Purgatorio*, XX, os vv. 65, 67 e 69 terminam pela palavra *ammenda*. No *Paraiso*, XXX, 94, 96, 98, dá-se o mesmo com *vidi*. E para *Christo* não ha outra rima senão esta mesma palavra (*Paraiso*, XII, 71; XIV, 104; XIX, 32, 85, 104). No C. G. ha também casos em que a mesma palavra rima consigo própria. T. I, p. 386. etc. T. II, p. 225, 333, etc.

(2) «(Os sete irmãos), muyto ciçosos hum do outro. etc. *Mem.*, p. 109. «(As nove donzelas) folgando e motejando hũa da outra» etc. *Palm.*, II, p. 473.

**E.** 95, v. 7. *E* e *P*: *atento* (1). A fonte mostra que deve manter-se a lição de *Ee* e mudar-se a vírgula para o fim do v. «V. da G., vendo que o tempo não era para muitas réplicas, . . . com palavras conformes ao caso acceptou o Piloto.» Barros, *Déc.* I, l. 1, c. 4. V. 8. *Ed.* de 1591: *As vellas*. Não ha motivo para emenda, pois o *P.* quis deixar exemplificado o *á* aberto (preposição ou artigo), tão frequente nos escritores do sec. XVI. Basta abrir, por ex., o *Mem.*, em qualquer pág. (2). Cf. I 99,7, e VII 9,3.

**E.** 98, v. 5. *Ed.* de 1609: *atento*. «Sua<sup>a</sup> alteza com bom tento | ouuyo quanto lhe falei.» *C. G.*, 192. «Viose todo com bom tento.» *Ibid.*, I, 100.

**E.** 99, v. 3. *T*: pouco visivel o *l* de *Ilha*. V. 7. *P*: *A Moç.* V. a n. a 95,8.

**E.** 103, v. 3. *G. de A.*: *Co' uma*. Mas o verso forma uma oração principal de participio perfeito. Cf. este período de Castanheda: «E chegada a mercadoria a terra e entregue ao Catual, e assi Diogo Diaz que ficava por feitor e Alvaro de Braga por seu escriuão: e foise Vasco da Gama aos nauios.» (*L.* I, c. 22). É uma reminiscência das construções latinas em que o participio do perfeito figura em orações principais, sem o verbo *sum* (3). Cf. a n. x 73,7. V. 6. *T*: *descobria*.

**E.** 104, v. 5. *T*: *da t*.

**E.** 105, v. 6. *Ed.* de 1631: *da vida*. Mas cf. x 16, 5, e 127, 7, e a n. a VIII 38,4. «Desesperado de vida, começou» etc. *Palm*, III, p. 301.

## Canto II

(Fl. 19, est. 1-5; f. 20, e. 6-11; f. 21, e. 12-17; f. 22, e. 18-23; f. 23, e. 24-29; f. 24, e. 30-35; f. 25, e. 36-41; f. 26, e. 42-47; f. 27, e. 48-53; f. 28, e. 54-59; f. 29, e. 60-65; f. 30, e. 66-71; f. 31, e. 72-77; f. 32, e. 78-83; f. 33, e. 84-89; f. 34, e. 90-95; f. 35, e. 96-101; f. 36, e. 102-107; f. 37, e. 108-113).

**E.** 1, v. 4. *E*: *aa gentes*. V. 6. *Ed.* de 1626: *nocturno*. Erradamente. Cf. Plauto, *Amphit.*, A. I, v. 272, e *O. Furioso*, XI V, 102. *Noct.* era, entre os romanos, o deus da noite. V. 7. *E*: *fingidas*. *P* = *Ee*.

**E.** 2, v. 5. *E* e *P*: *alvoroçado*. Mas *aluoraçar* e *aluoraçado* leu o *P.* no *C. G.*, I, p. 61 e 181. Cf. *L.*, v 74, 9.

**E.** 3, v. 4. *Ed.* de 1626: *toda a a*. Cf. a n. a I 2, 7, e 35, 5.

**E.** 5, v. 7. *T*: *Comprirá*. *G. de A.*: *o seu*. Cf. a n. a I 61, 2.

(1) *Tento* envolve, em geral, a ideia de precaução. Cf. *Palm*. (III, p. 413): «Co esta furia, entrando polos inimigos, sem nenhum tento nem ordem» etc. Cf. *L.* III 50,2. VI 75,7. Mas cf. I 98,5, e a n.

(2) «Obrigados à manterdes lealdade» (c. I.<sup>o</sup>). «Verterá seu sangue por ás ganhar». Barros, *Déc.* I. I. I. «Esperar aa cortezia que co'elle querera usar». *Palm.*, II, p. 445.

(3) Também o participio imperfeito em orações principais, tão usado no latim medioevo, e nos nossos melhores escritores do séc. XVI, ficou exemplificado nos *L.* Cf. II 27,5. Em IX 16 ha os dois participios.

**E.** 7, v. 8. *P*: *Os christãos*. *B. R.*: *Os que Chr. só*. Com certeza como está em *P*. *E = Ee*

**E.** 8, v. 5. *P*: *e nef*. *E = Ee*.

**E.** 10, v. 5. *M. C.*: *numa*. Ed. de 1626: *em hũa*. De 1749: *em huma*. Mas o *P*. com certeza escreveu o dissílabo *nũa*, tão usado no seu tempo.

**E.** 13, v. 3. O singular *enganado*, que parece um êrro manifesto, cuja correcção seria imposta pela rima (cf. 11 100, 5 e n.), manteve-se até 1613 (1), sendo *M. C.* quem mudou o particípio para o plural. Mas, a meu ver, sem razão. O *P*. aproveitou o *os*, por que começa o v. 4 para, na pronúncia, o ligar com a palavra precedente: *enganados*, de *enganado os*. No *C. G.*, 1, 221, 21, *muyto* (advérbio) rima com *fruytos*, indo buscar o *s* ao *sam* do v. seg. «Estes nossos males muyto | sam geraes». (As edd. de Stuttgart e de Coimbra acrescentam por sua conta um *s* ao advérbio *muyto*). Cf. *Palm.*, 1, p. 187: «deixandos pacer». V. a n. a v 1 39,6, e a 11 41,5-6; 111 10,2-3; 69,2-3; 1v 29,7-8; 63,7-8; 98,6-7. V. 8: Ed. de 1644: *Da moça*. Lição muito seguida. Mas *E. D.*: *Na m.* E talvez fôsse isto que o *P*. escrevesse, tendo na mente a *aurora*, no sentido de *ceu matutino*. Cf. 1 59,1-4; 1v 75,7-8; v 111 51,5 e 6.

**E.** 14, v. 8. *G. de A.*: *dentro do*. «Moveo V. da G. a entrar dentro no porto.» Barros, *Déc.* 1, 4, 4. Locução corrente no séc. xvi. No *T* ponto final muito apagado.

**E.** 15. *T*: ponto final no fim do v. 8.

**E.** 16, v. 1. *M. C.*: *Com i*. Cf. *Introd.*, § 6., e a n. a 1 83,6 V. 6. *G. de A.*: *á borda*. Mas cf. Castanheda (l. 1, c. 9): «Algũs mouros que estauã na nao... recolhe-rãse a hũa barea que tinhã a bordo.»

**E.** 17, v. 5. Ed. de 1597: *E com esta*. *F. de C.*: *nesta traição*. *Treyção* leu o *P*. tres vezes na fonte deste passo (Cast., l. c. na n. á e. 16). E como palavra trissílaba encontrou-a neste v. do *C. G.*: & outro por *treyção* (t. 111, 220, 19). Cf. *Introd.*, § 6.

**E.** 18, v. 4. *G. de A.*: *balisada*. É um caso do *a* protético, de que não faltam exemplos nos *L.*: *amostrar*, *alevantar*, *arrecear*, *aqueixar-se*, *alogoar*, *atambor*, etc.

**E.** 19, v. 5. *T*: *deceo*. V. 6. Ed. de 1626: *C. todas*. O v. 2 desta est. explica o masculino. No grego, as mulheres, quando falam de si próprias no plural, empregam o masculino. V., por ex., Eurípides, *Medeia*, vv. 314-315 e 385.

**E.** 20, v. 3. *Cloto*, em vez de *Doto*, não é da responsabilidade do *P.*, pois houve algumas edd. da *Eneida* que, em x, 102, adoptavam aquela lição, hoje expungida.

**E.** 22, v. 4. *T*: dois pontos no fim.

**E.** 23, v. 4. *T*: dois pontos no fim. V. 8. *G. de A.*: *Da g*. A construção de *Ee* corresponde ao dativo de proveito do latim. Cf. a n. a 1v 1,6.

**E.** 24, v. 7. *E*: *O. P = Ee. Os*, porque o ameaçado não era só o mestre.

**E.** 26, v. 4. *Fr. de C.*: *e a nado*. O assíndeton hoje parece-nos violento, mas ha outros como ele. Cf. a n. a. 1 31,2. A 1.<sup>a</sup> parte do v. 4 liga-se com o v. 3.

**E.** 29, v. 1. Ed. de 1626: *Têdo*. *G. de A.*: *Tendo... na estranheza. Atentado*

(1) Isto mostra que os primeiros editores sabiam se não tratava de um erro de imprensa.

(cf. III 125, 5; VIII 28, 1; X 101, 3; 102, 5) está empregado transitivamente (cf. a n. a VIII 76,8), como se fosse *atentando*. Na fonte leu o P.: «se não quádo atentando bem virão» etc. (Cast., l. 1, c. 9).

**E.** 33, v. 6. G. de A.: *é rec.* Não é preciso fazer do part. uma oração. E se o fosse, dispensava-se o verbo. Cf. a n. a I 103,3.

**E.** 34, v. 3. Ed. de 1779: *estrellas, o ceo*. V. 4: Ed. Biel: *a nam*. Mas Venus é que *namorava, encantava tudo*. Cf. a est. seg., v. 1. «Aquella senhora mayor de corpo me namora.» *Palm.*, II, p. 478. «E posto que a vista (de Mombaça) enamorasse a todos» etc. Barros, *Déc.* 1, 4,5 V. 8. Ed. de 1663: *de fogo*. O P. refere-se á esfera do fogo, uma das quatro que constituíam o mundo sublunar. Cf. VI 11-12.

**E.** 38, v. 1. *E: s'embante*. V. 6. G. de A.: *alegre e m.* Se fosse necessária a conj., estava no *e* final de *alegre*. Cf. a n. a III 69,2-3. Creio, porém, que o v. 6 exprime, em quiasmo, as mesmas ideias do v. 5: no mesmo instante *se queixa e se ri*; no m. i., estando *alegre*, *se torna magoada*. Não é um estado intermédio; são dois, que se sucedem no m. i., que, por assim dizer, coexistem.

**E.** 39, v. 6. Em *Êe* (Ac.): *Sem quanto*. Isto é: no ms. do P. estava *Sem q̄ to*, que o compositor interpretou daquele modo. Conhecido o engano, durante a impressão, fez-se a emenda. Cf. as nn. a III, 71, 7; 73, 2; IV 71,2; IX 74,1; X 83,7; 87,1; 88,6; etc. V. *Introd.* § 1.º

**E.** 41, v. 6. Para completar o v., deficiente em quanto ao sentido e á métrica, M. C. antepôs-lhe o pron. *Se*. Mas os dois inconvenientes remedeam-se, aproveitando para este fim o *s* final do v. precedente e lendo-o como *Se*. Neste passo do *C. G.*, v. 186; «& quem mays por vos obriga, | menos galardam espera» †, o *s* de *vos* tem de ligar-se também a *obriga (vos se o)*, formando outra palavra (*se*). É um caso análogo a este. Cf. a n. a II 13,3, e *Introd.*, § 6.

**E.** 42, v. 3. Ed. Biel: *o qual*. Mas subintende-se *tal*. «Vos tenho buscado marido tal, qual me parece que mereceys.» *Palm.*, II, p. 467.

**E.** 43, v. 4. Uma das ed. de 1609 (a que foi composta só em itálico): *quem o*. Mas *quem no* era e é corrente. Cf. a n. a IX 77,7.

**E.** 45, v. 4. E. D. . *do Timavo*. Mas v. a n. a I 32,4. V. 7. Ed. de 1626: *intentando*. Mas *atentando* = *tentando*. Cf. a n. a II 18,4.

**E.** 47, v. 2. G. de A.: *t. mares*. Mas *medos* (cf. VI 82,1; IX 16,7, etc.) é muito usado no *Palm.*, onde os mais valentes cavaleiros *passam medos, acometem medos* etc. (II, p. 143, 182, 184, 196, 202, etc.) V. a n. a VI 92,6.

**E.** 50, v. 7. F. e S.: *luç ex*. Isto só porque em Virgílio e Lucano se encontra o mesmo conceito.

**E.** 53, v. 5. M. C.: *da A*. Como o P. emprega esta palavra com o art. (VI 5, 3; IX 13,6; X 44,3; 125,4), devemos concluir que o *a* está incorporado na *A* da palavra seg. Cf. as nn. a III 15, 7; IX 7,2; 28,5.

**E.** 54, vv. 1-2. Ed. Biel e G. de A.: *accêso*; *Co'os incendios os v.*, pois não é o mar, são os port. que lutam com os incêndios (cf. X 19). Mas é o mar que ferve aceso com os incêndios dos port., que pelem, prendem, triunfam. Sobre a significação de *incêndios* cf. a n. a IV 39,5. V. 6. Ed. de 1597: *longinco*. No ms. estaria *longico*? Cf. IV 69,7; VII 30,6. Todavia *longico*, com a variante *longinco*, lê-se nas *Obras do M. de*

*Santillana* (Madrid, 1852), p. 7 (1). V. 3. B. F.: *o idolatra*. Mas o P. podia ter empregado a forma plena e não a que resulta da haplogia, embora esta seja a usual. V. 5. E: *Aureo*. Vv. 6-7, B. F.: *Até ao...* *E'ás*. Mas é clássico o emprego de *até* sem a prep. *a*. (Cf. E. D. 11, p. 328). Ha grandes divergências na pontuação desta est. A comparação iniciada em 53,1, termina em 54, 4, por um ponto final, e os part. *pelejando*, *leuando*, *triumphando*, especificam os modos como os port. farão ferver o mar.

E. 55, v. 1. G. de A.: *de feito*, por causa do *De modo*. Mas cf., por ex., *Palm.*, 11, p. 363: «De sorte que, de qualquer sorte que vos... aconteça». V. 6. B. F.: *mostrará*. G. de A.: *amostra*. Mas não existe o suposto anacronismo (2). Como se trata de uma profecia, o P. quis imitar o estilo dos profetas bíblicos, que falam dos acontecimentos que predizem, umas vezes como futuros, outras como presentes, e outras como já realizados. Assim, por ex., Isaias, no c. vii refere-se no futuro ao nascimento do Messias: *Uma virgem conceberá*, etc., mas no c. ix considera esse nascimento como um facto já passado: *Porque nos nasceo um pequenino*, etc. Cf. x 140, 5-6, e 141, 5-6.

E. 56, v. 2. E: *de Maria*. P = *Ee*.

E. 57, v. 6. Ed. de 1669: *Dos infernos*. «Quanto dizem do ynfferno». C. G. 111, p. 45, 29. Cf. a n. a 1 56,7.

E. 58, v. 8. Ed. de 1644: *e o modo*. Cf. a n. a 1 55,2 e a 11 101,9.

E. 63, v. 8. G. de A.: *certo e sabio*. Nos clássicos do séc. xvi *guia* (cf. *espia*, *vigia*) é do gén. feminino, ainda que se refira a individuos do sexo masc. (3).

E. 63, v. 6. J. L.: *gente, ó fraco*. Sem nenhum motivo. Cf. a n. a 111 34,5.

E. 70, v. 8. E: *acharâm*. G. de A.: *achará*. Mas o sujeito é *eles* (o G. e os companheiros).

E. 72, v. 3. M. C.: *e outro*. Mas cf. no *Palm.*, 111, p. 367: «assi de hũa banda, como da outra». Isto a par de: «de hũa e outra parte» (*ibid.*, p. 374) e de: «a vinda dos hũs e dos outros» (*ibid.*, p. 416).

E. 74, v. 2. E: *De g*. P = *Ee*. V. 6. Ed. de 1591: *no fundo*.

E. 76, v. 8. É possível que o P. tivesse escrito: *E q̃* (cf. a n. a 11 39,6), escapando o *q̃* na composição. Cf. 11 102,3; v 14,5, e *Palm.*, 1, p. 402: «Argentao... lhe hia dizendo o nome das povoações e que cressem que» etc. Fica assim o v. melhorado, não só na métrica, mas também no sentido, pois gramaticalmente deve estar subordinado a *Manda* (dizer) (v. 5). V. 2. T: *palavras*.

E. 79, v. 6. G. de A.: *Já de todo*. Cf. a n. a 1 56,7.

E. 80, v. 4. V. de J.: *Pra*. No tempo de C. não se evitava o encontro do *por* com palavra que começasse por *r*. Cf. 111 86,1; etc.

E. 81, v. 1. M. C.: *há hi*. O P. secreveu o *a* (= *ha*) junto ao *hi*, pois assim o encontrava a cada passo. Cf. *Palm.*, 1, p. 326: «e nã ahi memoria». No esquema *habet*

(1) Cf.: no *Palm.*, 11, p. 41 nam justou cõ niguem. *Niguem e hytenso* se encontram também no C. G., 1, p. 268 e 105.

(2) É evidente que não se pode atribuir ao poeta o esquecimento da ordem cronológica por que se realizaram os dous estrondosos feitos das viagens do Gama e de F. de Magalhães.

(3) «Se eu soubera que elle leuava tã boa guia consigo, como Daliarte» etc. *Palm.*, 11, p. 411.

*homines (ha homens)*, que data já do séc. IV, temos o verbo impessoal com acusativo. Em *habet ibi homines (ha ahí, hái (popular), h.)* o *ibi* representa vagamente o sujeito. V. 3. V. de J. acha melhor: *nos vedem os p. não. Mas não... tam somente = não somente.* «Nam tã soamente, ... mas inda». *Palm.*, 111, p. 21. A proposição é genérica. V. 1. G. de A.: *Quem*. Alteração inadmissível. O *Que* do v. 6 está em correlação com os do v. 5 (= *de modo que*) e *se arrecea* (com interrogação) = *se tem medo*. O *Que* do v. 7 está coordenado ao do 6.º, dependendo também dos do 5.º Segundo E. D., o *Que* do v. 6.º é interrogativo e o do 7.º conj. final (= para que).

**E.** 85, v. 3. M. C.: *e a s.* O *ou* explica-se pela forma negativa da prop.

**E.** 85, v. 3. G. de A.: *O animo da.* Mas *estómago* ou *estámago*, na forma popular (cf. *C. G.*, 11 281), é usual no tempo do P. com esta significação. «Não lhe sofrendo o estomago de principe... someter-se a vasalo de seu imigo». *Mem.*, p. 17. Cf. 1 39,6.

**E.** 87, v. 2. *E*: *usuda*. No *T.* o verso 4 termina por dois pontos.

**E.** 89, v. 3. G. de A.: *Com a.* Cf. a n. a 1 56,7. V. 8. *T*: *buscauão*.

**E.** 90, v. 1. G. de A.: *ali raios*. Cf. a n. a 1 11,4.

**E.** 92, v. 1. G. de A.: *o inq. ceo se rev.* Este part. está empregado intransitivamente. Cf. 1 33,1, e a n. a 1 19,2.

**E.** 94, v. 8. G. de A.: *oiro, de.* A conj. é necessária, para ligar os dois participios.

**E.** 96, v. 6. *E, P.* 1591 e 1609 = *Ee*; 1597 e 1612: *horrisino*; M. C.: *horrisono*. É hoje a lição corrente. Na forma de *Ee* pode ter havido uma simplificação de *horridissimo*, para a qual contribuiria o *horrisono* que aparece logo na est. 100. Certo é que este, pela sua proximidade, constitue um argumento contra a hipótese apresentada. Cf. a n. a 1v, 54, 1. Cf. *idololatra* (II 54, 3) e *idolatria*. V. a n. a x 83, 5.

**E.** 100, v. 2. *E* e *P*: *resonando*. *T*: vírgula no fim do v. V. 5. *E* = *Ee*. *P*: *bramação*, exigido pela rima.

**E.** 101, v. 6. M. C.: *o gesto, o m.* Ed. de 1631: *o g. e m.* Mas: *o g. e o m.* Cf. *manha e ardil* (1 81,4); *temor e medo* (*Palm.*, 111, p. 282); *nome e gloria* (*ibid.*, p. 291); e *a virtude e o esforço* (*ibid.*, p. 32), *o tempo e a fortuna* (p. 35). Estas *parelhas* de nomes, sinónimos, ou de significação muito próxima, tão freqüentes no *Palm.*, são ligadas, em geral, pela copulativa. E repete-se o art., quando se quer dar ao segundo elemento uma certa independência. São mais raros os tipos: *manha, ardil, e m. ou a.* Cf. para os adj. a n. a 1 4,5. De verbos também não faltam ex. nos *L.* (111 5,5; VIII 94, 6; IX 68,3; X 18,3; etc). Cf. a n. a VIII 77,8.

**E.** 102, v. 8. G. de A.: *tivera g.* Mas *tivesse*, por atração de *visse*. «Quiserá que... os outrôs capitães tiveram algum repouso». *Palm.*, 11, p. 302.

**E.** 103, v. 2. B. F.: *diç dos*. Mas *Lhe diç* deve estar, como está, entre vírgulas, e *se soa* ligá-se a *os g. f.*, construção corrente no tempo do P. «No sentimento de sua morte se fez mais sinalados estremos». *Palm.* 111, p. 392. É o esquema de latim medievo: *legitur libros* (= lê-se livros). Cf. *Sabido estas cousas: excepto estes casos*. «Curados os cavaleiros e aos mortos dado sepultura». *Palm.*, 11, p. 223. V. 6. *E*: *que de L.* *P* = *Ee*.

**E.** 105, v. 6. G. de A.: *der luz*. Cf. *Palm.*, 11, p. 30: «Vio grande lume de tochas acesas» etc.

**E.** 106, v. 2. *T*: ponto ou vírgula no fim do v. *E*: vírgula.



**E.** 107, v. 6. M. C.: *os l.* Emenda necessária.

**E.** 108, v. 4. *E*: *aidas*. V. 6. Ed. de 1612: *Hisperia*. M. C.: *Hesperia*. Licença poetica. «Tiene el poeta... licencia para acortar y sincopar qualquier parte ó dición... Puede assi mismo corromper y estender el vocabulo... Y puede tambien mudarle el acento» etc. J. del Encina, *Arte de poesia castellana*, na *Antologia* de Men. y Pelayo, v, 45. Outra licença é o plural *Algarves* em III 95,1, e VIII 25,3, para não falar de *Anibál* (VII 71, x 153), que era corrente; etc.

### Canto III

(Fl. 38, est. 1-5: f. 39, e. 6-11; f. 40, e. 12-17; f. 41, e. 18-23; f. 42, e. 24-29; f. 43, e. 30-35; f. 44, e. 36-41; f. 45, e. 42-47; f. 46, e. 48-53; f. 47, e. 54-59; f. 48, e. 60-65; f. 49, e. 66-71; f. 50, e. 72-77; f. 51, e. 78-83; f. 52, e. 84-89; f. 53, e. 90-95; f. 54, e. 96-101; f. 55, e. 102-107; f. 56, e. 108-113; f. 57, e. 114-119; f. 58, e. 120-125; f. 59, e. 126-131; f. 60, e. 132-137, f. 61, e. 138-143).

**E.** 1, v. 8. *E*: *Amar*. *P* = *Ee*.

**E.** 2, v. 5. G. de A.: *do P*. Cf. a n. a 132,4.

**E.** 3, v. 6. *P*: *genealogia*. Camões encontrou no *Palm.* as formas *geneoosia* (I, p. 121) e *genealosia* (I, p. 417). 417. Era talvez a 2.<sup>a</sup> que estava no ms. G. Vicente emprega a 1.<sup>a</sup>, em castelhano, na *Fragoa d'amor*. É também a do *C. G.*, III, 86; etc. V. 7. *P*: *mandas*. *E* = *Ee*. *E*: *cantar*. *P* = *Ee*.

**E.** 8, v. 2. *E*: *Dos montes*. *P* = *Ee*. V. 4. *E* = *Ee*; *P*: *dos sopros*; ed. de 1591: *do sopro*; J. L.: *de sopro*. Deve manter-se a lição de *Ee*. Cf. *Palm.*, I, p. 266: «E tomando as armas... antes que a soltasse das mãos» etc.; II, p. 520: «nós outros... nã sejamos *jugado* segundo» etc.; III, p. 14: (vós) *yrey* sentindo» etc. V. as m. a III, 84, 2; VII 86,2; IX 26,6, e X 127, 3.

**E.** 10, v. 2-3. O *a* final de *Noruega* passa para o v. seg., pois *Escandinavia* não é gramaticalmente um continuado de *Noruega*. Cf. a n. a II 13, 3 (1). V. g. Ed. de 1597: *Oceano*. Dois *cc* em *Ee*, como no *Mem.*, p. 283.

**E.** 11, v. 4. Os *Marcomanos* não são *Polónios*: são de raça germânica. Foi o que o P. leu na respectiva fonte (Sabélico, *Enneades*, VII 4): assim como aí leu também: *Massovitae sunt et Poloni* (x 4). Creio que foi *Massovitas* o que o P. escreveu, sendo depois feita a substituição por quem estranhou o nome deste povo. Note-se

(1) V. como III 10, 2-3 (mas não como II 13, 3-4) também se encontram no *Aulo do Físico*, de J. Ribeiro. Assim na quint. 21, quando o moço manda sair o escudeiro, Inês pondera-lhe que isso é *mao ensino*, ao que ele replica que deixe sair o *salsa-verde* hum pouquinho, pois vai já chamá-lo outra vez:

«Deixao hir um pequenino. | salsa verde, que já von».

O art. que devia preceder *salsa-verde* está no *o* final de *pequenino*. E na quint. 114, na bulha entre Ines e Grimanesa, diz esta:

«Fala daquela maneira | que veio ontem da Beira. | sengida com dous farrapos».

O *a* de *maneira* repete-se antes do *que* do v. seg., isto é, aquela palavra deve ler-se *maneira*.

que para Sab. a Silva Hercynia (a *montanha Hircinia* de C.) atravessa toda a Polónia (*ibid.*), e que no fim do v. 4 devia estar ponto final, ou os dois pontos do v. 5.

**E.** 15, v. 7. M. C.: *da antiga*. E. D. comenta: diz-se «pobre de potestade», mas deve dizer-se «p. da antiga p.» Foi o que C. disse, pois no *a* de *antiga* está fundido o art. sem.: *de antiga = de a ant.* (cf. ix 67, 5). É caso vulgarissimo nos melhores escritores do séc. xvi. «(A donzela) disse Arnalta o que passava» (*Palm.*, I, p. 448). «Nam valendo Albarroco sua valentia (*Id.*, II, p. 141). Cf. as nn. a III 22; 7; VIII 32,5; IX 7,2 etc. VIII 32,5; IX 7,2; 28,5. V. 8. M. C.: *da h.* De *h.*, i, é, de actos de *h.* *Da h.*, i, é, da virtude da *h.* Mas no séc. xvi, mesmo neste caso, se omitia às vezes o art. Cf. III 32,5; X 55,7; 58,1; etc., e VII 3,8.

**E.** 17, v. 2. B. F.: *da E.* Neste caso mais se omitia o art. do que se empregava. Cf. III 20,2; VII 18,2. O art. em VII 14,6.

**E.** 18, v. 4. G. de A.: *Com o*. Cf. a n. a I 56,7, e 83,3.

**E.** 19, v. 3. E: *Austrias*. P = Ee. V. 6. E: *Castelhauo*. P = Ee.

**E.** 20, v. 2. B. F.: *da E.* Cf. a n. a III 17,2. V. 3. E: *acaha*.

**E** 22, v. 7. *Veoa = Veoa a*. Cf. a n. a III 15, 7.

**E** 24 v. 1. Ed. de 1507: *c'hũ*. G. de A.: *com amor*. «Ca de jugar com hũa facha.» C. G., I, 322. «Vou com hum homem nesta hyda.» (*id.*, v, 232) Cf. a n. a I 1,4. V. 6. E *mostrarãa*.

**E.** 27, v. 3. G. de A.: *a agua t.* Mas o antec. do *Que* do v. 4 é *Jordão*. É um caso do *antecedente remoto*, vulgar nos escritores do séc. xvi. Cf. III 68, 2-3, e a n. a VIII 97, 8.

**E.** 29, v. 2. G. de A.: «verso erradissimo», por ser necessário fazer uma sílaba só de *nã* *ha*. E propõe: *ha incerteza*. Mas C. podia ter escrito *antiguidad*, sem o e final, ou tê-lo escrito para não ser lido (cf. na e. 28, v. 4, *spirito*, que tem de ler-se *sprito*). No *Palm.* não é rara a omissão do e no final de certas palavras: *verdad* (I, p. 241), *magestad* (I, p. 304), *juventud* (III, p. 282), *marmor* (II, p. 405, 412). E na Egloga v (*A quem darei*), v. 122, diz C.: «E tu, como aspid, cerras-lhe» etc. E nos vv. 50 e 56: «de marmor te pariu»; «de marmor tornar-te.» Podemos, portanto, *a priori* supor que nos *L.* se ha de encontrar exemplificada esta espécie. E é o que talvez aconteça aqui. Mas ha ainda outra explicação. No C. G., por ex., encontrou o P., por mais de uma vez, o *nã ha* formando só uma sílaba métrica. «Se vos nam aa de contentar.» T. III, p. 319, 10. Cf. IV, pag. 96, 4, e 174, 2.

**E.** 30, v. 7. M. C.: *as cousas*. Mas *causa*, donde vem *cousa*, teve tambem a significação depois reservada a esta palavra. «D. Egas lhe contou... como a causa passara», leu C. na fonte destas est. (Galvão, *Cr. de D. A. H.*, c. 9). Cf. *Mem.*, p. 9; *Palm*, II, p. 507.

**E.** 31, v. 8. E: *era o m. P. — Ee.*

**E.** 34, v. 3. M. C.: *r. e ingente*. Inadmissivel. V. 5. E: *Em trabalho*. P = Ee. J. L. considera *o peito humano* como um vocativo (*pref.*, p. XIII), sendo o *Lusitano* do v. 3 o sujeito dos verbos dos vv. 7 e 8. Mas o voc. seria aqui inexplicavel e a vírgula depois de *cruel* nada prova, dada a irregularidade da pontuação. Nem ha um lugar paralelo em II 69,6. Cf. a n. a este passo.

**E.** 35, v. 4. T: *immigo*.

- E.** 36, v. 7. *T*: Depois de *moniç* ha vestígios de dois pontos.
- E.** 38, v. 2. Uma das ed. de 1609 (a do tipo itálico e redondo): *com elles*. Cf. a n. a I 56,7, e 83,6. V. 4. G. de A.: *á p. que á n*. E' corrente a omissão do art. Cf. a n. a III, 15, 8.
- E.** 39, xv. 1 e 5: G. de A.: *Eis*. Escusadamente. Cf. a n. a VII 41. V. 6. Ed. de 1663: *toda a s*. Cf. a n. a I 2,7.
- E.** 42, v. 8. M. C.: *força grande tam*. É claro que não foi isto o que o P. escreveu.
- E.** 44, v. 4. G. de A.: *alc. illustre*. *Alc. a fama* diz mais do que *alc. f*. É a f. que torna illustre. Cf. VI 95,4. V. 8. P.: *passarão*.
- E.** 45, v. 4. G. de A.: *o reanimava*. Cf. a n. a I 56,7.
- E.** 46, v. 6. G. de A.: *o céo trovão*. Mas cf. II 90,7: III 113,5. «Gritos que cheguã ao ceo;» «gritos que pareciam romper o ceo», lê-se no *Palm.*, II, p. 16 e 297.
- E.** 48, v. 5. *E*: *larido*. P — *E*. *Alarido*, como *alacrau*. V. 6. Ed. de 1597: *t. arma*. B. F.: *t. á a*. G. de A.: *toca alarma*. No *Mem.*, p. 14: «mandou tocar a Arma». E no *Palm.*, III, p. 296: «tocar al arma». *Ee* segue o *Mem.* É o *ad arma!* dos romanos. o nosso actual *ás armas!*
- E.** 50, v. 5. G. de A.: *o encontra; e, denodado*. Alteração escusada. E' um caso de assíndeton. Cf. a n. a I 31,2. V. 7. Ed. de 1869 (Porto): *meio mortos*. Mas em Barros, por ex., leu o P.: «edificios... meios cobertos de areia.» *Déc.* II, 8,1.
- E.** 52, v. 6. *E*: *de sangue*. P = *Ee*. V. 8. *E e P*: *Tornado*.
- E.** 53, v. 3. P: *Mouro*. M. C.: *Mauro* no texto, mais *Mouro* no comentario. É possível que o P. empregasse tambem *Mauro* como subst., do mesmo modo que faz de *Mouro* um adj. (III 62,5). É que as duas formas vem do latim *Maurus*, que é subst. e adj. V. as nn. a III 90,5, e 115,5.
- E.** 55, v. 7. B. F.: *Scalabicaastro*. Na fonte destas est. (D. Galvão, *Cr. de D. A. Henr.*) leu o P. a forma *Cablicrasto*, donde, por uma regressão parcial ao latim *Scalabicastrum*, a palavra que se lê no texto (1).
- E.** 56, v. 5. Talvez *Sintrà* (= *Sint'ra aonde*). V. a n. a III 10,2-3, e VIII 32,5. Cf. *Palm.*, I, p. 3: «O lugar aonde sua gente ficava».
- E.** 57, v. 1. *E*: *Lixboa*. P = *Ee*.
- E.** 60, v. 7. *E e P* = *Ee*. Ed. de 1597: *alghūs*; as duas de 1609 = *Ee*: a de 1612: *algūs*.
- E.** 61, v. 8. V. de J.: *Que... lavã*. G. de A.: *Que lavam murmurando*. Outros conservam o singular, fazendo de *tom* o suj. Mas o P. quis deixar um ex. das construções, tão freqüentes ainda no seu tempo, em que o verbo está no singular, 3.ª pessoa, e o sujeito no plural. «No fim da mesa foi apresentado... panos de sirgo» (F. Lopes, *Cr. de D. J.* 1.ª, 1.ª p., c. 119). «Nem as penas de cada dia a faz provida» (*Mem.*, f. 10 v.). Cf. I 27,4, e X 75,4. E' um caso análogo ao do *lhe* = *lhes*. Cf. a n. a I 21,2.
- E.** 62, v. 2. *E*: *Affãmdas*.
- E.** 63, v. 3. *E*: *argenta*. P = *Ee*. V. 4. *E e P* = *Ee*. Ed. de 1591: *de longe*.

(1) No exemplar *Ee* (4) da B. N. encontra-se a curiosa emenda *Scalabisco*, impressa em tipo igual ao do texto, em uma tira de papel cuidadosamente sobreposta ao original.

Creio não haver motivo para a emenda. Cf. *longo* = *longinquo* (v 41,6; 59,4; etc.) e Barros: «de longo a largo» (*Déc.* II, 7,5), «de longo a longo» (*Ibid.*, 8,8). Cf. *C. G.*, III, p. 169: «Será forçado | passar bem de longo della». v. 6. *E: Mos.*

**E.** 65, v. 1. *E: Palmela. P = Ee.* V. 5. Ed. de 1612: *a senhor. M. C.: o senhor.* Lição hoje muito seguida. Esta est. só se pode compreender bem em presença da respectiva a fonte — a *Cr. de D. Af. Henriques* de Duarte Galvão, c. 43 (ou 39). Por ela ficamos sabendo: 1.º) que a vila do v. 5 é Palmela, e não Cezimbra, como a construção gramatical o faz supor (1); 2.º) que se trata efectivamente de uma serra — a de Azeitão —, em cuja proximidade foi o recontro (2); 3.º) que no v. 5, que forma um parêntesis (3), se devia ler no ms. do P., não *a Villa*, mas *Palmella*, pois a *V.* seria Cezimbra. Cf. a. n. a 1 6,7. V. 7. *E: descnydado. P: descuidado.*

**E.** 66, v. 3. As duas palavras — *Inumeros peões* — acham-se interpoladas entre o v. 2 e 2.<sup>a</sup> p. do v. 3, visto que são os cavalos (i. é, os cavaleiros) e não os peões que veem guarnecidos *de armas e de ourò*, i. é, de armas douradas.

E não é este o único esquema de intercalação que aparece nos *L.* Designando-o por *a)*, temos ainda I 12,1-3 (*b*); III 132,5 (*c*); IV 46,4-8, VI 96,4-5, X 32,5-8 (*d*); IV 41,1-2 (*e*); III 69,3-4; VIII 83,5-7 (*f*); I 57,5-8; V 89,1-2; VI 18,1-6 (*g*). A propósito de (*c*), v. a n. resp. Em (*d*) é preciso mudar a ordem dos vv. Assim, em VI 96 deve ler-se: 1, 2, 3, 5, 4; em IV 46: 1-5, 7, 6, 8; em X 32: 5, 7, 6, 8 (4). A respeito de *g*) cf. a n. a VI 18. Sobre cláusulas intercaladas entre o relativo e o seu antec., v. a n. a VIII 97,7.

**E.** 67, v. 8. Ed. de 1651: *Não mais.* No ms. lia-se por certo o que está no texto. Era fórmula muito usada ainda no sec. XVI. Cf. X 145,1.

**E.** 68, v. 8. *E: faz fazer. P = Ee.*

**E.** 69, v. 2-4. Para se entenderem estes vv., é necessário que o *e* final de *merece* figure como copulativa no princípio do v. 3. Cf. a n. a III 10,2-3.

**E.** 71, v 4. Ed. de 1663: *indigna.* Mas foi ordenada pela *justa N.* V 7. *Ee* (4) e *Ee* (11): *Beotes.*

(1) Cezimbra já estava em poder dos cristãos e foi daí que D. A. Henr. se dirigiu às imediações de Palmela. Ha portanto uma inversão da ordem cronológica.

(2) A *Crón.* parece distinguir entre a serra e o *enfesto* por onde subia o rei de Badajoz, quando foi surpreendido. Nos *L.* a *serra* do v. 5.º é a mesma do 7.º: é a *serra* de Palmela. Foi esta que viu o desbarato dos mouros. Cf. III 84; X 33 e 118.

(3) Os dois pontos do v. 4 nada tem com o sentido. Representam a pausa do 4.º v., que; juntamente com a do 6.º, aparece numa grande parte das est. dos *L.*, indicada ora por ponto final, ora por dois pontos. O exército mouro vinha tardiamente socorrer Cez. e foi desbaratado junto de Palm., que ainda estava em poder dos mouros, e que foi porisso quem *sentiu* o desbarato.

(4) Um ex. deste esquema, que o P. leu na *Vingança de Agamenom*, de A. Victória:

«Meu pay, a quem eu amava, | foy o que morreu primeiro; | e meu yrmão, a quem esperava. | deste amor foy herdeiro, | e de vello desejava.» | Ed. da *Acad. das Sc. de Lisboa*, p. 73.

Pertence a outro este passo de *O. Furioso*:

«Ezellino..... | Fará, troncando i sudditi, tal danno, | E distrugendo il bel paese ausonio, | Che pietosi» etc. | III 34,1-4. | Cf. outro caso em XI 69,1-4.

Nesta quadra do *C. G.*, v, 180, o verbo está no meio dos sujeitos: «Jacobytyas, abassynnos, | catayos. ultramarinos, | *buscam* godos & latinos | esta porta principal.»

**E.** 72, v. 5. *E*: os molles Sofenes. O P. decerto escreveu *Sofenos*, do latim *Sopheni*. Ed. de 1597: *atroces*, sem a vírgula. V. 6: M. C.: *Cilicios*.

**E.** 73, v. 2. *Ee* (ii): *Scitico*. G. de A.: *scythio*. A emenda feita durante a impressão mostra que no ms. estava *Scitico* e não *Scythio*. V. 7. G. de A.: *Assim quiç*. Ditongo sintático. Cf. *C. G.*, IV, 30: «Se queyxa de ti agravada.» M. C.: *alto e cel*. Talvez no ms. estivesse a conj. Cf. a n. a 14, 5.

**E.** 76, v. 7. G. de A.: *Assim tratado*. Mas cf. o v. 3 desta est. E na fonte (D. Galvão) leu o P. o subst. *estrago* («vendo o dano e estrago»), donde tirou o particípio.

**E.** 77, v. 4. Ed. de Hitzig (Berlim, 1810), J. da F., E. D.: *do Tinge*. Por ser nome de cidade, observa E. D. Mas o P. leu em Sabélico que a cidade foi fundada pela filha de Anteu, depois da morte deste (*En.* IX, l. 6). Portanto, o assento de Anteu era o monte próximo do sítio onde depois foi fundada a cidade. O monte Tinge, ao lado do Atlas (v. 1-2), do prom. de Ampelusa e do Abila. V. 7. Ed. de 1597: *rouca*. Mas a palavra era corrente. «Soluços roncós», «voz ronca e temerosa», leu o P. no *Palm.* II, p. 429.

**E.** 80, v. 8. M. C.: *com a*. No *C. G.* é corrente o hiato neste caso. Cf. também a a n. 183, 6.

**E.** 81, v. 2. *P*: *juntados*. Cf. a n. a 156, 7.

**E.** 84, v. 2. *E* e *P*: *dos rios*. Deve conservar-se a lição de *Ee*. Cf. *Palm.*, t. 1, p. 264: «Nã esta em rezã que quẽ pera cõ seus imigos tẽ... obras virtuosas se lhe paguem com ingratições, se nam quando os que *a* recebẽ tem as condições desuiadas da virtude». E na *Eufr.*, p. 100: «Do ruge ruge se fazem os cascaveis». *Do* = *Dos*. «E arrédas de borba (deu) a johã» etc. *Crón. do Condestabre*, f. 59. V. a n. a 111 8, 4; IX 127, 3. Cf. a n. a VIII 92, 2.

**E.** 85, v. 3. G. de A., com F. de C.: *O que*. Sem motivo. A oração do 3.º v. é copulativa, como o mostra o contexto. O sujeito de *experimentára* (assim está acentuado no *T.*) é o mesmo de *ficára*.

**E.** 87, v. 8. *P*: *Guido*.

**E.** 88, v. 6. *E*: *Lixboa*. Cf. III 57, 1.

**E.** 89, v. 2. *T*: vestígios de dois pontos, depois de *vay*. V. 7. J. da F.: *sas viz*. Cf., por ex., III 30, 3, a par de I 33, 4.

**E.** 90, v. 5. Ed. de 1591: *Mouros*. Cf. a n. a III 53, 3.

**E.** 92, v. 4. *T*: dois pontos no fim. V. 7. *E. Heliogabalo*.

**E.** 93, v. 8. *E*: *tudo*. *P* = *Ee*.

**E.** 94, v. 5. Ed. de 1631: *o Terceiro se*. O epíteto hoje reservado para D. Afonso 4.º é posterior aos *L.* Cf. *Genealogia* etc. de D. Nunes de Leão.

**E.** 96, 4. *E*: *liberdade*. *P* = *Ee*.

**E.** 97, v. 4. E. D.: *do Mondego*. Mas v. a n. a I 32, 4. V. 7. G. de A.: *Aqui c*. Cf. a n. a III 73, 7.

**E.** 99, v. 2. G. de A.: *Com p*. Alteração desnecessária.

**E.** 100, v. 2. *P*: *os*. Mas o *o* e *os* acentuados são muito frequentes, por ex., nas *Déc.* de Barros (1.ª ed.). Basta ler a epigrafe do l. 1.º, *D.* 1.ª (1). Cf. IX 63, 8, e a n. a

(1) O sinal gráfico usado por J. de B. é o mesmo dos *L.*, mas às avessas, i. é., com o vértice sobre a letra.

199, 7. Cf. D. Rosalia de Castro nas *Follas novas*, p. 234: «Beben os bois n'ò teu rio | y ò sol alegre a escampada». E nos *Cantares gallegos*, p. 12: «dan idea d'ò deserto» etc. V. 5 *Gothica gente* é um erro histórico. Sabélico emprega o activo *Hunnicus* e chama aos Hunos *gens scythica* (En. I, l. 3; IX, l. 1). Teria C. escrito *Hunnica gente*?

**E.** 102, v. 6. *T*: *eburneos*.

**E.** 104, v. 7. G. de A.: *V. triste*. O polissíndeton dá mais energia à expressão.

**E.** 107, v. 7. *Ee* (4) *Ee* (11): *Vai as. E: Vay ás. P=E*. Se o P. escreveu *as*, quis deixar registadas as expressões do tipo *as vezes* (= *ás vezes*). «E as vezes lhe dava alguns (golpes)». *Palm.*, I, p. 167. «Elle e a emperatriz se poserá as janelas». *Id.*, II, p. 49. Cf. IV 20, 4; VI 18, 8; 88, 2. V. a n. a I, 99, 7 (2).

**E.** 110, v. 4. *E: ante o exercito. P=E*. V. 6. B. F.: *Estão*. O sujeito é *o ex.* Ag. G. F.: *saraceno*. Mas o nome de Sara aparece também escrito *Sarra*. Cf. III 140,8; Petrarca, *T. d'amore*, c. 111; *Eufr.*, p. 156.

**E.** 111, v. 5. *E: e arrogante. P=E*. M. C.: *soberbas. arr. T*: ponto final no v. 8.

**E.** 113, v. 4. *P: e outros*. Cf. a n. a II 72, 3. V. 5. *E: ao Ceo. P=Ee*. V. 7. Ed. de 1869: *meio mortos*. É um caso de atracção do plural. Cf. *meia morta*. «Edifícios... meios cobertos de area». Barros, *Déc.* II, 8, 1.

**E.** 114, v. 7. G. de A.: *o bravo*. Emenda desnecessária.

**E.** 115, v. 2. *E: incliado. P=Ee*. V. 5. M. C.: *Mouro*. Cf. a n. a III 53,3. *E: horrêdo*. Não é rara a grafia de *Ee*. *Aranhar, orivees*, etc., se lê no *C. G.*

**E.** 116, v. 1. G. de A.: *Não mata*. Mas cf. este v. do *C. G.*, I, 127: «Mandou a mym seu secretario.» V. 4. G. de A.: *Faz beber*, por causa da emenda do v. 1.

**E.** 117, v. 2. B. F.: *do C*. Cf. a n. a I 32,4. V. 8. *E: de Jesu. P=Ee*.

**E.** 118, v. 5. *P: de mem*. Sem motivo. Trata-se da fama, *Che trae l'uom del sepolcro, e 'n vita il serba* (Petrarca, *Tr. della Fama*, cap. I). V. 6. G. de A. supõe que o P. escreveria *mortos* ou *corpos*. As palavras de Pet. mostram que o P. escreveu o que está em *Ee*.

**E.** 119, v. 1. O contexto pede: *duro*. V. 2. *T: humanos*.

**E.** 120, v. 2. Talvez *colhendo=colhendo o*. «Coged de vuestra alegre primavera | el dulce fruto.» Garcilasso, son. xxm. Cf. I 84, 3. Ed. de 1651: *o doce*. Vv. 2 e 6. F. de C.: *fruito... enxuito*. C. tinha ao seu dispor estas formas, como também podia recorrer ao *mutto*, que encontrava no *Palm.*, I, p. 5. Mas creio que propositadamente escreveu o que está no texto, como um ex. de rima incompleta. Cf. IV 32, 7-8; VII 77, 4; IX 92, 4; X 88,6; 128,6. No *C. G.*, II, p. 25 e 161, encontrou eie também *muyto* a rimar com *luto*. E' precisamente o mesmo caso. Outros exemplos de rima incompleta, perto destes: *remediarme* e *acabarme* (p. 5); *descuberto* e *onesto* (p. 6); *serve* e *leve* (p. 25); *hũa* e *mula* (p. 92). V. 5. Ed. Biel: *No saudoso campo*, por causa do *enxuito* do v. 6. Mas cf. v 22,4. O plural também se encontra na *Castro* de Ferreira (coro final do 3.º acto) e no *C. G.* (*Trovas à morte de D. I. de C.*), t. v. p. 359.

(2) As formas do tipo *a vezes, aas vezes* e *as vezes* são muito frequentes no *Palm.* Cf. I, p. 114; II, p. 36, 432; III, p. 37, 109, 118, 370. A 3.ª deriva, suponho, da 2.ª. Quando se pronunciavam os dois *aa* (prep. e art.), podia acontecer que o 1.º se suprimisse. «Se deu noua a as outras princesas». *Palm.*, III, p. 440.

**E.** 123, v. 7. G. de A.: *Do rancor*. Mas cf. III 103,7.

**E.** 124, v. 1. *E*: *Traziam aos*; M. C.: *Traziam na*. Deve conservar-se a lição de *Ee*. Cf., por ex., IX 45, 1. «Poserá os em tã fraco estado» etc. *Palm.*, I, p. 370. Cf. II, p. 41, 375, 485; III, p. 285, etc.

**E.** 29, v. 5. G. de A.: *e a v.* Cf. a n. a I 55,2 V. 6. G. de A.: *Daquelle*. Mas cf. *Palm.*, II, p. 356: «Vendi o sangue de meus hirmãos, pondo a vontade no matador delles». E o *Mem.*, p. 52: «Pondo... a memoria e desejos em Arindeliã, cantava» etc. V. 7. *E* e *P*: *riliquias*.

**E.** 130, v. 8. *E* e *P*: *mostrais*.

**E.** 132, v. 3-6. Em uma construção normal, a cláusula *As espadas banhando* do v. 5, intercalada em uma oração relativa, devia estar antes ou depois desta oração, i. é, ou antes do v. 2, ou no fim do 6.º (1). Cf. a n. a III 66. As *brancas flores* do v. 5 são as faces pálidas da desventurada. Cf. III 134, 6-8; IV 42, 4; IX 36, 3-4; 61, 7-8. Como as *obras* do v. 3 já abrangem as *brancas flores*, suponho que o *P*. teria escrito naquele v.: os *olhos*, sendo a substituição feita por quem não entendeu o que ele quis dizer. Em quanto ao conceito que assim exprimiria o v. 3, cf. II 34, 5-8, e, entre outros, o soneto *Num bosque* (2).

**E.** 133, v. 7. *E*: *que ouvistes*. *P* = *Ee*.

**E.** 135, v. 8. M. C.: *são aguas*. Ed. de 1631: *são agoa*. Alterações descabidas.

**E.** 136, v. 5. G. de A.: *De outro*. Mas sabe-se bem quem é *o outro*.

**E.** 140, v. 6. G. de A.: *a tribu*. Deve conservar-se a palavra o gén. usado no tempo do *P*. V. 8. Ed. de 1702 e G. F.: *Sara*. Cf. a n. a III 110,6.

**E.** 141, v. 8. Ed. de 1597: *a moça*. De ser o art. indef. Ha só uma vaga notícia do facto. Cf. a n. a I 12,7.

**E.** 142, v. 2. Ed. Biel: *o amor*. *Amor* sem art., como *Fortuna*, etc. «Isto prestou pouco, que amor é palreiro». *Palm.*, I, p. 117. v. 4. *E*: *labastro*. Suposta analogia com *larido* (cf. a n. a III 48,5). *P* = *Ee*.

## Canto IV

(Fl. 62, e. 1-5; f. 63, e. 6-11; f. 64, e. 12-17; f. 65, e. 18-23; f. 66, e. 24-29; f. 67, e. 30-35; f. 68, e. 36-41; f. 69, e. 42-47; f. 70, e. 48-53; f. 71, e. 54-59; f. 72, e. 60-65; f. 73, e. 66-71; f. 74, e. 72-77; f. 75, e. 78-83; f. 76, e. 84-89; f. 77, e. 90-95; f. 78, e. 96-101; f. 79, e. 102-104).

**E.** 1, v. 6. Ed. de 1644: *do p*. E' o dativo com os verbos de *remover*, já usado nos poemas homéricos, em concorrência com o genitivo. Cf. a n. a II 23,8.

(1) O passo do Ariosto, cit. a propósito de III 66, também ficaria corrente, transpondo as palavras *tal danno* para o princípio do v. em que se encontram, ou para o fim do que se lhes segue.

(2) As setas traz nos olhos com que tira. | Ó pastores, fugi, que a todos mata.

**E.** 4, v. 7. B. F.: *Com que. Mas Com quem = C. o qual.*

**E.** 5, v. 7. J. da F.: *aras dão resp.* O V. de J. lembra: *Por quem a o., n. a. tem r.* Nos vv. 5-6 ha uma oração de part. perf. Cf. a n. a 1 103,3. No v. 7 subintende-se *valem* (do *valerem* do v. 6). O v. 8 forma uma oração nominal, para que se póde subintender um verbo apropriado ao sentido.

**E.** 8, v. 2. G. de A. propõe: *(Se o foi).* Mas: *se foi, i. é: se existiu.*

**E.** 11, v. 5. G. de A.: *e a das.* A omissão do pron. é freqüente no *Palm.*, «Julgava (a batalha) por cima de todas, se não se foy do caualleiro triste com Palmeirim». Cf. a n. a 1 55,2. Cf. a n. a v1 81,2. V. 7. F. e S. diz que no ms. n.º 1 se lia *moradores*, em vez de *matadores*. A lição foi adoptada na ed. de 1644 e tem hoje muitos partidários: B. R., E. D., etc. Com razão. Em mais de um livro podia o P. encontrar caracterizadas as diferentes regiões da Espanha, quer sob o aspecto físico, produções, etc., quer emquanto aos moradores e suas qualidades. Assim, a respeito da Biscáia e de Guipúscoa, podia êle lêr na *Suma de geographia* de Fernandez de Enciso (Sevilha, 1530, fl. 26 v.): «Las gêtes destas provincias son colericas y prestes; apasionados, bellicosos... Enestas provincias hay muchas venas de hierro y acero & muy buenas que lo lleuan a otras partes... Labrá en ellas muchas armas & arneses de todas suertes & muy buenas». *Coléricos* chama Enciso aos moradores de Biscáia e de Guipúscoa. A estes últimos e aos das Astúrias qualifica-os P. de *soberbos*.

**E.** 12, v. 2. B. F.: *Hebreio.* G. de A.: *o da g.* Cf. este v. do *C. G.*, v, 178: «Mem-brot, Pompeo guereyro», em que *Pompeo* tem 3 sílabas. A ed. de Coimbra antepõe a *Pomp.* um &, que não está no texto da 1.ª ed. Inadmissível o o de G. de A. *Gued.* contrapõe-se a *peito* e ambas as palavras dependem de *crece*.

**E.** 16, v. 4. B. F.: *Vencêrão.* Na sua enérgica fala, Nunálvares, para incutir ânimo *áquelas duvidosas gentes*, identifica-os com os seus vitoriosos antepassados. *Vencestes* é um caso de atracção, produzida pelo *vós* do v. 1., semelhante a muitos outros. «Sam huñ dos que deçendy | nos abismos ynfernaes.» *C. G.*, 111, 49. «Cada huñ, dos que acudia, tinha bem que fazer». *Palm.*, 111, p. 426.

**E.** 17, v. 7. *E: Reino n. P = Ee.*

**E.** 18, v. 7. *Atai as mãos a vosso receio* parece que quer dizer: dominai-o, não vos deixeis vencer por êle. Mas o contexto mostra que Nunálvares quer exprimir precisamente a ideia contraria: *soltai* as mãos a vosso receio, deixai-o operar á vontade. Ora na *Vingança de Agamenom* (quint. 212) leu o Poeta estas considerações de Orestes, que via chegada a hora da vingança: «E pois tu soes, piedade, (1) | atar as mãos á vingança, | soltarmas á crueldade.» Inspirando-se neste passo, não teria o P. escrito *soltai* etc? Neste caso a palavra teria sido substituida por quem não comprehendeu o pensamento que êle quis exprimir. Ou quereria C. dizer: *Atai as vossas mãos ao vosso receio; predeí-vos a êle, por forma que nada façais?* (2).

**E.** 20, v. 2. M. C.: *Canusio.* V. 4. Ed. de 1663: *Aa Fortuna.* Lição hoje seguida

(1) É assim que leio este verso. O texto diz: E tu pois so es piedade.

(2) Em qualquer dos casos, parece manifesta a influência da leitura da tragédia, que se revela ainda em outras particularidades.



geralmente. Mas no ms. dos *L.* por certo se lia *A fort.*, aliás a letra *a* estaria duplicada, como em I 95,8; I 99,7; IV 47,7; etc. É que o P. quis deixar aqui um ex. das expressões do tipo *as vezes* no singular. Cf. a n. III 107,7. No *Palm.* a cada passo encontrava êle frases como esta: «O escudo que tomastes a donzela devies tornalho». (I, p. 84. Cf. *Ibid.*, p. 162, 167, 327, 491; etc.). F. de C.: *das gentes Af.*

**E.** 22, v. 3. G. de A. lembra: *Estes... limpam. Em hūs... hūs*, em vez de *hūs... outros*, ha o latinismo *alii... alii*, tambem usado por A. Ferreira. «Huns s'ouvem, huns nos troncos ficam escritos». *Eleg.* 3.<sup>a</sup>

**E.** 24, v. 3. *E: o forte Humo. P. = Ee.*

**E.** 25, v. 5. *P: Logo na. E = Ee.*

**E.** 26, G. de A.: v. 2: *algido m.* V. 3: *irmãs, filhas.* V. 7: *as r.* V. 8: *todos.* No v. 2 ha um oximoron. É o extremo oposto das *agoas humidas* de VII 48,3. Num caso, a qualidade é tão fundamental, que parece ridículo mencioná-la. No outro, não se coaduna com a natureza do ser a que se attribue. Apesar disso, ou antes, por isso, são as duas construções permitidas em poesia, mas o seu uso deve ser extremamente parco. *A priori* podemos supor que se hão de encontrar as duas espécies nos *L.* Aqui, a contradição que parece existir entre o subst. e o epíteto explica-se pelo facto de, a par do receio de um desbarato, existir tambem a esperança da vitória. «Quem te faz juntamente leda e triste?» pergunta a ama a D. Inês na *Castro* de Ferreira. Cf. IX 16,8. E. D. aceita a correcção do v. 7. Mas no *Palm.* III, p. 9, leu o P.: «As gales do turco... em pouco tempo foram em Turquia, onde o grã Turco os esperava». Cf. a n. a v 24,1, e VII 17. V. 3. *E: mãis.*

**E.** 28, v. 5. Em *Ouvio* deve o pron. *o* estar incorporado com a vogal final do verbo. Cf. as nn. a I 84, 3, e v 87,7.

**E.** 29, v. 5. O texto da 1.<sup>a</sup> parte deste v. deve estar viciado, porque o motivo aduzido na causal *que o furor* etc, não só não condiz com o que acaba de ser asseverado, mas até pressupõe o contrário. Para remediar esta incoerência, B. F. mudou no v. 4 *maior* para *menor*. Mas a isto se opõem terminantemente os vv. 1-3. A ed. de 1651 suprime o pron. *o* depois de *parece* e faz do *que* uma conj. integrante. E. D. julga que assim se resolve a dificuldade. Mas o que se diz na oração do *que* não é uma simples conjectura; é um facto positivo. O que supponho é que houve um ligeiro transtorno na composição e que no ms. do P. se leria: *E se não o parece, he que o furor* etc. Isto é: se não parece que o temor é maior que o perigo, é porque etc. Ou antes: *E se não se parece, he que.* I. é: se não se mostra, etc. Cf. III 141,3, e VII 69,8. V. 7. G. de A: *sentir a perda.* V. 8. Ed. de 1644 e G. F: *a vida.* Modificações desnecessárias e que antes prejudicam o texto. O que temos aqui é um caso análogo ao de III 69,2; i. é, o *a* final de *rara* figura tambem no começo do v. 8, devendo porisso esta palavra ler-se *rarà*. O pronome *a* por que devia começar o v. 8 fundiu-se no *a* final da *rara*. Cf. a n. a VII 32,5.

**E.** 30, v. 3. G. de A.: *levam.* Mas *leva = impele.* V. 7. G. de A.: *Derriba, encontra.* O polissindeton é propositado. V. 8. Ed. de 1669: *que tanto a.* Mudança inutil.

**E.** 32, v. 8. Apesar de F. e S. attribuir ao 2.<sup>o</sup> ms. a indispensável correcção e *Magno*, esta só aparece na ed. de 1772. Deve ler-se *Manho*, aqui e em IX 92,4, apesar da significação depreciativa, deprimente, do adj. *manho*, ou temos um caso de rima

incompleta? Cf. as nn a III 120,4, e VII 77,4. *Manhos* (pâetetas, segundo Moraes) rima no *C. G.*, I, 30, com *estranhos*. Cf. *ibid.*, III, 66, o *mauno Alexandre*.

**E.** 37, v. 1. G. de A.: *raivosa, fremé*. Cf. a n. a IV 30,7.

**E.** 38, v. 2. M. C.: *lanças, settas*. G. de A.: *lanças, as*. Cf. a n. IV 30,3, e I 55,2. V. 6. *E: sopeando*. *P = Ee*. O P. escreveu o que se lê em *Ee. J. L = E*. V. 7. G. de A.: *a atira*. Tirar = *atirar* (cf. IX 34,2) está aqui empregado intransitivamente, salvo se quisermos ler *forçà* (cf. VII 32,5).

**E.** 39, v. 6. F. e S. diz ter lido no 2.º ms: *o sangue ardente*, mas já a ed. de 1597 tinha feito a substituição, que é adoptada por bastantes editores modernos (B. F.; E. D., etc.). Alteração desnecessária, pois o *fogo* é aqui o *ardor guerreiro*. Pelo emprego da palavra no v. 2 está o leitor preparado para esta significação no v. 6. É a mesma concepção que leva o P. a servir-se da palavra *incêndios* em II 54,2, e a dizer em VIII 17, 2-4, que D. Fuas *acendeo o fogo nas galés da maura gente* (1).

**E.** 41, v. 8. *P: aos pés*. É hoje a lição corrente, mas o P. escreveu por certo *os (= aos)*, pois encontrava esta contracção nos melhores escritores do seu tempo, «Vergonha faz mal os mal afortunados, como a ousadia os bem afortunados» (*Eufr.*, 31). «O diabo que os eu dou a todos» (*Ibid.*, 150). V. também o *C. G.*, *passim*. Cf. a n. a VI 33,5.

**E.** 43, G. de A.: V. 6. *Das mortes*. Mas: *da m.* de tanta gente. Influência do sing. *fazenda*. Cf. a n. a V 69,7. V. 7: *e o triste*. Cf. a n. a I 55,2. V. 8. *De outrem ver*.

**E.** 48, v. 6. *Afrinano* em *Ee* 2, 3, 11 e *Ac.*; *Africano* em *Ee* 4.

**E.** 51, v. 3. G. de A.: *o fado iroso*. No *Palm.* o *tempo* encontra-se muitas vezes como sinónimo de *fortuna*. «Os empedimentos que o tempo nestes tempos oferece» (11, p. 342). E no *Mem.*, p. 142: «tendo (suas esperanças) em Deos e no tempo». V. 8. *P: lei?* E assim deve ser, me parece.

**E.** 53, v. 7. Propõe F. de C.: *ouvidos*. Parece-me aceitável. V. 8. *E: Nem os*.

**E.** 54, v. 1. *Unico herdeiro* é um erro histórico, em flagrante contradição com a fonte do P. — a *Crón. de D. Af. V.* de Rui de Pina. Esta enumera (cap. 1.º) os filhos e filhas que deixou D. Duarte e chama a D. Af. *primogenito herdeiro*. Daqui aproveitou C. a palavra *primo*, que já no *Palm.* encontrava a acompanhar o mesmo subst. «Todos tres sam primos herdeiros de nobres estados». (11, p. 525). Depois o termo, com tanta propriedade e exactidão usado pelo P., foi desastradamente substituído (2).

**E.** 57, v. 7. M. C.: *Cadix*. Desnecessariamente. A forma *Caliz* (que era corrente no castelhano, com *i* ou com *e*) encontra-se, por ex., em Barros, *Déc.* 111, 9,7.

**E.** 62, v. 4. M. C.: *com a morte*. É a lição hoje corrente, mas o P. com certeza escreveu *com m.*, pois quis deixar exemplificado, aqui e em V 2,3, o caso vulgarissimo

(1) A fonte deste lugar diz que D. Fuas tomou os navios dos mouros no porto de Ceuta e os trouxe para Lisboa (D. Galvão, *Cr. de D. Af. Henr.*).

(2) Na est. 69, 2, reaparece a palavra *primo*, o que confirma a minha conjectura, pois, por uma causa psíquica bem conhecida, uma palavra de uso raro, empregada uma vez, tende a ser repetida. E quando não ha o devido cuidado, isto acontece, como todos sabem, mesmo com os vocábulos de uso comum. Cf. a n. a II 96,6.

da fusão do *a*, *o* ou *ao* com a nasal por que termina a palavra anterior. «Com demonyo | que nam cansa de tentar». *C. G.*, 1, 275, 17-18. «Com menos perjuizo de partes que podia». *Mem.*, p. 85. «Foi curado com amor que se lhe devia». *Ibid.*, p. 135. «Em dois (= Em os d.) dias seguintes, venceo seis cavaleyros» (p. 194). «Tinha por condição, se compria cõ desejo, desejar logo outra». *Palm.*, II, p. 269. «De mestura cõ embaixador foram» etc. (*Palm.*, III, p. 7). «Como (amor) fez ao forçoso Sansam, divino musico David, ao sabedor Salomão» (*Eufr.*, 127). Naturalmente a vogal ou vogais elididas na escrita faziam se sentir mais ou menos na pronúncia (1).

**E.** 63, v. 7-8. O *a* final de *descuberta* serve de artigo a *Feliz*, que se contrapõe ás outras duas partes da Arabia. Cf. a n. a IV 29, 7-8.

**E.** 66, v. 1: *E* e *P*: *Parece*. No *Mem.* são ainda frequentes os verbos em *escer*: *parecer* (p. 240), *agradecer* (p. 27), *merescer* (p. 29); etc. Cf. IV 79, 3.

**E.** 67, v. 6-8. F. B. (1669): *á luz*. I. é: na parte da noute que foge deante da luz da manhã; pouco antes de amanhecer. Cf. E. D. Mas, a meu ver, nos vv. 6-8 ha apenas uma perífrase para designar a noite (= de noite). Cf. VI 38, 5-6. E esta é caracterizada: a) pela ausência da *luz clara (do sol)*, do *claro Hiperiónio* (159,4) (2); b) pelo brilho e movimento das estrelas, sendo este indicado pelas duas fases da subida para o meridiano e da descida para o ocaso (3). Em vez, porém, de dizer -- no tempo em que as estrelas saem (4) e caem, convidando na sua queda ao repouso (5), o P. coloca os dois conceitos em orações subordinadas, de natureza diferente (*que e quando*), resultando daqui, supponho que intencionalmente, uma *crux interpretum*, comparavel a outras com que êle tinha de se defrontar na leitura dos seus poetas favoritos (6). Com efeito, segundo nos fixarmos nesta ou naquela parte do passo, assim o sonho parecerá ter sido á noite ou proximo da manhã; assim poderá tambem parecer que se distinguem aqui tres partes da noite (anoitecer, antes da meia noite, depois desta), para a designar na sua totalidade (cf. ed. Biel). É que o pensamento do P. apresenta-se, por assim dizer, com o aspecto de incoercível e só pode ser apreendido considerando os vv. 6-8 no seu conjunto e não separadamente, em qualquer das suas partes. O que êle quer é apenas indicar a noite, pelas suas qualidades negativas e positivas. A parte da noite em que D. Man. teve o sonho não é aqui especificada,

(1) Isto explica, me parece, a dureza das sílabas métricas do tipo *ão a*, *ã a*, *ão o* (Cf. I 1.4; 60,8; VII 38,4). O segundo elemento mal se faria sentir na pronúncia, pois se pode omitir na escrita, quando não ha perigo da confusão.

(2) O verbo *fugir* está aqui usado com a significação durativa, i. é. = *anda fugida*.

(3) O P. considera só as estrelas que surgem no horizonte, quando o sol se esconde no ocaso.

(4) *Sair*=*subir* é um italianismo. «Già ogni stella cade, che salina. | Quando mi mossi». Dante. *Inferno*. VII 98-99. Cf. *Furioso*. II 19, 7-8; 52, 7-8). Dele tambem usou Vieira. *Sermões*. I, p. 8 (1851). E. D.: «que saem -- que vão desaparecendo da vista».

(5) Reminiscência da *Eneida*. II 8-9: *Iam nox umida caelo | Praecipitat suadentque cadentia sidera somnos*.

(6) V. outro caso em IX 82. 1-4. Aqui, o *tanto* do 1.º v. tem por correlativo um subentendido *como ate então fugira*; e em seguida ao *Como* do v. 3 deve repetir-se mentalmente o *ja não fugia tanto* do 1.º v.

mas infere-se do resto da narrativa: de noite, estando já deitado, depois de muito haver cogitado no leito, o rei adormeceu, veio-lhe o sonho, acordou e nisto rompeu o dia (est. 68-75). A que horas se deitou D. Man.? Quanto tempo duraram as cogitações que continuamente o preocupavam? Não o diz o poeta (1). Do que apenas nos informa é que o sonho foi ante-manhã. E com esta informação nada tem os vv. 6-8 da e. 67. Estes abrem a narrativa, exprimindo uma circunstância genérica: de noite.

**E.** 68, v. 8. *P*: em. Mas en viu o P. muitas vezes no *Palm.* (a começar no 1.º período), no *C. G.* e em outras obras.

**E.** 71, v. 2. *Ee* 3, 11, *Ac.*: *Por ele. Ee* 2, 4: *Parelle*. I. é: fez-se a emenda durante a tiragem de *Ee*. Que estaria no ms. do P.? De certo: *Parelle*. Cf. III 115,2-3, e I 12,4. V. 8. O *mas* não pode ser aqui adversativo. Está por *mais*, de que abundam os exemplos. «Pessoa de *mas* credito na corte do que de gigante se esperaua.» *Palm.*, I, p. 364. E a força comparativa do *mais* (por ex., mais do que o usual), perdeu-se ou atenuou-se, a ponto de não ser preciso exprimir o 2.º termo de comparação. I. é: *mais* = *muito*. Cf. II 5, 8; VI 24, 8; VII 68, 6; 72, 4; os sonetos *Não passes, caminhan-te*, v. 8, e *A violeta mais bela*, v. 9. Cf. nos *L.*, IV 50, 1, *tantos* = *muitos*.

**E.** 72, v. 7. *G. de A.*: *a Syr.* E' usual no séc. XVI o emprego da prep. *em* neste caso. Cf. III 7, 3-4; VI 17, 1-2. V. 8. Ed. de 1669: *Vai a b.*; ed. de 1702: *Corre a. M. C.*: *os braços*. Nada disto é preciso.

**E.** 74, v. 3. *E. D.*: *Indo, Rei*, sendo *Rei* um continuado. Mas deve ser, ou um vocativo, sem *ó*, como em VII 74, 1, ou um voc., cujo *ó* está incorporado no *o* de *Indo*, para se ler: *Indò Rei*. Cf. a n. a I 84,3. Com efeito, o *Rei* de que neste v. se fala não pode deixar de ser o do 2.º v. da est. precedente, isto é, D. Manuel. O Ganges, *que era o mais grave na pessoa*, e que se refere a si próprio pela forma que se lê em 74,1-2, não reservaria para o *Indo* o qualificativo de *Rei*, nem usaria deste na apresentação a D. Manuel.

**E.** 75, v. 8. Ed. de 1651: *Da p.* Cf. *côr de rosa*.

**E.** 79, *G. de A.*: V. 4: *E que. O que* = *O qual*, aparece a cada passo no séc. XVI (2). V. 6: *fogo e a n.*

**E.** 80, v. 8. *J. da F.*: *e a c.* Cf. a n. a I 55,2.

**E.** 81, v. 5. *M. C.*: *Acompanhar-me*. Podia ser, lendo o *A* aberto; mas não é preciso.

**E.** 82, v. 6. *P*: *valor. E* = *Ee*.

**E.** 83, v. 5. *P*: *os M. E* = *Ee*. V. 7. *P*: *Fatidica*.

**E.** 87, v. 2. *E* e *P*: *Praias*. V. 8. *G. de A.*: *ponho fr.* O art. dá mais energia.

**E.** 91, v. 2. *G. de A.*: *que eu v.*

**E.** 92, v. 3. *V. de J.*: *nos seg.* *G. de A.*: *as seg.* O contexto mostra que é ne-

(1) Cumpre também não esquecer que «il tempo e lo spazio in arte non hanno la stessa estensione che in natura» (Fraccaroli). Cf., por ex., *L.* x 7.

(2) «Tomando lanças... tornarão-se a encontrar com dobrada ira, a que se quebrou com ellas.» *Mem.*, p. 117. Cf. a n. a VIII 25,4.

cessária a correcção *as*. V. 8. G. de A.: *com ella*. O plural explica-se, por se tratar de um colectivo.

**E.** 95, v. 8. *E*: *crueldodes* Ed. de 1597: *experimentas*? Ed. de 1633: *experimentas*!

**E.** 96, v. 1. G. de A.: *Oh dura*. Cf. a n. a 119,2. V. 8. M. C.: *com que*. Cf. a n. a x54,2.

**E.** 98, v. 6-7. O *a* de *innocencia* deve servir de artigo antes de *Idade*, que é um apostro, e está em correlação com *a idade de ferro*.

**E.** 102, v. 2. *E* e *P*: *vellas*. Mas cf. v 1,6; 34,8. «A calmeria grande nam consentia vela». *Palm.* 1, p. 41. V. 5. B. F.: *facundo*. G. de A.: *fecundo*. Cf. a n. a 181, 1. V. 8. *E* e *P*: *e a gloria*. Cf. a n. a 11 101,6. No ms. estava sem dúvida *o n. e g.* É uma parelha.

## Canto V

(Fl. 79 v., est. 1-2; f. 80, e. 3-8; f. 81, e. 9-14; f. 82, e. 15-20; f. 83, e. 21-26; f. 84, e. 27-32; f. 85, e. 33-38; f. 86, e. 39-44; f. 87, e. 45-50; f. 88, e. 51-56; f. 89, e. 57-62; f. 90, e. 63-68; f. 91, e. 69-74; f. 92, e. 75-80; f. 93, e. 81-86; f. 94, e. 87-92; f. 95, e. 93-98; f. 96, e. 99-100).

**E.** 2, v. 1: *E*: *entraua*. V. 3. M. C.: *co tempo*. Mas cf. a n. a iv 62,4.

**E.** 3, v. 6. *E*: *deixauam*. No *C. G.*, t. iv, 137, 19, leu o *P.* *dy-xe = deixe*; e no *Palm.*, *dixar = deixar* (t. 1, p. 263).

**E.** 5, v. 4. Não houve, como já supús, alteração no texto deste v., que deve interpretar-se: *M. c. p. n.*, que agora tem, *q. p. f.*, que lhe viesse da antiguidade. Cf. *E. D. V. 8.* Ed. de 1597: *Gnido*.

**E.** 7, v. 1. G. de A.: *os limites, onde*. Cf. a n. a 1 56,7. V. 2. Id.: *o carro*. Plural poético, usado desde a *Itada*. Cf. v 11 67,1. Diz-se que é por causa das diferentes peças de que o carro é formado.

**E.** 8, v. 4. *T*: vestígios de dois pontos. *E* não emprega pontuação, o que é indício de ter sido composto por um exemplar de *Ee* em que ela estava também apagada.

**E.** 9, v. 6. *E.* e *P.*: *Tornarmos*.

**E.** 12, v. 4. G. de A.: *a que*. Cf. a n. a x 54,2. V. 5. *Ee* B. N. P. e A. C. P.: *Co grande*. Erro emendado em *Ee* 2, 3, 4, 11, Ac.

**E.** 16, v. 8. J. da F.: *que eu*.

**E.** 17, v. 7. *Ee* B. N. P. e A. C. P.: *Vendo mundo*. Correcção feita em *Ee* 2, 3, 4, 11, Ac., S. M. S.

**E.** 18, v. 6. Ed. Biel: *cousa certa*. G. de A.: *causa certa*: Cf. v 49, 4, e a n. a 111 30,7.

**E.** 20, v. 3. G. de A.: *ali se al*. Cf. a n. a iv 22,3.

**E.** 21, v. 2. *E*: *beixos*. *P* = *Ee*. *J. L.* = *E*. V. 4. Ed. de 1663: *Fartar do*. V. 8. A mesma: *á nuve*. Cf. a n. a 1 55,2.

**E.** 22, v. 4. G. de A.: *com a*. No *C. G.* é corrente o hiato: *co | a vida*; *co | a dor*; *co | as armas*, etc. Cf. a n. a 111 80,8.

**E.** 24, v. 1. G. P. L.: a *Planeta*. Correção desnecessária. O género desta palavra já podia considerar-se fixado no tempo do P., principalmente pelas obras de P. Nunes. Em quanto á concordância, cf., por ex., este passo do *Mem.*: «A pranta produzida da flor do amor e da lioa da gruta, trazido por eles ao castelo do rochedo» etc. (p. 75). V. 7. G. de A.: *na borda*. Cf. a n. a 11 16, 6. *E*: *que*.

**E.** 25, v. 1. Ed. de 1626: *à maneira*. Mas se assim fosse, estaria no ms. *Aa*. «Hũa estatua a maneira de homem.» *Palm.*, 1, p. 33. Aparece a cada passo.

**E.** 33, v. 6. *Ee* 2 e 4: *tecida*. Em *Ee* 3, 11, *Ac.*, a 1.<sup>a</sup> letra está esmagada, o que provavelmente deu origem ao *crecida* de P. *E*: *tecida*. E. D. considera *tecida* como um erro devido ao som inicial da palavra anterior. Mas os vv. 1-2 preparam, me parece, para este qualificativo. «Alguns bésteiros dos nossos, diz a fonte do P., empregaram nelles seu almazem» (Barros, *D.* 1, 4 3). Isto é: a espessa nuvem de que chovem setas e pedradas corresponde a bem ligada trama, a densa teia dos virotões arremessados pelos bésteiros. Cf. *batalha trauada* (*Falm.*, II, p. 29).

**E.** 40, v. 5. *Ee* 4 e *Ac.*: *no falla*. *Ee* 2, 3, 11, B. N. P., A. C. P., S. M. S.: *nos falla*.

**E.** 41, v. 7. *E*: *ha que*. *P* = *Ee*.

**E.** 53, v. 1. *E*: *fosse cousa i*. *P* = *Ee*.

**E.** 56, v. 6. G. de A.: *pelo corpo a*.

**E.** 58, v. 7. *E*: *amigo*. *P* = *Ee*.

**E.** 63, v. 5. Ed. de 1597: *em prosa*.

**E.** 64, v. 7. *E*: *algum*. V. 8. G. de A.: *As velas*. Cf. *Palm.*, 11, 400: «Mandou dar as velas, que o vento era prospero». Cf. *L.* II 64,8; 65,1: etc.

**E.** 65, v. 5. *E*: *ande v*.

**E.** 66, v. 7. G. de A.: *delle a*.

**E.** 67, v. 3. *E* e *P*: *contra*.

**E.** 69, v. 7. G. de A.: *novas*. Cf. 1 57; v111 31. Provavelmente o sing., por causa de *sinal*. Cf. v 75,8, e 78,2, e a n. a IV 43, 6. *Nova* no *Palm.*, 111, p. 440. V. a n. (2) a 111 107,7.

**E.** 71, v. 2. *E* e *P*: *e mao*. Deve manter-se a lição de *Ee*, pois o P. leu assim a palavra em mais de uma das suas fontes. Cf. na *Coronica do Condestabre*: *maão seu pesar* (f. 26 v.); *atão maão (aquecimento)* (f. 32); *um porto... muy maão;... passou aquelle maão porto* (f. 43); no *C. G.*: *mão vestido* (IV, 372); *mãos de calar* (v, 71); no *Palm.*: *os bôs, ... os mãos* (II, p. 186) e também *mãos* a p. 244, 399 (*os bôs aos mãos sam odiosos*) e no t. III, p. 43 (33). (Esta grafia da ed. do *Palm.* de 1786 deve provir da 1.<sup>a</sup> ed.).

**E.** 76, v. 6. *E*: *apertauão*.

**E.** 77, v. 3. *E* = *Ee*. *P*: *naos*. G. de A. lembra: *em naos que na* (ou *por*) *g*. Fiel ao seu plano, o P. deixou aqui este v. de arte maior, formado de dois de cinco sílabas. Cf. os vv. com acento na 4.<sup>a</sup>, 7.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> (cf. a n. a IX 46,1), que também figuram entre os de arte maior, e os vv. com acento na 3.<sup>a</sup>, 8.<sup>a</sup> e 10.<sup>a</sup> (11 15,2; IV 94,7; v111 99,7), como este de Don Juan Manuel: «A grand daño se vos podrie tornar.» Cf. Men. y Pelayo, *J. Boscan*, p. 198. No *T.* faltam as desinências e *ão* e *nde* (v. 3 e v. 7), que se encontram nos outros exempl. de *Ee*.

**E.** 79, v. 3. *E* e *P*: *caminhos*. *Camino*s por *camios* (*i* com til), como *lumâr* = *lúar* (*C. G.*, v, 302), *gejumhar* = *jejúar* (*ibid.*, 383). E *camios* (*i* com til), para exemplificar uma espécie usada no *C. G.*, em que *côpãhas* rima com *estranhas* (T. III, g. 49) e

*testemūhas* com *Cunhas* (*ibid.*, p. 200). *Camino* leu o P. no *Mem.*, p. 211 (f. 140). V. 8. J. da F.: *Limpo*. Mas a concord. faz-se com *ospedes*. M. C.: *todo falso*.

**E.** 80, v. 1. G. de A.: *grande, imensa*. Cf. a n. 14, 5.

**E.** 83, v. 7. Ed. de 1644: *como nossos*. G. de A.: *os n.* Mas *aos n.* — *os n.*, contraposto a *estranhos*. O P. quis deixar exemplificadas as construções do tipo: *é tão bom coma ti*. «(Elle) te tirará destes pensamentos, em que andas, como fez a outros qu'os tinhã tã' maos com'a ti». *Palm.*, III, p. 33.

**E.** 85, v. 3. G. de A.: *Dera*. V. 5. P: *repouso*. E = *Ee*. V. 7. P: *atento*. E = *Ee*. E. D.: *a tento*. Mas não é preciso, pois o adj. *atente* o leu o P. no *C. G.*, II, p. 94: «Conuiday de boamente | qualquer homem estranjeyro. | mas huñ olho nele atente | e o outro no pareceyro.» Cf. *contente*.

**E.** 86, v. 1. Ed. de 1597: *Julga*. De 1631: *Julga tu*. G. F.: *Julga tu agora, o R. F. e S.*: *Agora julga, o R. F. de C.*: *Julgas agora, R., que*. Contaminação das duas construções: *Julgas que?* e *Julga se*. Outros tipos de contaminação em I 3, 1-2 (*Cessem as n. do s. G. e do T. e Cessem as n. que fizeram o s. G. e o T.*), e IV 32, 3-4 (*menos é querer... que levantar-se e menos faz quem quer... do que quem*); etc.

**E.** 87, v. 5. P: *Essoutro*. Ed. de 1597: *E s'outro*. Ed. de 1609: *E esoutro*. uma; outra, como *Ee*. Suponho que no ms. dos L. se lia o que está em *Ee*: *E soutro*. i. é, a copulativa, para ligar a 1.<sup>a</sup> p. da est. com a 2.<sup>a</sup>, e *soutro*, por *essoutro*, com a queda ou fusão do *e* inicial, por causa da conjunção, e a consecutiva simplificação dos ss. «Vos hesoutra que sabees». *C. G.*, I, 199. No final do v., *E: toda a A. P = Ee*. V. 8. *Ouvindo = Ouvindo o*. Cf. a n. a 184, 3.

**E.** 88, v. 3. E e P: *Magas Circes*. Sem motivo, pois *Magas* é um qualificativo de *Circes*. *Magas artes*, diz Ovidio, *Amores*, I, 8, 5. Mas cf. também IX 33,6.

**E.** 92, v. 3. G. de A.: *trabalho*. Emenda desnecessária. A est. é formada por uma série de pensamentos, cada um deles expresso em dois versos. *Que = para que* (1).

**E.** 93, v. 8. M. C.: *a 107*. Emenda necessária.

**E.** 95, v. 1. T: *Scipiões*.

**E.** 97, v. 8. P: *a arte*. No ms. com certeza se lia *arte*, sem o *a*. «Nã sabemos | tam bem arte do captar | como vos». *C. G.*, II, 147. Cf. as nn. a III 22, 7, VIII 32, 5, etc.

## Canto VI

(Fl. 96 r., est. 1-2; f. 97, e. 3-8; f. 98, e. 9-14; f. 99, e. 15-20; f. 100, e. 21-26; f. 101, e. 27-32; f. 102, e. 33-38; f. 103, e. 39-44; f. 104, e. 45-50; f. 105, e. 51-56; f. 106, e. 57-62; f. 107, e. 63-68; f. 108, e. 69-74; f. 109, e. 75-80; f. 110, e. 81-86; f. 111, e. 87-92; f. 112, e. 93-98; f. 113, e. 99).

**E.** 1, v. 7. P: *o fe7*. Cf. a n. a IX 77,7.

(1) Esta est. fornece nos um ex. da *slegatura* (Fraccaroli. *L'irrazionale nella letteratura*, p. 110).

**E.** 2, v. 2. M. C.: *Segundo*. G. de A.: *E*, s. Cf. vi 33,6, e, a n. a vii 47,4. V. 8. G. de A.: *frutos*.

**E.** 4, v. 5. *E*: *sen*. Ed. Biel: *o seu*. V. a n. 1 61,2.

**E.** 5, v. 2. G. de A.: *ás v*. Cf. a n. a v 64,8.

**E.** 6, v. 5. M. C.: *o mao T*. É corrente no tempo do P. o uso do *de* ou *do* neste caso. «O triste de dom Joham.» *C. G.*, 11, 171, 7. «O coitado de Andrade.» *Eufr.*, p. 69. «Ho namorado do mouro Jusquibel.» *Mem.*, p. 55. V. 8. G. de A.: *Arde, corre*. Mas *Morre* = *mata-se*.

**E.** 10, G. de A.: V. 1: *fino, marchetadas*. Douro equivale a um adjectivo, daí a copulativa. V. 2: *De rico*. V. 4: *o irado*.

**E.** 11, v. 4. *E*: *Promoteo*. *P* = *Ee*.

**E.** 13, v. 4. G. de A.: *Do Etna*. Cf. a n. a 1 32,4.

**E.** 14, v. 5. B. F.: *E ás p.*, ficando assim esta est. a formar um período gramatical com a seg. Mas *recebe* tem por sujeito o subintendido *este*. «Soltando a redea ao cauallo o guiou pera aquella parte aonde a fortuna tinha ordenado, que assi andando o pos ao pe de hũa torre «etc. *Palm.*, 1, p. 5. O sujeito de *guiou* é o subintendido *este* e não o de *soltando*. Cf. a n. a 1 82,2-3.

*E.* 16, v. 4. *E* e *P*: *doutra*.

**E.** 18, v. 6. *E*: *Phebo*. *P* = *Ee*. V. 9. Ed. de 1597: *do musgo*. F. e S.: *de musco*. M. C.: *e birbigões* (que alguns editores escrevem: *birgigões* (1663) ou *briguigões*). B. F.: *misilhões* (que outros escrevem: *mixilhões* ou *mexilhões*), com o suposto 1.º ms. de F. e S., e «porque o musgo perfeitamente convém a esta espécie de marisco». Parece-me que o v. 7 se deve manter como está. O que falta é um *e* no v. 8, depois de *costas*. A est. divide-se em duas partes: 1-6 e 7-8. Na 1.ª, o começo do 1.º v. liga-se com o 2.º, e a 2.ª p. do 1.º (*e os m. g.*) com os vv. 3-6. (É o esquema *a b a' b'*, de que ha outros ex. nos *L*. Assim, em 1 57,5-8: *cuida... na e nota... como*. E em v, 89, 1-4 a 1.ª p. do v. 1 completa-se com o principio do v. 2.º (*Dos odres*) e a 2.ª (*e imaginem*) une-se com o resto do v. 2 e vv. 3 e 4). Os vv. 7 e 8 dizem o que Tritão traz ás costas; pode portanto repetir-se aqui a palavra *camarões* do v. 5. V. 8. Ed. de 1626: *ás*; de 1631: *às*. Mas deve ser *As*. «V. da gama mandou algũs creados seus que ho leuassé as costas». Castanheda, l. 1, c. 18. V. a n. a 111 107, 7. Ed. de 1644: *cõ a*. V. 1 26,2; etc.

**E.** 19, v. 3. Ed. de 1644: *g. e. c.* O *e* de *grande* serve tambem de conjunção. Menos é isto do que a passagem do *e* de um v. para outro. Cf. as n. a 111 69, 2-3, e a vii 11,6. G. de A.: *A grande voz canora*.

**E.** 24, v. 6. *E*: *Circos*. *P* = *Ee*. *Circos* tambem, por. ex., no *C. G.*, iv, 2. Cf. a n. a 11 108,6. V. 7. Ed. de 1644: *della sendo*.

**E.** 25, v. 8. M. C.: *e a A*. Cf. a n. a 111 17,2. *T*: ponto final.

**E.** 28, v. 7. *E* e *P*: *com*. Cf. a n. a 1v 68,8.

**E.** 30, v. 3. G. de A.: *Com tão* s.Cf. a n. a 1 56, 7. V. 5. Id.: *Vedes que o*. Mas *Vedes* = *eis*. Cf. a n. a vii 4,1. V. 7. Ed. de 1631: *Vedes que*. Ed. de 1612: *deuastando*.

**E.** 33, v. 1. G. de A.: *e os fados*. Cf. a n. a 1 55,2. V. 5. *Insinão* não faz sentido. O P. deve ter escrito *indinão* = *incitão*, sendo *O mal* = *Ao m.* (cf. a n. a 1v 41,8) e a *D.* = *contra D*. Cf. 1x 46,2-3, e *Palm.*, 1, p. 117: »(Floramá) a seguio cõ tamanho



cuydado qu'endinou al rey a fazer o que ouuireis» (mandou envenenar Altea). E a p. 207: «Pareceo cousa fea dous a hum.» A alteração feita no ms. foi devida principalmente ao O do v. 6. V. 6. M. C.: *que segundo*. Cf. VI 2,2; VII 47,4.

**E.** 34, v. 3-4. F. e S.: *se o preço...* *Por ventura*. Prolepse. Cf. VIII 88,2-4. V. 5. *E*: *mais que*. *P* = *Ee*.

**E.** 38, v. 1. B. F.: *concelho*. Cf. a n. a 1 20,3. V. 2. G. de A.: *leda e l*. Sem conj., porque *lassa* está intimamente ligado com *frota*. Cf. as n. a 1 4,5, e a 11 101,6. V. 6. *E*: *Eolo*. *P* = *Ee*.

**E.** 39, v. 2. *E* e *P*: *a miude*. No *Palm.*, encontrou o *P*. as duas formas (1, p. 44; 502. *A miude* é a mais usada). V. 6. Fusão do pronome *os*, que devia seguir-se a *estregando*, com o art. *os*: *estregando-os*, *os membros* etc. «A vida nã se ha de dar a *quem* maas obras a despende». *Palm.*, 11, p. 223. *Quem* = *quem em*. «Qual outra nom vimos *nem* (= *nem em*) livros se nota» *C. G.*, 111, 103. «Estas rezões... todasente o escriuam.» *C. G.*, 1, 47, 3-5. *Todasente* = *todas assente*. «Gosã de tam gram valia.» *Ibid.*, 114, 26. *Gosã de* = *Gosando de*, como se vê pelo contexto. Cf. a n. a 11 13, 3. Gramaticalmente, o pron. omitido tanto pode referir-se a *olhos* (v. 5), como a *membros*. Pelo sentido vê-se que é a esta segunda palavra, pois os marinheiros não estregariam os olhos, que, embora contra seu querer, estavam abertos. O v. 5 forma assim uma oração. Cf. a n. a 1 103,3. **E.** 40, v. 7. *E*: *poderemos*.

**E.** 41, v. 3. *E*: *fosse*. *P* = *Ee*.

**E.** 42, v. 2. G. de A.: *conte isso*.

**E.** 43, v. 3. G. de A.: *ou na*. Cf. a n. a 1 55,2.

**E.** 47, v. 4. G. de A.: *e a b*. Cf. a n. 1 55,2.

**E.** 48, v. 1. G. de A.: *socorrêl-as*. A construção deste verbo com *lhe* é muito usada no *Palm.* Cf., por ex., 111, p. 407: «Se Polinardo e o soldão... *lhe* nam socorrera».

**E.** 49, v. 8. *P*. *tereis*. Creio que o *P*. escreveu propositadamente a forma arcaica.

**E.** 52, v. 7. *E*: *cimeiras*. *P* = *Ee*. No *Palm.* leu o *P*. *visera*, etc.

**E.** 56, v. 8. F. e S.: *emporio*.

**E.** 57, v. 1. G. de A.: *acaso*. V. 8. *E*: *animados*. *P* = *Ee*.

**E.** 58, v. 1. G. de A.: *o prazo, o dia*. Cf. a n. a 11 101,6. V. 2. G. de A.: *em campo*, (*com os...*). «Falamos cos que por doo». *C. G.*, 111, 126.

**E.** 59, 8. G. de A.: *dois ou tres*, pois «dois e tres são cinco». O *P*. usou de uma construção de que não faltam exemplos. *Dois e tres*, i. é: dois e mesmo tres. «Em sua casa auia continos de cote quatorze e quinze escudeyros e vinte e trinta homeês de pee». *Crón. do Condestabre*, f. 5. «Pera melhor seruido trazia sempre consigo dous e tres escudeiros». *Palm.*, 11, p. 400.

**E.** 60, v. 4. *E*: *cabe*. *P* = *Ee*. V. 5: *E*: *Brato*. *P* = *Ee*.

**E.** 65, v. 5. G. de A.: *do seu*. Cf. a n. a 1 61,2.

**E.** 66, v. 4. G. de A.: *de t*. Cf. *gastar t. e g. o t*.

**E.** 70, v. 3. G. de A.: *acodem desp*. É uma construção do tipo *fallando orava* (II 78, 8; cf. III 3,5), pertencente à linguagem épica, desde os tempos homéricos. Cf. a n. a VIII 77, 8. V. 6. G. de A.: *de g*. O *P*. conta que o mestre *os t. das* (duas) *g. t. m*. O sr. Lopes de Mendonça indica-me G. Correia, *Lendas da India*, 11, p. 854: «De noute mandava... tomar os t. das g.»

**E.** 72, v. 4. *P*: *soma*. *V.* 7. *P*: *à bomba*. Mas não é preciso acentuar o *a*. Cf. a n. a III 107, 7.

**E.** 73, v. 8. *P*: *Sẽ aproveitar*. Ed. de 1644: *Sẽ proveitar*. Ed. de 1702: *Sem aproveitar de h.* «Nem aproveyta ser calada». *C. & G.* 1, 309. Cornu (*Romania*, XII, 279) cita doze vv. do *C. G.*, em que *ẽ* + *a* formam uma sílaba. Cf. a n. a I 1, 4.

**E.** 77, v. 3. Ed. Biel. *do seu*. Cf. a n. a I 61, 2. *V.* 7. *G.* de *A.*: *tempestade, aos v.* Cf. a n. a I 55, 2, e a II 101, 6; IX 24, 8.

**E.** 81, v. 2. Ed. de 1663: *o mar, a terra*. *G.* de *A.*: *e a t.* Cf. a n. preced. *V.* 5. *J.* da *F.*: *e o defendeste*. É freqüente esta omissão do pronome. Cf. I 90, 7 (*e a mal dizia*); IV 46, 6 (*E as de varios*). «Assi se lhe cerrou o juizo e desemparou a rezã, que» etc. *Palm.*, III, p. 265. *V.* a n. a IV 11, 5.

**E.** 82, v. 1. *G.* de *A.*: *n. mares*. Cf. a n. a II 47, 2. *V.* 2. *E*: *Doutro*. *P* = *Ee*.

**E.** 85, v. 6. *E*: *Oriente*. *P* = *Ee*.

**E.** 87, v. 2. *G.* de *A.*: *á porfia*. Cf. a n. a III 107, 7.

**E.** 88, v. 2. Ed. de 1626: *Aa v.* Cf. a n. III 107, 2. *V.* 6. *G.* de *A.*: *Co'os c.* O suj. é: *Os c.*

**E.** 92, v. 5-6. *Primeiros mares* não se sabe o que é. Suponho que o *P.* escreveu *medos*, com a significação de *perigos*. Cf. nos *L.* II 47, VI 82, IX 16 (cf. VI, 94-95), e no *Palm.*: I, p. 288, 380, 385, II 6, 182, 184, 196, 198, 202, etc. (1). Cf. a n. a II 47, 2. Os *primeiros medos* são os da ida (cf. II 47, 2, VI 82, 1, e 94, 3), a que depois se hão de seguir os da volta, expressamente referidos em IX 16, 7-8. Agora, passados os primeiros perigos, foge o temor vão, o temor que já não tem razão de ser. Cf. este passo da *Ceia Policiãna*, de Anrique Lopes (fl. 45 v. — 46):

«Nê vós, terseyro galerno, | né o temor desses medos | o traram ao meu caderno» (2).

**E.** 93, v. 5. *G.* de *A.*: *S. o G. aqui*. No tempo do *P.* nem este, nem outros encontros de sílabas (III 86, 1; etc.) eram considerados como vícios que se devessem evitar. «Se começou de enxergar alguma mais fraqueza no outro». *Palm.*, III, p. 14. «Qual haveis por mayor gloria damor, ser ho amador amado, ou ser o que ama mais?» *Mem.*, p. 306. Cf. p. 265 e 317. *V.* a n. a VII 44, 6.

## Canto VII

(Fl. 113. est. 1-4; f. 114, e. 5-10; f. 115, e. 11-16; f. 116, e. 17-22; f. 117, e. 23-28; f. 118, e. 29-34; f. 119, e. 35-40; f. 120, e. 41-46; f. 121, e. 47-52; f. 122, e. 53-58; f. 123, e. 59-64; f. 124, e. 65-70; f. 125, e. 71-76; f. 126, e. 77-82; f. 127, e. 83-87).

(1) É claro que *medo* também é no *Palm.* tomado muitas vezes na significação própria de *temor*. «Esta cruel e perigosa batalha gerava medo naquelles» etc (II, p. 143). «Como em Palmeirim estes medos fizessem menos medos que os outros que passara» etc. (*Ibid.*, p. 202).

(2) *Primeira parte dos Autos e Comedias etc.* Agora novamente juntas e emendadas por Affonso Lopes... Anno MDLXXXVII. Exemplar da B. N. de Lisboa.

**E.** 4, v. 1. F. e S.: *Vedes os*. Ed. de 1663: *Vede os*. Não ha motivo nenhum para modificar o texto. O P. escreveu, sem dúvida, *Vedelos* (de *Vedeslos*). *E* é um indicativo, e não imperativo. Cf. *Filos* (= *haveislos*) (1). Aqui já verbo passou a adverbio. *Vedelos* está na transição, já mais adiantada nestes passos: «Pois vos parece que a pe tereys melhor partido, vedes nos decemos todos a pe». *Palm.*, 11, p. 221. «Sam pegados cõ vosco e vedes assomã por cima» etc. *Ibid.*, p. 243. «Veis ahi um vintem pera pão». (*Eufr.*, 47). Cf. *Vello* em viii 16 e 20, alternando com *Olha*, *Vês*; *Ves* em iii 39, 1 e 5, e *vedes* em iv 38, 1; vi 30, 1, 5, 7; ix 49, 2. V. 5. Ed. de 1663: *Vedeo*. Inadmissível, pela mesma razão.

**E.** 5, v. 1. F. e S.: *Vedes o*. Ed. de 1663: *Vede o*. V. a n. anterior.

**E.** 6, v. 4: *E: Hieroselima*. P = *Fe*.

**E.** 9, v. 3. P: *a. m.* Cf. a n. a i 95, 8; iii 100, 2.

**E.** 10, v. 5. B. F.: *E entre*. Mas o assindeton faz contrastar mais os conceitos expressos em 10, 1-4, e 10, 5-8. Note-se também a pausa do 4.º v.

**E.** 11, v. 6. G. de A.: *Lidia e A*. Na fonte (*O. Furioso* xvii 78) lê-se *Migdonia* (região da Assíria) e *Lidia*; mas o P. omitiu a conjunção, que espontâneamente aparece na pronúncia. «Em ti se encerram a verdade a mentira... a fraqueza e a força». *Eufr.*, 82 (2). Cf. as nn. a i 84, 3; iv 62, 4; viii 50, 1; ix 74, 3.

**E.** 14, v. 1. *E: em tantos*. P = *Ee*. V. 5. G. de A.: *Na Af*. Mas *De A.*, sem o art., como em i 2, 4; 15, 8; iv 54, 7; etc.

**E.** 16, v. 7. Ed. de 1626: *Do reino Malauar, onde*. Mas no texto ha apenas uma transposição: *a cidade melhor das milhores do M*. Cf. iii 94, 7-8. E o P. repete o que diz Castanheda no l. 1, c. 13.

**E.** 19, v. 8. M. C.: *lindas flores*. É possível que haja aqui uma transferênciã de epíteto: *Do cheiro das f. f.* por *Do fino cheiro das f.* Cf. i 67, 6, e x 3, 3.

**E.** 20, 7. *E: do B*. P = *Fe*.

**E.** 22, v. 3. *E: so*. P = *Ee*.

**E.** 24, v. 5. G. de A.: *E ou*. É um assindeton, como tantos outros nos *L.* e aqui precedido da pausa do 4.º v. Cf. a n. a viii 10, 5.

**E.** 26, v. 2. *E: que*.

**E.** 33, v. 6. F. de C.: *de sabias*. Mas cf. i 38, 3, com 39, 3; iv 88. Com a palavra *gente* o P. faz a concordância tanto no singular, como no plural; tanto no masculino, como no feminino.

**E.** 35, v. 4. Ed. de 1633: *E o mais*. Parece-me aceitável O *s* de *mais* pode ter sido a causa do erro. É duro subintender *logares*. E. D. lembra *as*, a concordar com *terras*, mas esta palavra, que aliás está na fonte do poeta (Barros, *D.* 1, 9, 3: «e deu a outros outras terras»), nada autoriza a repeti-la aqui, pois já fica longe. Cf. viii 33, 1.

**E.** 36, v. 6. P: *Samorí*. *E* — *Ee*. O P. escreveu *Çamori*, como leu em Barros, *D.* 1, 9, 3; mas o compositor fez aqui o mesmo que em x 97, 8. V. a n. respectiva.

(1) O *conede-la* e *destrue-la* de G. Vic. (i 253 e 303) são castelhanismos.

(2) É assim também que deve explicar-se este passo do *Palm.*, 1, p. 18, se está como saiu da pena do autor: «Erã tantas (as lagrimas), que corrião pelas faces hião ter aquelle lugar onde» etc. Do *i* de *hião* é que terá de sair a copulativa *e: e hião*.

**E.** 38, v. 4. Ed. de 1614: *Senão de*. Mas o *o* funde-se no *ão* precedente, formando com ele uma sílaba. Cf. as nn. a 1 1, 4; VII 50, 1. «Serãos lembram os que já vy.» *C. G.*, 11, 337.

**E.** 41, v. 7. G. de A.: *e em*. Mas o P. quer dizer: *no trato de tudo* etc.

**E.** 43, v. 3. P: *De*. Mas: *dos n. P.*, que para isso foram escolhidos. É o que sugere a leitura da fonte (*Cast.*, l. 1, c. 16).

**E.** 44, v. 6. G. de A.: *leito, rica*, devendo desaparecer *hũa*, por causa da métrica. Mas cf. 1 22,7, e estes passos do *C. G.*, v., 177: «Ryca caça, muy rreal» E a p. 99: «caquabo aqui.» E em 111, 13. «Me trouxeram caacatyvo.» Cf. a n. a VI 93,5.

**E.** 45, v. 2. G. de A.: *Caminha*, por causa do *o espera*. Correção escusada. Os dois caminham para onde o rei espera o G. V. 4. E: *segue*. P = *Ee*.

**E.** 47, v. 3. Ed. de 1702: *Varias*. Mas é uma das chamadas construções *ad synesin*. C. tinha na mente a palavra *deoses*, equivalente a *deidades* do v. 1. «Questa sentenzia... | Che fosse culta in suo linguaggio io penso; | Et era ne la nostra tale il senso.» *O. Furioso* XXIII 107. V. 4. M. C.: *Segundo*. Ed. de 1631: *E s*. Mas *a segundo* era uma locução corrente no tempo do P. Cf., por ex., G. Vic., 111 129, e L. VI 2, 2, e 33,6.

**E.** 50, v. 1. P: *e não com*. É a lição corrente (1). Mas não haverá aqui uma construção do tipo *com morte* (= com a morte) de IV 62, 4? Neste caso, porém, o *a*, embora não escrito, deve fazer-se sentir na pronúncia; deve, junto com o *não*, formar duas sílabas métricas. «A aventura... nam soys vos a quem nenhũa de ficar por acabar.» *Palm.*, 1, p. 173. O *a* de *nenhũa* vale por duas sílabas: *nenhũa ha*. «A batalha estaua posta em todo rigor... e em cada hũ mor desejo de a leuar auante (*ibid.*, p. 483). *Hũ mor* = *hum o m*. Na p. 62: «em outra cousa esto o gálardá» (por: *está o g.*), *a o* contraiu-se em *o* (ó) e depois desenvolveu-se outro *o*. Bastaria *estó g*. Cf. as nn. IV a 63, 7; IX 74, 3. V. 4. Ed. de 1626; *Edeficão os*. Mas não ha razão para a emenda, quer o *se* fosse empregado para tornar o verbo passivo, quer, com a fonte (*Barros, D.* 1. 4, 7), se intenda que são os nobres que *se* (isto é: para si) *ed. s. p.* De um e outro uso não faltam exemplos nos L. Vid. V 11 38, 7; 55, 5; IV 62, 5-6; VI 83, 7.

**E.** 51, v. 2. P: *faculdade*.

**E.** 53, v. 3. F. e S.: *ao fem*. Mas a omissão do art. é semelhante á que se dá nestes passos do *Palm.*: «El rey o recebeo... com gasalhado, nacido *de* prazer do ter em seu poder» (11, p. 278). «Mansi... em sinal *de* vitoria do dia passado» etc. 111, p. 152.

**E.** 55, v. 5. E e P: *nonas hist*.

**E.** 56, v. 7. G. de A.: *quẽ fará*. Estas repetições não são raras nos L. Cf. 111 55; VIII 19, 2-3; etc. «O caualleiro... lhe disse que se desdissesse da mentira que dissera... Disse o outro: a mentira que dizeis que disse nã desdrei, que maior seria essoutra, se eu a dissesse.» *Palm.*, 1, p. 116. «Os amores de hũa molher, cujo nome traz no escudo, o trazẽ» etc. *Ibid.*, p. 336.

**E.** 57, v. 7. G. de A.: *o cinge*. Se a construção do verbo exigisse o pronome *o*,

(1) G. de A. lembra: *e não a. J. L.: e não com*. Se o *não* não é erro de imprensa, o texto assim entendido ficaria em oposição com a respectiva fonte (*Barros, D.* 1, 4, 8).

este achar-se-ia incluído no *o* final de *ouro*. Cf. a n. a 1 84, 3. Mas o verbo tem por compl. directo *Hum p. de ouro*.

**E.** 58, v. 6. F. B. (ed. de 1631): *se vem*. F. e S. e E. D.: o verso é intencionalmente froxo, para produzir onomatopeia. Cf. a n. a 1 56, 7.

**E.** 59, v. 7. F. B.: *e povo*. B. F.: *do Rei, do p.* Mas cf. a n. a 11 90, 1.

**E.** 61, v. 6. B. F.: *bem onde*. No tempo do P. não se fazia a distinção que hoje é corrente entre os adv. relativos *onde, donde* etc. «Nem... pode saber delle o lugar donde os tinha». *Palm.*, 1, p. 206. **E.** 63,6. **T:** *tenha*.

**E.** 64, v. 8. G. de A.: *O Rei, a gente e a t.* Alteração escusada.

**E.** 67, v. 1. G. de A.: *igneo carro*. Cf. a n. a v. 7, 2. V. 6. **E:** *prona*.

**E.** 68, v. 8. G. de A. lembra: *Onde é*. Mas não é necessário. É uma construção do tipo «sua presumpçã e confiança era grande.» *Palm.*, 11, p. 39. E pouco adiante (p. 61): *Palauras, que lhe entã o tempo e a isençam ensinava.* «Vase onde a imperatriz e Gridonia esta» (=está). *Id.*, 1, p. 303. É a parêlha com o verbo no singular. Cf. a n. a 1x 24,8.

**E.** 69, v. 8. G. de A. pergunta se deverá ler-se — *passados aparece* ou *transparece*. Mas *se parece* está muito bem, pois significa: *se mostra*. Cf. 111 141, 3. «Bem se parece que nam achastes neste passo» etc. *Palm.*, 1, p. 426.

**E.** 70, v. 3. **E:** *rio T. P = Ee*. Ed. de 1651: *fresco G*. Deve ser assim. Cf. 1v 28, 3-4. Na forma antiga — *Odiana* — a primeira vogal dava a impressão de ser o art. masculino, e por isso este se omitia. Cf. v111 33,5. V. 5. M. C.: *inda na A*. E' hoje a lição corrente e todavia o P. escreveu o que se lê nas primeiras edd. dos *L.*, pois quis deixar, aqui e em v111 55,6, exemplificada a parataxe anormal, freqüente no latim bárbaro e de que também não faltam casos nos nossos melhores escritores, contemporâneos ou anteriores ao P. «E como foram na teemda do Mestre, e elle mandouhos todos prender». F. Lopes, *Cron. de D. J. I*, 1.<sup>a</sup> p., c. 110. «E posto ainda... recreciã cavalleiros, e o emperador os mandou tornar». *Palm.*, 11, p. 47. «Se he possível... valer... convosco o que pretendo, e custeme a vida». *Eufr.*, 94. Sobre outro caso, diferente destes, cf. a n. a x 60,4.

**E.** 72, v. 7. G. de A.: *de ver essa p.* Hoje só se emprega o tipo *folgarás de veres*, quando entre os dois verbos medeiam algumas palavras pelo menos (cf. v1 15, 1-2), mas no século xvi era corrente. Cf. x 52, 3; 11 9, 5-6, x 91, 2-3. Pelo contrário, também não é raro o tipo *não sofre andar-lhe os cães* (1 87, 5-6) (1).

**E.** 73, v. 6. G. de A.: *Naire*. O P. estava no seu direito formando o adj. *Naira* do subs. *Naire*, que recentemente tinha entrado na língua portuguesa.

**E.** 77, v. 1. B. F.: *o Gama*. Correção necessária. V. da Gama estava detido em terra (v11 64-66) e só dias depois é que voltou para bordo (v111 94-95). No ms. dos *L.* lia-se com certeza *o Gama*, isto é, P. da G., pois o P. sabia muito bem onde tinha deixado o irmão deste: mas o censor do poema é que se esqueceu do que anteriormente ficava dito e emendou irreflectidamente o que estava bem. A hipótese do erro

(1) O emprego das duas formas do infinito depende essencialmente da clareza e da eufonia que deve revestir a expressão do pensamento. E' neste sentido que a evolução se tem feito.

de imprensa não me parece provável, por causa do *junto* e dos dois plurais. V. 4: F. e S.: *aspeito soberano*. Ed. de 1651: *sobre-humano*. A meu ver, C. quis deixar aqui e em x 88,6; 128, 6, exemplificada a rima só em vogais (assonância) (1). (No C. G. ha rimas como estas: *damas e mudanças* (11, 327); *carpiram e dyziam* (p. 171); *afronta e atormenta* (111, p. 347); *misericordia e memoria* (p. 35); etc.). Leva-me a formular esta hipótese o cuidado que ele mostrou em arquivar tantas particularidades de fonética e de morfologia que tendiam a desaparecer da lingua literária. Cf. tambem a n. a 111 120,2, e iv 32,7-8.

E. 82, v. 3. E: *sabem prezar*.

E. 83, v. 6. Ed. de 1669: *Que não o*. Ed. de 1702: *Que o não*. Modificação escusada. V. a n. a ix 77,7.

E. 85, v. 7. Fr. de C.: *ao Rei*. Inutil.

E. 86, v. 2. P: *Guardarse*. E todas as ed. depois de P. Contudo no ms. do P. lia-se o que está em *Ee* e *E'* que tanto no português arcaico, como no dos bons escritores do séc. XVI, o *r* aparece ás vezes assimilado ao *s* e os dois *ss* reduzidos a um só. «Nam pode meu coração | libertasse de catiuo». C. G., t. v. 51,4. «Donde se segue apagasse tudo «(Ulis., fl. 116).» Ainda que quisesse encobrise, ellas» etc. (*Palm.*, 1, p. 499). «E os lares... induziram fazese o delfico orago» (*Eufr.*, 5). Cf. as nn. a ix 26,6; 111 8,4; x 127,3; 111 84,2.

## Canto VIII

(Fl. 128, est. 1-5; f. 129, e. 6-11; f. 130, e. 12-17; f. 131, e. 18-23; f. 132, e. 24-29; f. 133, e. 30-35; f. 134, e. 36-41; f. 135, e. 42-47; f. 136, e. 48-53; f. 137, e. 54-59; f. 138, e. 60-65; f. 139, e. 66-71; f. 140, e. 72-77; f. 141, e. 78-83; f. 142, e. 84-89; f. 143, e. 90-95; f. 144, e. 96-99).

E. 3, v. 1. Ed. de 1644: *filho ou*, lição que F. e S. diz tambem ter encontrado no ms. 2.º E isto por causa de 111 21,6-8. O P., baseando-se em um passo de Plínio, transcrito nas notas ao *Vincentius* de A. de Resende, aproveita aqui a interpretação que este humanista deu ás palavras do escritor latino (2), fazendo de Luso filho e, portanto, naturalmente também companheiro de Baco. Convinha, com efeito, a P. da Gama fazer sciente o catual de que os homens que ali via tinham o nome de um filho e companheiro de armas de um dos poucos que haviam entrado na Índia

(1) Sobre esta rima diz A. de Nebrija, o célebre humanista do séc. XVI: «Nuestros maiores no eran tan ambiciosos en tassar los consonantes e harto les parecia que bastava la semejança de las vocales, aunque que no se consiguiesse la de las consonantes e assi hazian consonar estas palabras *santa, morada, alva*. Gram. Castellana, na *Antologia de poetas líricos castellanos* de Menéndez y Pelayo, v 59-60.

(2) «Lusum Liberi patris filium, non autem socium, ut quidam interpretantur, una cum Lysa. nimirum Liberi socio, nomen Lusitaniae nostrae dedisse... Et a Luso quidem Lusitania dicta est. A Lysa vero Lysitania». Cf. III 21,5-6.

como conquistadores (cf. vii 52; i 31-32). Em iii 21 não subsistia este motivo e por isso C. refere também a opinião que faz de Luso companheiro, mas não filho de B. E' ainda em obediência ao mesmo critério que em i 39,4, Luso é apenas um *privado* de Baco, e que em vi 30,2, este lhe chama depreciativamente *um seu vassalo*. Assim o exigia a hostilidade de Baco contra os portugueses. Como é que este guerrearia os que tinham o nome de um seu *filho e companheiro*? Daí as expressões empregadas em i 39 e vi 30. Cumpre advertir que não são estes os únicos passos em que o P., quer por se mostrar conhecedor das divergências de opinião sobre o mesmo assunto, quer por outros motivos, parece estar em contradição consigo próprio (1).

V. 5. F. B. (ed. de 1669): *Douro e*. No ms. do P. lia-se naturalmente *Do Douro Guadiana*, para se pronunciar *Do Dourò G.*, fundindo-se o *ao* com o *o* final de *Douro*. Cf. as nn. a iv 41,8 e 74,3. O P. devia empregar *ao* e não *e*, para assim indicar os limites norte e sul do *Campo Lysio*, da Lysitânia (cf. iii 21,5-8). E foi por certo *Lisio* e não *Elisio* que ele escreveu no v. 6. *Elisio* nada tinha que fazer aqui, pois nunca a Lusitânia fora assim designada. O P. aproveitou a ocasião para recordar o nome do esquecido Lysa.

E. 4, v. 4. Ed. de 1644: *ou filho*. Vid. a n. preced.

E. 5, v. 1. Ed. de 1702: *he que*. Sem motivo. Cf. C. G., iv, 99: «Este (= Este é) o cabo dos lououros».

E. 9, v. 5. F. e S.: *os Mouros*. Mas o sentido é: depois de se ter mostrado superior aos cav. galegos e leoneses nas guerras contra os mouros. Cf. iv 8,8.

E. 11, v. 3. E: *Estigio jura*. P = Ee.

E. 12, v. 1. Ed. de 1644: *Reis*. Inadmissível. *Rei* é só A.

E. 14, v. 7. G. de A.: *e a molher*. Inutil. «Os juizes... entregando-lhe a taboa da ymagem e armas em sinal de vencimento». *Palm.* 1, p. 142. Cf. a n. a i 55,2.

E. 15, v. 7. P: *a si*. No ms. do P. estava talvez, aqui e no v. 6: *assi*, como *asse* (i 75,5) = *ha-se*; *Chegasse* (vi 58,1) = *Chega-se*; etc. Cf. a n. a i 71,5.

E. 17, v. 1. P: *He*. Faltava naturalmente o *H*. V. 5. P: *em tão*. No ms. as duas palavras estavam decerto juntas. Cf. *tambem* = *tão bem* (iv 2,3; vii 87,4), grafia corrente no séc. xvi.

E. 20, v. 4. F. B.: *E o H*. Mas v. a n. a i 155,2 V. 8. G. de A.: *derriba, a*.

E. 22, v. 8: Ed. de 1613: *e prende*. Nada obstava a que o P. repetisse o pronome.

E. 25, v. 4. Ed. de 1597: *quē*. No séc. xvi era corrente tanto o uso do *quem* — *que* (cf. a n. a x 54,2), como, em certos casos, o do *que* = *quem* ou *qual* Cf. a n. a iv 79,4. A não haver erro de imprensa, está o *que* por *quem*, por ex., no *Mem.* f. 179

(1) Cf., por ex., iii 7,7 (*Troia triunfante*), com iii 57,4, e vi 19,8; iii 72,7-8 e iv 61,3-4 (localização do paraíso terreal na Arménia) com iv 74,1-2, e vii 1,4; x 93,7-8 (origem do Nilo) com x 95,1-2; i 71,7-8 (explicação dos cinco escudetes das armas reais port.) com iii 53,5-8. Não deve porisso também causar estranheza o facto de no princípio do canto v se acharem entrelaçadas duas derrotas diferentes de Lisboa até ás regiões equatoriais — uma, a de Vasco da Gama, pelas Canárias e ilhas de Cabo-Verde; — outra, naturalmente a da nau *S. Bento*, em que o P. foi para a Índia, pela Madeira, Cabo-Verde e proximidades da costa de Africa, até as alturas da Serra Lioa.

(ou p. 271): «Podemos ver quanta força tem o vicio em *que* não lhe resiste.» V. 7. Ed. de 1663: *Tá Vira*, só substituído por *Tavira* na ed. de 1702. Mas o P. escreveu *Tavila*, pois assim leu a palavra na respectiva fonte (*Crón.* de R. de Pina).

**E.** 28, v. 5. *P*: *Não o*. Mas o *no* era corrente nestes casos. Cf. a n. ix 77,7. V. 8: G. de A.: *do alheio*. Mas *de*, correspondendo ao *De*.

**E.** 29, v. 2 G. de A. *so, de*. Sem motivo. Cf. a n. a 11 101,6. V. 3. Creio que deve ler-se: *Se pode*. O sujeito não é Nunálvares: é por conselho e ousadia dele que *se pode* etc. V. 8. *E*: *o Goad*. *P* = *Ee*. Cf. a n. a vii 70,3.

**E.** 30, v. 3. *P*: *a divina essencia*. Ed. de 1597: *Orando vestoceo (pera o ceo?) pede clemencia*. E. D. conjectura que o P. tivesse escrito *huna*, sendo o *suma* do tipógrafo. Se C. escreveu *una*, lembrando-se da expressão *Deus uno e trino*, cometeu um erro teológico (1), que o benévolo revedor não teria remediado completamente com a substituição por *suma*. E daí as duas tentativas de alteração. V. 6. *E*: *que lhe falta*. *P* = *Ee*.

**E.** 31, v. 6. G. de A.: *lhe cobria*. Mas *correr* era por assim dizermos o termo técnico para designar as incursões em território inimigo. «Correo o Xarife Çafim e matou cem lanças». F. de Moraes, *Dialogos*, p. 7.

**E.** 32, v. 3-4. Estes vv. só se tornam inteligíveis lendo: *se arrea Ditosà*, ou melhor: *se arrea Ditosà patria*. O sujeito de *se arrea* é forçosamente *patria*. Cf. a n. a 111 10,2, e ix 53,4.

**E.** 33, v. 4. *E* e *P*: *levayão*. V. 6. Ed. de 1631: *co amor*. Cf. no *C. G.*, v, 185: «Que com a vida que me days». V. a n. a 1 1,4.

**E.** 34, v. 2. *E*: *perjuro*. *P* = *Ee*. **E.** 35 V. 4. *F*. e *S*: *para os t*. Mas *pelos* é corrente nesta significação.

**E.** 38, v. 4. G. de A.: *Na terra*. O emprego do artigo não se regulava inteiramente pelas normas actuais. Dois ex. do *Palm.*, com intervalo de poucas linhas. «Nestes casos musica he raynha dos outros remedios... Vingarey esta quebra com fazer confessar verdade a todolos que a negarem.» T. 1, p. 119 e 120. Cf. *L.* 11 98,4; 111 126,2; x 42,2; 1 105,6; etc.

**E.** 39, v. 3. Ed. de 1663: *faltam-lhe pincel*. Deve ser lapso (2).

**E.** 47, v. 1. *F*. e *S*: *que a hum*. G. de A. concorda e suprime o *lhe* do v. 7. Mas esta construção é muito usada por poetas e prosadores do séc. xvi. É o conhecido tipo: *Eu parece-me* Cf. 111 26; iv, 77; v 54,4-8; viii 58,5 — 59,1. V. 5. Ed. de 15 7: *e notho* (i é: bastardo). Mas cf. 1 53,8, e as respectivas fontes (Barros, *D.* 11, 10,5-6; Sabélico, *Enneades*, l. viii, c. 6).

**E.** 48, v. 3. G. de A.: *agoas tumidas*. Obs. de E. D.: Corresponde ao *maria humida* da *Eneida* v 594. Cf. *ibid.*, x11 476-7, *umida stagna*, a *acqua molle* do *O. Fu-*

(1) Segundo a doutrina católica, Deus é um na essência e trino em pessoas. Não se pode dizer, portanto, *una e trina essência*. No texto de *Ee* a palavra *essência* já é susceptível de uma significação mais lata, equivalendo a *ser*. No *C. G.*, III. 111: «oo huú deos e trino».

(2) O V. de J. atribue ao *original* a lição *falta-lhe cores*. Ler-se-ha assim em alguma das edd. de *E* ou de *Ee*?



rioso, XLII 64, e as *trevas escuras e alvas cãs* do *Palm.*, 11, p. 188 e 325. Cf. a n. a IV 26,2.

**E.** 49, v. 5. *P*: *por ti*. *E* = *Ee*. Além das fórmulas de juramento: *Par estas barbas* (*Eufr.*, p. 53); *pardelhas* (*G. Vic.*, 111 307); *pardez* (*Eufr.*, 76), encontra-se o *par* = *por* neste passo da *C. G.* (t. IV, 88): «Hũa ley se fez e disse, | que quem esta dama visse, | que se perdesse pareela». *F. B.* (1631): *tudo vello*. Está muito bem o *rudo*.

**E.** 50, v. 3. *G. de A.*: *mui facilmente*, por causa da métrica. Mas no *C. G.* encontrou o *P.* estes vv. de 7 sílabas: «*sahe tam demasiado*» (t. IV, p. 348, 24), «*quem mal cae, nial jaz*» (t. 111, p. 129, 13), em que *sahe* e *cae* são dissílabos. V. 6. O *a* inicial de *agudeza* pode conter o art. Cf. a n. a VIII 32, 4-5.

**E.** 52, v. 3. Ed. de 1631: *Astucias, traições*. Ed. de 1702: *Astucias e tr.* Mas a palavra *traição*, de *traditione*, pode considerar-se aqui como trissílaba, pois o foi em uma fase da sua evolução. Cf: 11 17,5, e este v. do *C. G.* (1,63,9): «os quandã por trayçam».

**E.** 54, v. 6. *E*: *aparatados*. V. 8. *B. F.*: *Da que*. Contaminação das duas construções: *Do que aquela* (ou *a que*) e *Da que*. Cf. a n. a V 86,1. «... Dobrado gosto do que agora podeis sentir». *Palm.*, 1, p. 203. Da construção *do que* (= *daquele que*) ha um ex. em VII 39,3. Do simples *de* (latinismo e italianismo) temo-lo em IX 73,2 (*da D.* = *que a D.*) (Cf. sobre o assunto deste último passo *Ovid.*, *Metam.*, 111, 138-250, e *O. Furioso* XI 58). Cf. o latim *pretiosior auro* (= *do ouro*) ou *quam aurum*.

**E.** 55, v. 6. *P*: *Em negocios*. Mas o *E* deve conservar-se, pois temos um caso semelhante ao de VII 70,5. V. a n. a este passo. V. 7. Ed. de 1603: *com elles*. Cf. a n. a V 22,4.

**E.** 56, v. 1. Em *Ee* 11 o v. começa *as a uelles*, pela queda do *M* e do *q*. V. 8. *P*: *deixava*. *E* = *Ee*.

**E.** 57, v. 1. *P*: *que*. *E* = *Ee*. V. 3: *E*: *gente*; *P* = *E*.

**E.** 61, v. 2. *M. C.*: *deste, he*. É o caso bem conhecido da repetição do *que*, vulgarissimo no séc. XVI, e que já vem do latim. Cf. I 55, 6-8; 83, 7-8; 101, 5-7; etc. V. 8. *G. de A.* muda a ordem das palavras: *Viagens t. in. e rem*. Mas o esquema *adj. + subst. + adj.* é muito usado nos *L.* Cf. 11 56,3; IV 4, 3; 89,1; V 25,8; 47,5; VI 96,3; IX 49,3; 69,7, etc.

**E.** 62, v. 3. *G. de A.*: *valiosos*. Mas *valeroso* = *valioso*, como neste passo do *Palm.*: «A senhora Mansi..., guarneçada das cores de servidor mais valeroso» (era o rei). T. 111, p. 146. V. 5. *P*: *peças de d.* V. 7. *Fr. de C.*: *não são*. V. 8. *G. de A.*: *A palavra*. Dois meios diferentes de fazer desaparecer a anomalia gramatical. Mas esta achava-se sancionada pelo uso dos melhores escritores. «Posto que suas tenções era alcançar maior premio» etc. *Palm.*, 1, p. 10. «Nossos amos são no Paço; he horas de se virem». *Aul.*, 14. O *P.* quis deixar ainda outro ex. em IX 89, 3-4.

**E.** 64, v. 5. *F. e S.*: *Com hũa*. Ed. de 1644: *qual convinha*. Mas ambas as correções se dispensam. «Cuña vontade contente». *C. G.*, 1, 180.

**E.** 65, v. 3. *E* e *P*: *iniquicia*. *E'* claro que o *P.* quis dar forma port. ao latim *nequitia*.

**E.** 67, v. 2. *E*: *desterrada*.

**E.** 69, v. 2. Antes de *Rei* omitiu-se o art. indef., como, por ex., neste passo do *Mem.*, p. 43: «Não pode ser mayor gloria de rey que ter tais vassallos.»

**E.** 73, v. 2. M. C.: *a fortuna*. Mas cf. a n. a 1 95, 8.

**E.** 74, v. 1. Ed. Biel: *ó Rei*. A omissão do *ó* corresponde ao emprego da palavra sem o art. «Precedeis rrey Salamam». *C. G.*, 11, 220. «A verdade cos (= que os) leais a rey deuem» etc. *Palm.*, 11, p. 185. Cf. a n. á e. 69, e a 1v 74,3.

**E.** 75, v. 3. G. de A.: *a brevidade*. V. 4: *impeças*. Mas foi *impidas* que o P. escreveu, pois era assim que o verbo se conjugava no seu tempo, antes da falsa identificação com *pedir*. Cf. 1x 8, 7. «Quem quereis que vos impida a vontade?» (*Pal.*, 11, p. 413).

**E.** 76, v. 8. F. e S.: *corrutos*. *Mal julgados*. I. é: o rei julga-os mal, porque os supõe apenas enganados, mas eles estão vendidos. Mas *julgados* é um particípio do pret. com significação activa — *que julgam*. Assim, *errados* = os que erram (F. de Moraes, *Dial.*, p. 11); *enganados* = os que enganam (*Mem.*, p. 310.); *pouco sabidos* = que pouco sabem (*Palm.*, 11, p. 133); *fama corrompida* = f. que corrompe, que altera a verdade (*L.*, 1v 7, 4). Cf. x 76, 4, e *Auto do Filodemo*, A. 4, sc. 1.<sup>a</sup>

**E.** 77, v. 8. Ed. de 1644: *ou venda*. Mas esta repetição pertence ao estilo épico. Cf. 111 2, 3; 5, 5; v11 72, 4; v111 94, 6; x 18, 3; 21, 2; etc. Cf. a n. a 11 101,6.

**E.** 79, v. 1. **E**: *lhe*.

**E.** 81, v. 3. G. de A.: *E o*. Mas não é preciso o **E**.

**E.** 87 v. 8. F. e S: *aqui e ali des*. B. F.: *aqui, ali*. G. de A.: *aqui; e ali des*. Mas parece-me que o P. escreveu propositadamente o v. como ele está em *Ee*. *Aqui e ali* ligam-se com *tremulo*.

**E.** 88, G. de A.: v. 3: *caso elle*; v. 8: *falsos*. Prurido de emendar o texto. No v. 3 ha uma prolepse. Cf. a n. a vi 34,3.

**E.** 90, v. 7. **E**: *armada*. **P**: *anda armando*.

**E.** 92, v. 2. **E**: *pera terra*. **P**=**Ee**. Cf. 1 45, 3. «Hiá ao (= aos) remos ao longo da terra». *Palm.*, 11, p. 349. Outras vezes omite-se o art. Cf. v111 90,2; 94,1. V. 3. G. de A.: *ou venda*. Cf. a n. a v111 77, 8.

**E.** 93, v. 2. B. F.: *em que*, como em v111 80, 2. Mas *ir com os barcos* = *ir nos b.*, é o dativo ou instrumental sociativo, de que abundam os ex. nos poemas homéricos.

**E.** 97, v. 5. M. C.: *o avaro vicio*. O art. é escusado, porque *av. vicio* = *avareza*, e esta podia empregar-se sem art., como *fortuna*, *natureza* etc. Cf. 1, 32, 2; 111 126, 2; etc.; e a n. a v111 38, 4. V. 8. M. C.: *Da... em fogo*. Ed. de 1612: *Da*. Correções inadmissíveis. No v. 8 temos uma oração relativa, em que o pron. está separado por um verso do seu antecedente. É uma or. rel. de antecedente remoto, muito em uso ainda no séc. xvi. Cf. 111 27, 3; x 131, 7-8; etc. «Destas maginações foram acompanhadas te que tudo perderam de vista, que lhe depois não durará muito» (*Palm.*, 111, 390).

**E.** 98, v. 2. **E** e **P**: *tredores*. Cf. 1v 33,8. O P. escreveu com certeza *tredoros* (1),

(1) Nota do Dr. Leite de Vasconcelos: *tráditôr*: *traditôr* (por falsa analogia com *auditor*, etc.). O *traditôr* é étimo postulado pelo fr. ant. *traître*. Temos \**traditor* > \**tra(d)édor* > \**traedor* > *trédor* > *tredro* > *tredoro*.

forma usada também, entre outros, por Castanheda (11, p. 217, 1v, p. 40, etc) e por J. F. de Vasc. (*Ulys.*, p. 143, 261, 280, 300, ed. de 1787). Cf. *C. G.*, 111, 258, 20. V. 3. B. F.: *aos mais*. Mas o superl. relativo aparece por vezes sem o art. «Que quereys que vos diga, . . . se nã que sam mais malaventurada molher do mundo» (*Palm.*, 1, p. 461). «Neste (tempo) he maior bulra do mundo». (*Eufr.*, 107). «Irei de ca mais cedo que poder». (*Ibid.* 109).

## Canto IX

(Fl. 144 v., est. 1; f. 145, e. 2-7; f. 146, e. 8-13; f. 147, e. 14-19; f. 148, e. 20-25; f. 149, e. 26-31; f. 150, e. 32-37; f. 151, e. 38-43; f. 152, e. 44-49; f. 153, e. 50-55; f. 154, e. 56-61; f. 155, e. 62-67; f. 156, e. 68-73; f. 157, e. 74-79; f. 158, e. 80-85; f. 159, e. 86-91; f. 160, e. 92-95).

**E.** 6, v. 7. Ed. de 1651: *dano e*. Mas não é preciso. O que ha é uma transposição, pertencendo *s. r.* a *ordena*.

**E.** 7, v. 2. Ed. de 1612: *d'Arabica*. M. C.: *da Arabia*. Mas o P. escreveu *de A.*, i. é: *de a A*. Cf. 111 15,7; 1x 28,5.

**E.** 9, v. 7. F. e S.: *logo presa*. Sem motivo nenhum. *Represaria* leu o P. mais de uma vez no *Palm*.

**E.** 12, v. 7. Ed. de 1663: *tomando*. Mas V. da G. tornou uns e tomou outros. V. 8. G. de A.: *ás v*. Mas cf. 11 18,3; 64,8; 65,1; v 34,8. Vid. a n. 1 95,8.

**E.** 16,8. P: *timidos*. Cf. 1x 63,6. É curioso o mesmo erro nos dois passos. Não se leria *têmidos*, como o *tenha* = *tinha* do *C. G.*, 1v, 131: «Cuydarã nos castelhanos que nos tenham já na rrede». Cf. no *Palm.*, 11, p. 223; «A causa que (eu) pera isto *teue*». E sem o acento *trestura*, *fengida*, *museca*, *vertude*, etc., *passim*, no *C. G.* etc.

**E.** 17, v. 6. Alguns exemplares de *E*: *tom l*. P = *Ee*. No confronto que fez entre *Ee* e *E*, Trigoso atribue a *Ee* a lição *t. largos* (1). Mas é possível que haja lapso de revisão. Segundo o M. de M., no exemplar *Ee* da B. N. de P. está *tom*, como em *E*. Mas houve equívoco, como consta de informação dada por aquela B. No ex. de *E* da B. Nacional: *tam*.

**E.** 21, v. 6. Ed. de 1597, seguida pelas de 1609 e 1612: *Da may prim.* (2). M. C. volta a *Ee*, afirmando que «assy fez L. de C. este verso». Nem a lição de *Ee*, nem o aditamento posterior são susceptíveis de uma interpretação aceitável. O P., como se vê por 7-8, devia neste passo localizar a *ilha dos amores* ou na parte do mar das Indias que fica entre a Asia e a Africa, ou no Oceano Atlântico. Com efeito, Venus, além das ilhas que possui no Mediterraneo, tem também muitas *no reino*, i. é, no mar que confina *Da. . . co terreno seio*. Mas que é um *terreno seio*? O P. o diz em mais de um

(1) *Exame critico das primeiras cinco edições dos L.*, nas *Mem. da Academia*, t. VIII. parte 2.<sup>a</sup> V. a *Taboa dos principaes erros* etc. Cf. *Archivo pitoresco*, 1v, p. 173 e segg.

(2) Na tradução castelhana de B. Caldera, publicada em 1580: *de la primera madre*. Na de L. G. de Tapia, publicada no mesmo ano: *Con el que al hombre fue de poca tura*.

lugar. É uma enseada, uma curva, formada pela costa (cf. ix 53,5-8; v 73,3-9), assim como *marítimo seio* é a mesma curva, mas considerada sob outro aspecto (cf. x 106, 5-6) (1). E que *terreno seio* será esse? Só pode ser o que é formado pela costa oriental da Africa e pela da Asia, que se prolonga até o sul da India (2). Ora são precisamente os nomes destas duas partes do mundo que o P. devia ter escrito: *De Af. e de Asia co t. s.* Depois, talvez por causa de x 96,5, entender-se-hia, embora mal (cf. x 77 e segg.), que a *ilha dos amores* deveria ficar muito próxima da Africa, pondo-se por isso no ms. a nota marginal *Da primeira*, que o compositor introduziria no texto, em substituição do que lá estava.

**E.** 23, v. 2. *P: Anchises. E. = Ee.*

**E.** 24, v. 8. G. de A.: *Serenos*. Nas parelhas de nomes, que exprimem a mesma ideia, ideias próximas ou as partes de um todo, a concordância no *Palm.* pode fazer-se no singular e com o masculino, ou com o mais próximo. «O cuidado e o amor lhe dava lugar a isso» (111, p. 47). «Contente da gloria... alcançada em tempo e lugar tã sinalado» (*Ibid.*, p. 85) «O amor e afeçam... misturado com pouco que lhe parecia» (*Ibid.*, p. 122). Cf. à n. a v11 68,8.

**E.** 26, v. 6. Ed. de 1591: *Mostrar-lhe*. Mas o P. escreveu o que está em *Ee.*, pois quis deixar exemplificado um caso de fonética sintática que encontrava nos melhores escritores. «Nó era boõ galardõ *auelhas* asy de tirar». *Crón. do Condestabre*, f. 50. «O escudo que tomastes a donzella devies *tornalho*» (*Palm.*, 1, p. 84). «A elle *nega lhe* seu merecimento nã seria rezã» (*Ibid.*, 426). «Começou *dizelhe*» (p. 413). «Quisesse *segura lhe* as vidas» (t. 3, p. 150). Cf. a n. a v11 86,2.

**E.** 27, v. 1. *E: todos. P = Ee.*

**E.** 28, v. 5. G. de A.: *De fea* Mas *Da*, para corresponder a *de (a) aspereza*. Cf. ix 7, 2.

**E.** 30, v. 2. *E: v. ondas. P = Ee.* V. 8. Ed. de 1644: *toada*. Mas aqui destoaria, por causa da dureza do *t*. *Soada* é mais suave.

**E.** 35, v. 8. G. de A.: *culpada a mãe, do que o*. Mas não é preciso, pois *mais* é aqui um adj. (= maior).

**E.** 40, v. 2. Apesar de não oferecer dúvida a significação da palavra *ponto* (= *mar*), F. e S. diz ter encontrado em um dos mss.: *aguoso f.*

**E.** 45, v. 1. Ed. de 1626: *mandaõna*. Ed. de 1631: *Vão na... mandãona*. Mas abundam os casos do desaparecimento do *n*. «Poserã os em tãõ fraco estado» etc. (*Pal.*, 1, p. 370). Cf. a n. a ix 77,7. V. 7. *P: auida*.

(1) Como as palavras *seio* e *enseada* podem significar tanto a curvatura da costa, como a agua que dela toma a forma, o P., para ser mais preciso, recorreu em ix 21,6, ao epíteto *terreno*, e em x 106, 5-6, ao complemento *dô mar* (= *marítimo*). *Seio* e *enseada*, sem qualificativo, encontram-se em vários passos dos L. Cf. 11 45,3; x 35,1; 106,2; 129,4; etc.

(2) A este *terreno seio* se refere expressamente uma das fontes do P., Castanheda: «Vasco da gama... partiose de Melinde pera Calicut... e dali começou logo datraversar hum golfão de setecentas e cincoenta legoas, porque faz ali a terra húa muyto grande enseada» (L. 1, c. 13). Cf. o *Roteiro de V. da G.* p. 49. ed. de 1861.

**E.** 46, v. 1. Ed. de 1631: *rúmor*. Ed. de 1702: *merito*. Isto para evitar o acento na 7.<sup>a</sup>, em vez da 6.<sup>a</sup> Mas estes vv. são permitidos e ha outros ainda nos *L.* Cf. v11:1 73,5. Incluo tambem neste número 1v 59,7 e 63,8. Cf. a n. a v 77,3. V. 2. B. F.: *O coração*. Isto por causa de *Mudando* (v. 7). Mas este verbo está empregado causativamente (= causando mudança). Cf. *ondear* (1v 85,6); *desconfiar* (1v 89,6); *subir* (v1 76,1; x 7,1); etc. «Vivireis em odio dos vossos, cousa que... passa vida em receio» (*Palm.*, 111, p. 25).

**E.** 47, v. 7. G. de A.: *E cae*. Para acertar o v. Mas foi o P. que o escreveu assim. Cf. a n. a v111 50,3.

**E.** 53, v. 4. G. de A.: *Latona a Ph.*, para senão supor, diz, que os dois nomes designam a mesma entidade. Mas o *a* encontra-se no *a* final do primeiro: *Latona*. Cf. v111 32,5.

**E.** 55, v. 6. Ed. de 1597: *Enfeitar-se*.

**E.** 59, v. 7. F. e S. diz ter encontrado no 2.<sup>o</sup> ms.: *Escondei-vos*, que G. de A. aprova. Mas o sentido óbvio, e que não ha motivo para rejeitar, é: sois tamanhas, que só vos podereis conservar nas pereiras, se fordes debicadas pelos pássaros. Interpretação tradicional (M. C.): deixai que os pássaros comam algumas; tantas sois vós.

**E.** 60, v. 2. *P*: *o rustico*. *E* = *Ee*. V. 5. *P*: *a flor*. *E* = *Ee*.

**E.** 62, v. 2. *E*: *ruciadas*. *P* = *Ee*. V. 4. *P*: *Tam*. *E* = *Ee*.

**E.** 63, v. 1. M. C.: *Ao l*. Mas cf. 1v 101, 4. V. 2. *E*: *Philomena*. *P* = *Ee*. V. 6. *P*: *timida*. *E* = *Ee*. Cf. 1x 16,8. V. 8. Ed. de 1597: *o leve*. Mas cf. a n. a 111 100,2.

**E.** 64, v. 7. G. de A. (dubitativamente): *só fingiam*. Mas cf. *Palm.*: «Sabete que eu sam o que matey» etc. (11, p. 265).

**E.** 65, v. 7. Ed. de 1626: *Deposta*. O contexto mostra bem que é esta a significação de *Posta*. E o v. não fica defeituoso.

**E.** 69, v. 3. *P*: *dura*. *E* = *Ee*.

**E.** 71, v. 2. F. e S.: *de outra*. *De hũa* (= *De hũas*), & *da outra* (= *das outras*), como nestes passos do *Palm.*: «Assi de hũa banda, como da outra» (11 p. 367). «Os de hũa parte tendo mortos os que da outra se lhe defenderã...» (11, p. 16) Mas tambem: «Da hũa e da outra vanda acodirá todolos» etc. 1, p. 76). «A, hũa destas... A outra» (*Ibid.*, 235). Em 1x 71, 1-2, ha a contaminação de: *de hũa... de outra*, com: *da hũa... da outra*.

**E.** 73, v. 7. Ed. de 1597: *De se despir*. Presumo que no ms. se lia *Desse* (= *De se*). Cf. 1 71,5; v1 58,1.

**E.** 74, v. 1. Alguns exemplares de *Ee* trazem *Qual tão*. Noutros está feita a emenda de *tão* para *cão*. *E*: *tão*. *P*: *cão*. V. 3. Ed. de 1597: *Vendo ó*. M. C.: *V. no*. Lição corrente: *ao*. Permita-se-me supor que o P. incorporou o *ao*, reduzido a *ó* (cf. 1v 41,8), no *o* final de *Vendo*, sendo porém necessário ler-se com prolongamento do *o* (= *o ò*), para formar tres sílabas. No *C. G.* ha estes vv.: «Dom Martinho nam me cre, | se lhe falo, *nam* ve | nem me ouve: | vede, senhor, *quem* trouue | a pedilo meu por merçe» (v, 192, 10-13), em que o *nam* e o *quem* se desdobram em duas sílabas: *nam me* e *quem me* (1). E' o mesmo caso do *Vendo* = *Vendo ó*. «Flerida perdeu a D.

(1) A ed. de Coimbra p6e [e] no começo do 2.<sup>o</sup> v. e no 3.<sup>o</sup> acrescenta [me] depois de *quem*.

Duardos». *Palm.*, 3, p. 325. *Perdou*—*Perdoou* (3 sílabas). «Á minha morte eu lha perdó». *Mem.*, f. 98 (p. 150). Cf. v 11 55,1.

**E.** 77, v. 7. J. da F. e G. de A.: *não a*. E' curioso: quando o poeta escreve *Vão a* (ix 45,1), ha quem emende para *Vão na*. Quando prefere o *na*, como aqui, aparece tambem logo quem o corrija, como se ambas as formas não fossem legítimas ou como se ele não tivesse o direito de usar de uma e doutra.

**E.** 80, v. 4. *P: correrás. E = Ee.*

**E.** 82, v. 6. G. de A.: *riso, de*. É uma parelha. Cf. a n. a 11 101,6.

**E.** 84, v. 8. G. de A.: *e de alegria*. Cf. a n. a 1 55,2.

**E.** 86, v. 5. *E: da vinda*.

**E.** 87, v. 1. Ed. de 1597: *o leva. E = Ee.*

**E.** 88, v. 4. *P: Os. E = Ee.*

**E.** 89, v. 3. G. de A.: *não são*. V. a n. a v 111 62,7.

**E.** 91, v. 2. *E: mortais. P = Ee*. V. 4. *E: Dividos. P = Ee.*

**E.** 93, v. 5. G. de A.: *ouro impuro*. Mas o epíteto *puro* está aqui tomado no sentido material: *fino, sem liga* (cf. ix 87,4, x 3,3). Por *puro*, por fino que seja, o ouro não dá etc. Cf. *T. dos L.*, p. 47.

**E.** 94, v. 3. G. de A.: *vesti das*. Mas cf., por ex., *Palm.*, 1, p. 327: «o saluaje... vestido em hūas roupas de Palmeirim», etc.

## Canto X

(Fl. 160 v., est. 1; f. 161, e. 2-7; f. 162, e. 8-13; f. 163, e. 14-19; f. 164, e. 20-25; f. 165, e. 26-31; f. 166, e. 32-37; f. 167, e. 38-43; f. 168, e. 44-49; f. 169, e. 50-55; f. 170, e. 56-61; f. 171, e. 62-67; f. 172, e. 68-73; f. 173, e. 74-79; f. 174, e. 80-85; f. 175, e. 86-91; f. 176, e. 92-97; f. 177, e. 98-103; f. 178, e. 104-109; f. 179, e. 110-115; f. 180, e. 116-121; f. 181, e. 122-127; f. 182, e. 128-133; f. 183, e. 134-139; f. 184, e. 140-145; f. 185, e. 146-151; f. 186, e. 152-156).

**E.** 1, v. 1. *E: de L. P = Ee.*

**E.** 2, v. 7. F. e S.: *aparelhadas*. Ed. de 1663: *aparelhado*. Mas temos aqui um caso de atracção. Cf., por ex., este passo do *Palm.*, 1, p. 97: «Pera que o medo dellas (i. é: dessas palavras) me façá fazer o que nã devo». Fica em campo o complemento, como mais importante, fazendo esquecer a palavra de que depende.

**E.** 3, v. 2. *T: assentão*.

**E.** 5, v. 1. G. P. de L. e G. de A.: *se trocavam*. Cf. *Auto do Fisico* de J. Ribeiro, p. 35: «Quer tocar algum doce?» Cf. p. 37. O v. 2.º, com que se argumenta, diz E. D., deve ter outro verbo, que se subintende por zeugma. A meu ver, nos vv. 2 a 4 ou ha uma construção igual á que se encontra em v 11 55, 1, e ix 9, 5-6 (Cf. *Palm.*, 11, p. 408: «O gigante... leuando as nouas, ... nam tardou muito que a hūa janela se pos um pano» etc.), ou uma oração principal de participio. Depende da pausa do fim do 1.º v.

**E.** 6, v. 1 *E. Minfa*.

**E.** 8, v. 7. Este v. deve ter sofrido qualquer alteração, pois, tal como está, não se entende. Que é o que o P. pretende em vão? Seja-me permitido supor que no ms. se lia: *Me tornes o que eu só em vão pretendo*. Isto é: peço-te que, em pago da minha invocação, me concedas o que eu, só por mim, pretendo em vão: — o gosto etc. Cf. a n. a iv 29,5.

**E.** 10, v. 1. *E: Cantando. P = Ee.*

**E.** 12, v. 3: M. C.: *o m.*, como também já supús. «Pera ver o que em si tẽ, quis guardar este passo». *Palm.*, 11, p. 304. M. C.: *Trazia*. V. 6. M. C.: *em o f.* Mas *o f.* O. é também sujeito de *sentirão*.

**E.** 14, v. 2. *P: de Bipur. E = Ee (1).*

**E.** 16, v. 5. B. F.: *da vida*. Mas cf. i 105, 6; x 127, 7, as expressões *em vida*, *por morte*, etc., e a n. a viii 38, 4.

**E.** 18, v. 2. F. e S.: *A p. co'o*. Cf. «Co espada oo pesçoço». *C. G.*, t. 191. Cf. a n. a i 56, 7.

**E.** 25, v. 5. G. de A.: *E em*. Está antes a pausa do 4.º v. e o assindeton dá mais energia ao pensamento.

**E.** 28, v. 3. F. e S.: *como trovão*. Mas estas palavras podem significar: *com estampido como o do t*. Para a métrica cf. as n. a viii 50, 3, e ix 47, 7.

**E.** 31, v. 1. F. e S.: *Com hũa c*. Cf. a n. a i, 22,7. V. 3. G. de A.: *do animo e dos b*. Mas *animosos* corresponde a *grão* do v. 4.

**E.** 32, v. 8. *E: e a Ma. P = Ee*. Cf. a n. a i 55, 2.

**E.** 38, v. 6. B. F.: *não os ent*. Cf. as n. a ix 45, 1, e 77, 7.

**E.** 40, v. 2. *E: o Albuquerque. P = Ee*. Informa J. F. de Castilho que no exemplar de *Ee* que pertenceu ao imperador do Brasil, D. Pedro II, a palavra *Albuquerque* está em breve: *Albuq.e (2)*.

**E.** 41, v. 6. G. de A.: *A baixar*. O P podia escrever como está em *Ee*. Cf. x 78, 5-6, etc.

**E.** 42, v. 2. G. de A.: *a victoria*. Mas, por causa da personificação, *victoria* sem art., como *Fortuna*, 11 98, 4; *Natura* 111 126, 1; *Amor* x 46, 8; etc.

**E.** 44, v. 8. *E: obedentes. P = Ee*.

**E.** 45, v. 1. G. de A.: *estancias*. As duas formas são igualmente legítimas. Cf., por ex., *aliviar e desaliviar* (x 140, 3), *constância e Constança*, *aparença* (*Mem.*, p. 266, 2 77); etc. V. 3. *E: alembrote. P = Ee*. G. de A.: *lombroulhe*.

**E.** 46, v. 8. G. de A.: *o amor*. Mas vid. n. a x 42, 2.

**E.** 48, v. 1. B. F.: *a Apeles*. É escusado o *a*. Basta ler *Apeles* com o *A* aberto. Cf. a n. a viii 32, 5, e a ix 53, 4.

**E.** 52, v. 4. *E: Sobá*.

**E.** 54, v. 2. M. C.: *De que*. No tempo do P. empregava-se o *quem* mesmo referido a cousas. Cf. 11 36,4 e 37, 2; 111 77, 1; 139, 6; iv 10, 2; 95, 2; 96, 8; v 12, 4; vi

(1) Não é necessaria a alteração que já propus para o principio do v. 7: *E ambas*. O P. quer dizer: para a guerra dos mouros e gentios contra os portugueses. Cf. E. D.

(2) *Memoria sobre o exemplar* etc., p. 35.

94, 4; VII 62, 6; VIII 59,3; IX 68, 3; X 54,2. «Outros (escudos), em quê vosso parecer está» etc. *Palm.*, 11, p. 68.

**E.** 55, v. 7. J. da F.: *Da cubiça*. Mas cf. a n. a III 15, 8, e X 42, 2.

**E.** 58, v. 1. G. de A.: *a cubiça e a amb*. Cf. a n. preced. V. 3. *Id.*: *a Justiça*. Mas cf. a n. a X 42, 2.

**E.** 59, v. 4. *E: inimigos*. *P = Ee*.

**E.** 60, vv. 3 e 4. É indispensável a vírgula no fim do 3.º v. *Por H. da S.* não é complemento de *rota*, mas de *destroçada*, como se vê pela fonte: Castanheda, l. VII, c. 91 (*co a v. s. p. e r.*) e c. 94 (o v. 4.º). É o esquema *ite ad domuncellas, sedete vobis et modico (Peregrinatio Aetheriae)*, em que o *et* não está no princípio da respectiva oração. É o *e* pospositivo, o *et inuertiert* de Löfstedt (*Phil. Kommentar 7. Peregr. Aeth.*, p. 312). Cf. as nn. a VII 70, 5, e VIII 55,6 (*e* ilógico de Löfstedt) e a X 73, 7.

**E.** 64, v. 8. *Ee* (B. N. P.): *saugue*.

**E.** 66, v. 6. *E: ja de*. *P = Ee*. M. C.: *vira*.

**E.** 68, v. 5. G. de A.: *aos ceos do mundo*. O P. quer dizer que se queixarão do ceo, polos não ter protegido. Cf. II 50, 7-8. Provavelmente era indicação que se continha na fonte destas est., hoje perdida: — os l. IX e X de Castanheda.

**E.** 71, v. 2. *E: Com rest*. *P = Ee*. O editor de *E* quis talvez imitar a lição de IV 62, 4, e V 2, 3.

**E.** 72, v. 4. Ed. de 1597: *quadrupedante* (1).

**E.** 73, v. 7. G. de A. suprime a conjunção por que começa o v. 7. Mas temos aqui exemplificado o esquema *clamor ortus et tendere ad castra visi sunt* (T. Lívio), i. é, uma oração de participio (perfeito ou imperfeito), coordenada a uma oração de verbo no modo finito, que a precede ou se lhe segue. Construção muito em uso no séc. XVI. «Floriano se apeou e *tirando* o elmo ao que ficara co braço menos, que cõ o grande desfalecimento do sangue... fizera fim a seus dias, em companhia dos outros dous, e nam lhe pesou muito, que castigar aos mãos merce he que se faz aos bõs» (*Palm.*, 11, p. 66). «Elrey sabido de Brandimar o caso como passava, e, acabado de lhe dizer, expirou (*Ibid.*, p. 103). «*Passados tres dias em que descansaram do trabalho do mar e no quarto disse Guirmenides etc (Mem. p. 213)*. «*E socedendo* pois vir ali ter Dom Galaor de Gaula em cata de Dom Florestão, com que houve batalha, e por fim se conheceram por irmãos» (*Ibid.*, p. 270). Um ex. do *C. G.*, v, p. 180: «Ho euangelho de Cristo | cinco mil legoas *vysto*, | & se cre ja por jsto | ho mysterio diuinal». A ed. de Stuttgart acrescenta *he* antes de *vysto*. Segue-a a ed. de Coimbra.

**E.** 75. Ed. de 1651: *harmonica e*. Mas não é necessário. Está o abstrato pelo concreto: *no harmonioso, doce e suave canto*.

**E.** 77. v. 3. G. de A.: *tal*. Mas como *eram* as *esm.* e os *rub.* que tornavam o campo *tal*, a concordância fez-se com estes, por atracção. Cf. a n. a X 2, 7. V. 7. G. de A.: *pisava*, em vez de *pisavam*, por apócope (cf. *nume* e *numen*). O sujeito, diz, é o mesmo de *andão* (v. 1), pois a vista não *pisa*. Mas também os olhos não *veem* o

(1) O erro manteve-se até esta data, naturalmente porque se supunha que era *prado* o primeiro elemento do composto.



*tom*, e todavia no *Palm.* lê-se: «Em algúas partes se nam podia ver da agoa mais que o tom, com que passava» (1, p. 163).

**E.** 80, v. 6. *P. superficie.* *E = Ee.* O *P.* podia escrever como se lê em *Ee.*, pois era forma corrente no seu tempo. Cf. *especia*, na *Eufr.* p. 30, e no *Mem.*, p. 52.

**E.** 82, v. 3. Ed. de 1631: *somos.* O *P.* põe na boca de Tethys o conceito que ele forma de mitologia. *Fomos* é por isso mais apropriado, embora subsista a incoerência resultante da ficção.

**E.** 83, v. 5. *M. C.*: *Ensinao.* *E'* a lição corrente. Mas *Insinalo* está por *Insina-no-lo.* *E'* um caso de haplologia. Cf. *idololatra* (11 54, 3) e *idolatra* (x 147, 6). Os vv. 5-8 formam um parêntesis. V. 7. *E'e* da *B. N.* de *P.*, do *A. C.* do *P.*: *bõs, quando.* Todos os outros exemp. examinados: *guiando.* V. 8. *E: empecem.*

**E.** 84, v. 5. Ed. de 1626: *da celeste.* Os anjos bons servem *de e.* No ceo não ha *uma c., a c. c.*, pois não se poderia assim designar Deos. embora acompanhado dos anjos. V. 7. *B. F.*: *Nem nego.* Mas o *P.* escreveu *nega*, pois o sujeito é o *sacro verso*, onde se lê: *omnes dii gentium daemonia* (1).

**E.** 86, v. 3. *E: a tento.* *Atento* ao que se passa no mundo, na sua qualidade de *claro olho do ceo* (x 80,5). Cf. vi 60,5. *E* nem sempre Helios foi discreto. V. 6. *Ee* 2, 4, *Ac.*, *Ox.*: *sojuçgado.* Eliminou-se o *ç*, durante a tiragem, pois *sojuçgado* é castelhano, embora apareça ás vezes em obras portuguezas dos séc xv e xvi.

**E.** 87, v. 1. *Ee* 2, 4, 11, *Ac.*, *Ox.*: *Olha o outro.* *E: estoutro.* *P = E.* Que estaria no ms.? Naturalmente *estoutro.* Assim o indicam a eufonia, a significação mais precisa e o uso freqüente (cf. viii 5, 5; 9, 1; 10, 1; 15, 7; 33, 1-2).

**E.** 88, 6. *Ee* 2, 4, *Ac.*, *Ox.*: *Oriente.* Nos outros ex. fez-se a emenda: *Oriente.* *E* e *P.*: *Oriente.* *F.* e *S.* (2.º ms.) e *B. F.*: *tremendo*; *F. de C.*: *metuendo*; *G. de A.*: *turbulendo.* Estou convencido que é outro caso a acrescentar a viii 77, 4. Vid. também x 128, 6. V. 8. *E: Lebre, os.* *P = Ee.* *F. e S.*: *E a lebre, os cães.* Os quatro nomes formam dois grupos. O *P.* escreveu como está em *Ee.*

**E.** 90, v. 6. *B. F.*: *feç, o ar.* *A conj.*, porque são dois dos elementos. Sem ela o *v.* e a *n.* seriam outros dois. Mas estes estão incluídos no *ar.* Cf. *Dr. L. P. da Silva. Astron. dos L.* p. 67. *Neve* sem art. Cf. a *n.* a 1 55, 2. *J. da F.*: *e a neve.*

**E.** 93, v. 5. *P: este.* *E = Ee.*

**E.** 95, v. 3. *Ee* 2 e 11: *Cocodrilo.* *E* e *P.*: *crocodilo.* Naturalmente o *P.* escreveu como se encontra em *Ee* 3 (texto). Mas cf., por ex., *Eufr.*, 63: «lagrimas de cocodrilo».

**E.** 97, v. 7. *E: que parte.* *P = Ee.* V. 8. *Ee* 2, 4, 11, *Ox.*; *Arquiro & Cuamquem.* Os outros ex.: *Arquico & Suamquem.* No ms. do *P.* a última destas palavras estava, como tudo leva a crer, escrita com *ç.* Cf. *Barros, D.* 11 8,1; *P.º F. Alvares. Verd. infor. do P. João.* f. 120 v., *D. J. de Castro, Roteiro de G. a S.*, 84, etc. (2) *E: Suamquem.* *P = E* (3).

(1) Esta oitava parece ter por fonte um passo do tratado *De Civitate Dei* de Santo Agostinho, l. 9, c. 23.

(2) O *a* nasal é dos *L.* Influência do *m* final?

(3) *Caldera* e *Tapia* serviram-se de ex., em que se lia *Arquiro* e *Cuamquem*; mas *Tapia* transformou esta palavra em *Zuarque*.

**E.** 98, v. 3. *Ee* 11: *que*. *E=Ee* 3. G. de A.: *que de A*. Não é preciso, pois o P. ás vezes emprega os nomes de cidades e regiões sem o *de* (cf. 111 64,1; 27,2; x 123,1; 122,1; 101,5). O texto pode interpretar-se: uns dizem que S. foi antigamente a cidade dos Heroas (= *Heroonpolis*), outros supõem que foi A. (cf. 1x 2). Cf. a n. a VIII 3,1. V. 6: *P: Moyses*. No ms. do P. estava naturalmente a forma também usada *Mouses*. Cf. *C. G.*, 1, 286, 12.

**E.** 102, 4. M. C.: *Persia, terras*. Sem razão, pois o P. não quer aplicar á Arabia o epíteto *abundantes*.

**E.** 107, v. 6: *P: Que*. *E=Ee*. V. 8. G. de A.: *ha de*. O P. usa do colectivo *gente* também com o verbo e adjectivo no plural. Vid. IV 88.

**E.** 108, v. 8. *P: Que*. *E=Ee*.

**E.** 112, v. 5. *E: ficou*.

**E.** 113, v. 2. Ed. de 1631: *a inveja*. O P. ou quis dispensar o art. (cf. a n. a x 42,2), ou o incorporou no *a* final de *tinha*. Cf. a n. a 111 10,2-3.

**E.** 114, v. 1. *E: mata, logo*. *P=Ee*. V. 2. G. de A.: *Do homicidio*. Teremos aqui um caso análogo ao de 1x 7,2, e 28,5? Sobre a fusão dos dois *oo* vid. a n. a 1 84,3. Ou seria a palavra empregada sem o art.? Cf. a n. 111 15,7 C; VIII 38,4.

**E.** 116, v. 2. *E: agoa*.

**E.** 121, v. 4. G. de A.: *lava da impureza*. Não ha motivo para a emenda. Do *os* se tira o *lhes* de *dá*. É construção corrente nos clássicos. «Assi se lhe cerrou o juizo e desemparou a rezã, que» etc. *Palm.*, 111, p. 265. *Dá p.* emparelha com *lava*. Cf. a n. a VIII 77,8.

**E.** 123, v. 6. Ed. de 1626: *Emporio*. Cf. o mesmo erro em VI 56, 8.

**E.** 126, v. 5. *E: remotos ventos*. *P=Ee*.

**E.** 127, v. 3. *Doutro so = doutros só*. Cf. a n. a 111 8,4. É de presumir, *a priori*, que as inundações do Mecom não sejam causadas só por um dos seus afluentes. E na fonte desta est. (Barros, *D.* 1 9,3) leu o P. que ao Mecom «se ajuntã tantos e tão cabdaes rios» etc.

**E.** 128, v. 2 e 4. G. de A.: *o canto que molhado... escapado*, para rimar com *executado*. Mas a facilidade da emenda e os muitos plurais mostram que o que se se lê na ed. *princeps* foi assim propositadamente escrito pelo P. É um caso da rima incompleta. Cf. as nn. a 111 120; IV 32,7-8; VII 77,4, e x 88,6.

**E.** 130, v. 1. G. de A.: *o muro, o edificio*. Isto por causa do singular *edifica*. Mas o *m.* e *ed.* é uma *parelha*, que, como tal, pode ter o verbo no singular. Cf. a n. a. VII 68,8.

**E.** 132, v. 7. M. C.: *Aqui as*. Mas não é necessária a supressão do *ha*. No *C. G.* a cada passo se encontra, ora o hiato entre *á + a*, ora a sua contracção, como aqui. «Vay de pena jalyuando» (= já a). *T.* 1. p. 24.

**E.** 137, v. 2. G. de A.: *co'o amargo*. V. 5. Ed. de 1631: *Aonde*. Cf. a n. a VIII 50,3.

**E.** 141, 5-6. V. a n. a 11 55, 6.

**E.** 145, v. 1. F. e S.: *Não... não*. Cf. 111 67, 8. Apesar de o *nom* ir desaparecendo da linguagem literária do séc. XVI (no *Palm.* ainda ha vestígios: «nõ gasteys o tempo», 111, p. 203), era comtudo muito usado ainda antes do *mais* (e *menos*), quer junto, como faz o P., quer separado, como se encontra, por ex., em *G. Vic.* (1 327;

11 27) Em Castanhenda: *no mais e nomais* (11, 30; VIII 91). V. 6: G. de A.: *Não o*. Cf. a n. a IX 77, 7.

**E.** 146, v. 1. Ed. de 1644: *do destino*. Cf. a n. a X 42, 2, e VIII 38,4.

**E.** 147, v. 8. *P*: *profundo*. *E* = *Ee*.

**E.** 150, v. 3. *Tenhão Religiosos* = *Tenham os Religiosos*. Cf. as nn. a 111 34, 2 (desaparecimento do *s* do art.) e VII 50, 1 (incorporação do *o* no *ão* precedente).

**E.** 153, v. 2. G. de A.: *Sabeis, porque o Vereis seria menos respeitoso!*

**E.** 154, v. 4. *P*: *às vezes*. Cf. a n. 111 107,7.

**E.** 156, v. 4. *E*: *Os mouros*. *P* = *Ee*. O *P*. deve ter escrito: *Os mouros. Os campos de Ampelusa* do v. 3 é a região plana que fica ao sul do cabo de Espartel (1), onde, segundo presumiam os patriotas portugueses, seriam desbaratados, *rotos* (cf. 111 53, 3; IV 34, 1; VIII 13, 2; X 57, 8), os mouros de M. e T. E o *P*. especifica Trudante, pois foi daqui que partiu a terrível reacção contra os portugueses e contra os mouros que os não hostilizavam, reacção que, por um lado, teve como consequência a queda dos Merínidas e a sua substituição pelos xerifes Saadianos, e, por outro, forçou os portugueses ao abandono das praças que se intendeu não ser possível defender contra o renascimento do patriotismo e do fanatismo muçulmanos (2). Ler-se-ia *mouros* no exemplar de *Ee*, por que foi composto *E*, ou seria a triste realidade que levou a fazer a correcção? É curioso que ela não apareça em *P*, posterior, como *E*, á batalha de Alcácer. V. *Introd.*, § 2.º

## ADDENDA ET CORRIGENDA

**C.** 1, 2, 7. Também o epíteto *Citerea* é usado como subst. Cf. I 34; IX 53, 57. **E.** 105,6. «Farey vyda tal, que morte | me deseje cada dia». *C. G.*, 11, 217.

**C.** 1, 20,3. *C. G.* 1, 121,15, *consylio* = *conselho*. Cf. *ibid.*, p. 41, v. 13, e p. 116, v. 2.

**C.** 11, 112,2. *P*: *vãa*. Suponho que o *P*. escreveu *vãõ*, som que resulta de *vã o o*. As grafias *ãõ*, *ã*, e *am* alternavam a cada passo. Nos *L.*: *nãõ*, *nam*, *nã* (!) (v 73); *grãõ* *Mavorte* (11 50), *grãõ* *verdade* (VIII 75); *gram* *rodeyo* (v 65), *gram* *victoria* (111 115); *venhão* em rima com *tenhã* (!) (VIII 41). No *Palm.*: *seu hirmã* (11, p. 251), *em vã* (*ibid.*, p. 253), ao lado das desinências *ãõ* e *am*. «Hos muyto vaão gloriosos.» *C. G.* 11, 25.

**C.** 111, 12,8. Creio que no ms. se leria *Coa*. Cf. abaixo a n. a VI, 18,8. **E.** 73,7. «Bem mereço... | que me tragays atropelo, | como seu fosse alto bello». *C. G.*, 111, 292. **E.** 100, 2: «Com oo fingido furor | que fingly». *C. G.*, IV, 17.

**C.** IV, 26,7. «Luxuriosas companhas | ... as quais eu muyto desamo» *C. G.*, 111, 225. Penélope fala dos pretendentes.

**C.** v, 13,4. **E**: *nunca*. «Nuca vi males alheos» etc. *Palm.*, 11, p. 73. Erro de

(1) «Ha terra despartel pera adiante ao longo do mar toda he baixo» (Duarte Pacheco, *Esmeraldo*, l. 1. c. 14). «Dans le sud du Cap, les montagnes s'abaissent rapidement pour faire place à une immense plaine» (*Instructions nautiques*, n.º 901. Paris 1917). Não foi precisamente nesta planície, mas um pouco mais ao sul que aconteceu o contrário do que o *P*. esperava.

(2) Cf. E. Mercler. *Histoire de l'Afrique septentrionale*. Paris, 1891. T. 111, p. 11, 25, 66, 80, etc.

imprensa no *Palm.* e em *Ee?* Formação análoga a *niguem?* Cf. a n. a 11 54,6, e *C. G.*, 1,298: «Sejoo galante y potente». (= *impotente*). E. 79,3. Cf. *C. G.*: *Gejunar* — *jejúar* (11, 197), *gejumhar* (v, 363); *debrumar* e *debrúar* (1v, 398 e 371).

**C.** vi, 18,8. Confirma o desaparecimento do *e* o facto de *coa* (*coas*) ser sempre monosílabo nos *L.*, quando está antes de consoante. Cf. ff. 5, 3; 13,1; 29,1; 35 v. 3; 36 v., 2; 48 v., 2; 51 v., 1; 52 v., 1; 59,1; 59 v., 1; 60,3; 67,2; 70 v., 1; 76,3; 76 v., 2; 83 v., 1; 88,2; 92 v., 1; 100 v., 1; 123,2; 138 v., 3; 147, 1; 149 v., 1; 156 v., 3; 160 v., 1; 161, 2 e 3; 162 v., 1; 165,3; 169, 1; 169 v., 2; 171 v., 3; 181,3. Com a ora é monosílabo, como por ex., nas ff. 3, 2; 67 v., 2; 133 v., 1; ora dissílabo, ff. 145,1; 185 v., 1; etc.). No *coa* seguido de vogal o *a* elide-se ou fica junto á preposição, como se lhe seguisse consoante. Cf. ff. 15 v., 1; 33 v., 3; 51,3; etc. E. 77, 7-8. «Nam ouue allí nenhũ a que suas obras e parecer nam fizesse enveja.» *Palm.* 1, p. 316. «Pode ser que essas palauras e soltura de que nacẽ, castigue seu dono.» (*Id.*, 111, p. 146).

**C.** viii, 25,4. Estes vv. de Ovídio (*Carta de Laodamia*): «Sors quoque nescio quem fato designat iniquo, | Qui primus Danaum Troada tangat humum», são assim traduzidos no *C. G.*, 111, 237: «Dizem que por fado estaa, | nom sey quẽ este ha de ser, | que primeyro sairaa | na praya, e este seraa | o que primeyro morrer». O 2.º v. forma um parêntesis; o *que* do 3.º, correspondente ao *Qui*, = *quem*; o *e* do 4.º é como o dos *L.* em vii 70,5, e viii 55,6; e o conj. *morrer* = *morrerá*, como o *fizer* dos *L.* v 45,2, = *fará*. Cf. *C. G.*, 11, 197: «...veelo cuydando | na mays ferosa molher | das que deos fez nem fezer». E. 98,7. Uma das ed. de 1609: *ás v. as,sc.* Cf. as nn. a 111 107,7, e 1 99,7.

**C.** ix, 16,8. «Que marterio tan profundo». *C. G.*, 11, 42.

**C.** x, 24, 8. *P*: *Dãos l.* Edd. de 1609: *Dão os*. Provavelmente no ms.: *Dãos l.*, pela fusão do *os* com o verbo. «... Tem deyxados amores | que dantes soya ter.» *C. G.*, 11, 101. Cf. *Ap. crit.* a vi 39,6. E. 75,3. É o tipo: *subs.* emparelhado com *subs.* + *adj.* Cf. 11 61,4; 111 95,6; viii 34,2; ix 26,4; x 86,1. O *rapto* deste último v. é portanto subst.











PL 6-1-58

669878

LPor Camoens, Luis de Os lusiadas. Introd. de J.M. Rodrigues.  
C185kuRo

NAME OF BORROWER

DATE

**University of Toronto  
Library**

**DO NOT  
REMOVE  
THE  
CARD  
FROM  
THIS  
POCKET**

Acme Library Card Pocket  
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 15 23 09 03 002 5

